

USA TODAY BESTSELLER

JEANNE FROST

THIS SIDE
OF THE
GRAVE

A Night Huntress Novel



"CAT AND BONES ARE COMBUSTIBLE TOGETHER."

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Night Huntress, 05.

This Side of the Grave

(Este lado da Sepultura)

Jeaniene Frost

Perigo espera em ambos os lados da sepultura.

A meio-vampira Cat Crawfield e seu marido vampiro Bones têm lutado por suas vidas, bem como por sua relação. Mas justamente quando eles triunfaram sobre a última batalha, as novas e inesperadas habilidades de Cat ameaçam perturbar o antigo equilíbrio...

Com o misterioso desaparecimento de vampiros, crescem os rumores de que uma guerra entre espécies está se formando. Um fanático está incitando tensões entre os vampiros e ghouls, e se estes dois grupos poderosos se confrontarem, mortais inocentes podem se tornar um dano colateral.

Agora Cat e Bones são forçados a pedir ajuda de uma perigosa “aliada” - a própria rainha dos ghouls de New Orleans. Mas o preço da sua ajuda pode se mostrar mais traiçoeiro do que até mesmo a ameaça de uma guerra sobrenatural... para não falar das repercussões que Cat nunca imaginou.

Créditos:

Equipe Night Huntress de Tradução.

Night Huntress [Oficial]



CAPÍTULO UM.

O vampiro puxava as correntes que o prendiam a parede da caverna. Seus olhos eram verdes brilhantes, o brilho deles iluminando a escuridão que nos cercava.

“Você realmente acha que essas coisas vão me segurar?” ele perguntou, com um sotaque Inglês destacando o desafio.

“Claro que vão,” eu respondi. Essas algemas foram instaladas e testadas por um vampiro mestre, então elas eram fortes o suficiente. Eu deveria saber. Eu mesma já estive presa nelas uma vez.

O sorriso do vampiro revelou presas em seus brancos dentes superiores. Eles não estavam ali há alguns minutos, quando ele ainda parecia humano para o olho destreinado.

“Certo, então. O que você quer, agora que você me tem indefeso?”

Ele não parecia como se ele se sentisse indefeso, de jeito nenhum. Eu cerrei meus lábios e considerei a pergunta, deixando meu olhar correr sobre ele. Nada interrompeu minha vista, também, visto que ele estava nu. Eu há muito tempo tinha aprendido que as armas poderiam ser armazenadas em vários itens de vestuário, mas a pele nua não esconde nada.

Exceto que agora, isso também era muito distrativo. O corpo do vampiro era pálido, uma linda extensão de músculos, ossos e carne firme, traços elegantes, tudo coroado por um rosto deslumbrante com as maçãs do rosto tão primorosamente esculpidas que elas poderiam cortar manteiga. Vestido ou despido, o vampiro era impressionante, algo que ele obviamente estava ciente. Aqueles olhos verdes brilhando olhavam nos meus com um olhar sagaz.

“Precisa que eu repita a pergunta?” ele perguntou com uma pitada de malícia.

Eu tentei parecer indiferente. “Pra quem você trabalha?”

Seu sorriso se ampliou, me deixando saber que meu ato indiferente não foi tão convincente como eu queria que fosse. Ele até se esticou tanto quanto as correntes permitiam, seus músculos ondulando como ondas em um lago.

“Ninguém.”

“Mentiroso.” Puxei uma faca de prata e tracei a ponta levemente em seu peito, sem romper sua pele, deixando apenas uma fraca linha rosada que desapareceu em segundos. Vampiros podem ser capazes de curar com a



rapidez do relâmpago, mas a prata através do coração era fatal. Apenas uns poucos centímetros de osso e músculo ficavam entre o coração deste vampiro e minha lâmina.

Ele olhou para o caminho que a minha faca tinha traçado. “Isso era para me assustar?”

Eu fingi considerar a pergunta. “Bem, eu tenho cortado em golpes sangrentos o mundo dos mortos-vivos desde que eu tinha dezesseis anos. Até mesmo ganhei o apelido de Red Reaper, então se eu passar uma faca perto do seu coração, então sim, você deve ter medo.”

Sua expressão ainda era divertida. “Certo você soa como uma garota detestável, mas eu aposto que eu poderia ficar livre e ter você de costas antes que você consiga me impedir.”

Bastardo arrogante. “Falar é fácil. Prove.”

Suas pernas se moveram, me batendo e deixando desequilibrada. Saltei à frente imediatamente, mas um duro corpo frio me achatou no chão da caverna no instante seguinte. Um aperto de ferro fechado ao redor do meu pulso, me impedindo de levantar a faca.

“Sempre o orgulho precede a queda,” ele murmurou com satisfação.

Eu tentei tira-lo de cima, mas uma tonelada de tijolos teria sido mais fácil de deslocar. *Deveria ter acorrentado seus braços e suas pernas antes de desafiá-lo daquele jeito*, eu me repreendi mentalmente.

Aquele sorriso arrogante retornou enquanto o vampiro me olhava “Continua se contorcendo, amor. Me esfregue em todos os lugares certos, isso funciona.”

“Como você se soltou das algemas?” Por cima do seu ombro, eu vi um buraco na caverna onde as algemas de titânio antes estavam penduradas. Inacreditável. Ele as tinha rompido diretamente da parede.

Uma sobrelanceira escura arqueou. “Sabendo o ângulo certo para puxar. Você não instala algemas sem saber como sair delas. Só tomaria um momento; e então, eu tinha você de costas. Exatamente como eu disse que teria.”

Se eu ainda tivesse um batimento cardíaco, ele estaria disparado a essa altura, mas eu o tinha perdido—na maior parte—quando eu tinha me transformado de mestiça a vampira completa há vários meses. Meus olhos ficaram verdes brilhantes enquanto presas deslizavam dos meus dentes.

“Exibido.”



Ele se inclinou até que nossos rostos estavam apenas centímetros separados. “Agora, minha adorável prisioneira, com você presa embaixo de mim, o que vai me impedir de ter meu jeito desprezível com você?”

A faca que eu ainda segurava caiu da minha mão enquanto eu envolvia meus braços ao redor do pescoço dele. “Nada, eu espero.”

Bones, meu marido vampiro, deu uma baixa risada pecaminosa. “Essa é a resposta que eu queria ouvir, Kitten.”

Estar no subterrâneo em uma caverna não era a acomodação favorita da maioria das pessoas, mas era o céu para mim. O único som era os movimentos suaves do rio subterrâneo. Era um alívio não ter que ignorar o ruído de fundo de inúmeras conversas que eram todas muito audíveis com a audição de um vampiro. Se fosse por mim, Bones e eu ficaríamos aqui por semanas.

Mas ter uma pausa de nossas vidas para conseguir alguma folga não estava nas cartas para nós. Eu aprendi isso da pior maneira. O que eu também aprendi foi agarrar os momentos de fuga quando podíamos. Daí a parada para descansar no amanhecer, na mesma caverna em que há sete anos meu relacionamento com Bones começou. Naquela época, tinha sido eu nas correntes, convencida de que eu estava prestes a ser comida por um sanguessuga do mal. Em vez disso, acabei me casando com esse sanguessuga.

Helsing, meu gato, deu um miado lamentoso do canto do pequeno enclave, arranhando a placa de pedra que servia como uma porta.

“Você não pode explorar,” eu disse à ele. “Você pode se perder.”

Ele miou de novo, mas começou a lamber sua pata, me dando um olhar maligno o tempo todo. Ele ainda não tinha me perdoado por ter sido deixado com um caseiro por meses. Eu não culpava Helsing por seu rancor, mas se ele tivesse ficado comigo, ele poderia ter sido morto. Várias pessoas tinham morrido.

“Descansou bastante, amor?” Bones perguntou.

“Um hmm,” eu murmurei, espreguiçando. Eu tinha adormecido logo após o amanhecer, mas não foi como a inconsciência instantânea que tinha me atormentado durante a minha primeira semana como vampira. Eu tinha evoluído nisso, para meu alívio.

“É melhor nos apressarmos, então,” ele disse.



Certo. Nós tínhamos lugares para estar, como sempre.

“A única coisa que lamento sobre parar para dormir um pouco aqui é a falta de um banho normal,” eu suspirei.

Bones bufou divertido. “Vamos lá, o rio é muito refrescante.”

Aos 4°C, “refrescante” era uma maneira amável para descrever a versão de água encanada da caverna. Bones removeu a placa de pedra do caminho para que pudéssemos sair da alcova, colocando-o de volta antes que meu gatinho pudesse pular para fora, também.

“O truque é saltar logo,” ele continuou. “Fazendo devagar não torna mais fácil.”

Engoli um riso. Esse conselho poderia também aplicar a navegar no mundo mortos-vivos. *Tudo bem. Um salto no rio congelado, chegando.*

Então era hora para chegar à verdadeira razão de por que nós tínhamos vindo para Ohio. Com sorte, nada estava acontecendo no meu antigo estado natal, exceto por alguns casos isolados de violência presas-com-presas.

Eu duvidava disso, mas eu ainda podia ter esperança.

—

O sol da tarde ainda estava alto no céu quando Bones e eu chegamos na fonte do shopping Easton. Bem, uma rua longe dele. Nós tínhamos que ter certeza de que isso não era uma armadilha. Bones e eu tínhamos um monte de inimigos. As duas recentes guerras vampíricas fizeram isso, para não mencionar as nossas antigas profissões.

Eu não tinha sentido qualquer excesso de energia sobrenatural, exceto um pequeno formigamento de energia no ar que denotava um, talvez dois jovens vampiros misturados com a multidão. Ainda assim, nem Bones nem eu nos movemos até que uma indistinta forma nebulosa voou sobre o estacionamento e na direção do nosso carro alugado.

“Dois vampiros estão na fonte,” Fabian, o fantasma que eu meio que adotei, afirmou. Seu contorno solidificado até que ele se parecia mais com uma pessoa e menos como uma nuvem de partículas pesadas. “Eles não me notaram.”

Embora esse fosse o objetivo, Fabian soou quase triste nessa última parte. Ao contrário dos humanos, os vampiros podem ver fantasmas, mas em geral eles os ignoravam. Estar morto não significava que as pessoas automaticamente se dessem bem.



“Obrigado, companheiro,” Bones disse. “Continue em vigilância para se certificar que eles não tenham nenhuma surpresa desagradável esperando por nós.”

As feições de Fabian nublaram até que seu corpo inteiro desapareceu.

“Nós devíamos nos encontrar apenas com um vampiro,” eu meditei. “O que você acha do nosso contato ter um amigo com ele?”

Bones deu de ombros. “Eu acho que ele deve ter um maldito bom motivo pra isso.”

Ele saiu do carro. Eu fiz o mesmo, dando um leve afago tranquilizador nas facas de prata escondidas pelas minhas mangas. *Nunca saia de casa sem elas* era o meu lema. Verdade, vampiros eram muito bons em proteger o segredo da sua raça e este era um lugar público lotado, mas isso não garantia segurança. As facas não garantiam, tampouco, mas elas com certeza viravam as probabilidades a nosso favor. Assim como os outros dois vampiros estacionaram mais abaixo na rua, prontos para entrar em ação se isso acabasse sendo outra coisa além de uma conversa para coleta de informações.

Cheiros me assaltaram quando me aproximei da fonte do pátio. Perfumes, odor corporal, e várias substâncias químicas eram os mais fortes, mas disfarçados havia outra camada que eu consegui decifrar melhor: emoções. Medo, cobiça, desejo, raiva, amor, tristeza... todos eles manifestados em cheiros que iam do suavemente aromático para o amargamente rançoso. Não surpreendentemente, as emoções desagradáveis tinham os aromas mais rudes. Bom exemplo: Os vampiros sentados no banco de concreto, ambos tinham cheiro de frutas podres pelo medo que emanava deles, antes mesmo de Bones dar a eles um olhar sufocante.

“Qual de vocês é o Scratch?” ele perguntou numa voz clara.

O com listras cinza em seu cabelo se levantou. “Sou eu.”

“Então você pode ficar, mas ele —” Bones parou para dar um curto aceno de cabeça para o outro vampiro magrelo “pode ir.”

“Espere!” Scratch baixou a voz e se aproximou de Bones. “Sobre aquilo que você está aqui para falar comigo? Ele pode ter algumas informações sobre isso.”

Bones olhou para mim. Eu ergui um ombro em um dar de ombros. “Talvez também seja bom ouvir o que o nosso convidado inesperado tem para dizer,” Eu comentei.



"Eu sou Ed," o vampiro falou, com um olhar nervoso para mim por sobre o ombro do Bones. "Scratch não me disse que ele iria se encontrar aqui com vocês caras."

A partir da expressão de Ed, eu imaginei que entre o meu cabelo vermelho, o grande diamante vermelho no meu dedo, o sotaque Inglês do Bones e a atmosfera de formigamento do poder que emanava dele, Ed tinha descoberto quem nós éramos.

"Isso é porque ele não sabia," Bones respondeu friamente. Suas emoções, acessíveis para mim desde o dia em que Bones me transformou, estavam agora bloqueadas por detrás do impenetrável muro que ele costuma usar em público. Ainda assim, qualquer um poderia pegar a tensão em sua voz quando ele continuou.

"Eu acredito que as introduções não são necessárias?"

O olhar de Scratch deslizou para mim e então se desviou. "Não", ele murmurou. "Você é o Bones, e essa é a Reaper."

A expressão do Bones não amoleceu, mas eu dei o meu melhor sorriso "Eu não vou te matar" de certo modo.

"Me chamem de Cat, e por que não encontramos algum lugar na sombra onde possamos conversar."

Os raios solares não eram letais para os vampiros como a mitologia alegava, mas nós *somos* facilmente queimados pelo sol. Gastar um pouco da nossa energia sobrenatural apenas para curar os raios fortes de verão era desperdício. Um restaurante francês com assentos ao ar livre estava perto, assim nós quatro encontramos uma mesa sob um guarda-sol e sentamos como se fôssemos velhos amigos reunidos.

"Você disse que sua mestra foi morta há alguns anos atrás, e ela não deixou ninguém para cuidar dos membros de sua linha," Bones afirmou ao Scratch, após a garçonete pegar os nossos pedidos de bebidas. "Um grupo de vocês se uniram para cuidar um do outro. Quando você começou a notar que algo estranho estava acontecendo?"

"Alguns meses atrás, por volta do outono no ano passado," Scratch respondeu. "No início, apenas alguns dos rapazes fugiram da cidade sem avisar ninguém. Nós ficamos de olho nos outros, mas não somos babás, você entende? Então, quando mais de nós desapareceram, as pessoas que normalmente antes diziam alguma coisa nos abandonaram... bem. Isso deixou o resto de nós preocupados."



Eu não duvido disso. Quando jovens, os vampiros sem mestre, Scratch e outros como ele estavam na parte inferior da hierarquia no mundo dos mortos vivos. Eu poderia ter alguns problemas com o sistema feudal dos vampiros em funcionamento, mas em relação a proteger os membros de sua linha, a maioria dos vampiros Mestres eram extremamente vigilantes. Mesmo os perversos.

"Então, mais ghouls começaram a aparecer na área," Scratch continuou.

Eu fiquei tensa. Esse era o porquê de Bones e eu irmos para Ohio. Nós também ouvimos falar de um recente fluxo de ghouls em meu estado natal, adicionado aos relatórios de vampiros desaparecidos.

"Hey, aqui é um parque de mortos-vivos," Scratch continuou, alheio a minha inquietação. "Muitos locais de poder* e boas vibrações, então nós não nos indagamos porque todos os comedores-de-carne estão aparecendo. Mas alguns têm sido realmente desagradáveis com os vampiros. Assediando os sem mestre, seguindo-os até em casa, começando brigas... isso nos levou a pensar que talvez eles estivessem por trás dos desaparecimentos. O problema é que ninguém dá uma merda desde que eles não pertencem a ninguém. Francamente, estou impressionado que você esteja interessado."

**No inglês "ley lines" podem ser consideradas locais de poder. São locais, que por algumas crenças, tem poder espiritual.*

"Eu tenho minhas razões," Bones disse no mesmo tom indiferente. Ele nem sequer olhou pra mim. Séculos fingindo indiferença o tornaram um especialista nisso. Ed e Scratched não teriam nenhuma idéia de que a razão pela qual estávamos sondando-os por informações era para ver se a minha mais estranha condição de vampira pode ser a razão de que alguns ghouls estivessem agindo com hostilidade - e o porquê de os vampiros estarem desaparecendo.

"Se você está à procura de dinheiro, não temos muito," Ed começou a falar. "Além disso, eu pensei que você tinha se aposentado dos contratos de assassinato quando você uniu as linhagens com aquele mega-Mestre Mencheres."

Bones arqueou uma sobrancelha. "Tente não pensar muito, você só vai se machucar," ele respondeu agradavelmente.

A face de Ed se contraiu, mas ele fechou a boca. Eu escondi um sorriso. *Não olhe para a boca de um cavalo ganhado - especialmente um que morda.*

"Você tem alguma prova de que ghouls podem estar envolvidos nos desaparecimentos dos seus amigos?" Eu perguntei ao Scratch, voltando ao



assunto.

"Não. Apenas parece mais do que coincidência que sempre que um deles desapareceu, eles foram vistos pela última vez em um lugar onde alguns desses ghouls idiotas estiveram."

"Quais lugares?" Eu perguntei.

"Alguns bares, clubes—"

"Nomes," Bones pressionou.

Scratch começou a recitar uma lista, mas, de repente, sua voz foi abafada sob uma grande quantidade de outras.

...mais quatro horas até eu conseguir um descanso...

...lembrar de pegar o recibo para quê? Se isso não servir, eu devolvo...

...se ela olhar mais um par de sapatos, eu vou gritar...

O súbito barulho de conversação intrusiva não vinha dos clientes do shopping ao nosso redor—eu tinha controlado aquilo até antes de nós nos sentarmos. Isso vinha de dentro da minha cabeça. Eu sacudi como se tivesse sido golpeada, minha mão voando para a minha têmpora.

Oh merda. *De novo* não.



CAPÍTULO DOIS.

"O que está errado, Kitten?" Bones perguntou imediatamente.

Ed e Scratch também me lançaram olhares preocupados. Eu forcei um sorriso enquanto lutava para me concentrar neles ao invés do excesso de conversa que, de repente, ocupou minha mente.

"Só, hum, um pouco quente aqui fora," eu murmurei. Dane-se se eu ia dizer a dois vampiros estranhos a verdadeira causa do meu problema.

O olhar do Bones correu sobre o meu rosto, seus olhos marrom escuros não deixando nada passar, enquanto aquelas vozes impiedosas continuavam a tagarelar na minha mente.

... ninguém me viu. Espero que eu consiga tirar a etiqueta de segurança...

... logo darei a ele algo pelo qual chorar...

... se ela não aparecer em cinco minutos, eu vou comer sem ela...

"Eu, ah, preciso de ar," eu disse sem pensar antes de perceber a estupidez naquela desculpa. Um, nós já estávamos do lado de fora, e dois, eu era uma vampira. Eu não *respirava* mais, muito menos ter algum problema de saúde que eu pudesse culpar por meu repentino comportamento estranho.

Bones ficou de pé, pegando meu cotovelo e jogando um duro "Fique aqui" por cima do ombro para Ed e Scratch.

Eu andei rapidamente, tentando me concentrar na fria pressão da mão dele mais do que onde eu estava indo. Minha cabeça estava abaixada, porque meus olhos provavelmente tinham ficado verdes e brilhantes por causa da agitação. *Cale-se, cale-se, cale-se*, eu entoei para a multidão não benvinda em minha cabeça.

O barulho em minha mente parecia amplificar os ruídos das pessoas andando ao nosso redor, até tudo ficar borrado em um tipo de barulho de fundo. Ele cresceu, inundando meus outros sentidos, fazendo com que fosse difícil eu me focar em alguma coisa exceto nas vozes cruéis vindo até mim de todos os lados. Eu lutei para empurrá-las de volta, para me concentrar em qualquer coisa exceto nos sons que pareciam crescer a cada segundo.

Algo duro pressionou contra minha frente ao mesmo tempo que uma barreira mais dura e reta achatava minhas costas. Debaixo da estrondosa tagarelice bombardeando minha mente, eu ouvi uma voz Inglesa familiar.

"... tudo bem, amor. Force-as de volta. Escute a mim, não a elas..."



Eu tentei retratar as incontáveis vozes em minha cabeça como um canal de TV que eu somente precisava baixar—com minha força de vontade sendo o controle remoto. Dedos acariciaram meu rosto, o toque deles era uma âncora da qual eu tirava força. Com grande esforço, eu puxei minha mente para longe da confusão, me distanciando do barulho que queria consumir o resto dos meus sentidos. Depois de vários minutos de concentração obstinada, aquele rugido mental diminuiu para um murmúrio chato, mas administrável. Era parecido com os sons dos compradores ao nosso redor, alheios ao fato de que estavam à distância de uma mordida de criaturas que não deviam existir.

"Eu *tenho* que parar de beber seu sangue," eu disse ao Bones quando me senti no controle o suficiente para abrir os olhos. Uma olhada ao redor mostrou que ele tinha me apoiado em um pilar com o que, provavelmente, parecia um abraço apaixonado, julgando pelos olhares atravessados jogados em nossa direção.

Bones suspirou. "Você será mais fraca."

"Mas *sã*," eu acrescentei. E mais segura também, porque se centenas de vozes de repente colidissem em minha mente durante uma batalha, isso podia ser distração suficiente para fazer com que eu fosse morta.

Eu puxei o cabelo ondulado, curto e escuro de Bones até ele se afastar e olhar pra mim. "Você sabe que isso não pode ser *sobra* de quando eu bebi o sangue de Mencheres; está acontecendo com mais frequência, não menos," Eu disse suavemente. "Eu tenho que estar recebendo isso de você. E eu não posso lidar com isso."

Eu tinha pensado que me transformar de uma mestiça para uma vampira completa significava um fim a minha exclusividade, mas o destino pensou de forma diferente. Eu acordei do outro lado do túmulo em posse de duas coisas sem precedente na história dos vampiros—uma batida de coração ocasional e um desejo por sangue imortal. O efeito colateral do último significava que eu, temporariamente, absorvia poder do sangue que eu bebia, assim como vampiros absorviam vida do sangue humano. Estava tudo bem, tudo bom, mas se eu bebesse de um vampiro *Mestre*, eu também absorvia, temporariamente, qualquer habilidade especial que o Mestre tinha. Isso era ótimo quando se tratava de aumentar a força, mas não tão bom quando se tratava de outras habilidades que eram muito longe do meu íntimo controlar. Como a habilidade de Bones de ler mentes humanas.

"Você não se dá crédito suficiente, Kitten," ele disse, sua voz baixa.

Eu balancei a cabeça. "Há uma razão porque se levam séculos para vampiros conseguirem poderes especiais, e só se eles são *Mestres*. Caso contrário é



demais pra se lidar. Se eu continuar bebendo de você, o que aconteceu hoje só vai piorar. Você, obviamente, cresceu em poder de ler mentes que herdou de Mencheres, tanto que eu estou começando a buscá-lo de seu sangue também."

E se Bones começasse a manifestar quaisquer outras habilidades como resultado da troca de poder que recebeu de seu co-regente, eu *realmente* não queria parte alguma deles. Eu bebi de Mencheres uma vez por necessidade, e isso me fritou por mais de uma semana depois. Eu tremi só de lembrar. *Nunca mais se eu pudesse evitar.* As vozes vibrando em segundo plano em minha mente pareciam concordar.

"Vamos resolver isso mais tarde, mas precisamos voltar agora, se você estiver pronta," Bones disse, fazendo um último carinho no meu rosto.

"Estou bem. Vamos voltar, antes de eles surtarem e correrem."

Lentamente Bones desenrolou seu corpo do meu. O barulho em minha cabeça agora estava baixo o suficiente para eu notar várias fêmeas ao nosso redor olhando pra ele. Eu abafei ainda mais aquelas vozes interiores. A última coisa que eu precisava era ouvir uma enxurrada de fantasias cheias de desejo envolvendo meu marido e outras mulheres para *realmente* azedar meu humor.

Por justiça, eu não podia culpá-las. Mesmo em calça preta de marca comum e com um casual blusão branco, Bones se destacava como uma jóia entre pedras com suas feições finamente moldadas e estrutura alta e esculpida. Cada movimento de seu corpo enviava ondulações ao longo daqueles músculos esguios e sua pele perfeita de cristal praticamente desafiava as pessoas a verem se ela era tão boa quanto parecia—o que eu fiz. Mesmo quando nos encontramos pela primeira vez e eu planejava matá-lo, a aparência de Bones tinha virado minha cabeça. Dessa forma, ele era um predador perfeito, seduzindo sua presa a chegar perto o suficiente para morder.

"Você está sendo comido com os olhos por mais ou menos uma dúzia de mulheres enquanto falamos, mas estou certa de que já sabe disso," eu disse com um tom irônico.

A boca dele roçou meu pescoço com o mais leve dos beijos, me fazendo arrepiar.

"Eu só me preocupo com os desejos de uma mulher," ele murmurou, a respiração de suas palavras provocando minha orelha.

O corpo dele estava perto o suficiente para roçar o meu, um lembrete tentador de como ele podia satisfazer todas as minhas inclinações sensuais, de forma completa, tão bem quanto umas poucas em que eu, provavelmente, ainda não



tinha pensado. Porém, apesar do calor começar a me preencher, nós tínhamos desaparecimentos para investigar. Qualquer investigação íntima entre nós dois teria que esperar.

Como se estivesse de acordo, o quadro de vozes em minha cabeça se ergueu novamente, cortando a sensualidade quente que a proximidade dele me trouxe.

"Eu não sei como você aguenta ouvindo essa algazarra em sua mente todo dia," eu murmurei, balançando a cabeça como se isso pudesse clareá-la.

Ele me lançou um olhar impenetrável enquanto se afastava. "Quando é algo que está sempre lá, é mais fácil de ignorar."

Talvez isso fosse verdade. Talvez se eu não tivesse apenas meus próprios pensamentos em minha cabeça na maior parte do tempo, apanhar a frequência mental de outras pessoas pareceria menos opressivo. Eu não sabia.

Mas, eu não queria continuar bebendo o sangue de Bones pra descobrir.

Ed e Scratch não comentaram sobre nossa saída abrupta quando Bones e eu sentamos novamente com eles. Suas expressões eram apropriadamente brandas, mas os olhares furtivos que eles disparavam para mim, diziam tudo. Eles estavam se perguntando que diabos aconteceu.

"Achei que tinha sentido o cheiro de alguém que conhecia," eu ofereci, virando o gin e tônica que tinha chegado com as outras bebidas enquanto Bones e eu estivemos longe.

Era uma mentira óbvia, mas Ed e Scratch fizeram ruídos agradáveis e fingiram acreditar nela. O olhar que Bones deu a eles não deixava dúvidas sobre isso.

"Certo então, alguns outros nomes ou lugares que esses desagradáveis comedores de carne tendem a frequentar?" Bones perguntou, como se não houvesse tipo interrupção na conversa.

Scratch cutucou o outro vampiro com o cotovelo. "Não, mas Ed tem algo pra te contar."

Ed parecia relutante, mas então endireitou seus ombros estreitos.

"Um camarada meu, Shayne, me ligou na noite passada e disse que nosso amigo Harris levou uma surra de uns ghouls no clube. Shayne ia pra casa com Harris para desencorajar mais surras nele. O negócio é, eu tenho ligado para o celular de Shayne o dia todo, mas ele não respondeu, o que não é do feitio dele. Quando eu disse pra Scratch, ele me disse pra vir aqui porque ele ia encontrar pessoas que poderiam ser capazes de ajudar."



"Você sabe onde Harris mora?" eu perguntei diretamente.

"Sim. Na verdade, não é muito longe daqui."

"No entanto, você não foi lá pra checá-lo?" Bones perguntou com um pesado ceticismo.

Ed mostrou a Bones um olhar cansado. "Não, e eu ainda não irei a menos que eu possa conseguir várias pessoas pra irem comigo. Eu não quero ser o *próximo* vampiro do qual ninguém mais ouve a respeito. Julgue tudo o que quiser, mas eu não tenho um monte de poderes fodidos pra me proteger caso algo aconteceu a Shayne e Harris—e caso os ghouls que o fizeram ainda estejam lá."

A simpatia brotou em mim, entorpecendo as vozes que ainda gritavam em minha mente. Ed e Scratch estava fazendo o melhor que podiam para olhar por seus amigos sob as circunstâncias bem duras de viver em um mundo onde eles estavam próximos a cidadãos de segunda categoria. Eu sabia por experiência que era uma droga sentir que não tinha ninguém pra te ajudar quando os monstros vinham farejando ao redor. Claro, tecnicamente, Ed e Scratch eram monstros também.

Então mais uma vez, eu também era. Nesse caso, era uma vantagem.

Bones olhou pra mim e ergueu uma sobrancelha.

"Vamos fazer isso," eu disse para a pergunta não pronunciada.

Ele se ergueu, estralando os nós dos dedos de forma rápida e com prática e então jogando várias notas de dinheiro na mesa.

"Tudo bem então, companheiros. Vamos ver se o celular de Shayne apenas ficou sem bateria."

—

Fiel a palavra de Ed, o apartamento de Harris era só a vinte minutos de distância. Eu achei irônico que também fosse só há cerca de um quilômetro e meio de distância do complexo de apartamentos em que eu morava quando fui para OSU, aparentemente em uma outra vida. Se Bones notou a proximidade a minha velha casa, ele não comentou. Ele parecia mais focado na parte exterior do edifício, tentando capturar qualquer vibração de perigo lá dentro. Nós não poderíamos arriscar enviar Fabian primeiro pra checar. O fantasma tinha se enfiado em nosso porta mala quando saímos, sem ser notado por Ed ou Scratch, mas se enviássemos Fabian na nossa frente, isso *iria* chamar a atenção deles para nosso amigo fantasma.



Formigamentos de poder rondavam o ar atrás de nós no estacionamento estreito. Ed e Scratch olharam ao redor, mas Bones não piscou. Nem eu. Aquilo era Tiny e Band-Aid, nosso apoio que tinha nos acompanhado desde o shopping center.

"Tiny, Band-Aid, podem vigiar esses dois por um momento?" Bones disse a eles antes de caminhar em direção ao complexo. Eu fui com ele, ajeitando os ombros dentro do meu casaco longo de couro. Não era porque eu estava com frio; o dia de fim de verão estava quente, mas meu casaco mantinha boa quantidade de facas de prata. Claro, eu tinha facas enfiadas debaixo da minha blusa, mas aquelas eram as mais curtas, indicadas para vampiros. Somente decapitação matava um ghoul, o que significava que eu precisava de lâminas maiores se algum membro sinistro daquela espécie esperasse por nós lá dentro.

Bones inalou assim que alcançamos o segundo andar. Eu também. As portas da frente estavam todas em uma linha de frente para o estacionamento, com o ar fresco afugentando a maioria dos cheiros intrigantes de seus ocupantes, mas eu peguei um sopro de algo não humano vindo da segunda para a última unidade. Bones também deve ter sentido, porque seus passos ficaram mais rápidos. Eu inalei novamente, meu nariz se enrugando quando estávamos quase na porta. Bones parou para me olhar de forma sombria.

As cortinas estavam fechadas firmemente, não nos permitindo espiar lá dentro, mas eu já sabia o que iríamos encontrar. O cheiro de morte era evidente.

"Estamos muito atrasados," eu sussurrei. Ver a fechadura da porta quebrada foi quase redundante.

Bones abriu a porta, se movendo imediatamente para o lado no caso de uma jorrada de prata voadora acompanhasse sua entrada. Porém nada se moveu. O interior do apartamento era quieto como uma tumba.

E exatamente como uma tumba, ele tinha corpos dentro dele.

"Eu não sinto pessoa alguma, mas fique esperta," Bones disse enquanto dava um passo pra dentro. Eu segui, checando os cantos primeiro, me juntando a Bones em fazer uma varredura do interior com tanto cuidado quanto se soubéssemos que forças inimigas estivessem lá dentro. Como suspeitávamos, porém, o lugar estava vazio de qualquer pessoa, exceto nós—e dois vampiros enrugados no chão da minúscula sala de estar.

As malditas vozes em minha mente começaram a se levantar novamente. Não haviam tantas pessoas no complexo de apartamentos como no shopping, então não me afetou com o mesmo tipo de explosão mental, mas era como se



minha mente estivesse cheia de zumbidos de um ninho de abelhas irritadas. Eu esfreguei minha têmpora, como se isso pudesse fazer o som baixar, mas claro, não ajudou.

Bones não pegou o gesto. Sua atenção ainda estava focada nos dois corpos enrugados próximos aos nossos pés.

"Se parece com uma emboscada ao amanhecer," ele notou, levando em conta a falta de sapatos e como nenhum dos corpos estava totalmente vestido. "Pobres caras não tiveram a chance de se levantar muito para uma briga."

A falta de desordem no apartamento era testemunho disso. Quando criaturas sobrenaturais lutam até a morte, as coisas geralmente ficam muito mais bagunçadas do que umas poucas mesas viradas e algum sangue manchando o carpete. Investigar a morte de vampiros ainda era algo incomum pra mim. Claro, eu passei anos trabalhando para um ramo secreto da Homeland Security*, rastreando homicídios paranormais, mas naquelas circunstâncias, os vampiros geralmente eram os criminosos. Não as vítimas.

**Departamento de Segurança Interna - departamento federal que administra todas as questões relativas a segurança interna.*

... se eu não pagar o boleto do carro, eu terei dinheiro suficiente para a hipoteca...

... eu disse àquele bastardo que eu não toleraria ele ficar fora a noite toda de novo...

... tão orgulhoso dela, ela vai se formar com sua turma...

Eu esfreguei minha cabeça mais uma vez quando as vozes se tornaram mais altas. Dessa vez, Bones viu.

"De novo?"

"Estou bem," eu disse, tentando soar de forma casual.

Seu olhar se voltou apontando pra mim. "Besteira."

"Eu o tenho sob controle, não é algo para se preocupar," eu emendei. Aquilo era verdade. Corpos mortos tinham prioridade sobre murmúrios mentais em minha cabeça.

Pela expressão dele, Bones não estava comprando meu ato blasé, mas o relógio estava correndo nessa cena de crime. Nós tínhamos corpos para remover, evidência para apagar e assassinos para encontrar;



Bones ergueu a voz. "Ed, suba aqui."

O rosto do vampiro magro se apertou quando ele entrou e viu os corpos. "Ah, porra," ele gemeu.

"Esses são Shayne e Harris?" Bones perguntou, em um tom mais gentil do que antes.

Ed se curvou, cheirando cada corpo. Vampiros podem nunca parecer um dia mais velho do que qualquer que seja a idade que eles tinham quando foram transformados, mas tudo isso terminava com a morte. Depois de morto, o corpo de um vampiro rapidamente compunha sua idade verdadeira, significando que na maioria das vezes, não sobrava nada exceto restos mumificados dentro de quaisquer que fossem as roupas com as quais morressem. Esses dois corpos não eram exceção.

Ed sentou sobre os calcanhares próximo aos corpos vestidos em jeans. "São eles," ele disse com uma voz mais grossa. Então ele rangeu os dentes, "Malditos ghouls."

"Por que você não volta lá pra fora agora?" eu disse, dando um tapinha no braço de Ed. Não havia nada mais que ele pudesse fazer, mas Bones e eu tínhamos coisas para cuidar.

Ed deu outra longa olhada para os corpos de Harris e Shayne antes de se levantar e sair. Eu suspirei. Isso era ruim por muitas razões e a tristeza de Ed era somente parte disso.

"Por que você acha que eles deixaram os corpos?" eu perguntei calmamente para Bones. "Ed e Scratch não tinham ouvido sobre corpos sendo deixados nos outros desaparecimentos. Acha que os assassinos foram interrompidos?"

Bones fez uma varredura do local com o olhar. Não levou muito tempo; a área consistia somente de uma minúscula cozinha e uma sala de estar grande o suficiente para somente um sofá de tamanho natural.

"Não, amor," ele disse finalmente. "Eu acho que quem quer que fez isso teve tempo de levar os corpos, mas escolheu não o fazer."

Eu engoli a seco. Isso podia ser o resultado do mesmo tipo de arrogância que vi no passado dos assassinos que deixavam corpos pra trás porque eles pensavam que eram espertos demais para serem pegos. Mas infelizmente, eu não achava que esse era o caso. Ao invés disso, isso parecia a confirmação de um problema muito maior—assassinos que *queriam* que nós soubéssemos quem eles eram. Só um idiota não iria rotular aqueles ghouls como principais suspeitos depois que eles bateram em Harris na noite anterior a que ele e



Shayne foram assassinados. Aqueles ghouls sabiam que ao deixarem os corpos aqui, eles estavam praticamente assinando seus nomes neles.

Eu só podia pensar em um motivo—quem quer que estivesse por trás disso se sentia forte o suficiente pra sair de trás da cortina. Isso também pode ser bem um serviço de anúncio público de que os ghouls iriam começar a intensificar seus ataques, e eu não achava que fosse uma coincidência que eles tinham escolhido começar a ostentar corpos de vampiros na mesma área onde eu cresci. Não, eu levei isso como uma afirmação de "Você pode nos parar, Reaper," e dane-se se eu iria deixar isso continuar. Vampiros podem estar desaparecidos em outras áreas também, mas era aqui onde os criminosos estavam nos chamando ao deixar os corpos. Se não desenhassemos uma linha na areia aqui, então estaríamos quase convidando as coisas a ficarem piores em qualquer outro lugar.

"Mas não há muito que alguém possa fazer sobre isso, há?" eu perguntei em uma súbita onda de frustração. "Meu antigo time não vai se envolver porque eles só se metem quando os mortos vivos atacam humanos. A comunidade vampírica simplesmente não vão dar a mínima porque Shayne e Harris não tinham Mestre. Ed e Scratch não podem pegar um monte de ghouls sozinhos e se nós fôssemos atrás dos assassinos e seu líder seja quem achamos que é... estaremos jogando direto nas mãos do bastardo."

Bones me encarou sem piscar. "Você sabe que está certa sobre seu antigo time, a comunidade vampírica e como não podemos ir, abertamente, atrás desses ghouls se Apollyon está envolvido."

Apollyon. Uma imagem de um ghoull de séculos de idade com seu corpo atarrancado e um comb-over* quase hilário passou por minha mente. Aspecto sábio, Apollyon pode parecer ser simples, mas no ano passado, ele conseguiu ativar um inferno de montes de problemas. Bones quase morreu depois que ghouls nos atacaram em Paris vários meses atrás, e mais, ghouls deram apoio a outro vampiro Mestre em suas tentativas de me forçar a retornar para ele. Tudo cortesia do discurso inflamado de Appolyon. Mesmo que eu esperasse estar errada, eu simplesmente sabia que era ele por trás desses ataques também.

**Estilo de penteado usado por homens carecas no qual o cabelo de um lado da cabeça é longo e então penteado sobre a área careca para minimizar a imagem de falta de cabelo.*

Claro, isso significava que todas essas coisas terríveis estavam acontecendo por minha causa.



"Não podemos deixar ele ou os outros se safarem dessa forma," eu rosnei.

A boca do Bones se curvou em um sorriso predatório. "Kitten... eu disse que não podemos ir *abertamente* atrás deles."



CAPÍTULO TRÊS.

Uma grande sombra passou pela porta, bloqueando o sol enquanto Tiny entrava no apartamento. O apelido do vampiro era irônico, porque ele era forte de um jeito que faria até o lendário Conan se sentir inseguro.

"Os policiais estão vindo," ele disse.

Eu tinha escutado o barulho de sirenes chegando mais perto nos últimos dois minutos. Acho que um dos vizinhos ficou nervoso ao ver várias pessoas de aparências sinistras rodeando na entrada da garagem. Obviamente eles não tinham escutado a luta de morte que aconteceu várias horas antes ou não seríamos os primeiros na cena.

"Você continua bisbilhotando aqui, eu vou lidar com eles," eu disse para Bones. Se tivéssemos sorte, Bones poderia reconhecer o cheiro de um dos assassinos. Nesses duzentos e vinte e poucos anos como um vampiro, ele cruzou com muitas pessoas imortais e odor era tão único quanto uma impressão digital.

Porém, eu não tinha muita esperança de que resolveríamos esses assassinatos tão facilmente. Bones pode conhecer um monte de pessoas imortais, mas vampiros e ghouls compõem aproximadamente cinco por cento da população do mundo. Mesmo com a extensa história de Bones, haviam muitos para Bones conhecer cada um dos sem pulsação pessoalmente.

Bones olhou de relance para Tiny, que me seguiu para o lado de fora. Eu não peguei meu celular, mas aquele tinha sido meu primeiro instinto. Usar meus contatos no governo para afastar policiais de cenas de crime era um hábito para mim depois de anos no meu antigo emprego. A próxima parte, portanto, ainda era relativamente nova.

"Hey," eu gritei quando os policiais chegaram e saíram de sua viatura. "Que bom que vocês estão aqui, eu já ia ligar."

"Você mora aqui, senhora? Nós recebemos uma informação sobre pessoas suspeitas vadiando na área," o policial loiro disse, olhando Tiny de uma forma desconfiada. A mão de seu parceiro se moveu para sua arma.

"Fale assim de novo e eu vou esquecer que não estou com fome," Tiny murmurou, tão baixo que os policiais não puderam ouvi-lo.

Eu reprimi uma risada e me dirigi aos policiais novamente. "Eu não moro aqui, mas o apartamento do meu amigo foi invadido. Vocês podem verificar?"

Os policiais me deram uma olhada atenta enquanto subiam as escadas para o



segundo andar. Eu sorri de uma forma inofensiva e garanti que minhas mãos vazias estivessem bem a vista. Claro, um policial minucioso iria se perguntar por que eu estava vestindo uma jaqueta longa durante uma tarde quente de verão.

Quando eles estavam a uns três metros de mim, meus olhos cinza se transformaram em verdes brilhantes. Eu lancei aquele olhar para eles, deixando a armadilha de poder nosferatu nublar suas mentes.

"Não há nada acontecendo aqui," eu disse com uma voz firme e agradável. "Virem-se e vão embora, a chamada foi alarme falso."

"Nada acontecendo," o oficial loiro repetiu.

"Alarme falso," seu colega repetiu, sua mão deixando a arma.

"Isso mesmo. Vão. Sirvam e protejam em outro lugar."

Os dois se viraram e voltaram para o carro sem outra palavra, indo embora. Antes de eu me tornar uma vampira, eu teria levado vinte minutos e duas ligações telefônicas para conseguir o mesmo resultado, a menos que Bones desse uma olhada com os olhos verdes para os policiais locais irem embora. O poder dos vampiros controlarem a mente com certeza fazia ser fácil atravessar a burocracia quando se tratava de cenas de crime.

Bones apareceu na porta do apartamento segurando dois pacotes finos embrulhados com lençol. Para qualquer vizinho abelhudo, ele podia estar carregando persianas horizontais embrulhadas ao invés do que eu sabia que eram—os restos de Shayne e Harris.

"Tiny, coloque esses no seu boot*," Bones disse.

**Em inglês britânico significa 'porta malas', mas no inglês americano significa 'bota'.*

Tiny olhou confuso para seus pés. Eu de risada. "Ele quer dizer seu porta-malas. Inglês britânico pode ser confuso às vezes."

"Isso só porque vocês, lanques, continuam renomeando as coisas," Bones respondeu com um olhar malicioso, entregando os corpos para Tiny. Então ele pulou sobre a sacada, aterrissando no estacionamento sem nem ao menos uma balançada em sua caminhada enquanto ia em direção a Ed e Scratch. Os dois vampiros olharam Bones com respeito e melancolia.

"O que você vai fazer com os corpos?" Ed perguntou.

"Queimá-los em outro lugar," Bones respondeu.



Scratch passou a mão por seu cabelo grisalho. "Acredito que você irá cair fora agora que sabe o que queria saber."

Scratch parecia resignado. Eu notei o leve sorriso de Bones enquanto eu descia para o estacionamento pelo caminho normal, pelas escadas.

"Entrem no carro, rapazes. Nós temos coisas para discutir."

Eu fiquei atrás da direção com Bones no carona enquanto Ed e Scratch subiam, cautelosamente, no assento de trás. Do meu espelho retrovisor vi Tiny enfiar os restos dos dois vampiros em seu porta-malas, em seguida ele e Band-Aid estavam prontos pra ir.

"De volta para o shopping?" Eu perguntei, saindo da entrada da garagem.

"Pode ser, Kitten," ele respondeu. Seu braço descansou do outro lado do assento, se colocando em uma posição mais confortável enquanto olhava para Ed e Scratch.

"Vocês tentariam levar os assassinos dos seus colegas para a justiça se tivessem apoio?" Bones perguntou pra eles.

Um som de escárnio saiu de Ed. "Claro. Shayne não merecia ir assim. Não conhecia Harris muito bem, mas provavelmente ele também não merecia."

"Sem dúvida," Scratch murmurou.

Eu olhei Bones de canto de olho, me perguntando onde ele ia com isso e ainda incapaz de me ligar a suas emoções pra ter uma pista. Ele bateu no queixo, pensativo.

"Seria perigoso, mesmo com ajuda."

Outro som de escárnio, dessa vez de Scratch. "Viver é perigoso quando você não tem um Mestre, a menos que você seja um dos fortes sortudos, mas eu não espero que você saiba muito sobre isso."

Um sorriso passou quase despercebido pelos lábios de Bones. "De fato, eu sei uma coisa ou outra sobre viver perigosamente, mas como vocês parecem não estarem satisfeitos em não terem um Mestre, o que dizem de se juntar a minha linha?"

Meu olhar voou para Bones antes de passar rapidamente para o espelho retrovisor. Tanto Ed quanto Scratch pareciam espantados. Eu também estava. O que Bones estava oferecendo era parecido com adotá-los.

"Pensem antes de responder," Bones prosseguiu. "Uma vez jurado, vocês não podem mudar de ideia e conseguir sua liberdade a menos que peçam,



formalmente, por isso e eu decida conceder essa solicitação."

Ed soltou um assobio suave. "Você está falando sério, não está?"

"Como a morte," Bones respondeu levemente.

"Eu ouvi que você é um bastardo desprezível," Scratch disse depois de uma longa pausa. "Mas eu também ouvi que você é justo. Eu posso lidar com desprezível e justo. Supera estar por conta própria tentando lutar contra cada idiota que pensa que matar um vampiro sem Mestre é um jeito fácil de ganhar fama."

Minhas sobrancelhas se levantaram perante essa dura análise, mas Bones não parecia nem um pouco ofendido. "E você Ed?"

"Por que você está oferecendo isso?" Ed ponderou, olhando para Bones com os olhos apertados. "Você sabe que pelos nossos níveis de poder nunca seremos Mestres. Você também não pode estar em dificuldades financeiras e pra isso quer nossos míseros dez por cento, então o que você ganha com isso?"

Bones emparelhou o olhar com o de Ed. "Pra começar, eu quero pegar esses ghouls e vocês me ajudariam com isso. Você também deve ter ouvido que guerras recentes mataram vários membros da minha linhagem. Você foi leal aos seus colegas mesmo depois que seu Mestre morreu e você não tinha obrigação alguma com eles. Então você foi esperto o suficiente para não entrar em uma armadilha em potencial sem apoio. Me seria útil ter mais sujeitos espertos cuja lealdade a mim, minha esposa e ao meu co-regente seria sem exceção."

Ed encontrou meu olhar brevemente no espelho retrovisor antes de olhar novamente para Bones. "Tudo bem," ele disse, avaliando cada palavra. "Estou dentro."

Bones puxou uma faca de prata. Eu voltei minha atenção para a rua antes que eu causasse uma destruição com minhas frequentes olhadas pelo carro. Além do mais, eu sabia que Bones não ia começar a apunhalar Ed e Scratch. Ele ia apenas tornar isso oficial.

"Pelo meu sangue," Bones disse, fazendo um corte na palma da mão, "Eu declaro que você, Ed, e você, Scratch, sejam membros da minha linha. Se eu trair esse juramento, deixo meu sangue ser minha penalidade."

Então Bones passou a faca para Ed, seu corte se curando antes das primeiras gotas de sangue respingarem contra suas calças negras. Eu não precisei olhar pra trás pra saber que Ed fez um corte na palma da mão; o tentador cheiro



novo de sangue me disse isso.

"Pelo meu sangue, eu reconheço você, Bones, como meu Mestre," Ed falou em tom irritado. "Se eu trair esse juramento, deixo meu sangue ser minha penalidade."

Scratch repetiu as palavras com o acompanhamento de outro cheiro de dar água na boca enchendo o carro. Além de todo meu desconforto com aquele aspecto todo de "mestre" que vem com a linha dos vampiros, agora eu tinha o aperto no meu estômago para pensar a respeito. Eu não tinha me alimentado desde a noite anterior e minha próxima refeição poderia ser complicada de conseguir já que eu teria que encontrar alguém, além de Bones, de quem beber. Vampiros normais tinham muitas opções quando se tratava de se alimentar. O poder em seus olhares significava que eles podiam fazer um lanche com os humanos sem seus doadores se lembrarem que tinha acontecido, ou vampiros trocavam hospedagem e alimentação com humanos especialmente selecionados em troca de sangue.

Eu não tinha essas conveniências. Controle da mente não funcionava em outros vampiros, e nenhuma família imortal que eu conhecia tinha uma cocheira de *vampiros* disponível para se alimentar deles. E mais, ainda estávamos tentando manter minha estranha dieta— e seus efeitos colaterais— longe de se tornar conhecimento comum. Então eu não podia simplesmente pedir para o próximo vampiro que eu visse se eu podia dar uma mordida nele ou nela.

Scratch passou a faca manchada de sangue de volta para Bones assim que ele terminou de jurar sua fidelidade. Eu resisti a uma urgência repentina de lamber a lâmina e me concentrei na rua, fazendo um resumo mental de jeitos em que eu conseguiria sangue. Juan, um membro do meu antigo time, era imortal apenas há um ano, então ele era uma possibilidade. Talvez eu pudesse conseguir que ele me enviasse um tanto de seu sangue, apesar de que Juan iria perguntar por que eu o queria. Nenhum deles sabia sobre minha estranha dieta, ainda.

O melhor amigo de Bones, Spade, sabia do que eu me alimentava e eu já tomei seu sangue, mas eu não queria fazer disso um hábito. Spade era um vampiro Mestre, então isso significava que ele era forte demais. Na verdade, a maioria dos amigos de Bones eram fortes demais.

Droga! Não beber de Bones sem passar fome seria mais difícil do que eu tinha imaginado.

"Por enquanto, não diga a ninguém sobre nossa parceria," Bones disse para Ed e Scratch, centralizando minha atenção de volta à situação presente.



"Cuidem de seus negócios como se nunca tivéssemos nos conhecido. Aqui está um número onde vocês podem me achar. Ao primeiro sinal daqueles ghouls, me liguem imediatamente, mas *não* os confrontem. Entendido?"

"Entendido" e "Claro" foram as respostas. Eu me perguntei se eles tinham entendido realmente. Eu entendi, e não fiquei emocionada.

Eu deixei os vampiros perto da fonte Easton onde os encontramos, esperando até que eu dirigisse por algumas milhas antes de olhar para Bones.

"Você os está usando como isca."

Bones encontrou meu olhar, seu olhar marrom escuro escondendo nada. "Sim."

"Deus," eu murmurei. "Você não está deixando que eles contem a ninguém que acabam de ser elevados de sem Mestre para pertencer a um vampiro poderoso então aqueles ghouls ainda irão considerá-los carne fácil. Isso os está, deliberadamente, colocando em perigo."

"Não mais do que estavam antes, como eles mesmos disseram. Mas agora se algum mal for feito a eles, eu terei direitos perante nossa lei, para investigar," ele respondeu com uma lógica irritante. "Acredite em mim, pet, estou esperando que nada aconteça a eles e que sua utilidade venha de me indicar a direção daqueles ghouls. Mas se Apollyon está por trás desses ataques, precisaremos de um jeito de chegar a ele sem parecer que estamos sendo precipitadamente antagônicos. Caso contrário..."

Bones não teve que terminar a frase. *Caso contrário, Apollyon terá mais combustível para os rumores de que eu estou procurando ser algum tipo de Stalin vampírico*, eu terminei mentalmente. Certo, porque *isso* era o que eu coloco na minha lista de coisas a fazer toda manhã. *Escovar os dentes. Lavar o cabelo. Governar o mundo imortal com um punho de ferro.*

"Eu não sei por que ghouls ouviriam Apollyon sobre eu ser uma ameaça de qualquer forma," eu murmurei. "Eu posso ter uma dieta excêntrica como uma vampira, mas Apollyon não pode mais dizer para as pessoas que eu vou combinar os poderes de ghouls e vampiro. Me transformar cuidou daquele discurso paranoico dele."

O olhar de Bones foi simpático, mas firme. "Kitten, você é uma vampira por menos de um ano. Durante esse tempo, você explodiu a cabeça de um vampiro Mestre através da pirocinese e congelou dúzias de vampiros em um estupor através da telecinese. Suas habilidades, mais sua ocasional pulsação,



são limites para assustar algumas pessoas."

"Mas elas não são *minhas* habilidades!" eu explodi. "Ok, a pulsação intermitente é minha, mas todo o resto foram poderes emprestados. Eu nem ao menos os tenho mais e, pra começar, se eu não tivesse bebido de Vlad e Mencheres, eu nunca os teria."

"Ninguém sabe como você os conseguiu, ou que vocês os perde depois de algum tempo," Bones notou.

"Talvez nós devêssemos contar a eles." Mas assim que eu disse isso, eu pensei melhor.

Ele deixou escapar o que parecia ser um suspiro. "Se Apollyon soubesse a fonte de suas habilidades, ele poderia argumentar que você poderia manifestar qualquer poder que quisesse simplesmente bebendo de um vampiro que o tivesse. Melhor ele pensar apenas que você é extraordinariamente dotada baseado nos seus próprios méritos."

Em outras palavras, não importa como tentássemos vestir, eu ainda era uma aberração perigosa. Eu respirei fundo na esperança de que o gesto familiar fosse me acalmar. Não acalmou. Tudo que fez foi me trazer o cheiro do sangue para meus pulmões, apertando meu estômago de um jeito quase doloroso.

"Ruim demais que as visões do seu co-regente ainda não tenham voltado com força total. Isso tiraria a dúvida de que se isso é obra de Apollyon." Bones deu de ombros concordando. "Mencheres tem tido alguns poucos vislumbres do futuro, mas nada relacionado a isso, e ele ainda não consegue dominar suas visões. Com sorte, seus poderes completos irão retornar logo.

Mas até lá, nós estávamos por conta própria. "Então continuamos firmes em não dizer a alguém como eu absorvo poder do sangue, e a usar Ed e Scratch para nos guiar até esses ghouls para ver se Apollyon está por trás deles."

"Isso mesmo, amor."

Eu fechei os olhos. Posso não gostar do plano, mas no momento, era nossa melhor opção.

"Isso deixa só mais uma coisa," eu disse, abrindo os olhos para dar um sorriso fraco para Bones. "Encontrar alguém, que não seja você, do qual eu possa me alimentar."



CAPÍTULO QUATRO.

Eu não reconheci os guardas que correram para o heliporto para escoltar a mim e Bones para dentro do complexo dirigido pelo meu ex chefe e tio, Don Williams. Apesar de que eu não voltei aqui desde o ano passado. Talvez eu devesse ter ligado primeiro. Me anunciar para a torre de controle quando eu estava dentro do espaço aéreo deles não era realmente um aviso prévio, mas Don precisava saber sobre o problema. Na minha opinião, esse tipo de informação merecia uma atualização cara-a-cara. E também, Juan estava aqui e eu esperava que ele estivesse aberto a idéia de me deixar pegar um pouco do seu sangue.

Claro, se eu estivesse sendo completamente sincera, eu admitiria que a viagem de helicóptero improvisada para o leste do Tennessee ia além de informação e até mesmo de comer. Negócios fizeram Don cancelar nossas últimas poucas tentativas de nos reunir, então fazia meses desde que eu não via meu tio. Nós podemos ter tido um começo difícil no nosso relacionamento, mas eu sentia a falta dele. Essa viagem era uma chance de matar três coelhos com uma cajadada só, o que Don podia apreciar. Ele era todo multitarefa.

Nós tínhamos chegado às portas duplas do telhado quando Bones parou de andar tão abruptamente que um dos guardas colidiu com ele.

"Inferno sangrento," Bones murmurou.

Minha cabeça virou pra trás, mas nada incomum estava acontecendo exceto o guarda parecendo constrangido por ter trombado com as costas de Bones. Então pena e determinação agitaram meu subconsciente. Fiquei tensa. Aquelas não eram minhas emoções.

"O que?" Eu perguntei a Bones.

A expressão dele ficou tão controlada que o medo se incendiou em mim. Os guardas perto de nós trocaram olhares confusos, mas se eles sabiam qual era o problema, eu não podia dizer. Eu não podia ouvir os pensamentos de ninguém no momento, exceto os meus.

Bones pegou minha mão. Sua boca se abriu, mas antes que ele pudesse falar, as portas do telhado se abriram pra fora e um vampiro musculoso com cabelo curto e castanho caminhou em nossa direção.

"Cat, o que você está fazendo aqui?" Tate quis saber.

Eu ignorei a pergunta do meu ex primeiro oficial, mantendo minha atenção em Bones. "O que?" eu perguntei uma segunda vez.



As mãos dele apertaram as minhas. "Seu tio está muito doente, Kitten."

Algo frio subiu pela minha espinha. Eu olhei para Tate. Pela posição austera de seus ombros, Bones estava certo.

"Onde ele está? E por que eu não fui *chamada*?"

A boca de Tate se retorceu. "Don está aqui, na ala médica, e você não foi chamada porque ele não queria que você soubesse."

Tate não parecia que aprovava aquela decisão, mas a raiva me incendiou.

"Então o plano era não me contar a menos que houvesse um funeral para comparecer? Legal, Tate!"

Eu passei por ele, puxando minha mão da de Bones para me lançar para dentro do edifício. A ala médica era no segundo sub-nível, um andar acima do centro de treinamento e dois andares acima de onde costumávamos manter vampiros presos. Eu golpееi o botão do elevador para descer, batendo meu pé com impaciência. Os guardas me olhavam de forma assustada, mas eu não me importei que meus olhos estivessem brilhando ou que as presas pressionassem contra meus lábios. Se aqueles guardas ainda não sabiam sobre vampiros, Tate podia lidar com isso alterando suas memórias então eles não lembrariam mais tarde.

"Como diabos você sabe sobre Don?" Eu ouvi Tate perguntar a Bones.

"Pelo monte de atividade acontecendo para fazê-lo apresentável para ela," foi a curta resposta de Bones. "Leitura de mente, lembra?"

As portas do elevador se abriram e eu entrei, não me importando em ouvir nada mais. Normalmente eu estaria preocupada em deixar Bones sozinho com Tate já que os dois se misturavam como óleo e água. Mas agora, todos os meus pensamentos estavam em meu tio. O que estava errado com ele? E *por que* ele proibiu qualquer um de me contar?

Eu quase saí correndo do elevador quando ele se abriu no segundo andar, me lançando corredor abaixo e passando pelas portas marcadas ALA MÉDICA. Eu ignorei a equipe pela qual passei pelo caminho, não precisando deles para me dizer onde meu tio estava. A tosse de Don e ele resmungando com alguém no último quarto a direita me disse isso.

Eu reduzi o passo quando cheguei na porta, não querendo entrar subitamente se meu tio normalmente encantador não estivesse vestido.

"Don?" Eu gritei, me sentindo hesitante agora que só uns poucos passos nos



separavam.

"Me dê um momento, Cat," foi sua resposta, parecendo rouca mas não como se ele estivesse em perigo iminente de morrer. O alívio tomou conta de mim. Talvez Don tivesse pego gripe suína ou algo igualmente ruim, mas agora ele estava se recuperando.

Uma enfermeira que não reconheci saiu do quarto dele, me dando uma olhada que não precisava de habilidades de leitura de mente para interpretar.

"Ele está se vestindo," ela disse em tom decidido enquanto o cheiro de irritação, parecido com amônia, emanava dela.

"Eu presumo que ele não deveria estar de pé fazendo isso?" eu perguntei a ela.

"Não, mas isso não o está impedindo," ela respondeu asperamente.

"Eu posso te ouvir, Anne," meu tio revidou.

Ela me deu outro olhar aguçado antes de baixar a voz para sussurrar. "Não o deixe se forçar demasiadamente."

Uma rodada de tosse antecedeu o balbuciar do meu tio, "Eu ainda posso te ouvir." Minhas sobrancelhas se ergueram. O que quer que estivesse errado com a saúde de Don, seus ouvidos estavam afiados como sempre.

Depois de outra série de sons desajeitados, meu tio abriu a porta. Ele vestia uma bata levemente amarrotada combinando com calças cinza que combinavam com a cor dos seus olhos. Por um segundo eu só pisquei, percebendo que essa era a primeira vez que eu via Don com o cabelo em desordem e vestindo algo que não era terno e gravata.

"Cat. Temo que você tenha me pego um pouco de surpresa."

A ironia em sua voz era familiar, mesmo que sua aparência não fosse. Nos meses em que não vi meu tio, ele parecia ter envelhecido dez anos. As linhas ao redor de sua boca e olhos eram nítidas, seu cabelo grisalho estava quase branco e sua postura impecável estava ligeiramente curvada. Eu engoli o nó que se formou na minha garganta.

"Você me conhece," eu consegui falar. "Sempre uma dor na bunda."

Don esticou a mão para apertar meu ombro. "Não, você não é. Nem mesmo quando está tentando ser."

O jeito que ele disse aquilo, combinado com a tristeza que passou rapidamente por sua expressão, quase me fez desabar. Nesse momento eu soube que sua



condição era terminal. Caso contrário, Don teria me dito com uma afeição sarcástica que sim, que eu era uma dor na bunda colossal e que sempre seria. Não segurar no meu ombro de forma trêmula enquanto conseguia me dar um sorriso.

Todas as coisas que eu não percebi antes ficaram claras. A tosse frequente de Don nas últimas vezes em que falei com ele, justificada como "apenas um resfriado". Os planos cancelados de última hora, remarcados apenas para serem cancelados novamente...

Eu o envolvi com meus braços, sentindo a perda de peso que as roupas encobriam, dando uma respirada profunda que encheu meus pulmões com o cheiro de antissépticos, suor e doença. Mais lágrimas queimavam meus olhos e eu pisquei para afastá-las. *O que quer que esteja errado com ele, sangue de vampiro vai curá-lo*, eu me lembrei, tentando segurar minhas emoções. Provavelmente Don estava sendo teimoso e se recusando a beber um pouco, mesmo que ele, dentre todas as pessoas, soubesse dos incríveis poderes de cura do sangue dos imortais.

Bom, eu o faria repensar dessa estúpida decisão.

"Então, eu ouvi que você não queria que eu soubesse que está doente," eu disse, conseguindo soar levemente apreensiva ao invés de histericamente preocupada. Ponto pra mim.

"Você tinha o suficiente para lidar ultimamente," Don respondeu.

Eu o soltei e passei o olhar pelo quarto. Sua cama era uma daquelas ajustáveis onde a cabeceira e o pé podiam ser erguidos, mas faltavam as grades normais de hospital dos dois lados dela. Em cima da bandeja de rodinhas que estava próxima havia um notebook aberto, ao lado de várias pastas empilhadas, seu celular, pagers e um telefone interno de escritório.

"Típico de você não parar de trabalhar mesmo que pareça estar com o pé na cova," eu disse meio que fazendo piada, meio que censurando.

Meu tio me lançou um olhar maligno. "Posso parecer estar com o pé na cova, mas você é a que está na cova, lembra?"

Eu teria sorrido perante sua afirmação sarcástica, mas eu estava preocupada demais pelo tom acinzentado de sua pele e o jeito lento e doloroso com que ele se movia enquanto se afastava de mim. Meu tio sempre teve uma presença de comando não importando as circunstâncias, mas agora, ele parecia frágil. Isso me assustou mais do que encarar forças inimigas desarmada.

"Qual é o problema que te trouxe aqui?" eu perguntei, mais uma vez



controlando o medo que fez minha voz sair mais alta do que o normal.

"Eu tenho uma gripe forte," Don respondeu, suas palavras enrouquecidas por uma tosse.

"Não minta pra ela."

A voz de Bones fluíu pelo quarto e, alguns passos depois, ele também. Seu olhar castanho escuro focado em Don, que enrijeceu visivelmente.

"Suas habilidades não lhe dão o direito de—"

"Meu parentesco dá," eu interrompi Don, apertando os punhos. "Você é minha família. Isso significa que eu tenho o direito de saber." *E se você não me contar, vou simplesmente hipnotizar sua enfermeira até que ela conte*, eu acrescentei mentalmente.

Don ficou em silêncio por um longo momento, olhando entre eu e Bones. Finalmente, seu ombro se ergueu em um fraco dar de ombros.

"Eu tenho câncer de pulmão." Seu sorriso era forçado, mas seu humor seco como marca registrada ainda estava presente. "Parece que aqueles avisos nos pacotes de cigarros estão certos."

Tudo em mim ficou tenso assim que ele disse a palavra com C. "Mas eu nunca vi você fumar," eu falei sem pensar, atordoada em negação.

"Eu parei antes de nos conhecermos, mas por trinta anos antes disso, eu tinha o hábito de um maço por dia."

Câncer de pulmão. Avançado também, para ele parecer desse jeito e se permitir a ficar nas instalações médicas do complexo. Dizer que Don era viciado em trabalho era pouco. Em todo o tempo em que o conheci, meu tio não tinha tirado folga para férias, feriados ou aniversários, sem contar dias doente. Então no meio da minha absorção atordoada dessa notícia, uma mentalidade metódica tomou conta de mim, misericordiosamente bloqueando a dor que me fazia sentir como se tivesse sido atingida no estômago.

"Presumo que os médicos vão operar? Ou fazer quimio? Ambos? Qual o plano de tratamento que eles lhe deram?"

Ele suspirou. "É avançado demais para cirurgia ou químio, Cat. Meu plano de tratamento é fazer o máximo do tempo que me resta."

Não. A palavra ressoou em minha cabeça tão alta quanto aquelas conversas não benvindas tinham feito antes. Então eu afrouxei o aperto dos punhos, tentando fazer minha voz soar calma. Choro e pânico não iriam ajudar, mas



uma lógica calma sim.

"Talvez sua condição esteja além do que a medicina tradicional possa tratar, mas você tem outras opções. Sangue de vampiro vai curar seus pulmões de sustentar futuros danos, talvez até coloque o câncer em remissão—"

"Não," Don interrompeu.

"Droga!" eu exclamei. Era demais para uma aproximação calma e racional. "Você está deixando a intolerância entrar no caminho do seu bom senso. Seu irmão era um imbecil antes de se tornar um vampiro, Don. Se transformar em um não *me* fez maligna e beber sangue de vampiro para ajudar sua condição não fará de você maligno."

"Eu sei," ele disse, me surpreendendo. "Eu comecei a beber sangue de vampiro logo depois que fui diagnosticado há sete anos atrás. Você fez isso possível com os vampiros aprisionados que você trouxe das missões quando estava trabalhando pra mim. Você está certa, ele colocou o câncer em remissão, mas a hora chega pra todo mundo e ela, finalmente, chegou pra mim."

Sete *anos*! Minha mente rodou. "Você escondeu isso durante todo o tempo em que nos conhecemos? *Por que?*"

O suspiro de Don sacudiu sua garganta. "Eu não confiava em você quando se juntou ao time da primeira vez, assim como você lembra. Então eu não quis te distrair de seu trabalho. Depois que você descobriu que era minha sobrinha... bem. Coisas aconteceram. Você teve muito com o que lidar nos últimos dois anos, mais do que a maioria das pessoas tem em suas vidas inteiras. Eu ia te contar, mas eu queria me dar tempo para resolver algumas coisas primeiro."

Eu sabia que minha boca estava aberta, mas parece que eu não conseguia encontrar força de vontade para fechá-la. Bones veio até mim e pegou minha mão, a apertando, sem falar nada.

"Você deve ter tido um motivo importante para vir aqui sem ligar," Don disse. "O que está acontecendo?"

Eu não podia acreditar que ele esperava que eu mudasse de assunto, como se o tópico sobre sua morte iminente não merecesse mais discussão.

"Químio, cirurgia e sangue de vampiro podem não serem capazes de te ajudar, mas *eu* ainda posso." As palavras jorraram de forma imprudente. "Sou uma vampira agora e posso te transformar em um também. Você não irá dever nada a mim sobre aquela baboseira de lealdade, e se transformar irá curar tudo—"



"Não."

A única palavra era suave, mas enfática. Meu argumento imediato e esbravejante desvaneceu quando Don foi dominado por uma crise de tosse.

"Mas você não pode... você não pode simplesmente *morrer*," eu sussurrei.

Ele endireitou o corpo, controlando a tosse. A mesma vontade feroz que teve quando ordenou que Tate atirasse em mim no dia em que nos conhecemos ainda estava em seus olhos cinza.

"Sim, eu posso. Isso se chama ser humano."

Eu engoli a seco. O mesmo argumento que usei uma vez com Bones para racionalizar por que um relacionamento entre nós não poderia funcionar tinha acabado de ser jogado na minha cara. Agora eu conhecia a frustração que Bones deve ter sentido na época, porque eu tinha uma repentina vontade de chacoalhar Don até a teimosia cega sair de sua cabeça.

Mas já que eu não podia fazer isso, eu tentei outra tática. "Você é indispensável para essa operação. Se você se for, eu não seria a única a sofrer. Pense no time—"

"Eles tem Tate," Don me interrompeu. "Ele assumiu esse departamento nos últimos três meses e ele tem feito um excelente trabalho."

"Tate é necessário em campo, não gerenciando," eu argumentei assim como balancei com essa nova informação. "Você só tem outro vampiro e um ghoul no time além de Tate. Não é suficiente quando se vai atrás de imortais. E também, uma merda séria está se formando com os ghouls no momento."

Uma tosse fez Don pausar antes de responder. "Podemos ter outro vampiro no time em breve."

Deve ser Cooper. Ele era o próximo na fila de perder sua pulsação. Parece que um monte de mudanças aconteceram. Mesmo que eu não fosse mais um membro do time, eu achava que ser uma amiga e família significasse que *alguém* ia me manter no circuito. Cara eu estava errada.

"Cristo Todo Poderoso," Bones murmurou.

Don lhe lançou um olhar. "Vamos falar sobre isso mais tarde. Agora, me diga qual é a encrenca com os ghouls, Cat."

A expressão do meu tio dizia que continuar a discutir as razões óbvias do porquê ele deveria salvar sua vida só seria sem sentido nesse momento. Eu tentei me recompor o suficiente para focar no motivo de termos vindo, mas eu



senti como se o chão tivesse se aberto debaixo de mim.

"Você se lembra que no ano passado um líder ghouls, Apollyon, estava todo exaltado com o fato de eu, possivelmente, me transformar em uma híbrida vampiro-ghoul? Bem, ele não se acalmou..."

Vários minutos mais tarde, eu tinha dado a Don todos os detalhes que conhecíamos. Ele repuxou as sobrancelhas enquanto ouvia. Quando eu terminei, ele soltou um suspiro pesado.

"Aqueles vampiros se reportando a vocês é um bom começo, mas eu não acho que seja o suficiente. Se as hostilidades aumentarem entre vampiros e ghouls, humanos irão suportar o maior peso dos efeitos colaterais. Precisamos de alguém para se infiltrar no grupo de Apollyon. Descobrir tudo que estamos apenas supondo no momento."

Soltei um grunhido. "Seria ótimo, mas há um problema. Qualquer ghouls em que confiamos o suficiente para espionar seria conhecido como alguém ligado a Bones e seria morto na hora. Encontrar alguém durão e confiável que Apollyon não reconheceria será difícil..."

Minha voz foi sumindo mesmo quando Bones ergueu uma sobrancelha. Don me deu um pequeno aceno com a cabeça em confirmação.

"Dave."

Fechei os olhos, odiando a ideia do meu amigo em tal situação, mas Don estava certo. Dave era esperto, durão, experiente e já estava morto. Bones tinha criado Dave como um ghouls há mais de dois anos atrás depois que Dave foi morto em uma missão, mas poucas pessoas no mundo imortal tinham conhecido Dave. Ele esteve ocupado demais como um membro do time de Don para frequentar muitas festas de presas ou de comedores de carne.

"Vamos perguntar pra ele," eu decidi. "Deixá-lo decidir se quer fazer isso. Ir disfarçado é sempre perigoso, mas ir disfarçado para se infiltrar em um grupo de fanáticos assassinos imortais é arriscado demais para fazer com que seja uma ordem."

"Vá buscá-lo," Don disse. "Ele está na Sala da Destruição."

Encontrei o olhar teimoso do meu tio com meu olhar igualmente obstinado. "Vou buscá-lo e vamos lidar com a situação dos ghouls, mas não vou desistir de você. Pense sobre minha oferta. Sobre todas as mudanças positivas que você pode fazer no mundo se ainda estiver vivo."

Ele me deu um sorriso fraco. "Eu sempre poderia morrer, Cat. Seja em alguns meses ou em alguns anos, é inevitável. Você já devia ter aceitado isso, mas



você não o fez. Você pensa com a mente de um vampiro desde o dia em que nos conhecemos. Suas presas são novas, mas essa é a única diferença desde que você se transformou."

Eu mordi meu lábio, me recusando a reconhecer que ele podia estar certo.
"Vou buscar Dave."



CAPÍTULO CINCO.

Eu saí do quarto de Don com Bones me seguindo, tentando me concentrar em qualquer coisa exceto no olhar teimoso e triste do meu tio. Click-click-click iam meus sapatos no ladrilho. *Câncer de pulmão*. Click-click-click, me levando para perto do elevador. *Passou do ponto para cirurgia, quimioterapia ou sangue de vampiro*. Click-click-click. *Sabe há sete anos*.

Entretanto, uma vez dentro do elevador, meu controle se quebrou e lágrimas embaçavam minha visão. Além da minha mãe, Don era a única família de verdade que eu ainda tinha. Meus avós foram assassinados há vários anos, e meu pai estava vivendo uma nova definição de "sufoco" por tentar me matar repetidas vezes. Mesmo que nosso relacionamento não fosse de forma alguma próximo do normal, nos últimos anos, Don se tornou a coisa mais próxima de pai que já tive.

E logo ele estaria morto. Para sempre.

Bones me envolveu em seus braços. Com sua altura, meu rosto estava pressionado em sua clavícula, sua jaqueta de couro fria contra minha bochecha enquanto suas mãos alisavam meu cabelo. Eu me agarrei a ele, me afundando no oásis de seu abraço, sentindo sua força não apenas na parede musculosa de seu corpo, mas também no poder que me envolvia como uma nuvem espessa enquanto ele baixava os escudos de sua aura.

Então eu o afastei, clareando o rosa de minha visão com várias piscadas. Se eu me deixasse continuar com isso agora, eu não seria capaz de lidar com as tarefas importantes que estavam por vir. Eu não estava desistindo de Don, mas eu tinha que me recompor e me concentrar no que precisava ser feito. Essa não era a hora para eu desmoronar.

"Estou bem," eu disse para Bones, estendendo uma mão quando ele ia falar. "Vamos apenas buscar Dave. Uma crise por vez, certo?"

As portas do elevador se abriram para revelar um vampiro sombriamente bonito do outro lado, de cabelo preto em um rabo de cavalo frouxo e que apresentava expressão normalmente brincalhona.

"Hey, Juan," eu disse, conseguindo dar um sorriso hesitante.

"Querida," ele murmurou, abrindo os braços. Mesmo apesar de eu estar chateada com ele, eu fui até ele, dando um breve abraço.

"Lo siento," ele sussurrou quando eu o soltei.

"Sim, eu também sinto," eu respondi tristemente. "Você, Tate, Dave—*todos*



vocês deviam ter me contado."

"Don nos fez prometer não contar. Ele não queria te preocupar."

Eu estava chateada demais para rir da ironia daquilo. "Tarde demais agora."

"Bones, *mi amigo, cómo es usted?*" Juan disse em seguida. Bones respondeu no mesmo idioma, mas eu estava distraída demais para me preocupar em traduzir o espanhol deles enquanto eu ia em direção a Sala da Destruição. Apesar do meu voto de não pensar sobre a condição de Don, uma parte de mim ainda estava ocupada tramando meios de salvá-lo. *Talvez o sangue de vampiro que Don usou para tratar seu câncer apenas não fosse forte o suficiente. Se ele começasse a ingerir sangue de vampiro Mestre—como de Bones ou de Mencheres— talvez seus resultados fossem diferentes.*

Mais ao fundo do corredor, as portas duplas na área de treinamento se abriram e Tate saiu. Ele vinha direto na minha direção, mas eu nem ao menos olhei pra ele enquanto eu seguia pelo corredor em direção a mesma sala que ele tinha acabado de sair.

Tate pegou meu braço quando emparelhamos um com outro. "Cat, há algo que preciso—"

"Guarde pra si," eu respondi, sacudindo sua mão de meu braço. "Você não tinha como correr rápido o suficiente pra me contar quando achou que Bones estava me traindo ano passado, mas quando se tratou de Don e algo que realmente era *verdade*, então você é todo cheio de silêncio respeitoso."

"Não é isso—" ele começou, tentando falar mais uma vez.

Bones agarrou Tate antes que sua mão pudesse encostar em minha pele, aparecendo mais rápido do que se ele tivesse se materializado do ar ao nosso redor.

"Se você gostaria de continuar com isso," ele disse com um rosnado enquanto seus dedos apertavam o braço de Tate, "não tente tocá-la novamente."

Em qualquer outro momento eu teria feito objeção, sabendo que Bones nunca blefava e ele *iria* arrancar o braço de Tate, mas hoje eu não me importava. Dentre o silêncio de todos sobre a saúde de meu tio, o de Tate era o que machucava mais. Sim, as coisas tinham estado tensas entre nós desde que Bones voltou para minha vida, mas por um longo tempo antes disso, Tate foi meu melhor amigo. Encarar a morte juntos em incontáveis missões tinha criado laços fortes entre nós, mas essa foi a gota d'água pra mim.

"Melhor ainda, tente me tocar de novo e *eu irei* arrancar seu braço," eu revidei, o contornando para continuar seguir pelo corredor. "Eu aguentei muito de você



apesar de sua animosidade por Bones e a recusa em aceitar que você e eu nunca seremos mais do que amigos. Mas depois disso, acabou entre nós, então fique longe de mim."

Atrás de mim, Juan limpou a garganta. "Ah, *querida*..."

"Não se incomode em defendê-lo," eu respondi, escancarando as portas pesadas da área que apelidamos de Sala da Destruição devido ao treinamento intenso nela. "Não estou—"

Minha voz falhou enquanto meus olhos se arregalaram. Lá, no meio da sala, estava uma vampira morena correndo através do que parecia ser um novo curso de obstáculos, se esquivando facilmente de blocos de cimento que caíam contra ela.

"O que?" eu arfei.

A vampira não me ouviu. Tate murmurou algo que parecia como "eu tentei te avisar," mas eu não me virei. *Ela está usando uniforme*, minha mente notou debilmente, imediatamente seguida por *Porque DIABOS ela está usando um uniforme?*

"Mãe!" Eu gritei para ela. "O que você está *fazendo* aqui?"

Ela virou a cabeça—e então ela foi derrubada pelo próximo bloco de cimento balançando. Mesmo a distância, eu pude ver o olhar irritado que minha mãe me lançou enquanto ela se levantava com um pulo.

"Descuidada, Crawfield!" Cooper latiu pra ela em sua posição de fiscalizar o curso de obstáculos.

"Catherine está aqui," ela respondeu, apontando.

Ele se virou, um olhar culpado passando por suas feições cor de café. Meu choque se dissolveu o suficiente para marchar para dentro, mal notando Bones resmungar baixinho que eles tinham uma puta sorte por meu temperamento não se manifestar mais com fogo.

Ele estava certo. Se isso tivesse sido seis meses antes, o fogo estaria sendo lançado de minhas mãos devido a esse novo choque nas minhas, já voláteis, emoções. Três meses antes e eu teria parado toda a atividade na Sala da Destruição com uma pressão furiosa de minha mente. Mas agora que aquelas habilidades emprestadas se foram, tudo que eu podia fazer era chicotear com minha voz.

"Vocês só podem estar *brincando* comigo," eu gritei para a sala toda. "Eu achei que foi uma cagada ninguém ter me contado sobre a condição de Don, mas



quem ia saber que vocês tinham ainda *mais* segredos escondidos na manga!"

"Todo mundo, dez minutos de intervalo," Dave gritou. As dúzias de membros do time pararam quaisquer atividades extenuantes com as quais estivessem envolvidos para saírem da sala—notei que usaram a porta oposta àquela em que eu estava perto.

Em minutos, a sala de treinamento estava sem ninguém exceto Cooper, Dave, Tate, Bones, Juan e minha mãe, que era a única além de Bones que não tinha uma expressão de vergonha no rosto.

"Catherine, pare de reagir de forma exagerada," ela disse de uma forma repreensiva enquanto andava até mim. "Afim de contas, eu não estou fazendo nada que você não tenha feito por uma década."

"E eu quase fui morta mais vezes do que posso contar," eu revidei, resistindo à urgência de chacoalhá-la.

Seu olhar azul endureceu. "Eu fui morta," ela respondeu sem rodeios. "Me esconder das coisas malignas desse mundo não fez nada pra me proteger. Não nessa ocasião e também não nas outras vezes antes dessa."

A culpa me atingiu com suas palavras, levando ao limite da minha raiva. Com exceção da noite em que ela encontrou meu pai, todas as outras vezes em que ela foi maltratada por vampiros ou ghouls foram por minha causa. Monstros não jogavam limpo, e quando eles vão atrás de mim, eles também vão atrás daqueles mais próximos a mim. O último vampiro com que lidei achou que transformar minha mãe a força seria uma coisa pra me ensinar uma lição. Eu só sentia pelo fato de que eu não podia matá-lo mais do que uma vez.

"Que bela diferença entre se esconder do perigo e se jogar de cabeça em seus braços," Bones apontou em um tom mais razoável do que eu teria usado. "Não posso desfazer o mal que foi feito a você entrando em sua cabeça, Justina."

"Você está certo, estou muito além de ser consertada," ela disse, a frieza brilhando por suas feições que pareciam que ela estava em seus trinta anos ao invés de quarenta e seis. "Mas outras pessoas não estão," ela prosseguiu. "Eu não posso mudar o que sou, mas matar aquele vampiro meses atrás me mostrou que posso pelo menos usar isso para garantir que outros não terminem desse jeito."

É como me ouvir quando eu era mais jovem, eu pensei com descrença. Por muito tempo, eu odiei o que eu era e descontei minha ignorância e repugnância em outros vampiros, achando que ia equilibrar a balança contra meu pai. Se não fosse por Bones me mostrando que o mal era uma decisão, não uma



espécie, eu podia ainda estar presa naquele ciclo vicioso de autodestruição.

E essa era a segunda vez no mesmo dia em que eu recebi os mesmos argumentos teimosos que uma vez usei. Eu lancei um olhar rápido e suplicante para cima. *A qualquer momento em que você quiser parar de dar o troco, Deus, seria ótimo.*

"Você poderia matar centenas de vampiros criminosos e ghouls, mas isso ainda não faria a dor ir embora," eu disse finalmente, meu senso de *déjà vu* aumentando enquanto eu repetia algumas das coisas que Bones me disse na época. "Acredite em mim, eu sei. Somente aceitando você mesma fará a dor diminuir e isso significa aceitar até mesmo partes que você não gosta ou que não escolheu."

Minha mãe desviou o olhar, piscando para afastar um repentino brilho rosa em seus olhos. "Verdade? Rodney me aceitou. Olhe onde isso o levou."

"Rodney não apenas a aceitou, ele te amou," Bones disse calmamente. "Caso contrário ele não teria morrido tentando te salvar."

Ela se virou até ficar de costas pra gente, mas mesmo apesar de sua coluna estar ereta, eu vi seus ombros tremerem. Eu queria abraçá-la, mas eu sabia que simpatia só iria colocar sal na ferida. Um abraço não traria de volta o único homem com quem ela teve um relacionamento verdadeiro.

"Eu vou atrás de cada sugador de sangue desprezível que eu puder," ela disse depois de um bom tempo, aparentemente ignorando o fato de que ela tinha insultado a si mesma com o comentário de "sugador de sangue desprezível". Quando ela se virou, seu olhar estava desprovido do rosa e iluminado com o verde vampírico. "Você não tem controle sobre isso. A única coisa que você *pode* controlar é se eu faço isso com o apoio do seu antigo grupo, se eu conseguir passar pela versão de treinamento básico deles, ou sozinha."

"Mesmo com o apoio deles, você provavelmente vai ser morta. Você não sabe como isso é perigoso." Eu soltei um suspiro de pura frustração. "Por favor, não *faça* isso."

O maxilar dela se apertou até ranger. "Eu estou fazendo isso."

"Deus, você é tão teimosa quanto Don!" eu disse, farta.

"Tão teimosa quanto outra pessoa que eu conheço também," Tate resmungou baixinho.

"Enfie isso, Tate," eu repreendi.

"Kitten." Bones colocou uma mão no meu braço. Ondas de calma pareciam



lavar meu subconsciente, acalmando minhas emoções revoltadas como uma pomada aplicada em uma queimadura. "Algumas coisas não podem ser ensinadas, só aprendidas. Mas há um assunto que *podemos* mudar; parar esses ghouls radicais. Se o número deles crescer, todos os vampiros estarão em perigo, incluindo sua mãe."

Certo. Aquele problema não podia esperar até eu tentar colocar juízo em minha obstinada família sem noção. Eu tinha que me focar nas prioridades. Primeiro: Parar a propaganda mortal e fascista na comunidade ghoul de que já tinha deixado um rastro de corpos de vampiros sem Mestre. Então eu podia continuar tentando falar com minha mãe e tio sobre seus recém-descobertos desejos de morte.

Alguma coisa cínica em mim pensou que a parte dos ghouls fanáticos poderia acabar sendo mais fácil.

Eu olhei para os membros do meu antigo time. "Caras, vocês estão na minha lista negra, tanto por esconder isso e por ocultar a situação de Don de mim, mas nós temos problemas maiores. Venham comigo para que eu possa colocá-los a par. Mãe." Eu balancei minha cabeça. "Conversamos mais tarde."

Ela refez o rabo de cavalo apertado em seus cabelos escuros enquanto se afastava. "Muito mais tarde. Eu tenho treinamento pelas próximas horas."



CAPÍTULO SEIS.

Don se sentou na cama, uma máscara de oxigênio na mesa próxima a ele. Pelas linhas fracas ao redor de seu rosto, ele estava com ela antes de entrarmos. Eu teria dito a ele pra continuar a usá-la, mas claro, aquela lógica seria a mesma coisa que falar com as paredes. Eu fechei a porta atrás de nós seis e então passei a descrever a situação com os ghouls tal como conhecíamos.

"Como eu disse para Cat, precisamos de uma pessoa dentro," Don afirmou assim que terminei. "É tão importante que estou pedindo para você, Dave, tirar uma licença prolongada do time para se infiltrar com esses fanáticos. Nosso país já tem problemas suficiente com terroristas humanos. Não podemos permitir que os imortais cresçam em poder. Os resultados poderiam ser catastróficos.

Dave passou a mão pelo cabelo. "Certo. Eu farei."

Eu sabia que essa seria sua resposta. Dave nunca recuou de uma tarefa perigosa. Nem mesmo depois que ele foi morto em uma.

Satisfação cruzou meu subconsciente por um instante antes de sumir. Eu lancei um olhar para Bones bem a tempo de ver seu sorriso fraco antes dele também desaparecer. Então caiu a ficha.

Ele pretendia isso o tempo todo. Bones sabia o que Don faria se contássemos a ele sobre os ghouls e ele também sabia que eu teria hesitado se fosse ele que tivesse sugerido que Dave fosse a pessoa disfarçada. Inferno, eu já não gostei de usar Scratch e Ed como isca e tínhamos acabado de conhecê-los.

Não era a toa que ele tinha estado tão entusiasmado em vir aqui quando eu levantei o assunto de passar pra ver meu tio. Eu queria esperar até amanhã, mas Bones disse que devíamos ir de uma vez. Eu simplesmente pensei que era porque ele queria estar de volta a Ohio rapidamente se acontecesse de Scratch e Ed se depararem com aqueles ghouls essa noite, mas no geral, ele tinha outro plano.

"Você e eu vamos conversar mais tarde," eu disse a ele com uma voz baixa e calculada.

Uma sobrancelha escura se arqueou, mas Bones não fingiu ignorância quanto a qual seria o tópico.

"Por que você é o ponto central dessa retórica de ghouls novamente, Cat?" Tate perguntou, seu olhar azul anil olhando entre mim e Bones. "Eu pensei que a paranoia de Apollyon com você tivesse terminado quando você se tornou



uma vampira por completo."

Eu me mexi, desconfortável. Esse era um assunto que eu esperava evitar, mas se Dave estava arriscando sua vida e meu antigo time estava limitado por perder um de seus membros por uma tarefa prolongada, eles mereciam saber.

"Ok, então eu tenho um tipo de transtorno alimentar..." Eu comecei antes de despejar os detalhes da minha dieta incomum e seus subsequentes efeitos colaterais.

O silêncio baixou no quarto. Meu tio parecia chocado demais até mesmo pra tossir enquanto o resto dos rapazes me olhavam com diferente grau de espanto.

"Você come *vampiros* e absorve os poderes deles?" Juan disse sem pensar. "*Madre de Dios!*"

"E eu achava que você ganhava o prêmio de esquisitice como uma mestiça, Comandante," Cooper murmurou. Então ele atirou um olhar para Bones. "Embora eu ache que ele te mantém bem alimentada."

Dave balançou a cabeça lentamente. "Você sempre teve que fazer as coisas diferente, Cat. Acredito que isso não devia ser a exceção."

Tate ainda não tinha falado, mas seu olhar me sondava. "Parece que não somos os únicos a guardar segredos," ele disse finalmente.

"Isso não é *nada* parecido," eu respondi bruscamente.

"Claro que não," ele disse com um tom que gritava *papo furado*.

"Viemos mantendo em segredo o que causa minhas habilidades porque não queríamos dar a Apollyon outra ferramenta para usar para incitar paranoia," eu disse, com irritação. "Sob circunstâncias normais, eu não acho que alguém iria se importar que me alimento de sangue imortal versus humano, mas obviamente alguns ghouls não estão pensando normalmente agora. Por que adicionar combustível àquele fogo?"

O silêncio recaiu nessa pergunta, mas era mais retórica do que algo que eu esperasse resposta.

"Agora que todos sabemos o plano, Bones e eu estamos indo," eu prossegui. "Precisamos voltar no caso de nossos espiões vampiros ligarem, sem mencionar que deixei meu gato em uma caverna só com um fantasma para cuidar dele."

"Ainda não podemos partir," Bones afirmou,



Eu olhei pra ele de forma desconfiada. O que mais ele tinha dentro da manga?
"Por quê?"

Sua boca se curvou. "Porque você ainda está com fome, Kitten."

Oh, certo. No meio de tudo que aconteceu nas últimas horas eu tinha esquecido disso. Limpei a garganta, embaraço tomando conta. Qual era a etiqueta apropriada para pedir a um amigo se eu podia beber seu *sangue*?

"Hum, Juan, você estaria disposto a—"

"Beba de mim," Tate me cortou. A cor verde esmeralda apontando em seu olhar. "Era isso que você ia pedir pra ele não era?"

"Não você," eu disse, assim como Bones ficou rígido como uma cascavel pronta para atacar. "Eu te disse antes, estou sem paciência com você."

Algo parecido com uma bufada escapou dele. "Não estou oferecendo por razões pessoais. Depois que eu vi você partir com o Príncipe das Trevas ao invés de mim quando pensou que Bones tinha te traído, eu finalmente entendi. Você não me quer e nunca vai querer. Nem se Bones estivesse fora da jogada."

Meus olhos se arregalaram assim como Bones murmurou, "Achei que você *nunca* ia aprender." Cooper e Juan fingiram ser surdos de repente, mas meu tio lançou um olhar pensativo para Tate.

"Então por que você quer que Cat tome seu sangue?" Don perguntou.

Tate endireitou os ombros. "Porque sou o líder desse time, então se o sangue de alguém vai ser derramado, é o meu."

A forma mais estranha de nostalgia tomou conta de mim. *Esse* era o Tate que derrubou meu jeito frio e reservado quando me juntei ao time pela primeira vez, vários anos atrás. Um indivíduo forte que nunca hesitou em se colocar na linha de frente, tanto por seus amigos como por sua unidade. Não a pessoa amarga e estúpida que tentou repetidamente colocar uma barreira entre mim e Bones. A amizade que eu tinha acabado de dizer que estava morta entre nós deu um pequeno sopro de vida.

"Não vou morder você. Uma agulha e uma bolsa, é assim que vamos fazer," eu esclareci ao dizer.

Tate deu de ombros. "Como quiser."

Don apertou um botão. "Anne, você pode trazer uma seringa, cateter e uma bolsa vazia?"



A enfermeira respondeu com uma afirmativa e tinha os itens trazidos num prazo de dois minutos. Tate se perfurou com a seringa, acenando para Anne sair, e logo a bolsa plástica começou a encher com líquido carmesim.

Meu estômago emitiu um ronco que, para meu constrangimento, eu tinha certeza que todas as pessoas no quarto puderam ouvir.

"Vai nos dizer por que você não está bebendo dele?" Tate perguntou, inclinando a cabeça na direção de Bones.

"Ele é muito forte. Estou adquirindo mais habilidades do que posso lidar," eu respondi, tentando não olhar de um jeito fixo para a bolsa que agora estava cheia.

"E alguém como eu é gentil e fraco." Tate deu uma bufada.

Mesmo que Tate merecesse ser rebaixado vários níveis por toda merda que ele aprontou nos últimos dois anos, eu não podia jogar sal na ferida. "Você não é fraco; você só é um vampiro jovem. Se você tivesse a idade de Bones, tenho certeza que você seria forte demais para eu beber de você."

O divertimento de Bones cruzou meu subconsciente ao mesmo tempo em que Tate resmungava, "PSI*", compaixão só piora as coisas, então da próxima vez, não tente me animar."

** Para sua informação, em inglês: FYI - For You Information - linguagem usada em Internet.*

Joguei minhas mãos para o alto. Homens. Eles eram impossíveis de racionalizar.

"Como você estava pretendendo que Dave fizesse contato enquanto estiver disfarçado?" Bones perguntou para Don, mudando de assunto.

Meu tio franziu as sobrancelhas. "Do jeito normal. Ligando sempre que ele puder fazer de forma segura."

"Muito arriscado isso," Bones afirmou. "O celular dele poderia ser monitorado, textos e e-mails copiados... você precisa de um método de comunicação que os ghouls não suspeitem enquanto ele ainda estiver ganhando a confiança deles."

"E que método é esse?" Don perguntou, com o ceticismo pesado em sua voz.

O sorriso de Bones era astuto. "Mensageiro Fantasma."

"Claro!" Eu exclamei, de repente me sentindo melhor sobre as chances de Dave. "Os outros ghouls, se eles acabarem notando Fabian, irão simplesmente



ignorá-lo. E mais, Ohio está cheia de lugares de poder, então ele pode viajar rápido se houver problema e Dave precisar ser extraído."

Don parecia intrigado. "Esse fantasma irá concordar com isso?"

"Vamos perguntar, mas aposto que ele dirá que sim." Meu ânimo melhorou ainda mais quando considerei isso. "Fabian me disse que mais do que qualquer outra coisa, ele sente falta de ser útil. Ser não corporal limita muitas coisas que ele possa participar, sabe?"

Fabian também sentia falta de companhia, que é como ele acabou comigo e Bones. Solidão não era limitada aos vivos, afinal de contas.

"Por que não podemos ter somente Fabia para espionar os ghouls e reportar ao invés de enviar Dave como espião com Fabian como vigilante?" Cooper perguntou.

Eu apertei os lábios. Por mais que essa opção me atraísse por representar menos perigo, não era prática.

"Fantasmas geralmente são ignorados, mas para Fabian conseguir juntar a mesma quantidade de informação que Dave poderia enquanto se coloca na posição de novo recruta, ele teria que, praticamente, ficar em cima dos ombros daqueles ghouls. Se eles somarem dois mais dois sobre o mesmo fantasma sempre estar por perto, eles poderiam nos dar informação errada através dele."

Às vezes o jeito antiquado era a melhor escolha, mesmo que significasse um risco maior.

Tate tirou a agulha de seu braço e o pequeno buraco se curou antes que ele me entregasse a bolsa que agora estava cheia de sangue.

"Há mais alguém que pode ser útil com essa operação," ele disse lentamente. "Um repórter freelance que fica expondo informação paranormal sigilosa para o público."

"Como um repórter pode ajudar a rastrear um grupo de ghouls fanáticos? Eu duvido que eles anunciem suas reuniões anti-vampiros no jornal."

"Esse cara tem bons instintos," Tate respondeu com um toque de amargor. "Tão bom que agora temos um funcionário cujo único trabalho é encontrar meios de desacreditá-lo cada vez que seu e-zine* Verdade Feia sai com coisas demais que o público não está pronto para saber."

**Fanzine eletrônico*

Eu não estava convencida de que um repórter pudesse ajudar. Especialmente



um que colocava na Internet informações supernaturalmente sensíveis, mas longe de mim deixar pedra sobre pedra.

"Então você vai apreender esse Morfeu moderno e falar com ele para se juntar a nossa causa?"

A boca de Tate se curvou. "Não, Cat. Você vai, porque pra começar, ele está em Ohio."



CAPÍTULO SETE.

Eu olhei para a estrada estreita a nossa frente, árvores grossas dos dois lados dando a área uma sensação naturalmente isolada.

"Dentre todos os lugares, ele tinha que vir aqui," eu murmurei. "Se ao menos nos deixarem passar pela porta, eu ficarei surpresa." Bones me deu um sorriso enquanto guiava o carro pra fora da estrada até um caminho de cascalho. Um portão aberto a minha frente era o único indicador de que essa estrada levava a alguma coisa além de um beco sem saída.

"Vamos entrar. Confie em mim."

Assim que passamos pelo portão de correntes, um grande armazém ficou a vista. Do lado de fora parecia abandonado, janelas tampadas e apenas alguns restos de lixo no estacionamento. Se eu não tivesse audição sobrenatural, eu não teria escutado a música flutuando pra fora das paredes a prova de som, mas trechos de músicas passeavam ao vendo enquanto portas ocultas abriam periodicamente.

Bones contornou o lugar em direção aos fundos. Atrás do armazém, foi possível ver outra área de estacionamento, essa lotada de carros. Por causa de sua clientela incomum, a verdadeira entrada para o clube era aqui, a imagem de armazém decrepito na frente servia somente para desencorajar motoristas que acidentalmente passavam por lá.

"Por que nós simplesmente não ficamos por aqui até ele sair do clube?" eu perguntei. "Se entrarmos, podemos ser reconhecidos."

Eu tinha deixado minha aliança de casamento no hotel em que nos hospedamos, mas eu não tinha tingido meu cabelo ou feito alguma outra coisa pra disfarçar minha aparência. E a aparência de Bones significava que ele se sobressaia não importa qual cor fosse seu cabelo.

Ele deu de ombros. "É melhor se formos reconhecidos. Só estaremos em Ohio mais alguns dias, mas se formos vistos frequentando pubs, há menos chance de aqueles ghouls acharem que estamos aqui por causa deles. Eles esperariam que ficássemos escondidos se estivéssemos."

Ele tinha um argumento. *Eu teria* esperado que ficássemos escondidos, afinal de contas.

"Além disso." Alguma coisa fria brilhou nos olhos de Bones apesar de sua voz permanecer leve. "Se eles acharem que não estamos nos dando conta de qualquer perigo, alguns deles podem ser estúpidos o suficiente para tentar nos levar. Eu só precisaria manter um vivo para verificar que é Apollyon por trás



desses ataques."

Eu me mexi no assento. Me coloque em uma luta direta e eu não tenho dúvidas quanto a ser letal, mas quando se trata do tipo de interrogação da qual o Bones estava falando, eu gostaria que houvesse um jeito melhor. Claro, não havia. Não quando se trata de mortos vivos, e se as coisas tivesse que ficar feias para impedir uma potencial rebelião ghoul... bom, pode me chamar de Hannibal Lecter. Com decote.

Faróis piscaram no espelho retrovisor quando outro carro entrou no estacionamento. Tiny e Band-Aid ficariam de olho aqui fora. Isso significava que não haveria emboscada surpresa mais tarde quando estivéssemos saindo do clube, o que me deixou mais tranquila.

Bones estacionou e eu saí, passando a mão para retirar alguns fiapos da minha saia cor de carvão. Ela era mais apertada do que eu preferia, e mais, baixa o suficiente para mostrar meu umbigo e vários centímetros da minha barriga com minha blusinha curta, mas o objetivo era parecer mais interessada em diversão do que em luta. Pode ser esperado uma lâmina ou duas nas botas de cano alto, mas só uma pessoa muito cuidadosa notaria a textura dos meus saltos ser algo diferente de madeira. Ou os leves contornos nas minhas costas, por baixo da minha blusinha, serem algo mais do que um sutiã sem alças.

Bones também estava vestido como se entretenimento fosse sua única motivação. Sua blusa de mangas longas era feita totalmente de tela preta, sua pele cristalina mais exposta do que coberta pelo material. Calças de couro de cintura baixa, apertadas o suficiente para insinuar seu patrimônio, mas com flexibilidade suficiente que não iria atrapalhar seus movimentos. O conjunto todo preto combinado com seu cabelo escuro só faziam sua pele pálida ainda mais atraente, atraindo o olhar para o corpo musculoso que aquelas centenas de buraquinhos revelavam.

Ele percebeu meu olhar demorado para onde aquela exposição de pele pelos buraquinhos da blusa terminavam e começava a parte da frente de suas calças—e me lançou um sorriso safado.

"Mantenha esse pensamento, amor. Com sorte, estaremos de volta ao nosso quarto de hotel, invadindo a Jacuzzi antes do amanhecer."

Se eu ainda fosse humana, eu poderia ter ficado corada. A lógica dizia que eu já devia ter passado da fase onde era óbvio que eu estava mentalmente despiando e assediando meu próprio *marido*. Afinal de contas, não estávamos mais no auge do começo de relacionamento. Mas quando Bones se aproximava, seus olhos escuros brilhando com toques de verde, eu ainda sentia arrepios na minha pele como se esse fosse um primeiro encontro. Então



eu ficava toda tensa em expectativa quando ele ficava tão perto quanto fosse possível sem me tocar, somente seu hálito atingindo minha pele enquanto ele falava próximo ao meu ouvido.

"Eu te disse como você está adorável essa noite?"

Uma onda de calor envolveu meu subconsciente, como se minhas terminações nervosas tivessem acabado de ser tocadas com o carinho mais quente. Minhas mãos se apertaram lentamente enquanto eu resistia à urgência de tocá-lo, apreciando a tensão se criando entre nós. Sim, isso era diferente do primeiro estágio de atração vertiginosa que eu sentia por ele, mas não diminuía o efeito dele em mim. Ao invés disso, o desejo que eu sentia era mais rico, mais forte e muito mais intoxicante quando combinado com o domínio que Bones tinha sobre meu coração.

Seu cheiro se aprofundou, aquela mistura de açúcar queimado e almíscar me tentando com a evidência que ele se sentia do mesmo jeito que eu. Na noite passada, depois de deixar o complexo, eu estava emocionalmente ferida demais pela condição de Don e pelas novas aspirações mortais de minha mãe para estar em um clima amoroso. E mais, nós tínhamos que passar as informações para Fabian, mudar da caverna e levar o fantasma para Dave no Tennessee antes de voltar para Ohio novamente. Isso deixou pouco tempo para fazer alguma coisa além de poucas horas de sono antes de sair para as atividades dessa noite.

Agora, entretanto, eu gostaria que tivéssemos passado mais uma hora ou mais no quarto de hotel antes de sair para vir a esse clube. Seu comentário sobre a banheira de hidromassagem fez algumas imagens explícitas dançarem em minha mente. Como o quanto devastador Bones pareceria usando nada exceto espuma—e então nada exceto meu corpo.

Outro pensamento provocou minha mente. *Por que esperar? O assento de trás do nosso carro estava há apenas alguns metros de distância...*

"Sabe, além das suas habilidades de ler mente, eu devo ter absorvido alguma promiscuidade do seu sangue," eu disse, dando uma pequena balançada com a cabeça. Tinha que ser. Normalmente eu não pensaria em transar em um estacionamento quando tínhamos um repórter para pegar lá dentro e dois amigos imortais há apenas alguns metros de distância.

Uma risada suave fez cócegas em meu pescoço enquanto um carinho invisível de sua aura se intensificava. "Fique firme, meu coração que não bate."

O tom pecaminoso que ele usou dizia que ele estava muito aberto a ideia de atrasar nossa aparição dentro do clube—e incomodar os ouvidos de Tiny e



Band-Aid—e eu deveria sugerir aquela opção no banco de trás. Eu dei um passo pra trás, decidindo qual era o melhor dos interesses para minha decência rapidamente diminuída não tocar nele até estarmos seguros dentro do clube.

Apesar de que possibilidades também espreitavam lá...

"Vamos, hum, encontrar nosso amigo repórter," eu disse, as palavras se amarrando enquanto uma brisa fazia seu cheiro me envolver em uma onda de fragrância cheia de desejo. Eu não pude resistir a dar uma olhada cheia de cobiça para o carro antes de eu me dar um tapa mentalmente. *Limpe essa mente, Vadia. Pessoas para ver, ghouls malvados para impedir, lembra?*

Bones respirou profundamente, me fazendo imaginar se o ar também estava impregnado com meu estímulo sexual. Provavelmente. O cheiro era um indicador de desejo muito mais óbvio para vampiros do que um homem com um pau duro em suas calças era para humanos.

"Certo," ele disse, a única palavra guarnecida com um toque de irregularidade. Então ele recolheu sua aura, a energia invisível ao redor dele diminuindo até que somente um formigamento leve de um vampiro mediano permaneceu. Ao mesmo tempo, minha ligação com as suas emoções parou, de forma tão abrupta como quando cai a ligação de um celular. Somente vampiros muito velhos ou Mestres tinham a habilidade de camuflar seus níveis de poder, o que os fazia muito mais perigosos. Bones pode querer que, eventualmente, sejamos reconhecidos, mas parecia que estávamos indo de forma discreta pra começar.

Andamos para a entrada do Bite. A fila de humanos esperando para entrar era menor do que de costume, mas eu presumi que fosse por ser uma noite de quarta-feira ao invés de um fim de semana. Nós não esperamos no fim da fila, nossa falta de pulsação era o mesmo que estar numa lista VIP aqui. Mas assim que chegamos perto o suficiente para a segurança feminina alta e musculosa nos notar, ela ergueu a mão.

"Fiquem aonde estão. Verses está puto com vocês dois."

Bones deu a vampira seu sorriso mais charmoso. "Vamos lá, Trixie, ele não pode ainda estar irritado por causa daquele incidente insignificante."

A boca dela se abriu com descrença, exibindo seus incisivos banhados a ouro. "Insignificante? Vocês demoliram o estacionamento!"

"Pelo menos vá buscá-lo para que ele mesmo possa nos dizer pra cair fora, se é assim que ele se sente sobre isso," Bones respondeu, ainda com aquele



mesmo sorriso passivo.

Trixie emitiu um ruído exasperado, mas ela gritou um comentário para alguém que eu não podia ver, dizendo para buscar o proprietário. Depois de pouco tempo, um ghoul grande e negro apareceu, uma expressão completamente hostil em seu rosto.

"Você deve ter muita coragem pra voltar aqui—" Verses começou.

"Vamos lá, camarada, aquilo não foi nossa culpa e você sabe disso," Bones interrompeu, dando um tapinha nas costas dele. "Poderia ter acontecido a qualquer um, mas só estamos aqui agora pra beber e dançar um pouco."

Se fosse possível, as feições cor de café do ghoul se escureceram ainda mais. "Não ache que porque fomos amigos por oitenta anos sou estúpido o suficiente pra acreditar nisso. Esse lugar serve como uma pausa para toda nossa espécie. Nenhuma violência nas dependências e o estacionamento *ainda* é dependência!"

"Eu realmente sinto muito sobre o que aconteceu antes, mas não vamos nem dobrar um canudinho do jeito errado dessa vez," eu me meti na conversa, dando a Verses meu sorriso mais encantador.

"Realmente," Bones acrescentou, seu próprio sorriso se alargando. "Por minha honra, camarada."

"E por seu cartão de crédito, se alguma coisa tiver o mínimo amassado," Verses se afastou antes de soltar um grunhido. "Muito bem. Entrem, mas não me façam me arrepender disso."

A primeira vista, até mesmo pessoas que não podiam sentir a vibração que os clientes imortais emitiam podiam adivinhar que Bite não era um clube típico. Primeiro, as rajadas aleatórias de luzes pelo teto eram muito mais calmas do que em um clube normal, e também o interior era mais escuro do que o que as diretrizes legais permitiriam. A música também não era dolorosamente alta para meus ouvidos, outra concessão aos sentidos ampliados que os vampiros e ghouls tinham.

Mas a diferença mais notável era que os bares não eram os únicos lugares onde os clientes podiam conseguir bebidas. Em cabines, na pista de dança e até mesmo nos cantos, casais se agarravam em abraços que, olhando mais de perto, eram mais predatórios do que apaixonados. O cheiro de sangue perfumava o ar com um leve cheiro penetrante de cobre, provavelmente excitando o paladar de Bones, mas não fazendo nada com o meu porque era sangue humano e não de vampiro.



"Por quanto tempo você quer esperar antes de nos separarmos?" Eu sussurrei para Bones assim que ficamos longe de Verses. Se caso o dono do Bite ainda estivesse nos vigiando, não poderíamos deixá-lo com suspeitas se nos separássemos imediatamente depois de ressaltarmos que estávamos aqui só para diversão.

"Vamos começar com algumas bebidas. Então talvez você possa ir passar pó no seu nariz e fazer o caminho mais longo para voltar. Depois disso, eu vou encontrar alguém de quem tomar um gole e eu serei bem meticoloso quanto a minha escolha," ele respondeu com um tom igualmente suave.

Pra mim parecia um plano. Afinal, nós dois reconheceríamos o repórter de cara se ele estivesse aqui. Eu deixei Bones me guiar para o bar, contente de que, até agora, só meus pensamentos se agitavam em minha mente. Eu esperava que com a maior porcentagem de clientes nesse clube sendo imortais, se eu comesse a captar qualquer pensamento disperso, eu não me sentiria alarmada como no shopping. Acho que haviam benefícios em frequentar lugares cheios da minha própria espécie ao invés de ter a maioria de humanos ao meu redor.

Minha própria espécie. Que estranho eu me sentir assim agora. Eu passei os primeiros dezesseis anos da minha vida sem saber sobre minha herança mista, então os seis anos seguintes odiando vampiros até eu encontrar Bones. Agora, aos vinte e nove, sendo completamente vampira por menos de um ano, mas eu quase não podia me lembrar como era pensar em mim como humana. Eu não me sentia assim desde quando minha mãe me contou porque eu era diferente de todo mundo.

"Gim e Tônica e também um uísque, puro," Bones disse ao atendente do bar.

Por incrível que pareça, aquilo me fez sorrir. Afinal de contas, algumas coisas não mudaram.



CAPÍTULO OITO.

Eu estava voltando da minha terceira viagem ao banheiro, pensando que meu nariz não poderia estar menos brilhante e feliz por banheiros públicos já não serem um mal necessário para mim, quando um grito me fez virar a cabeça.

“Me solta!”

Mesmo acima da música e dos outros ruídos, as palavras eram distintas. Me virei e fui em direção à fonte daquele grito, percebendo que vinha das cabines no canto mais distante, onde encontrei Bones pela primeira vez. Um grupo de vampiros reunidos em círculo, de costas pra mim. Eles tinham alguém no meio deles, e a julgar por aqueles sons, quem quer que fosse não estava feliz.

“Tire suas mãos de mim!” veio outro grito, muito agudo para eu poder dizer se reconhecia quem estava falando.

“Você conhece as regras. Leve essa coisa para fora das instalações,” o DJ vociferou. Percebi que ele não parecia muito preocupado com o que aconteceria depois daquilo.

Alcansei os vampiros assim que eles empurraram o homem, que estava gritando, para fora do meu campo de visão. Pelo som frenético de batidas dentro de seu peito, ele era humano.

“O que está acontecendo, pessoal?” Minha voz era casual e eu mantive minhas mãos longe da prata presa à parte superior das minhas costas. Afinal, eu tinha prometido a Verses que não quebraria suas regras dessa vez.

Um dos vampiros me olhou de forma hostil. “Não é da sua conta, Ruiva.”

Bones entrou na área, obviamente por ter escutado a interrupção e o meu envolvimento nela. Ele sorriu para o grupo de vampiros, mas não foi o que os fez parar para lhe dar plena atenção. Foi o poder que Bones emanava quando ele deixou seus escudos caírem e todo o peso da sua aura explodiu como um gêiser, agitando o ar em torno dele como correntes invisíveis.

“Acredito que minha esposa lhe fez uma pergunta,” ele fez a observação em um tom, aparentemente, de calma.

Isso era tão não feminino da minha parte, mas as expressões de desconfiança que se instalaram em seus rostos me fez morder a bochecha para não rir. *Apenas ter vários dos seus amigos ao redor não significa que você tenha a melhor mão, hein, meninos?*

“O humano é um espião,” aquele que foi brusco comigo falou para Bones de uma forma muito mais respeitosa. “Eu o vi vindo aqui antes, fazendo perguntas



sobre nossa espécie... agora o pegamos tirando fotos. Você sabe que não podemos ter isso."

Eu ainda não podia vê-lo atrás da parede de vampiros, mas eu estava apostando que esse era o repórter que estávamos procurando. E assim que eles o levassem para fora das instalações, ele estava na merda.

Vampiros e ghouls fariam qualquer coisa para garantir que todos, exceto alguns poucos humanos selecionados, alegremente desconhecêssem que dividem o planeta com criaturas que deviam ser um mito.

"Dê ele para mim," eu disse, pensando rápido. "Vou limpar sua mente e destruir todo o seu equipamento. Sem dano, sem infração."

"Mas estou com fome," um deles protestou.

Ah sim, o controle de danos que pretendiam era muito mais permanente. "Muitas pessoas aqui ficariam felizes em ajudá-los com isso, mas você não *vai* levá-lo," eu disse, minhas palavras suaves, mas de aço.

O aparente líder do grupo me ignorou quando puxou um cigarro, o enfiando entre os dentes.

"Não há necessidade de lutar. Você o quer? Vou negociar," ele disse para Bones.

Tinha passado meu divertimento inicial sobre a forma que esses vampiros estavam tão focados em Bones que eu parecia ser invisível para eles. Além disso, Bones *tinha* dito que seria melhor se fôssemos reconhecidos. Bem, deixe que isso sirva como minha apresentação.

"Eu tenho uma ideia. Que tal braço de ferro? O vencedor leva o ser humano."

Isso o fez voltar sua atenção para mim. O grupo irrompeu em risadas e o olhar do líder realmente ficou rosa com lágrimas de tanto rir.

"Você só pode estar brincando," ele conseguiu dizer.

Eu sorri de forma doce pra ele. "Nem um pouco."

Seu olhar se voltou para Bones. "Você não vai deixá-la fazer isso, vai?"

Bones bufou. "*Deixar?* Camarada, se você pensa que pode controlar uma mulher, você deve ser solteiro—e aposto mil libras que ela chuta sua bunda."

"Podemos usar isso," eu prossegui, caminhando para uma mesa alta que estava encostada na meia parede que separava a área das cabines da pista de



dança. "Vamos lá. A noite está passando."

Uma pequena multidão começou a se formar. Não olhei para eles, concentrando minha atenção no líder enquanto eu levantava uma sobrancelha convidativa. Eu poderia ter sugerido que fossemos para fora das instalações. Apostar numa briga ao invés de um simples teste de força, mas apesar de eu não estar prestes a ser dispensada como uma acompanhante de rostinho bonito, eu também não estava procurando fazer novos inimigos.

O vampiro entregou seu cigarro a um de seus amigos antes de vir. Arregaçou a manga direita com um olhar confiante em minha constituição física bem mediana. Se ele estivesse medindo minha aura para medir meu nível de energia, ele não encontraria nada intimidador lá. Bones me disse que eu parecia como um vampiro novo, que era um bom disfarce, assim como meu batimento cardíaco quando eu era metade humana. Em comparação, o vampiro era quase tão alto quanto Bones, mas com cabelos negros e uma forte estrutura que constituía de grandes músculos sob uma camada de carne firme. Porém, sua aparência não era no que eu prestaria muita atenção. Era sua aura, dando a ele uns míseros quinze anos, e ele carregava sua grande estrutura com graça.

Não era um adversário imbatível, mas tampouco era meia boca. Eu ajustei meu cotovelo na mesa, não precisando de qualquer outro preparo porque minha 'blusinha não tinha mangas. Ao nosso redor, as apostas estavam sendo lançadas. Me divertia ouvir minhas baixas chances.

A mão do vampiro se curvou ao redor da minha quando ele colocou o braço sobre a mesa, tendo que se curvar um pouco devido a sua altura. Seu aperto era firme, mas não machucava, aumentando um pouquinho minha opinião sobre ele. Um idiota teria esmagado meus dedos na primeira tentativa de demarcar um ponto.

Pelo canto do olho, vi Verses abrindo caminho, com os ombros, para a frente dos outros espectadores. Ele, provavelmente, estava desejando não ter nos deixado entrar.

"Contagem de três?" Sugeri ao vampiro.

Os olhos azuis salpicados de verde esmeralda se encontraram com os meus. "Por que não?"

Gritos de "Mostre a ela do que você é feito, Nitro!" e "Chuta a sua bunda bonita!" ecoavam quando comecei a contar, sem nunca tirar os olhos do meu adversário. Assim que a palavra *três* deixou meus lábios, aquele aperto que antes era firme se intensificou e Nitro forçou sua mão, como um martelo, para



baixo, indo para o ganhar rápido com explosão de força sobre humana.

Exceto que nossos braços ficaram na sua mesma posição vertical. Os bíceps de Nitro incharam quase tanto quanto o seu olhar quando seus esforços não moveram meu braço nem uma polegada. Eu lhe lancei um sorriso enquanto eu mantinha minha posição, mentalmente contando até dez antes que eu começasse a baixar o braço dele em um lento e constante arco descendente.

Afinal, eu não queria constrangê-lo batendo sua mão sobre a mesa antes dele sequer perceber o que aconteceu. Não era culpa de Nitro ele não fazer ideia de que eu tinha nascido com uma força incomum, ou que eu ainda tinha um certo poder de Bones em mim após beber seu sangue. O pobre vampiro corpulento não tinha chance alguma.

Murmúrios se ergueram da multidão, abafando até mesmo a música quando o braço de Nitro se aproximava da mesa. Linhas se formavam em seu rosto e um grunhido áspero escapou quando ele colocou mais esforço em me segurar. Eu deixei ele erguer o braço uns poucos centímetros—afinal de contas, o ego de macho era uma coisa tão *frágil*—antes de enviá-lo para baixo na mesa com um baque forte o suficiente para quebrar a fórmica.

Nós teremos que pagar por isso antes de sairmos, eu pensei em meio a explosão de exclamações de surpresa daqueles que nos assistiam, ao nosso redor.

Nitro olhava para seu braço com descrença. Então seu olhar se voltou para mim enquanto eu me desfazia do meu aperto firme e sacudia a dormência temporária da minha mão. Ele realmente tido dado tudo de si naqueles últimos segundos.

"Como *diabos* você consegue ser tão forte?" ele quis saber. "Você não pode ter mais que um ano entre os mortos-vivos!"

"Bom palpite," comentei. "Na verdade, fará um ano nesse outono, mas eu vou te contar um segredo—eu tinha força de vampiro muito antes disso."

As sobrancelhas dele se aproximaram em uma carranca. Então ele compreendeu e Nitro riu. "Ruiva, linda e fodona. Você deve ser a Reaper."

Eu sorri. "Me chame de Cat."

Ele olhou para Bones em seguida, traçando a óbvia ligação quanto a quem ele tinha que ser. Bones não percebeu, ele estava muito ocupado recolhendo seus ganhos. Comentários do tipo "Ah, isso é esplêndido," e "Melhor sorte da próxima vez, rapazes," vinham dele. No momento em que ele chegou perto, ele tinha bolo de notas nas mãos. A maioria dos vampiros eram lentos em adotar o



que eles consideravam a "nova" tendência do cartão de crédito e ainda carregavam dinheiro.

"Só você mesmo para encontrar uma maneira de lucrar com isso," observei de forma divertida.

Sua boca se curvou. "A sorte favorece os audazes."

Nitro balançou a cabeça enquanto olhava para nós. "Acho que é hora de eu pagar também." Então, ele caminhou até onde seus amigos estavam, puxando o repórter detrás da parede de vampiros. Ele lhe deu um leve empurrão, mas que o fez cair de forma desajeitada perto dos meus pés.

"Todo seu, Reaper," ele falou lentamente.

Fiz um sinal com a mão em minha sobrelanceira, fazendo uma saudação alegre. "É um prazer fazer negócio com você, Nitro."

Isso me rendeu uma risada. "Da próxima vez, vou estar preparado para não cair em sua inocente encenação feminina."

"Não se sinta mal, camarada," Bones respondeu. - "Ela me enganou com a mesma coisa da primeira vez que nos encontramos, até eu a ver matar um vampiro sete vezes a idade dela."

Então Bones foi até o bar mais próximo e jogou seu maço de dinheiro sobre ele. "Bebidas por minha conta até isso esgotar," ele anunciou, perante uma vibrante salva de palmas. Eu notei sua piscadinha para Verses em seguida e o irônico balançar de cabeça do ghou. Provavelmente isso não chegava nem perto de compensar pelo dano que causamos da última vez que estivemos aqui, mas era um começo.

Com outra risada, Nitro e seu grupo se afastaram para pedirem suas bebidas. Ao nosso redor, os espectadores foram diminuindo enquanto as pessoas voltavam a dançar, beber, ou o que quer que estivessem fazendo antes de tudo isso começar. Olhei para o homem que estava se levantando lentamente do chão, o cabelo castanho-areia bagunçado devido a sua luta anterior.

Sim, era esse por quem viemos aqui.

"Oi, Timmie," eu disse em voz baixa.

Sua cabeça sacudiu, revelando uma face com sobra de barba por fazer em seu maxilar e linhas fracas ao redor dos olhos e da boca. Ele parecia diferente do garoto desajeitado que tinha sido meu vizinho há sete anos atrás, quando eu era uma estudante universitária de dia e uma caçadora de vampiros à noite. Além da barba em seu rosto, as linhas de expressão e seu cabelo mais longo,



seu corpo também havia se tornado mais forte e mais musculoso. *Ficar mais velho fica bem nele*, eu pensei

"Como você...?" ele começou. Então sua voz sumiu enquanto seus olhos se arregalaram.

"Cathy?" ele conseguiu dizer. Ele me olhou de cima a baixo, sua expressão chocada se transformando em um sorriso que cobriu seu rosto. "Cathy! Eu *sabia* que você não estava morta!"



CAPÍTULO NOVE.

Timmie continuava a me encarar com uma mistura de alegria e descrença. Eu sorri de volta, feliz em ver nele indícios do garoto do qual fui amiga em meio às diferenças no homem na minha frente. Quando Tate me disse que Timmie era o repórter pentelho que precisávamos buscar essa noite, eu fiquei surpresa, mas feliz ao pensar em vê-lo novamente.

"Não posso acreditar," Timmie falou maravilhado. "Você se parece *exatamente* a mesma, exceto, uh, você não costumava se vestir desse jeito antes," ele acrescentou enquanto arregalava os olhos para minha roupa. Então ele fez como se fosse me abraçar, mas parou quando percebeu o homem caminhando para o meu lado.

"Você!" Timmy irrompeu, perdendo o sorriso enquanto ele ficava pálido. "Deus, Cathy, você ainda está *com* ele?"

Eu sufoquei uma risada perante o tom incrédulo em sua voz. "Sim. Casada com ele também."

Bones sorriu para Timmy de forma predatória mesmo que não mostrasse nenhuma presa. "Ela realmente está muito atraente, mas se você continuar com essa linha de pensamento, vou te neutralizar de verdade dessa vez."

As bochechas de Timmie ficaram vermelhas. "Eu—eu não... quero dizer, eu não iria..." Então seus olhos se estreitaram. "Espera um pouco. Você também não parece nem um pouco diferente, exceto que seu cabelo está escuro agora. *Nenhum* de vocês parece um dia mais velho desde a última vez em que os vi."

O medo emanava dele enquanto olhava pra mim e pra Bones de forma intercalada, juntando as peças com o que ele aprendeu sobre esse clube. Eu o observei mais de perto enquanto eu esperava. O Timmie que eu conhecia tinha sido mente aberta e gentil, embora ignorante sobre os mortos vivos como todo mundo. Quanto do que ele costumava ser ainda restava na pessoa na minha frente? Os anos tinham mudado não apenas sua aparência, mas também sua tolerância?

"Estou certo sobre tudo isso, não estou?" ele perguntou finalmente, muito suavemente. "Algumas dessas pessoas... elas não são humanas."

"Não, elas não são," eu respondi com um tom neutro.

Seu rosto ficou ainda mais pálido enquanto ele olhava ao redor para as pessoas no bar mais próximo. Na superfície, nada neles parecia diferente dos clientes reunidos em torno de qualquer outro bar, especialmente desde que Timmie não podia ver o monte de fantasmas circulando sobre o último assento



a esquerda. Mas de vez em quando, uma luz cor de esmeralda brilharia do olhar de uma pessoa. Ou alguém se moveria com uma rapidez que o subconsciente de Timmie registraria mesmo que seus olhos não pudessem acompanhar.

Finalmente seus ombros se alinharam enquanto ele olhava novamente para mim e Bones. "Vocês dois também não são humanos." Uma afirmação, não uma pergunta.

"Não," eu disse gentilmente. "Não somos."

Ele balançou a cabeça como se estivesse tentando clarear as ideias. "Aqueles caras, os que me agarraram... eles iam me comer?"

Também não adiantava mentir sobre isso. "Oh sim. Definitivamente."

Ele olhou para Bones. "Mas você não vai."

Bones arqueou uma sobrancelha como se estivesse pensando a respeito. "Eu o cutuquei com o cotovelo enquanto dizia. "Não, Timmie, ele não vai. Nenhum de nós vai te machucar."

"Tim," ele respondeu, então sorriu meio torto pra mim. "Ninguém tem me chamado de Timmie em anos."

Eu sorri de volta. "Claro. E a propósito, é Cat."

"Cat." Aquele sorriso torto permaneceu. "Acho que combina mais com você do que Cathy."

"Não," Bones disse.

O sorriso de Timmie—*Tim*—diminuiu. Eu olhei para Bones confusa. "Não o que? Você acha que eu pareço uma Cathy?"

"Não para o que ele está prestes a te perguntar," Bones respondeu. "Você já deve a ela por ter salvo você daqueles outros sujeitos. Não a agradeça pedindo outro grande favor."

Tim colocou os braços ao redor da cabeça. "Meu Deus, você realmente pode ouvir...? Bem, pare!"

Bones riu sem qualquer reserva. Eu tinha que admitir que Timmie parecia engraçado agarrando a cabeça com força, mas eu não me juntei as risadas de Bones.

"Em seguida tente envolver sua com papel alumínio, veja se funciona melhor,"



ele sugeriu diabolicamente.

Eu olhei para Bones de forma mordaz, uma pena ele não poder mais ler *minha* mente para ouvir minha reprimenda mental. "Pare. Eu posso ter estado tentada a fazer a mesma coisa quando eu soube que certas pessoas podiam escutar casualmente dentro da minha cabeça."

Tim baixou os braços. "Eu não me importo com o que ele diz, você tem que me ajudar," ele falou apressadamente.

Bones revirou os olhos e então olhou Tim de um jeito que faria a maioria das pessoas se calarem por puro terror. "Extremamente afiado você, não é? Vamos ver se eu posso explicar melhor minha posição lá fora."

Fora das instalações, onde violência era permitida? "Nem ao menos pense nisso," eu falei como um aviso.

"Não por causa disso," ele respondeu, apesar de sua boca se contorcer de um jeito que dizia que o pensamento *tinha* passado por sua cabeça. "Acredite em mim, Kitten, você terá desperdiçando seu tempo ao salvá-lo antes se outros ouvirem o que ele vai te pedir."

Aquilo não soou promissor. Mas eu precisava de Timmie—droga, Tim!—para alguma coisa também, então eu ouviria seu pedido. Sem garantias que eu concordasse com o que quer que ele queria, mas eu ouviria.

"Ok. Vamos lá fora e conversamos."

Timmie olhou de forma especulativa para mim e para Bones. "Antes de irmos, eu tenho que saber: Se as habilidades de ler mente são verdadeiras, há alguma outra coisa que eu me pergunto se a ficção estava certa sobre vampiros—"

"Me pergunte se eu brilho e vou te matar ai mesmo onde você está," Bones o interrompeu com a maior seriedade.

"Não isso." A boca de Timmie se curvou em um sorriso antes de sua expressão ficar séria e, estranhamente, esperançosa. "Quando eu volto para o meu apartamento, é verdade que, hum, sua espécie não pode entrar?"

Eu odiava destruir seu senso de segurança, mas acreditar nisso só seria perigoso pra ele.

"Sinto muito, isso é um mito. Vampiros não precisam ser convidados para ir a lugar algum que eles queiram." Eu não acrescentei que já tínhamos estado em seu apartamento mais cedo, descobrindo pelo seu colega de apartamento onde Timmie estaria essa noite. Não que o jovem rapaz se lembrasse de Bones e eu



o questionando já que lhe demos alguns flashes do nosso olhar, mas eu achei que isso era mais informação que Timmie poderia lidar no momento.

Ele estava em silêncio. "Merda," Timmie disse finalmente, com uma ênfase sincera.

Eu assenti com um movimento de cabeça. Algumas vezes, aquela palavra resumia coisas melhor do que qualquer coisa.

"Vamos, antes que as pessoas comecem a se perguntar sobre o que estamos matutando," Bones disse, inclinando a cabeça em direção a porta.

Passamos pelo estacionamento lotado em direção ao estacionamento vazio logo a frente. Ele era distante o suficiente da entrada verdadeira do Bite para que ninguém fosse capaz de nos ouvir por acaso, sem contar Tiny e Band-Aid que ainda continuavam de tocaia no carro. Eu não poderia ouvir os pensamentos dele, mas o cheiro de Timmie era uma mistura de excitação, medo e determinação. O que quer que seja que ele queria perguntar significava muito pra ele.

"Olhe, se sua namorada desapareceu depois de bisbilhotar por aí procurando provas sobre vampiros, as chances são que ela esteja morta," Bones afirmou assim que chegamos ao portão de corrente.

Eu estremeci devido a sua forma rude de falar. Timmie também parecia balançado, mas então ele ergueu o queixo. "Nadia não é minha namorada e eu não acredito que ela esteja morta. Você não a conhece. Ela é minha melhor repórter freelance porque ela pode cativar *qualquer um* a fazer o que ela quer."

Bones bufou. "Eu não me importo que ela seja uma mistura de Helena de Tróia e Scheherazade, obviamente alguém a pegou e não ficou contente com ela bisbilhotando. O fato de que ela não foi enviada de volta pra você depois de sua memória ser apagada e um novo desejo de parar de fazer reportagens não é um bom sinal pra ela."

Eu estremeci de novo, mas Bones provavelmente estava certo. Havia uma razão para o mundo não saber sobre os mortos vivos, e era porque os vampiros e ghouls eram zelosos sobre manter sua existência em segredo. Alguns deles zelosos demais, como os vampiros que estavam pra fazer de Timmie um lanchinho noturno.

"Poderíamos olhar por aí," eu disse, balançando levemente a cabeça para Bones quando ele me olhou de um jeito que dizia que ele estava prestes a fazer objeção. Sim, tínhamos um monte de questões urgentes pra resolver, mas a expressão de súplica de Timmie me fez ser incapaz de dizer não.



"Discretamente, claro," eu acrescentei. "Vamos começar perguntando para Verses se ele lembra de tê-la visto, então mostrar a foto dela para nosso pessoal, Mencheres, alguns de seus aliados... talvez um deles saberá onde ela está."

Eu não tinha muita esperança por Nadia aparecer viva, mas pelo menos desse jeito, Timmie poderia sentir que não estava abandonando alguém de quem ele gostava. Pelo olhar dele, o fato de Nadia não ser sua namorada não era devido a falta de interesse da parte de Timmie.

"Jura?" ele disse. Então Timmie me agarrou em um abraço. "Obrigado, Cathy!"

Nós *nunca* vamos conseguir acertar o nome um do outro.

"Não estou prometendo que vamos encontrá-la, mas vamos procurar," eu disse, lhe retribuindo o abraço com um leve apertão.

Timmie me soltou, sorrindo torto para Bones. "Você não vai ameaçar arrancar meu saco fora por isso?"

Uma sobrancelha escura se arqueou. "Não no momento."

"Cathy, o que aconteceu há sete anos?" Timmie perguntou. "Por que os federais disseram que você foi atingida tentando escapar depois de ser presa por assassinar o governador e toda sua família? Eu sabia que era papo-furado. Você nunca poderia matar alguém."

Bones deixou escapar algo entre uma risada e uma bufada. Eu me mexi desconfortavelmente. Aqui estava eu esperando nunca ter que explicar para Timmie o motivo por trás do meu apelido de Red Reaper.

"Bem, a parte sobre assassinar o governador... isso era verdade, mas ele merecia totalmente. Ele estava envolvido em uma merda das piores e meus avós foram mortos por causa dele. Então essa unidade secreta do governo me recrutou para trabalhar pra eles—"

"Homens de preto!" Timmi interrompeu de forma triunfante. "Eu *sabia* que eles existiam. Aqueles nojentos vêm sabotando minhas histórias sobre o paranormal há anos!"

Eu parei antes de revirar os olhos. "Uh, é, mas por que você está surpreso com isso? Eles não poderiam simplesmente ficar sentados enquanto você mata todo mundo de medo ao contar a eles coisas que não estão prontos para ouvir."

Timmie se enfureceu. "Eu não acredito que você disse isso. O público tem o



direito de saber—"

"Besteira," Bones interrompeu de forma afiada. "Os governantes podem mentir para seu povo por motivos egoístas a maior parte do tempo, mas sobre isso eles estão certos. Pensa que não haveria histeria mundial se as massas soubessem que compartilham esse planeta com criaturas de suas histórias de ninar? Uma bomba nuclear causaria menos devastação."

"Poderíamos lidar com isso," Timmie disse, empinando o queixo.

Bones fez um som sarcástico. "No dia em que a sua espécie parar de se matar pela cor da pele ou para qual deus alguns oram, talvez eu acredite nisso."

Eu limpei minha garganta, defensivas para a minha antiga espécie crescendo dentro de mim. "Considerando o que está acontecendo com vampiros e ghouls no momento, eu diria que humanos não têm o monopólio sobre a intolerância letal."

"Sim, mas já faz seiscentos anos desde que a nossa espécie teve o último confronto por esses motivos," Bones murmurou.

"Realmente? O que aconteceu seiscentos anos atrás?" Timmie perguntou, ecoando a mesma questão que disparou na minha mente.

A expressão do Bones suavizou, ficando impenetrável. Eu o conhecia bem o suficiente para saber que tal reação significava que ele falou de algo que não devia, embora eu não soubesse o que era tão sério assim. Seiscentos anos *eram* um longo tempo. O que quer que tenha acontecido naquela época não deve influenciar o problema potencial se agitando entre os vampiros e ghouls hoje...

Premonição deslizou friamente pela minha coluna. Nos últimos dias, ouvindo minha mãe e tio repetindo os mesmos argumentos sem base que eu usei no passado estava me fazendo lembrar, uma e outra vez, de quando eu conheci Bones pela primeira vez. Algo provocou a margem da minha memória daquele tempo. Uma memória há muito esquecido sobre o que Bones disse na segunda noite que nos encontramos, quando ele pensou que outro vampiro havia me enviando atrás dele, porque ele não acreditava que eu era uma mestiça.

Supondo que eu acredite que você é descendente de uma humana e um vampiro. Algo quase desconhecido, mas nós vamos voltar a isso...

"Bones, o que aconteceu com o outro mestiço? Você disse que mestiços eram quase desconhecidos, e Gregor mencionou o último antes de mim, certo?"

Ele soltou um assovio baixo, algo que ele não fazia a menos que ele estivesse



preocupado ou excitado, e essas *não* eram circunstâncias excitantes.

“Kitten, agora realmente não é o momento –”

“Minha bunda,” Eu o cortei, minha voz endurecendo enquanto minha suspeita era confirmada. “Fale.”

Timmie lançou um olhar interessado entre nós dois, mas não disse nada. Bones correu uma mão pelo cabelo de uma forma frustrada antes de encontrar o meu olhar.

“Vamos dirigir. Precisamos levar o seu companheiro para casa, de qualquer forma.”

Então ele estava sendo *muito* cuidadoso sobre ser ouvido. De jeito nenhum nós dirigiríamos até o apartamento do Timmie e o deixaríamos antes de explicarmos como nós precisávamos da ajuda dele com os ghouls. Eu dei um aceno curto antes de gesticular para o Timmie.

“Vamos lá, nosso carro está por aqui.”

“Eu trouxe o meu,” ele começou, parando com o olhar vindo do Bones. “Mas eu sempre posso voltar e pegá-lo depois,” Timmie concluiu irregularmente.

“Sábia escolha,” Bones comentou. “Depois de você, companheiro.”



CAPÍTULO DEZ.

Nós estávamos há várias milhas, cruzando a Interestadual 70 com a comum falta de respeito de Bones pelo limite de velocidade, quando ele falou de novo.

“Uma vez, tempos atrás, no século XV, uma mulher era amplamente conhecida por ser meio vampira. Deve ter havido outros na história, mas eles faziam com que permanecessem anônimos. Ela não. Seu nome era Jeanne d’Arc, mas você vai conhecê-la melhor como Joana d’Arc.”

Por um segundo, eu pensei que Bones estava brincando, mesmo que ele não fosse do tipo de fazer brincadeiras idiotas. Então, aquela mesma parte aturdida do meu cérebro reconheceu que ele encarava a estrada com uma expressão mortalmente séria, portanto isso não era uma brincadeira.

“Joana d’Arc?” Eu repeti. “*Santa Joana? Ela era a outra única meio-vampira conhecida?*” *Fale sobre ações difíceis de seguir!*

“Isso foi antes do meu tempo, mas vou repetir a história como Mencheres me contou. De volta à época dela, Joana era muito conhecida pelos humanos por suas habilidades nas batalhas e suas convicções religiosas. Para os vampiros, ela era também conhecida como uma meio-vampira depois que um viu suas ações em um campo de batalha. Apollyon aproveitou o status incomum dela para semear a discórdia entre vampiros na Europa. Ele alegou que Joana poderia ser a mais poderosa criatura morta viva do mundo se suas habilidades de vampira fossem combinadas com aquelas de um ghoul. E se fosse, Joana uniria todos os vampiros contra os ghouls.”

“Em outras palavras, a mesma merda que ele espalha sobre mim.” Minha surpresa inicial desapareceu sob uma onda de raiva. “Eu não acho que ela tinha intenção de fazer nada disso, também.”

“Apollyon não teve nenhuma prova na época – e nenhuma foi achada desde então – mas ainda existem os temerosos ou ingênuos o suficiente para serem influenciados. Ghouls começaram a se retirar da sociedade morta viva, atacando vampiros sem Mestres. Então, eles atacaram abertamente pequenas linhas de vampiros, escolhendo os mais fracos e com menos contatos. Começaram a circular rumores de que eles estavam acumulando um exército para um ataque de larga escala a todos os vampiros. A extinção de uma espécie parecia inevitável, mas uma vez que Joana foi executada pela Igreja, uma trégua foi negociada entre vampiros e ghouls. Apollyon esteve relativamente quieto desde então... até recentemente.”

Certo, então outra meia vampira apareceu em cena para ele usar como bode expiatório para suas tendências genocidas. E agora o mesmo cenário parece



estar acontecendo de novo com ataques aos vampiros sem Mestres.

A boca de Timmie estava aberta de um modo quase cômico, mas eu só senti raiva passando por mim. “Não foi só a Igreja que se certificou de que Joana fosse queimada num poste. Não é?”

Bones fechou os olhos rapidamente. “Não, amor. Até mesmo depois da sua morte, alguns dos ghouls de Apollyon ainda estavam com medo dela. Eles desenterraram seus ossos e os transformaram em pó para ter certeza que Joana nunca poderia ser trazida de volta.”

“E os vampiros a deixaram queimar.” Eu disse. Minha voz se elevou. “Ela foi a ovelha de sacrifício deles, sua morte foi o preço pela trégua deles.”

Seu olhar estava tão sombrio e vazio que eu quase me senti engolida por aquelas órbitas marrons. “Sim e não. Foi oferecida a Joana a chance de se tornar uma vampira completa em vez de enfrentar o poste. Ela escolheu morrer.”

Um tipo estranho de tristeza passou por mim. Mesmo que Joana tenha sido morta séculos antes de eu nascer, uma pequena parte de mim ainda sentia como se tivesse perdido uma amiga. Ela era a outra única pessoa que eu soube que viveu como eu – não sendo parte nem do mundo humano nem do vampiro. Ela tinha sido punida pela sua singularidade indesejada como eu, também. Mas mesmo que ela tivesse escolhido o vampirismo em vez da morte, a perseguição de Joana por Apollyon não teria terminado. Não se todos os mestiços que se transformaram terminassem tão estranhos como eu. Eu era tão vampira completa quanto eu poderia ser. Mas por causa das minhas esquisitices, o líder dos ghouls ainda estava tentando me usar como lenha para o fogo da guerra.

Naquela hora eu me determinei a matar Apollyon. Nós não queríamos fazer isso para evitar reforçar a causa dele o transformando em um mártir. Mas mesmo que eu tivesse que fazer parecer um excruciante e doloroso acidente, aquele ghoul ia cair. Isso não seria suficiente para pará-lo ou para desacreditá-lo. Ele só estava dando um tempo até outro mestiço aparecer na história e então usar aquela pessoa como garoto-propaganda em seus comícios para comprar apoio através do medo em outra busca de poder. Eu *não* iria deixar isso acontecer.

“Não me admira você estar tão certo sobre Apollyon estar por trás destes ataques recentes.” Eu disse baixinho. “E você deveria ter me contado tudo isso antes.”

“Esse nojento ainda está vivo?” Timmie falou de repente, parecendo



horrorizado.

“Eu *ia* contar pra você, Kitten.” Sua boca se torceu. “Entretanto, eu admito que esse assunto me causa repugnância, como você pode imaginar.”

Eu certamente poderia. Isso me permitiu saber exatamente quão alta as apostas estavam se Apollyon estivesse de volta com seus velhos truques – e tudo apontava que aquele era o caso. Se não o parássemos antes que as coisas chegassem ao limite, a nação vampira poderia simplesmente oferecer a Apollyon o mesmo acordo que tinha impedido a guerra da última vez: a vida da mestiça.

Ou no meu caso, a vida da aberração, maior parte vampira morta com ocasionais batidas de coração e uma dieta realmente bizarra. Não me seria dada alternativa como a de Joana, considerando que eu já tinha me transformado. Se a nação vampira fizesse aquele acordo, o mundo não seria grande o suficiente para eu me esconder. Não com noventa e cinco por cento de todos os vampiros de repente gritando por minha cabeça para evitar um confronto total de espécies.

E Bones morreria me defendendo de sua espécie, sem importar se nossa situação fosse sem esperanças. Eu sabia disso, porque eu faria o mesmo por ele. Agora, fazia muito mais sentido sua frieza com Ed, Scratch e até mesmo Dave, que Bones considerava um amigo. Fazer Apollyon parar de incitar a guerra entre as espécies não era suficiente. Nós tínhamos que pará-lo antes que as coisas chegassem *perto* daquele ponto. Se não, eu estava frita e Bones junto comigo.

“Bem, então.” Minha voz estava muito calma. A situação era tão séria que me levou de volta ao meu controle habitual. “Nós só temos que trabalhar isso muito rápido. Não é mesmo?”

“Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?”

A voz de Timmie estava rouca, mas eu virei pra ele com um sorriso agradecido, porém um pouco forçado.

“Estou tão feliz que você perguntou.”

As luzes da cidade desfocavam enquanto Bones voava pela via expressa. Eu tinha meus braços em volta da sua cintura mais por conforto do que medo de cair da moto. Embora eu não tivesse mais medo de montá-la – estar morta tende a curar *um* montão de fobias – eu ainda acho que nunca seria tão fã delas quanto Bones era. E você não me pegaria andando sem capacete como



ele fazia. Não com todos estes insetos reunidos no ar quente do verão. Ew.

Nós passamos os últimos dez dias inutilmente passando pelos clubes, esperando que parecêssemos tão inocentes e relaxados que alguns grupos de ghouls violentos não seriam capazes de resistir em nos atacar. Não tivemos essa sorte, até a hora de partirmos. Ed e Scratch também não tinham visto nenhum daqueles ghouls recentemente, também. Timmie, que concordou em ajudar a gente, também ainda não tinha descoberto nada promissor através de suas fontes. Dave, enviado aos lugares onde Ed e Scratch disseram que os ghouls frequentavam, também não havia encontrado nada enquanto se disfarçava como um ghoull procurando por um grupo legal de fanáticos para se unir. Até agora, o placar estava Apollyon, um; nós zero.

A minha parte lógica sabia que isso era esperado. Que Apollyon fosse muito esperto para ser atraído tão facilmente, mas eu ainda estava frustrada. Cada dia que eu desperdiçava perseguindo aqueles servos fanáticos era um dia a menos para convencer meu tio e minha mãe a não fazer o equivalente a dar-uma-volta-na-morte, como ambos estavam determinados a fazer. Apenas uma vez, os caras maus não poderiam ser um *pouquinho* complacentes?

Claro que não. Então, era hora de mudar de tática. Talvez a presença de Bones e eu em Ohio tenha feito os ghouls de Apollyon mudar para outra cidade. Talvez eles estivessem esperando para nos atacar até que eles tivessem mais forças em um lugar. Quem sabe? Tudo que eu sabia era que a nossa atual estratégia não estava funcionando e nós não tínhamos tempo de esperar para ver se nos outros dias as mesmas atividades teriam resultados melhores.

Eu tinha uma ideia para um potencial Plano B: aparecer em público várias vezes sem Bones. Mencheres sempre poderia precisar do seu co-regente para algum negócio urgente falso, portanto Bones teria uma desculpa para não estar lá. Contudo, Bones tinha terminantemente recusado a aceitar. Muito perigoso, ele falou, e isso era ou descartar o assunto ou fazer o que eu tinha jurado não fazer de novo – ir pelas costas dele e assumir o risco de qualquer maneira.

Esse foi meu *modus operandi* várias vezes no passado, mas não importa que essa pareça a única forma de lidar com as coisas desta vez, sempre tinha dado errado. Eu estava determinada a mostrar que eu aprendi com meus erros, mas a parte rebelde de mim sabia que se eu não fosse sua esposa, Bones concordaria que me usar como isca era nossa melhor opção. Ainda, nós prometemos lutar nossas batalhas juntos, em vez de um de nós – geralmente eu – se enfiar na briga deixando o outro na margem, e eu pretendia manter minha promessa.

Parar os caras maus seria difícil, no entanto algumas vezes, fazer uma relação



entre dois teimosos funcionar parecia uma meta igualmente desafiadora. Claro que se Bones tivesse uma personalidade dócil e eu pudesse passar por cima dele facilmente, eu não me apaixonaria como eu fiz. A mesma determinação inabalável que me frustrava agora foi o que me atraiu em Bones, em primeiro lugar. Uma vez, ele falou a mesma coisa de mim. Acho que somos ambos masoquistas, além de teimosos.

Eu fui puxada pra fora das minhas reflexões quando Bones saiu da via expressa. Do jeito rápido que ele pilotava, não nos levou muito tempo para chegar ao subúrbio de Chicago onde Mencheres estava ficando para sua namorada ficar perto da família dela. Ainda era estranho pensar que o Mega Mestre vampiro estava namorando, mas Mencheres estava caidinho* por Kira. Ela parecia ser uma boa pessoa também, em vez de uma vadia homicida como era sua antiga esposa. Caso contrário, o mundo deveria temer. Quando Mencheres se apaixona por uma mulher, ele se apaixona intensamente. Se Kira pedisse um continente só pra ela de presente de aniversário, Mencheres provavelmente conquistaria um pra ela antes que ela apagasse as velinhas.

** A expressão é “fangs over heels” que é um trocadilho com “head over heels” que significa estar muito apaixonado. Porém ela troca a palavra cabeça por presas.*

Depois de descer algumas estradas pegando vento e nos anunciar para a câmera de segurança do portão, nós estávamos na frente da casa de Mencheres. A casa de três andares era de longe menor que as outras residências, com capacidade para quinze dormirem em vez de cinquenta. Mas mais uma vez, esta residência em escala reduzida foi devido à influência de Kira.

“Isso não é uma casa, é um hotel,” ela comentou sobre a casa que inicialmente Mencheres escolheu, e o ex faraó acabou aceitando viver em algum lugar menor sem uma única palavra de protesto.

“Viu?” Eu sussurrei para Bones, provocando-o com um sorriso. “Ele nunca discute com ela. Não é doce?”

Um bufo precedeu sua resposta. “Continue sonhando, pet.”

Bones colocou a Ducati no estacionamento exatamente quando a porta da frente abriu e Gorgon, a versão nórdica de Alfred para o Batman do Mencheres, saiu. Eu tirei meu capacete e os fones de ouvido do meu iPod ao mesmo tempo – Ei, eu não tinha que prestar atenção no tráfego, sendo um passageiro – só para ter algo além do mais recente CD de Norah Jones explodindo nos meus ouvidos.



As feições de Gorgon estavam perfeitamente compostas, como se não tivesse uma sinfonia de gemidos e suspiros vindo de um dos quartos de cima da casa logo atrás dele.

“Bones, Cat. Mencheres está lamentavelmente ocupado no momento. Mas, por favor, entre.”

Foi somente meu novo controle vampiro que me permitiu manter minha expressão séria, mas Bones simplesmente riu.

“Ele claramente ainda não colocou seu quarto a prova de som. Então, estamos bem conscientes que ele não está lamentando estar ‘ocupado’ nem um pouco.”

Um som de algo quebrando, seguido de um grito feminino prolongado me fez olhar para a casa com perplexidade. O que ele estava *fazendo* com ela?

Gorgon piscou assim como a gargalhada de Bones ficava mais maldosa. “Eu não sei. Mas me certificarei de perguntá-lo mais tarde.”

Oops. Eu devo ter falado alto. Eu limpei minha garganta, de novo lutando para parecer indiferente, mesmo que todos nós ainda pudéssemos escutar com detalhes gráficos.

“Hum, que *amável* jardim tem nos fundos,” Eu gaguejei. “Eu não acho que tivemos uma chance de vê-lo da última vez que estivemos aqui, Bones.”

“Nós estaremos de volta mais ou menos em uma hora.” Ele disse a Gorgon, aumentando a sua voz para que mais alguém além do vampiro louro pudesse ouvi-lo. Pelos barulhos contínuos escada acima, eu duvidei que Mencheres tenha pegado a mensagem, mas eu não iria ficar por ali tempo suficiente para descobrir. Eu passei pelo campo atrás da casa, colocando os fones do meu Ipod de volta aos meus ouvidos. Com meu passeio e alguns toques no volume, logo eu não iria escutar nada, exceto Norah cantando sobre sangue novo e fantasmas indo para casa. Muito melhor que escutar o co-regente do Bones e sua namorada fazendo suas esquisitices.

Bones me alcançou em poucas e longas passadas sem dizer uma palavra. Contudo, seus lábios tremendo falaram muito sobre como meu desconforto o divertiu. Nada o deixava constrangido, claro. Trabalhando como gigolô para os ricos de Londres, esposas entediadas mataram qualquer vergonha nele muito antes que se tornar um vampiro matasse sua humanidade. Esta não foi a primeira vez que eu escutei pessoas fazendo sexo, já que eu tinha uma audição sobrenatural desde que eu era criança. Mas esse era *Mencheres*, o formal, de certa forma o vampiro assustador cujos amplos poderes me deixam nervosa desde a primeira vez que eu o encontrei. Então, foi completamente



estranho escutá-lo gemendo alto e gritando como, bem, uma pessoa normal.

“Pelo menos ele estará de bom humor quando nós finalmente falarmos com ele.” Eu disse a Bones sem tirar os fones de ouvido.

Ele me puxou pra ele em resposta, sua boca cobriu a minha antes mesmo que eu pudesse formular uma palavra. Um beijo longo e faminto pareceu ascender chamadas por minhas terminações nervosas enquanto sua língua acariciava a minha com entradas profundas e pinceladas tentadoras. A luxúria encheu meus sentidos vindos da minha conexão com ele e da minha própria resposta, um soco duplo nas minhas emoções que me fizeram arquear contra ele, apesar da minha surpresa.

“Nós estaremos de bom humor também,” ele murmurou depois de tirar os fones de ouvido. Então, começou a desabotoar meu jeans enquanto sua boca queimava uma trilha sensual descendo pelo meu pescoço.

Minha cabeça caiu para trás enquanto eu começava a protestar. “Você não está falando sério. Alguém pode ver.”

A casa estava apenas há cerca de noventa metros de onde a gente estava. Claro que já estava escuro e a grama em volta da gente estava alta. Mas nem tão alta assim! Qualquer morto vivo que olhasse em nossa direção seria capaz de ver o que nós estávamos fazendo, sem falar que eles poderiam nos escutar.

A risada de Bones estava sombria e baixa. “Claro que estou falando sério. Por que você acha que eu disse que não voltaríamos antes de uma hora?”

Sua boca subiu até a minha de novo, beijando-me com ainda mais paixão enquanto abaixava o meu jeans o suficiente para alcançar dentro. Bastaram apenas alguns golpes daqueles dedos sábios e habilidosos para eu esquecer sobre os arredores e me afundar no chão com ele, tirando suas calças com uma impaciência que beirava a urgência.

Eu não queria mesmo ver os jardins, de qualquer forma.



CAPÍTULO ONZE.

Uma hora e meia depois, sentei-me no sofá na sala de estar, acariciando um mastiff* que pensava que o lugar dele era no meu colo, ao invés de aos meus pés. Se o cachorro pesasse vinte e três quilos a menos, eu o deixaria, mas ele era maior que eu.

**raça feroz de cachorro.*

Kira entrou na sala alguns minutos depois, seu cabelo cor de âmbar ainda molhado pelo que provavelmente foi um banho rápido. Como uma vampira nova, ela não se ruborizou com o que era óbvio que os tinha impedido de nos receber quando nós chegamos, mas ela estava agitada enquanto se oferecia para buscar algo para bebermos. Bones aceitou um uísque, mas eu educadamente recusei, enquanto escondia um sorriso. Bom saber que eu não era a única que não tinha a atitude indiferente que a maioria dos vampiros parecia ter sobre suas atividades sexuais.

“Mencheres descerá logo,” Kira disse pela segunda vez, colocando uma trança de cabelo atrás da orelha enquanto olhava para a escadaria.

“Como vai o treinamento para executora?” Perguntei a ela.

Ela se animou. O processo que eventualmente a transformará em uma versão vampírica da polícia era o assunto favorito de Kira.

“Bom.” Então ela riu. “Apesar de que seria melhor se Mencheres não continuasse telecineticamente a arremessar pessoas pelo quarto cada vez que elas me socam um pouquinho mais forte. Ele diz que é um escorregão acidental do seu poder, mas eu terei que expulsá-lo da minha prática de combate, ou nunca passarei da primeira etapa.”

Aqueles pobres bastardos têm sorte por ainda terem suas cabeças. Eu pensei, enquanto devolvia o sorriso dela. Mencheres os jogando pelo quarto era praticamente uma carícia de amor comparado com o que ele faria se ele realmente achasse que Kira estava sendo muito espancada pelos seus treinadores.

“Bones, Cat. Minhas desculpas por mantê-los esperando.”

Mencheres entrou na sala, seu cabelo negro úmido também. Ele usava uma roupa longa e branca que em uma mulher eu diria que era um vestido sem forma, mas nele, de alguma forma, parecia uma confortável roupa masculina. Ele realmente conseguiu soar sincero sobre nos deixar esperando, também, embora eu soubesse que ele não estava nem um pouco arrependido. Não que eu me importasse. Na verdade, eu estava muito feliz sobre o atraso deles,



considerando no que isso resultou.

“Avô.”

Bones levantou, dando um abraço em Mencheres como saudação. Eu dei, também, embora como menos afeto que o meu marido. Os acontecimentos recentes fizeram Bones perdoar Mencheres pelos seus pecados em omitir coisas do meu passado, mas eu ainda não consegui superar *todo* o meu rancor contra ele.

Embora, se eu fosse honesta, teria que admitir que mesmo que eu tivesse superado, Mencheres ainda me assusta um pouco. Apesar de Bones chamá-lo de avô, porque Mencheres transformou o vampiro que mais tarde transformou Bones, aparentemente, Mencheres parecia estar apenas em seus vinte anos. Aparências, entretanto, enganam. Mencheres está por aí há mais tempo que a maioria das civilizações existe, e suas habilidades são realmente assustadoras. Eu posso dizer; durante algum tempo eu absorvi algumas daquelas habilidades após beber o sangue dele para ajudar meu amigo em uma luta. Isso me nocauteou por uma semana logo em seguida, meu corpo fritou pela sobrecarga de poder. Então algum restinho de medo do Mencheres não era tão irracional, na minha opinião.

“Por favor, sente-se.” Mencheres apontou para o sofá que nós recentemente desocupamos, bancando o hospedeiro gracioso. Seu cachorro se aproximou correndo assim que eu me sentei, colocando a cabeça no meu colo para ser coçado mais facilmente. Mencheres se sentou ao lado de Kira, correndo a mão pelo braço dela antes de voltar sua atenção para nós.

“Suponho que vocês estão aqui porque têm nova informação sobre Apollyon?”

Uma parte de mim se divertia com o quão sérios e decentes todos nós devíamos parecer agora, sentados em nossos sofás opostos com nossas expressões muito sombrias. Apenas um grupo de vampiros discutindo uma situação sobrenaturalmente perigosa com toda a solenidade e dignidade gótica que isso merece, apesar da recente satisfação sexual.

“A única coisa nova é que não há nada de novo,” Bones resmungou, tomando um longo gole do seu uísque antes de continuar. “Estamos a caminho de Nova Orleans para falar com Marie. Com sorte, seremos capazes de convencê-la de que Apollyon é uma ameaça tanto aos membros racionais da nação ghoul quanto é para nós.”

Mencheres acenou, pensativo. “Marie Leveau seria de fato uma aliada poderosa para quem quer que consiga sua lealdade.”

Essa é uma meia verdade. A rainha vodu não era apenas a mestre de uma



grande linha de ghouls; ela também governa uma cidade inteira, um feito que nenhuma pessoa morta viva que eu conheço tinha realizado. Portanto, a idéia de qualquer um “conseguir” sua lealdade me fez bufar.

“A primeira lealdade de Marie é com ela mesma, e se eu fosse uma mulher de apostas, eu diria que ela já decidiu se está ou não apoiando Apollyon. Nossa única chance é o fato de que a guerra seria ruim para qualquer um dos envolvidos, não apenas vampiros. Se Marie não insistisse sempre em encontros cara a cara, nós poderíamos economizar tempo em apenas perguntar a ela pelo telefone. Ou por mensagem de texto.”

Então a imagem mental de potencialmente receber uma mensagem de texto da Marie dizendo “mato vc” me fez gargalhar. Marie não media palavras, uma vez que ela tenha definido um curso de ação, então eu não a subestimaria.

Bones me deu um olhar questionador, mas eu acenei uma mão.

“Não se preocupe. Apenas meu senso de humor deformado. Então, Mencheres, eu não suponho que você teve qualquer visão recente sobre onde está a base de operações do Apollyon, hmm? Ou se ele vai levar os ghouls ao mesmo frenesi histérico da última vez?”

Ele abriu a boca, mas Kira bateu nele, sua aura faiscando e olhos brilhando verdes. “Não o pressione. Ele já se sente culpado por não poder ver nada sobre isso.”

Engoli o riso que subiu pela minha garganta, sentindo uma onda similar de divertimento correr por Bones mesmo que nada tenha mudado em sua expressão. A raiva de Kira crescendo em defesa de um vampiro que poderia matar a todos nós sem ao mesmo levantar do sofá era simplesmente muito engraçado. Assim como o olhar de advertência que Mencheres nos lançou antes de murmurar algo tranquilizador para ela, obviamente percebendo o humor do Bones através da conexão pela divisão de poder deles, se não o meu também.

“Você está certa, kira. Mencheres, sinto muito,” eu disse, conseguido tornar a minha voz arrependida, apesar de minhas costelas doerem com o riso reprimido. “Hum, de qualquer forma, nós queremos dar a vocês pessoal um aviso sobre onde nós estamos indo e o porquê. Vocês sabem, caso não ouçam mais falar de nós.”

Eu disse a última parte brincando, mas a amarga realidade é que era verdade. Marie Laveau normalmente promete passagem segura até o fim para qualquer encontro com ela, mas sendo ela a rainha *ghoul* de Nova Orleans, essas circunstâncias com Apollyon tornam as coisas um pouco diferentes. Ela pode



decidir que é melhor para a espécie dela voltar atrás em sua palavra somente dessa vez, e tornar nossa viagem para a Big Easy* uma viagem só de ida.

**Apelido de Nova Orleans, devida a facilidade de se conseguir trabalho antigamente.*

“Nó vamos com você,” Mencheres declarou.

“Não,” Bones respondeu suavemente. “Você vai ficar aqui protegendo a nossa linha caso algo aconteça. Assim, nosso povo continuará seguro.”

O mais leve sorriso apareceu entre os lábios de Mencheres. Bones tinha apenas repetido o mesmo argumento que o vampiro egípcio usou com ele dois meses atrás, quando foi Mencheres recusando a ajuda do Bones em uma situação perigosa.

“Muito bem,” ele disse, com uma inclinação graciosa da cabeça. “Eu devo ficar. Talvez Spade possa te acompanhar no meu lugar.”

“Há um problema com isso,” eu apontei. “Um, eu conheço o melhor amigo do Bones, e Spade não vai querer que Denise vá se isso for perigoso, o que é. Dois, eu conheço a minha melhor amiga, e nem fodendo Denise concordará em ficar para trás. Além disso, tudo o que nós precisamos é que Apollyon descubra que agora Denise é uma metamorfa para ele *realmente* ter algo para falar merda.”

Eu não acrescentei que se alguém descobrisse o que estava no sangue demoníacamente alterado de Denise, ela teria ainda menos chance de sobreviver do que eu terei se a nação vampírica decidir me oferecer ao Apollyon. Apesar de Mencheres já saber e eu não achar que Kira fosse indigna de confiança, eu não sei quantos outros ouvidos mortos vivos estão nessa casa além do Gorgon.

“E o Vlad?” Kira perguntou. “Ele é durão e assustador.”

“Não o canalha exibido,” Bones resmungou, ao mesmo tempo em que eu dizia, “Boa ideia.”

Suas sobrancelhas levantaram quando ele se virou para mim. Limpei minha garganta, me contorcendo um pouco sob aquele olhar castanho.

“Bem, é,” eu respondi, me ajeitando. “Só porque você não gosta dele, não significa que ele não seja nossa melhor aposta, e ele poderia se recusar a ir se fosse só você indo, mas as chances são de que ele diga sim porque eu estarei lá.”

A boca do Bones se contorceu de uma forma que me disse que aquele não era



o melhor argumento que eu poderia ter usado. “Porque nós somos amigos,” acrescentei rapidamente, “Vlad é ótimo em estar lá para seus amigos.”

“Eu não questiono o prazer do Tepesh em te estimar como uma amiga. Apenas o seu por se sentir da mesma forma por ele,” Bones murmurou.

Eu não pude resistir a um leve sorriso. “Talvez porque ele me lembre alguém que eu amo.”

Bones bufou em desacordo, mas com o canto do meu olho, peguei algo que ele não pegou – a piscada que Mencheres me deu. Aquilo me assustou tanto que eu girei minha cabeça para olhar para ele, mas até o momento que terminei o movimento, a expressão do vampiro estava tão plana e impenetrável quanto um lago a meia-noite.

“Tepesh não precisa ir com a gente,” Bones disse finalmente. “A presença dele poderia ser interpretada como uma ameaça pela Marie já que ela sabe malditamente bem que eu e ele não gostamos um do outro. Se ele estiver em uma cidade próxima, no entanto, estará próximo o suficiente para fornecer assistência, deveríamos pedir isso.”

Considerando que Vlad podia voar, se não fosse perto o suficiente, então nós estaríamos ferrados de qualquer jeito. Mas eu não disse isso em voz alta. Todos aqui já sabiam disso.



CAPÍTULO DOZE.

O hotel Ritz-Carlton* estava localizado muito próximo do French Quarter**, de frente para a Canal Street***. Seu exterior era uma bela combinação de arquitetura moderna e da influência do velho-estilo do Sul, com gesso branco e gárgulas esculpidas em forma de leão adornando o edifício. Quando nós fizemos o check-in, os atendentes foram educados a ponto de subserviência, me fazendo querer dizer a eles pra relaxar, eu não era tão difícil de agradar. Apenas quando estive na casa de Vlad eu tive a minha bunda tão completamente beijada, e a administração aqui não tem uma reputação por expressar descontentamento com o seu povo empalando-os com longas varas de madeira. Pelo menos, não que eu saiba.

* *Hotel famoso, aconselhamos que procurem no google imagem ou google mapas com a opção satélite.*

** *Bairro de Nova Orleans.*

*** *Grande via pública de Nova Orleans.*

Uma vez dentro do elevador que conduz ao nosso andar, porém, eu entendi o motivo da gentileza extrema dos funcionários. Se a mulher coberta de pele ao meu lado tivesse o nariz mais empinado, pegaria a doença da altitude—e sério, quem usava um casaco de pele comprido durante o verão, afinal? O homem com ela, seu marido, eu deduzi pelos seus anéis combinados, também parecia ter uma vara permanentemente fixada na bunda. Ela me deu um olhar frio, seu olhar percorrendo sobre meu cabelo açoitado pelo vento e aparência um pouco relaxada com um desdém que me levou diretamente de volta aos meus dias como uma desclassificada de cidade pequena. Hey, por vir direto de Chicago a Nova Orleans em uma moto, eu parecia muito malditamente bem. Nem um inseto nos meus dentes ou outra coisa.

Um leve fungado a acompanhou enquanto se afastava para sussurrar, “A clientela aqui parece ter caído,” ao seu marido, alto o suficiente para que mesmo sem audição sobrenatural, eu a teria ouvido. Meus dentes rangeram quando eu me lembrei que a hipnotizar para fazê-la crer que a bunda dela tinha crescido cinco tamanhos *não* era uma coisa madura a se fazer.

As portas do elevador abriram no momento seguinte, agradecidamente no andar do casal. Enquanto eles saíam, Bones deu ao marido um sorriso afável.

“Ela está transando com o encanador toda quinta-feira enquanto você está no clube. Você realmente pensou que seu banheiro precisava de reparos quatro vezes no mês passado?”

A mulher soltou uma arfada chocada ao mesmo tempo em que o rosto do



marido ficava corado.

“Você me disse que ele estava colocando o cano, Lucinda!”

Bones resmungou. “Você está certo, companheiro.”

As portas fecharam ao mesmo tempo em que a mulher começou a soltar uma negação indignada, mas pouco convincente. Meu queixo caído ainda balançava com todo o diálogo.

“Bones!” Eu finalmente consegui dizer.

“Entreguei a vagabunda exatamente pelo que ela estava pensando sobre você, e ele não era melhor,” foi sua resposta sem arrependimento. “Agora eles terão algo a mais para ocupar o tempo deles além de olhar para as pessoas com desprezo.”

Parte de mim estava horrorizada pelo que ele tinha feito, enquanto que a outra, a parte menos caridosa gargalhava descaradamente. Deus, o olhar no rosto daquela mulher! Ela tinha sido “rebaixada” de acordo com toda sua expressão arrogante anterior.

“Não é como se eu tivesse partido o coração de algum sujeito inocente, tampouco,” Bones continuou. “Ele está transando com a advogada dele. Os dois se merecem.”

“Isso só reforça a minha opinião que eu não quero poderes de ler a mente,” eu disse, balançando minha cabeça. “Eu não preciso entender coisas como o que vem da cabeça das outras pessoas.”

As portas do elevador se abriram de novo, no nosso andar dessa vez. A mão do Bones tocava levemente nas minhas costas enquanto nós andávamos ao nosso quarto. Uma vez lá dentro, meu queixo caiu novamente. Este não era um quarto de hotel; era do tamanho de uma casa. Olhei lentamente para o piso deslumbrante de madeira, tapetes orientais, o elegante mobiliário antigo, uma sala de jantar completa com lustre de cristal, a sala familiar ornamentada com uma lareira dourada, portas de vidro do chão ao teto que proporcionavam a vista do rio Mississippi e do pátio ao ar livre—e eu ainda não tinha chegado ao quarto. A outra vez que vim à Nova Orleans, nós ficamos na casa do Bones no Quarter, mas sabíamos que seria o primeiro lugar que alguém procuraria por nós, então fazer o check-in em um hotel parecia mais seguro. Apesar de muito mais caro, julgando por todas as decorações à minha volta.

“Nós ganhamos na loteria e você se esqueceu de me dizer?”

Ele me mostrou um sorriso enquanto jogava sua jaqueta sobre uma cadeira ao lado. “Sabe uma das vantagens de estar emparceirado com um vampiro que



costumava ter constantes visões do futuro? Três palavras, amor. Conselho de Investimento.”

Eu ria enquanto retirava meu próprio casaco de couro. “Agora eu tenho outra razão para esperar que as visões do Mencheres voltem com força total.”

“Isso mesmo.” Ele deu a volta, retirando meu cabelo do meu rosto. “Nós temos tempo para nos lavar e mudar de roupa, mas não fique muito confortável. Nós estamos saindo.”

Minhas sobrancelhas franziram. “Eu pensava que nós não veríamos Marie até amanhã à noite.”

“Nós não vamos.” Bones roçou o mais simples dos beijos em meus lábios. “Hoje à noite, nós temos outros planos.”

Eu olhei para o rio vários andares abaixo de mim, imaginando se isso era algum tipo de piada.

A ponte sobre a que eu estava—em construção e conseqüentemente sem transeuntes—balançava levemente na brisa, ou talvez isso fosse só um resultado de eu agarrando a viga ao meu lado muito forte.

“Diga outra vez?” Eu pedi ao Bones. Ele ficou na parte de trás da ponte, tendo voado para lá depois de me deixar sobre a viga sobressalente com somente uma palavra de explicação que eu *devo* ter escutado mal.

“Pule,” ele repetiu. Não, eu não tinha ouvido mal antes.

Eu olhei de volta às águas agitadas do Mississippi embaixo. “Se esse é o seu jeito de dizer que você quer um divórcio...”

“Você não conseguiria se afogar se tentasse,” ele contrariou divertido. “Você não tem respirado por necessidade em quase um ano. Agora deixe de hesitação e pule. É a melhor maneira para você aprender a voar.”

“Isso soa como um verdadeiro jeito pra eu aprender como cair enquanto grito.”

Ele agarrou duas das vigas metálicas de apoio sob onde eu estava e as chacoalhou. As vibrações subseqüentes foram tão fortes que eu soltei um grito enquanto meu aperto sobre a barra ao meu lado aumentou até que ele rangeu. Maldito. Ele sabia que eu não gostava de altura.

“Ghouls não podem voar, o que dá aos vampiros que podem uma grande vantagem sobre eles,” ele convocou. “Eu quero que você seja capaz de voar antes de nos encontrarmos com Marie amanhã à noite, apenas para o caso de



nós precisarmos fazer uma fuga rápida. Você voou duas vezes antes, o que significa que você tem a habilidade. Você só precisa avivar isso.”

“Eu não voei, eu só pulei muito alto,” eu o corriji, ainda segurando firme pela minha querida vida após a morte. “Eu nem sei como eu fiz isso.”

“Seus instintos cooperaram sob pressão. Cair desta altura deve fazer você experimentar uma pressão semelhante, permitindo que esses instintos assumam outra vez,” ele respondeu com mais calma do que era merecido. “Vamos, Kitten, pule. Ou eu vou te jogar.”

“Jogue-me dessa ponte, Bones, e você terá *muito* celibato em seu futuro.”

Seus lábios se curvaram de um jeito que dizia que ele não estava preocupado. “Só significa que eu teria que trabalhar mais para mudar sua opinião, e você sabe como eu amo meu trabalho. Agora deixe de esquivar-se. Se você ainda estiver ai em cima em cinco minutos, eu te jogarei.”

Lentamente liberei meu aperto de morte na viga. Ele faria exatamente o que ele disse, e se eu conhecesse o Bones, ele já tinha começado a contagem regressiva. Embora o senso comum dizia que ele estava certo sobre suas razões por me ensinar a voar—e mais, verdade seja dita, saltar não poderia me matar mesmo se eu mergulhasse de barriga no Mississippi—eu ainda o amaldiçoei enquanto me afastava da viga.

“Dissimulado, manipulador, sanguessuga sem piedade...”

Uma risada veio até mim. “Conversa de travesseiro já? Você vai me deixar duro antes mesmo de nós voltarmos para o nosso quarto.”

“Bem, eu espero que a sua dureza se satisfaça sozinha se masturbando hoje a noite!” Eu rosnei.

Seu riso só aumentou. “Realmente, amor, estou impressionado. Onde você aprendeu uma expressão tão apimentada?”

Eu estava a poucos passos de distância da viga onde eu estava agarrada, nada mais próximo para segurar e apenas o meu equilíbrio me impedindo de cair nas águas escuras abaixo. Jeez, realmente era um longo caminho para baixo.

“Do Spade. Ele estava ajudando Denise a renovar suas gírias inglesas.”

“Ah, é claro. Apenas três minutos restantes agora, Kitten.”

Eu olhei para as luzes da cidade cintilando pelo outro lado da ponte, tentando acalmar meus nervos. Mesmo no escuro, eu podia ver os edifícios refletidos na



água claramente. Agora e depois, as formas espectrais chamaram minha atenção, fantasmas discretamente entravam e saíam deles e de outras estruturas como se eles fossem para os seus trabalhos fantasma. Nova Orleans era realmente um dos lugares mais assombrados do mundo, com mais fantasmas conscientes do que qualquer outro lugar que eu já vi. Inferno, esse era o lugar onde tínhamos adotado Fabian.

"Último minuto, amor. Sem mais esquívamento," Bones disse implacavelmente.

Bastardo. Arrumei meus ombros, tomando uma respiração profunda para me encorajar, e então saltei da borda da ponte como se fosse um trampolim. Imediatamente meus olhos lacrimejaram com a picada de ar chicoteando-os. Mesmo eu sabendo que isso não ia me matar, uma onda de pânico me encheu como se nada estivesse acontecendo exceto eu caindo mais rápido em direção ao rio. Quase loucamente, comecei a mover meus braços, como se fazendo isso repentinamente crescessem e asas me levassem. Esta estratégia dele não estava funcionando! Eu não estava voando, eu estava caindo como um tijolo. Deus, eu ia bater naquela água a qualquer momento...

Meu corpo inteiro se preparou para o impacto quando eu senti uma lufada forte e a distância abruptamente começou a crescer entre mim e o rio. Por uma fração de segundo, eu pensei que Bones tinha me pego, decidindo na última hora não me deixar estraçalhar na água depois de tudo. Mas em seguida, eu percebi que não sentia a pressão rígida de seus braços. Não, eu não senti nada além da estranha sensação do ar me amortecendo, como se jatos invisíveis tivessem magicamente aparecido para me impulsionar para cima. Um olhar para baixo provou que eu estava agora há dezenas de metros acima do rio, subindo a cada momento, nada me apoiando exceto aquelas pulsantes correntes de ar.

Um sorriso selvagem se formou no meu rosto. *Santa Merda, eu estava fazendo isso! Eu estava realmente voando!* Aquele pânico anterior se tornou euforia. Eu estava voando e esse era o mais incrível sentimento. Muito, muito superior aos sonhos ocasionais que eu havia tido onde eu poderia levantar voo sem explicação ou prática. A sensação do ar constante era diferente, também. Como se ele tivesse uma forma que eu pudesse moldar e manipular. Não há mais espaço vazio, mas uma tela de oportunidades e alegria em vez disso.

Eu olhei em volta, tentando identificar onde Bones estava, quando da mesma forma que de repente eu tinha subido, eu comecei a cair. Meus braços começaram a fazer aquele louco movimento novamente, mas desta vez, nada aconteceu. Uma estúpida resignação me encheu quando vi a distância entre mim e o rio desaparecer. *Boa coisa Bones estar com a minha jaqueta de couro,* foi o meu último pensamento antes de chegar ao rio com um tremendo splash.



O solavanco passou pelo meu corpo como um chute circular. Meu impulso me afundou vários metros debaixo d'água e eu surgi cuspidando fora o que tinha engolido acidentalmente quando respirei com o impacto. A face de Bones foi a primeira coisa que vi quando ressurgi. Ele flutuava no ar, alguns metros acima de mim, como uma bela visão, olhando para mim com um sorriso.

"Eu lhe disse que saltar da ponte iria avivar seus instintos o suficiente para você voar."

Eu dei um penetrante olhar para o menos-que-cheiroso rio em que eu estava flutuando. "Sim, mas eu ainda estou na água, então isso não funcionou tão bem como você pensou que iria."

Seu sorriso se ampliou. "Nunca disse que não praticaria antes de você aprender a como se manter em movimento."

Eu me aremessei para ele, decidida a mergulha-lo na água comigo, mas ele primorosamente escapou do meu agarre, rindo. Então ele me puxou para fora do rio por meus ombros. Com uma habilidade controlada voou em seguida – *exibido* – e eu estava de volta no topo da ponte, encharcando o peitoril de metal com as minhas roupas encharcadas.

"Tudo bem. Outra vez," Bones declarou.

Eu olhei para o rio abaixo e depois devolta para ele, notando que ele estava longe o suficiente para evitar qualquer outra tentativa que eu pudesse fazer de agarrá-lo a força. Antes dessa noite acabar, eu prometi a ele em silêncio, você estará mergulhando nessa água comigo. Necessidade poderia ter o levado a insistir nesta forma extrema de lição de vôo, mas seu sorriso falso disse que Bones estava adorando me ver espatifando no rio enquanto eu lutava para encontrar minhas asas de vampira.

"Eu tinha esquecido o quanto você costumava apreciar dificultar as coisas para mim no treinamento. Receba cada jogada barata, cada golpe baixo, certo?"

Seu sorriso se tornou mais perverso, confirmando o meu palpite. "Será difícil te estressar o suficiente para avoar, agora que você já pulou uma vez. Talvez tenha que te jogar para que o seu sangue suba o suficiente dessa vez."

"Nem *pense* nisso," eu avisei.

Uma sobrelance arqueou. "Esse é um desafio, Kitten?"

Ele estava de alguma forma do meu outro lado, movendo-se com a rapidez de um relâmpago que me deixou sem defesa. Eu senti num piscar de olhos um aperto, um empurrão – e então eu estava caindo em direção ao rio, minhas maldições fluindo tão rápido quanto o vento e rapidamente me aproximando da



água.

"Maldição, eu vou te pegar por isso! Apenas espere até eu colocar minhas mãos em você."

"Paus e pedras*, amor," Eu o ouvi gritar em resposta. Então eu colidi com o rio, aumentando minha fúria violenta. Eu emergi bravejando novamente, vendo Bones pairando sobre mim, desta vez sem se preocupar em conter o seu riso.

**Gíria tirada daquela frase: Paus e pedras me machucam, mas palavras não.*

"Você parece um rato afogado. Talvez você devesse tentar se mover menos e se concentrar mais na próxima vez."

"Você vai pagar tão caro por isso," Eu jurei, disparando para ele.

"Se você quer a sua vingança, venha buscá-la," ele zombou, voando para fora do meu alcance, enquanto eu continuei nadando em sua direção.

Meus olhos se estreitaram. Ele queria jogar, hein? Bem, talvez eu tenha esquecido o quanto gostava de ser cruel nos treinamentos, mas ele obviamente tinha esquecido que eu era rápida em aprender. *Você voou duas vezes antes, o que significa que você tem a habilidade. Você só precisa avivar isso*, ele disse há apenas pouco tempo.

Ah, eu iria avivar isso. Agora mesmo.

Eu canalizei todos os meus planos de vingança em desenhar o ar acima de mim como uma escada que eu poderia subir, como se eu pudesse torná-la sólida na minha mente. Bones continuou a voar em círculos por cima de mim, perguntando como eu gostava do meu banho noturno e refletindo que não deve ser verdade que os gatos* não gostavam de água. Eu ignorei aquelas piadas, continuando a imagem no ar como se fosse algo maleável.

**O nome dela é Cat, que é gato em inglês.*

Energia começou a empurrar contra minha pele, crescendo até arranhar com a mesma constância que meu coração pulsava dentro mim. Lembre-se de como você sentiu o ar antes. *Não é um espaço vazio. É algo que você pode dar forma e moldar, impulsionando você pra cima e além dele, se você apenas se concentrar num esforço suficiente...*

Quando eu senti o ar acima de mim pulsando na hora certa com a energia no meu corpo, eu saltei pra fora da água. Bones estava no meio de sua próxima passagem por cima de mim e eu corri atrás dele, embora ele arrancasse para trás no último segundo. Aquele sentimento exultante voltou, como um choque de adrenalina para o meu sistema, quando eu senti o ar se curvar a minha



vontade, me permitindo o impulso e apoio para pegá-lo como um equipamento aéreo que nos fez voar ao redor.

E então, com um riso vitorioso, eu apertei o meu agarre e caímos no rio, o seu riso em resposta foi a última coisa que ouvi antes da água se fechar sobre nós.



CAPÍTULO TREZE.

Agora eu sei por que você escolheu um quarto localizado sozinho na cobertura," eu fiz a observação enquanto Bones nos baixava em um pouso gracioso no pátio externo de nossa suíte. Depois de várias horas praticando, eu, provavelmente, teria conseguido pousar sozinha, mas eu poderia ter arrancado uma parte da mobília de ferro forjado no processo.

"Agora vem a calhar," ele disse, com um olhar significativo para suas calças e camisa rasgadas, vítimas de terem sido agarradas por mim enquanto eu estava voando mais cedo. Entre tudo isso, nossas roupas molhadas e nosso cabelo pingando, faríamos qualquer cliente arrogante do hotel ter um ataque cardíaco se pegássemos o caminho normal de entrada, através do saguão.

Sorri de forma afetada. "Eu disse que ia te pegar."

Seu riso era um carinho nos meus sentidos. Mesmo molhado e cheirando a rio fedorento, Bones ainda conseguia me atrair. Suas roupas podiam estar rasgadas e sua jaqueta pingando água, mas ele fazia isso parecer sensual. Talvez porque estar encharcado significava que suas calças e camisa se aderissem a todas as linhas de seu corpo de forma explícita, destacando os músculos esguios e rígidos como se fossem moldados a ele.

Ele se inclinou. "Devo me atrever a ter esperança de que a vingança foi o suficiente para fazer você esquecer os planos do outro voto de retaliação?"

Passei as mãos por seu peito, parando perto dos mamilos, que estavam rígidos devido as roupas molhadas—ou porque ele soubesse o quanto aqueles botões rígidos praticamente gritavam para serem tocados. De forma inconsciente, lambi meus lábios.

"E deixar você voltar atrás em sua promessa de se esforçar pra me convencer?" Eu não podia manter a rouquidão longe de minha voz. "Isso não seria esperto da minha parte, seria?"

Ele se aproximou, pressionando o peito mais firmemente contra minhas mãos até que eu pudesse sentir todos os seus músculos enquanto seus braços se erguiam para me envolver.

"Não, nada esperto," ele murmurou, sua respiração pousando exatamente no ponto certo próximo a minha orelha.

Fechei os olhos, saboreando as sensações crescendo dentro de mim. Então eu o afastei e comecei a vasculhar em minhas calças. Apenas a uma curta distância de nós estava um quarto. Era lá que precisávamos estar, e quanto



antes melhor.

"Espero que o cartão não tenha caído... ah, agradeço a Deus por bolsos com botões," eu disse, puxando meu cartão. Esse pátio ao ar livre tinha acesso com cartão, apesar de que eu apostava que nunca tinha sido usado como entrada principal para o quarto antes.

Mas quando eu fui até a porta externa, Bones me seguindo próximo o suficiente para sua energia vibrar ao longo das minhas costas, nada aconteceu quando pressionei o cartão na abertura. Eu repeti o gesto, verificando novamente se a seta estava na posição correta. Ela estava, mas nada de luz verde.

"Tente o seu," eu disse, franzindo a testa.

Logo em seguida, Bones colocava e tirava seu cartão na posição correta, mas várias tentativas mais tarde, a porta ainda não abria.

"Molhá-los deve ter danificado a faixa magnética," ele disse, dando de ombros. "Espere aqui. Vou voltar pelo saguão de entrada e deixar você entrar assim que eu conseguir novos cartões."

"Vestido assim?" eu perguntei, rindo. "Eu devia deixar você ir simplesmente porque eu vou morrer de rir imaginando o olhar na cara das pessoas, mas eu vou. Posso estar tão molhada quanto você, mas pelo menos minhas roupas não estão rasgadas e minha jaqueta está seca porque você a deixou na ponte antes de eu te puxar para dentro do rio."

"Não me importo com o que aqueles almofadinhas pensam," ele respondeu com desprezo.

Não importa que eu mesma tenha feito coisas muito mais questionáveis ultimamente, fantasmas da minha criação rígida insistiam que uma pessoa *não* aparece com fendas indecentes em suas roupas em público se puder evitar. Eu tentei outra tática.

"Vamos, tenha piedade de qualquer mulher mais velha que possa estar no saguão. Você não quer dar a elas um ataque do coração se elas derem uma olhada em suas virtudes," eu provoquei, trilhando com os dedos um caminho até a frente de suas calças rasgadas.

A mão dele se fechou ao redor da minha, a levando direto contra as virtudes em questão. Eu me retorci por dentro, emitindo um pequeno gemido. Deus, senti-lo ficar grosso e duro contra minha mão quase acabou com meu controle bem ali. Era tudo que eu podia fazer para não cair de joelhos e substituir minha mão pela minha boca.



"Estou indo," eu disse, as palavras soando roucas por causa da força de vontade que precisei ter para afastar minha mão. "Não vou demorar."

Seus olhos estavam verdes, brilhando, combinando com a fome em sua expressão, presas me tentando por baixo daqueles lábios perfeitamente esculpidos.

"Rápido."

Eu pulei da cobertura sem nem ao menos olhar para ter certeza de que alguém não estava abaixo de mim até eu quase chegar no chão. Bom que era quase quatro da manhã, tarde até mesmo para a maioria dos moradores da cidade estarem fora.

Então eu contornei a esquina e fui para dentro do Ritz, dando um breve aceno de cabeça para o porteiro. Uma curta viagem de elevador em seguida e eu estava no saguão, fingindo não notar os olhares surpresos que os funcionários davam ao meu cabelo e sapatos molhados. Eu puxei minha carta de motorista—falsa, mas registrada com o mesmo sobrenome que Bones usou para nos registrar nesse quarto—e expliquei que de alguma forma meu cartão não estava funcionando. Enquanto eu esperava por novos cartões, um homem se registrava, segurando uma garotinha adormecida em um braço enquanto assinava, meio sem jeito, seus formulários com o outro. Pela sua voz apressada, era óbvio que ele estava esperando colocá-la na cama antes que acordasse e depois de ouvir seu comentário cansado sobre atrasos no aeroporto, era óbvio que ele também estava igualmente cansado.

Eu peguei meus novos cartões ao mesmo tempo em que o funcionário terminou de registrar o homem, então esperamos pelo elevador juntos. Ele piscou um pouco devido aos pingos de água que formavam uma poça aos meus pés quando eu entrei no elevador, mas não disse nada.

"Tropecei e cai em uma poça grande," eu sussurrei.

"Ah" foi sua resposta igualmente silenciosa. Pelo menos ele não me deu o mesmo tipo de olhar com nojo que aquela mulher mais velha vestindo pele, fodedora de encanador tinha dado.

Tínhamos subido mais ou menos uns dez andares quando de repente um barulho antecedeu o tremor do elevador como se tivéssemos sido pegos em um terremoto. O homem cambaleou e eu o agarrei para que ele não derrubasse acidentalmente a garotinha, que acordou com um grito. Eu fiquei confusa por uma fração de segundo antes do medo subir por minha espinha. Energia sobrenatural enchia o ar, vindo do topo do elevador, onde momentos atrás, soava como se uma pedra tivesse sido jogada sobre nós.



Exceto que pedras não caíam sobre elevadores em hotéis elegantes, e elas também não faziam ruídos sinistros de rosnados.

Oh merda, eu pensei, bem antes de ouvir o primeiro cabo rachar.

"Vá para o canto!" eu ordenei, empurrando o homem quando ele simplesmente permaneceu lá de pé.

"O que está acontecendo?" ele gritou. Sua garotinha começou a chorar. O elevador tremeu de novo, dessa vez acompanhado por um ruído horrível de chicotada que parecia como outro cabo sendo arrancado. Ao mesmo tempo, começaram as pancadas no teto do elevador. Eu ignorei, enfiando as mãos na fresta das portas do elevador com força o suficiente para sangrar meus dedos antes de abri-las. Dei de cara com uma laje de aço e concreto, nenhum espaço aberto para escapar através dele. O elevador estava entre dois andares, mas não por muito tempo, a julgar pelo último som de algo se rompendo.

"Oh Deus, o que é isso?" o homem gritou.

Choveu metal, gesso e vidro sobre nós enquanto um buraco que não estava lá antes aparecia no teto. O rosto de um ghoul pôde ser visto, um sorriso selvagem iluminando suas feições ao me reconhecer.

"Reaper," ele sibilou.

Eu empurrei o homem para o lado bem a tempo de afastá-lo das mãos do ghouls quando ele deu o bote para me pegar.

"Abaixe-se!" eu gritei, tentando lutar contra o ghoul enquanto eu permanecia debaixo do buraco que ele tinha aberto. Se o ghoul viesse pra dentro, tanto pai e filha seriam mortos em segundos, e isso só se eles tivessem sorte suficiente para o elevador não cair antes disso.

A dor se espalhou pelos meus braços e rosto, o vermelho imediatamente colorindo minha visão. *Ele tinha uma faca. Uma faca de prata*, eu percebi, a julgar pela queimação que deixou em minha pele. Tentei evitar aquela lâmina reluzente enquanto ainda impedia que o ghoul caísse pra dentro do elevador. Outro estalo e o elevador caiu alguns metros antes de parar abruptamente, o metal rangendo sob a tensão do freio de emergência segurando o elevador.

Mas uma coisa boa surgiu com a queda do elevador. Agora, as portas de aço brilhantes pegavam parte da parede de concreto e metal. O elevador tinha caído a meio caminho de abertura para um novo andar.

"Abra essas portas e saiam agora!" eu gritei, uma olhada nublada de carmesim revelando que o homem estava abaixado na mesma posição de antes,



segurando sua filha enquanto olhava para nós com os olhos arregalados.

Ele ainda não parecia conseguir desviar o olhar. Droga, ele estava em choque e não ia demorar muito para que ou o ghoul entrasse no elevador ou que o choque da luta entre dois sobrenaturais provasse ser demais para o freio de emergência. Eu enganchei meus braços nas barras de suporte do forro do elevador, as usando como alavanca enquanto eu virava de cabeça pra baixo e chutava o ghoul com toda minha força. As barras quebraram, me fazendo cair de bunda com força suficiente para fazer o elevador chacoalhar perigosamente de novo, mas por enquanto, o ghoul tinha saído do buraco no teto.

Eu puxei com força aquelas portas para ficarem abertas e puxei a menina, que chorava, dos braços do pai, a empurrando através do vão. Ela caiu no chão com um grito que me encheu de alegria, porque enquanto ela poderia estar ferida, agora ela também estava a salvo. Porém, antes que eu pudesse empurrar seu pai pela mesma abertura, um rugido encheu o ar enquanto o ghoul pulava pelo buraco no teto e aterrissava no elevador conosco.

O elevador balançou com tanta força que eu tive certeza de que ia cair. Eu não tive tempo de alcançar minhas armas em meu casaco, mas corri impetuosamente em direção ao ghoul, o derrubando de perto do homem. Em meio ao barulho de metal, aos gritos do homem e as batidas sólidas do ghoul e eu colidindo pelo elevador atacadados em uma luta de morte, eu ouvi algo mais. Um rosnado Inglês enfurecido.

"Venham aqui seus malditos *bastardos*!"

Tive uma fração de segundo de alívio vertiginoso. Bones estava aqui, então o pai e eu conseguiríamos sair dessa. Se eu não estivesse preocupada em manter o ghoul longe do homem agachado—um pisão descuidado ou uma pancada mais forte do comedor de carne quebraria seu pescoço como um galho—eu poderia pegar minhas armas e equilibrar um pouco as chances. Mas meu alívio desapareceu no instante seguinte quando um barulho alto de algo quebrando precedeu ao chão caindo debaixo dos meus pés.

Oh Jesus. O elevador estava caindo.

Tudo ao meu redor balançou com vibrações terríveis enquanto a velocidade nos ergueu alguns centímetros antes da gravidade fazer meus pés voltarem ao chão. O ghoul me lançou um sorriso cheio de ódio mesmo enquanto o homem gritava tão alto que logo abafou os ruídos do elevador em queda-livre. O ghoul e eu poderíamos sobreviver a colisão, apesar de que o ghoul, sem dúvida, iria tentar ao máximo garantir que minha sobrevivência não durasse muito além



disso. O pai, entretanto, estaria morto em segundos.

O ghoul investiu contra mim, rasgando o ar com sua faca de prata em direção ao meu coração. Eu não ergui os braços para bloqueá-lo, mas me movi para a esquerda no último segundo. Aquela lâmina se enterrou em meu peito, espalhando chamas angustiantes pelo meu corpo, mas não atingindo meu coração. Ao mesmo tempo, eu empurrei o ghoul para baixo e para o lado, mirando nos flashes de luz que apareciam entre as portas do elevador parcialmente abertas enquanto caíamos em uma velocidade ainda maior.

O som de algo sendo triturado acompanhou o corpo todo do ghoul ficando mole enquanto os andares passavam rapidamente e o espaço apertado agia como uma grossa guilhotina. Eu não desperdicei um segundo para saborear minha vitória, mas puxei a faca do meu peito e agarrei o homem, enfiado sua cabeça o máximo possível em meu peito ensanguentado. Então, ainda curvada sobre ele, eu saltei para cima com toda minha força.

A agonia incandescente cortando meu corpo me fez mal registrar o aumento de ruídos que se seguiam. Poeira, vidro e sangue enchiam meu olhar, sendo quase impossível de enxergar. *Pra cima* era meu pensamento primário, seguido de perto por *Não o solte!* Vários objetos duros batiam em mim e eu piscava furiosamente, tentando clarear minha visão enquanto mantinha o homem firme. Aqueles solavancos de esmagar os ossos podiam ser mais ghouls tentando me matar, ou partes do poço do elevador em que eu batia cegamente enquanto nos lançava para longe da explosão de escombros enquanto o elevador se esmagava com o impacto abaixo de nós.

"Kitten!"

O grito de Bones me deu um sistema de referência. Então as sombras se tornaram objetos sólidos enquanto minha visão clareava com a rapidez nosferatu. A cor vermelha ainda coloria minha visão, mas eu não precisava ver em mais cores do que aquela para saber que eu tinha nos tirado do elevador com, provavelmente, só um segundo antes da colisão. Minhas costas ainda queimavam enquanto se curava, mas pelo menos agora eu podia me endireitar, mesmo que eu sentisse como se minha espinha se reajustasse com uma escavadeira.

"Estou bem," eu gritei, não vendo Bones, mas julgando que ele estivesse apavorado por causa dos sons vindos de baixo. A última coisa que ele precisava era ser distraído se perguntando se eu tinha morrido na colisão. Minha velocidade ascendente começou a reduzir enquanto eu procurava por qualquer lugar seguro para colocar o homem.

Lá. Uma pequena aba entre os andares marcando onde o elevador iria parar,



se ele não estivesse em pedaços lá em baixo. Eu ajustei a forma que eu carregava o homem, o carregando com um braço enquanto esticava o outro para alcançar aquela pequena saliência. Eu a agarrei, pendurando nós dois um par de andares acima dos destroços do elevador. Ele estava sem forças, mas seu coração ainda batia, felizmente. Eu me mantive firme segurando ele e a borda estreita enquanto eu balançava uma perna para cima, colocando meu pé entre a fenda das portas que protegem aqueles que esperam por um elevador dos perigos de cair do outro lado. Então, rangendo os dentes devido a posição desajeitada, eu chutei, empurrando aquelas portas de aço para se abrirem.

Quando elas estavam abertas o suficiente para o corpo do homem passar entre elas, eu dei um impulso nele para cima, gentilmente o empurrando de bruços pela abertura. Ninguém estava por perto, mas não levaria muito tempo até alguém o encontrar. Com o barulho violento do elevador espatifando, o hotel teria todos trabalhando o mais rápido possível para ver se alguém estava ferido. Ser empurrado pelo topo do elevador o deixou todo com cortes e ossos quebrados, mesmo com meu corpo sofrendo a maior parte do impacto. Mas ele estava vivo, assim como sua garotinha. Isso foi o melhor que eu pude fazer por eles.

Então eu fiquei na pontinha dos dedos e forcei as portas para se fecharem novamente. Assim que elas se fecharam, eu saltei da borda estreita para os restos do cabo do elevador que estava pendurado, me movendo rapidamente agora que eu não tinha o homem para proteger e meus ferimentos tinham terminado de se curarem.

"Onde você pensa que está indo?" A voz de Bones sibilou antes que mais barulho explodisse em meio aos cabos e fagulhas caíssem sobre mim. Então um corpo veio de cima, em minha direção, deixando pra trás sua cabeça separada há uns três metros. Nenhum pedaço era Bones, então eu fiz uma prece de agradecimento enquanto me balançava para a esquerda para evitar que me atingisse. Eu não gritei pra ele de novo, não querendo alertar minha presença para qualquer outro ghoul que pudesse estar esperando no poço. Com a energia furiosa de Bones tomando conta do espaço, era difícil sentir se algum outro morto vivo estava lá.

Eu escalei ainda mais rápido, não querendo tentar voar de novo ainda. Primeiro, eu podia estar curada, mas eu me sentia mais fraca por usar meu corpo para fazer uma saída de emergência do elevador grande o suficiente para duas pessoas passarem e eu ainda não tinha dominado a arte de não bater enquanto voasse. Se eu batesse em Bones enquanto ele estivesse no meio de uma luta, aquilo poderia ter consequências terríveis. Mesmo que eu não pudesse escutar os sons da batalha, o que eu podia, eu ainda sabia que ele estava preso em combate. Propósito mortal e tempestuoso varreu meu



subconsciente, misturado com flashes de dor seguidos de perto por satisfação. O que quer que estivesse acontecendo, Bones estava vencendo, porque eu não sentia medo emanando dele.

Outra sequência de batidas altas mais tarde e então sua voz veio do topo do poço.

"Kitten?"

"Estou quase aí," eu gritei, dobrando meus esforços. Eu alcancei o andar de cima onde Bones estava menos de um minuto mais tarde, me levantando através do buraco em forma de homem na parede que tinha manchas de sangue ao redor dele. Provavelmente feito pelo ghoul sem cabeça pouco antes de sua queda livre pelo poço. Aquilo deve ter sido o estampido que ouvi antes de seu corpo vir em minha direção.

Bones estava de costas para mim. Seu casaco já era, o que mostrava que suas roupas estavam ainda mais rasgadas do que da última vez que o vi, e ele estava de joelhos retendo um ghoul debaixo dele. Seus rostos estavam juntos enquanto as pernas do homem chutavam dos dois lados dos quadris de Bones em uma paródia macabra de paixão. Apesar do stress dos últimos minutos—ou talvez por causa dele—eu desatei a rir.

"Vocês dois precisam de alguns minutos sozinhos?" eu consegui dizer.

"Oh, teremos tempo sozinhos em breve. Não teremos, colega?" Bones falou com uma voz que esbanjava ameaça. "Kitten, eu preciso das duas mãos para esse sujeito, então coloque seus braços ao redor do meu pescoço e segure firme."

Eu fiz o que ele pediu, fechando meus braços firmemente sob seu queixo. Bones inclinou a cabeça para dar um único beijo neles antes do ar ficar denso com o poder e ele se lançou para cima, voando conosco através do corredor de serviço danificado e pra fora do hotel.

Menos de trinta minutos mais tarde, voamos em direção a uma casa de dois andares que estava localizada há uma milha de distância da estrada principal contornando um pântano denso. Francamente, eu não sabia como Bones encontrou o lugar, mas ele nunca hesitava em sua direção. Eu podia ver uma meia dúzia de pessoas de pé em formação de guarda do lado de fora da casa, e eles todos olharam pra nós quando chegamos mais perto.

Bones não se importou com sua graciosa aterrissagem costumeira. Ele nos aterrisou com força o suficiente para deixar uma rachadura na calçada. Os guardas formaram um círculo ao nosso redor, suas armas em punho, mas não atirando, claramente aguardando por instruções. Ela veio na forma da porta da



frente se abrindo e um vampiro de barba e esguio vindo pra fora. Seu cabelo castanho longo balançava com seus passos rápidos, enquanto chamas azuis serpenteavam em seus braços, de alguma forma, não queimando uma costura de suas roupas.

Então o vampiro parou quando nos viu.

"Bones. Cat." Um sorriso sarcástico se curvou na boca de Vlad Tepesh enquanto ele assimilava o estado parcialmente vestido de Bones, o jeito que ele segurava ao redor da garganta do ghoul e minhas próprias roupas manchadas de sangue. "Que gentil da sua parte em aparecer."



CAPÍTULO QUATORZE.

Eu soltei Bones, permitindo a ele uma maior amplitude de movimento para lidar com o ghoul. Provavelmente ele estava contente por não estar mais o estrangulando, mesmo que ele não precisasse respirar.

"Esse idiota tem respostas que eu preciso," Bones afirmou de forma afiada para Vlad enquanto afundava o rosto do ghoul no caminho de concreto, pulando em suas costas antes que ele pudesse tentar fugir.

Eu acenei discretamente para Vlad enquanto Bones continuava a fazer mais buracos na entrada da casa usando a cara do ghoul. "Nós, ah, fomos atacados por ghouls em nosso hotel e ele é o último que restou vivo," eu falei em tom de explicação.

"Eles atacaram vocês dentro da cidade?" Vlad olhou para o ghoul de forma intrigada, não parecendo se preocupar com o dano causado a entrada para carros mesmo que eu fizesse uma anotação mental para lhe fazer um cheque. "Marie não voltou atrás em sua palavra sobre passagem segura, voltou?"

"Essa é minha primeira pergunta," Bones disse, esfregando o rosto do ghoul contra uma aresta saliente do concreto. "A rainha de Nova Orleans te enviou?"

"Foda-se," o ghoul cuspiu.

Por que ele teve que dizer isso? Agora as coisas iam ficar *realmente* desagradáveis.

"Você quer fazer isso do jeito sangrento ou do jeito rápido?" Vlad perguntou, olhando sobre eles com uma fria indiferença enquanto Bones voltava a fazer um buraco na entrada para carros com o rosto do ghoul.

"Não posso dizer que me importo em como consigo minhas respostas, desde que eu as consiga," Bones respondeu de forma curta, batendo o rosto do ghoul mais uma vez para enfatizar.

"Humm. Segure ele, mas não muito perto."

Bones agarrou o braço do ghoul em um aperto tão forte que o aço não quebraria, mas saiu de cima das suas costas. Vlad andou até o ghoul e despenteou seu cabelo, quase um gesto amigável. Então ele voltou para o meu lado. Durante os poucos passos que ele deu, chamas começaram a lamber as pernas do ghoul, escurecendo suas roupas e pele. O ghoul gritava. Eu não pude reprimir fazer uma careta devido a lembrança. Já fui queimada antes e dói muito mais do que ser apunhalada com prata.

"Se sentindo mais falante agora?" Vlad perguntou, mal sendo perceptível acima



dos berros do ghoul. "Continue a ficar em silêncio e vou cozinhar sua salsicha e ovos em seguida."

O ghoul puxou o braço com força em uma tentativa frenética de fugir, mas como eu suspeitava, a mão de Bones que o segurava nem se moveu. O que me surpreendeu foi o ghoul jogando o resto de seu corpo, com tanta força, na direção oposta que mais do que sua camisa se rasgou.

Bones não compartilhou nada da minha náusea sobre, de repente, estar segurando um braço que não estava mais preso a um corpo. Ele simplesmente agarrou o ghoul pelo outro braço e começou a bater em sua cabeça com o braço solto. Eu tinha ouvido Bones ameaçar bater em alguém com o próprio membro antes, mas eu sempre presumi que fosse força de expressão. Aparentemente não.

"Marie o enviou?" Bones falou por entre os dentes, se mantendo longe das chamas que subiam mais pelas pernas do ghoul. *Lá se vão a salsicha e os ovos*, eu pensei e estremei.

"Majestic não sabe nada disso—aarrghhh!"

"Ele está sendo cooperativo agora, maneire nas chamas," eu disse para Vlad.

O homem cuja história inspirou a novela de vampiro mais famosa no mundo me olhou de forma entediada.

"Você chama isso de cooperativo? Eu chamo de mal chamar a atenção."

"Vlad..." falei de forma prolongada.

"Desmancha-prazeres," ele murmurou.

O fogo declinou para a parte mais baixa do corpo do ghoul da mesma forma que desaparecia das mãos de Vlad. Eu estremei, me lembrando de como era ter aquele poder depois de beber o sangue de Vlad. Se eu fosse honesta, eu admitiria que tinha sido tentador e aterrorizante. De repente ter toda sua raiva saindo de você em torrentes de fogo tinha sido alarmante para meus sentidos assim como minha mais nova descoberta habilidade de voar. O problema era, assim como todos os poderes que peguei emprestado através do sangue, eu não podia controlá-lo. Eu podia ter explodido um inimigo em pedacinhos inflamáveis, mas eu também botei fogo em Bones por acidente.

"Me faça queimá-lo de novo e esquecerei que me importo com a opinião dela," Vlad disse ao ghoul de forma tão casual que ele podia ter feito um comentário sobre o tempo.

"Marie não te mandou atrás de Cat?" Bones perguntou, batendo forte no ghoul



uma última vez com seu braço separado do corpo antes de jogar o membro murcho de lado.

Os olhos azuis do ghoul se encontraram com os meus. Ele podia não parecer mais velho que eu em anos humanos, mas para ser forte o suficiente para se manter sem balbuciar seu nome, posição social e número de série logo que Bones começou a trabalhar nele, ele tinha que ser velho.

"Majestic não sabia da nossa intenção," ele disse, chamando Marie pelo nome pomposo que ela preferia.

Bones lançou um olhar para o céu. "Vai amanhecer logo. Se eu não estiver na cama com minha esposa até lá por ainda estar lidando com sua bunda inútil, estarei de muito mau humor. Então é melhor você reconsiderar mentir pra mim. Caso contrário eu a mandarei pra dentro e farei coisas que você ficará horrorizado demais para querer viver depois."

Eu realmente fiquei pálida pela frieza no tom de voz de Bones, para não falar na parte do "mandá-la para dentro", mas a boca de Vlad se curvou no que parecia uma apreciação invejosa.

"Majestic não sabia," o ghoul repetiu, de forma mais enfática dessa vez. "Nós planejamos deixar a cidade logo em seguida para evitar sua fúria por atacar um hóspede sem sua permissão."

"Oh, ela ficaria muito puta com vocês, se você estiver dizendo a verdade," Bones concordou. Então o segurou com mais força, de maneira ameaçadora. "Mas eu ainda não estou convencido. Se você não está cumprindo sua ordem, quem o enviou?"

"Nós nos enviamos," o ghoul falou de forma áspera.

"Kitten." A voz de Bones estava tão monótona que era assustadora. "Vá pra dentro."

"Agora espere um minuto," eu comecei, mesmo com o grito do ghoul, "É verdade! Não podemos permitir que Apollyon incite nossa espécie para guerra!"

Minhas sobrancelhas se ergueram perante isso. Eu presumi que se Marie não os tivesse mandado, ele devia ser um dos ghouls de Apollyon, mas ele não parecia ser um fã.

"Nós quem?" Bones perguntou, traçando uma linha com os dedos, de forma quase delicada, sobre a pele do ghoul que estava se regenerando onde Vlad o tinha queimado. Até mesmo aquele leve toque fez que o comedor de carne arfasse de forma áspera antes de falar.



"Aqueles como eu que sabem que Apollyon busca guerra para lucro próprio, não por algum benefício para nossa espécie." O ghoul lançou um olhar duro em minha direção. "Foi negada a vitória a Apollyon séculos atrás quando a outra mestiça foi morta, então agora ele proíbe seus defensores a fazerem mal a ela. Se vamos pará-lo antes que sua loucura infecte pessoas demais do meu povo, ela deve morrer."

Bones bateu o crânio do ghoul com tanta força na entrada de carros que um pedaço dele voou, caindo como um sinistro mini Frisbee aos meus pés. Eu desviei o olhar, esfregando minha têmpora com uma preocupação repentina que nada tinha a ver com a aproximação do amanhecer. Não devia me surpreender que mais do que apenas a nação de vampiros poderia querer minha morte para evitar guerra, mas eu não tinha antecipado as coisas para progredirem tão rápido assim. Eu também presumi que Apollyon me queria morta. A tola aqui devia ter percebido que minha morte não se encaixava em seu grande esquema de dominância de espécie. Não era de se espantar que seus ghouls evitaram Bones e eu quando estávamos zanzando por Ohio. Nós éramos os vampiros mais seguros do estado, se Apollyon tinha proibido seu pessoal de me machucar.

"De qualquer forma, por que Apollyon está tão convencido de que ghouls ganhariam uma guerra contra vampiros?" eu perguntei, ainda esfregando minha têmpora. "Sem ofensa, mas pelo que vi, presas têm algumas vantagens distintas sobre comedores de carne."

O ghoul ainda parecia um pouco confuso pela recente pancada em sua cabeça, mas ele conseguiu me responder.

"Ghouls são mais difíceis de matar do que vampiros com sua fragilidade a prata. Mas o mais importante, desde que seu criador está morto, Majestic não tem mais lealdade ao mundo dos vampiros. Se a nação ghoul for para a guerra, agora ela irá ficar do lado do seu povo ao invés do dos vampiros."

Vlad soltou uma risadinha. "Seu cérebro não deve ter se regenerado completamente se você pensa que um ghoul sozinho pode vencer a guerra."

"Eu não sei se o auxílio de Majestic pode nos fazer vencer," o ghoul respondeu, soando tão esgotado quanto eu me sentia naquele momento. "Apollyon acredita que pode. Mas meus irmãos acreditam que os dois lados sofreriam pernas inimagináveis se guerreássemos, e depois disso, como alguém poderia ser considerado um vencedor?"

Uma parte de mim mostrou empatia com o ghoul. Ele entendia o que muitas pessoas não—que se você tinha que destruir quase todo mundo dos dois lados para vencer uma guerra, então não era uma vitória. Ele não estava sendo



guiado cegamente por um desejo de poder como Apollyon; na verdade, em seu próprio jeito distorcido, esse ghoul e os outros do hotel estavam tentando salvar vidas. Eu poderia não gostar da estratégia deles, mas suas motivações eram muito melhores do que aquelas dos outros assassinos de aluguel que tinham estado atrás de mim.

"Além dos seus colegas mortos no hotel, quantos outros formam esse grupo de vigilantes de vocês?" Bones perguntou, sua expressão ainda mais dura do que nunca. Uma olhada para Vlad revelou uma frieza igual. Parecia que eu era a única sentindo pena do meu suposto assassino.

O ghoul sorriu. Com a fenda ainda se curando em sua cabeça, não era uma visão bonita. "Nós fomos designados em pequenos grupos, nunca conhecendo alguém fora de nossa divisão imediata para que, se um de nós fosse capturado, não poderíamos trair nossos irmãos."

Ótimo. Alguém esperto tinha organizado esse quadro de assassinos em busca da minha cabeça. Talvez eu devesse acrescentar a compra de lápides a minha lista de afazeres. Foi Kennedy quem disse que se um assassino estivesse disposto a dar sua vida por uma morte, não havia forma de se defender contra ele? Se fosse assim, ele tinha, tristemente, provado sua teoria também.

"Como vocês sabiam onde estávamos?" Bones prosseguiu.

O olhar do ghoul escorregou para mim novamente. "Nós ouvimos que vocês iam se encontrar com a Majestic. Observamos o aeroporto, as docas, estação de trem e pontes. Só há um número limitado de formas de entrar em Nova Orleans. Seguimos vocês até o hotel quando vocês chegaram de motocicleta. Sem seu capacete, você era reconhecível, mesmo que ela não fosse.

"Eu te disse que capacetes eram mais seguros," eu não pude evitar de resmungar.

Bones me deu uma olhada antes de colocar o ghoul de pé. "Certo, então. Se você não tem mais nada útil pra me contar—"

"Deixe-o ir," eu disse para Bones, que já tinha enganchado um braço ao redor do pescoço do ghoul com óbvia intenção mortal. "Não há motivo para matá-lo."

O braço dele parou de apertar, mas ambas sobrelanceiras se ergueram. "Você está brincando comigo?"

"Não." Eu cheguei mais perto, medindo o ghoul com o olhar. "Nós também não queremos guerra. É por isso que vamos impedir Apollyon antes que as coisas cheguem a esse ponto, mas nós o fazemos sem oferecer minha cabeça. Talvez você possa encontrar aqueles outros grupos e dizer para eles que



estamos do mesmo lado."

Então voltei minha atenção para Bones. "Matá-lo não vai ajudar em nada. Enquanto eu ficaria satisfeita por nunca mais o ver novamente, do seu jeito, ele estava apenas tentando proteger seu povo."

Bones soltou o ghoul com um resmungo. "Mova-se e você está morto," antes de se aproximar os últimos poucos passos que nos separavam. Colocando suas mãos gentilmente sobre meus ombros.

"Olha, amor, você pode simpatizar com as motivações do caipira o tanto quanto quiser, mas permanece o fato que—"

Eu senti o cheiro de fumaça pouco antes de ouvir o "pop", como se um traque* tivesse sido jogado. Respingos de algo espesso cobriram minhas costas assim como um baque soou atrás de mim. Eu me virei para ficar boquiaberta com o que sobrou do ghoul. Seu corpo cobria a entrada para carros, nada, exceto uma bagunça derretida restava do lugar onde antes era sua cabeça.

**tipo de fogo de artifício, aquelas bolinhas que se joga no chão e estouram.*

Muito mais devagar, eu me virei para ver Vlad examinando suas unhas, como se suas mãos ainda não estivessem com as chamas que tinham explodido a cabeça do ghoul segundos atrás.

"Que diabos foi isso?" Eu arfei.

"Combustão precoce," ele respondeu. "Às vezes acontece. Muito embaraçoso, eu não gosto de falar a respeito."

Uma bufada de divertimento veio da minha direita. Eu me virei naquela direção para ver Bones conceder o olhar de maior aprovação para Vlad que já tinha dado alguma vez a ele. Então sua expressão ficou séria enquanto encontrava meu olhar.

"Isso é algum tipo de piada para vocês dois?" eu perguntei de forma ferina, acenando para o corpo ainda saindo fumaça do ghoul. "Nós tínhamos uma chance de talvez espalhar alguma boa vontade entre as pessoas que odeiam Apollyon tanto quanto nós. Você sabe, aquela coisa de o inimigo do meu inimigo é meu amigo? Mas não, vocês, rapazes, acham que um churrasco é o melhor jeito de resolver as coisas!"

"Se você o tivesse deixado livre, ele não teria contado histórias elogiando sua generosidade," Vlad respondeu, seu olhar cor de cobre esverdeado sem remorso. "Ele teria ido de volta para seus amigos fanáticos com a feliz notícia de que você é uma tola sentimental, os incitando a redobrar os esforços para te matar. Pare de aplicar regras humanas para jogos de poder de mortos vivos,



Cat. Você não vai gostar dos resultados."

Bones não disse nada, mas uma olhada para seu rosto confirmou que ele concordava com cada palavra. Meus punhos se apertaram enquanto um desespero de raiva brotou em mim. Droga, por que sempre tinha que percorrer o caminho mais sangrento ou arriscar morrer e perder? Será que uma vez os problemas não podiam ser resolvidos por *negociação*, ao invés de simplesmente ver quem poderia matar a maioria dos oponentes?

"Não vai ser sempre assim," Bones disse calmamente, sentindo a fonte da minha frustração. "Você ainda é muito nova nesse mundo, mas assim que caras como Apollyon verem que não podem te quebrar, eles irão mudar para um jogo mais fácil."

Vlad deu de ombros concordando. "Raramente sou desafiado, mesmo que eu tenha minha cota de inimigos. Quando você responde de forma cruel o suficiente nas primeiras vezes, isso faz os outros adversários menos ansiosos para testarem suas habilidades depois."

Eu suspirei fortemente sem fazer a pergunta declaradamente lógica que nenhum deles poderia responder mesmo. *Quantos inimigos eu tenho que matar antes que o resto deles decida que não vale a pena me derrubar?* E a mais assustadora das perguntas—que tipo de pessoa eu seria quando eu alcançasse esse ponto? Eu ainda me reconheceria? Por sobrevivência realmente valia a pena desistir de tantos pedaços de minha alma?

Bones se aproximou, pegando meu rosto entre suas mãos fortes e pálidas e me olhando como se eu fosse a única pessoa por perto num raio de quilômetros.

"Você me acha um homem perverso? Um cara desprezível que você ficaria melhor se nunca tivesse encontrado?"

"Claro que não," eu disse sem pensar, doía saber que ele tinha chegado a pensar tal coisa. "Eu te amo, Bones. Você é a melhor coisa que já me aconteceu e eu não sou metade tão nobre quanto você."

Uma leve zombaria soou atrás de mim. Eu ignorei, me concentrando nos olhos castanho escuro que penetravam os meus.

"Porém você sabe que sou um assassino. Então se você acredita que eu seja um bom homem apesar disso, então você sabe que você ainda pode ser uma boa pessoa mesmo que, algumas vezes, as circunstâncias exijam que você aja de forma mais cruel que preferiria."

"Eh, estarei lá dentro," Vlad disse com outra leve zombaria. "Por alguma razão,



eu sinto a necessidade de assistir *Hitman** e Sr. e Sra. Smith."

**Um filme franco-americano baseado na série de jogos protagonizada pelo personagem Agente 47, um assassino de aluguel, vivido por Timothy Olyphant.*

Eu também ignorei isso, ainda olhando fixamente os olhos de Bones e sentindo o arranhar constante do poder vindo de suas mãos. Sim, Bones era um assassino, mas isso não era o que eu via quando olhava para ele. Eu via a pessoa que me ensinou como me aceitar quando ninguém mais me queria. Que me amava sem nenhum dos medos e condições que eu coloquei primeiramente em nosso relacionamento e que arriscou a vida várias vezes pela minha, pela de minha mãe, por meus amigos e incontáveis outras pessoas que ele nem ao menos conheceu quando assumiu o anel de escravidão branca dos mortos vivos. Tudo isso tinha sido somente na última década. Provavelmente eu nunca saberia de todas as coisas que Bones tinha feito pelos outros no tempo antes de me conhecer, ou nos séculos antes de eu nem ao menos ser nascida.

Assassino, sim, mas essa era a menor parte dele aos meus olhos. Eu era uma assassina também, mas ele me deu esperança de que eu podia aprender a fazer disso a menor parte de mim, mesmo se fosse necessário no mundo em que escolhi viver.

"Enquanto você estiver comigo, posso lidar com isso," eu disse, esticando a mão para tocar seu rosto. "Eu posso lidar com qualquer coisa com você."

"Eu sempre estarei com você, Kitten. Sempre," Bones falou roucamente antes dos seus lábios se fecharem sobre os meus.

Mesmo que ele estivesse dentro da casa, eu ainda podia ouvir o murmúrio sarcástico de Vlad de "Onde tem um lenço quando preciso de um?"

Eu afastei o rosto do de Bones depois de um longo momento, encerrando nosso beijo e gritei, "Se você não estiver muito ocupado assistindo *Hitman*, eu ouvi que *Drácula 2000** é um bom filme."

**filme que conta a história de Drácula, colocando-o na contemporaneidade. Lançado no ano de 2000 nos Estados Unidos. Estrelado por Gerard Butler.*

"Perversa," veio a resposta de Vlad, o divertimento bem claro em seu tom de voz. "Apenas se garanta em manter essa atitude cruel até Apollyon ser derrotado, Catherine."

Não pude evitar sorrir perante sua ênfase no nome com que nasci, mas que raramente era usado. Bones revirou os olhos, colocando o braço ao redor da



minha cintura enquanto íamos andando para dentro da casa.

"Se não for muito incômodo, Tepesh, seria bom ter algumas roupas, sangue e um lugar pra dormir. Eu não desejo voltar a Nova Orleans até que seja hora de encontrar com Marie, no caso de mais colegas desse ghoul estejam rondando."

Vlad saiu de uma sala no corredor. "Eu só cheguei ontem, então essa casa não tem muito, mas com certeza tem todas essas coisas. Maximus."

O vampiro de cabelos castanho amarelados que recordei de minha estada na casa de Vlad na Romênia apareceu, se curvando uma vez para Vlad antes de gesticular para Bones e eu.

"Por favor, venham comigo."



CAPÍTULO QUINZE.

Ver os espectros serpenteando ao redor das criptas pintadas de branco dentro do Cemitério Número Um de Saint Louis me fez sentir falta de Fabian. Quem diria que eu ficaria tão apegada ao fantasma? Mas só porque Fabian era transparente não significava que ele não fosse também um grande amigo. A maioria dos fantasmas no cemitério não eram sensitivos como ele. Eles eram apenas sombras de suas antigas personalidades, sem pensamentos, sem sentimentos, apenas repetindo as mesmas ações repetidas vezes como uma sequência fotográfica em uma faixa de Mobius*. Ocasionalmente, eu via alguns fantasmas que tinham claramente uma sanidade ectoplasmática, como Fabian. Eles olharam para Bones e eu com um misto de curiosidade e desdém enquanto esperávamos do lado de fora dos portões do cemitério. Eles estavam trancados, um aviso para os visitantes de que ninguém, exceto os mortos ou os que se achavam mortos, deveriam estar na parte de dentro das paredes do cemitério a noite.

**Uma faixa infinita, tipo o símbolo do infinito.*

Eu duvidava que seríamos atacados por algum ghoul tão perto do lugar preferido para encontro de Marie Laveau, mas Bones estava tenso o suficiente para se quebrar ao toque quando eu passei a mão por seu braço.

"Meu pobre gato vai me odiar por desaparecer de novo," eu observei, só pra quebrar a tensão. Nós havíamos deixado Helsing em Ohio já que seria crueldade animal transportá-lo na traseira da Ducati. Eu pretendia deixá-lo em um bom hotel para animais, mas por incrível que pareça, Ed e Scratch insistiram em cuidar dele. Parece que eles consideravam ser babá de Helsing como uma última tentativa de demonstrar sua nova lealdade a Bones como Mestre deles. Considerando o que aconteceu no Ritz, eu estava contente por não termos tentado trazer meu gato conosco para Nova Orleans. Se a gerência do hotel tivesse descoberto que participamos da destruição do elevador ontem, eles poderia ter pego Helsing e o ter entregado para o canil como forma de retaliação.

Tate já tinha feito algumas ligações para que os corpos dos ghouls do elevador fossem enviados para ele ao invés do necrotério local. Nada era capaz de fazer policiais perguntarem várias coisas do que corpos que pareciam ter décadas ou até mesmo séculos de idade aparecendo em cenas de crime. Tate lidou com tudo com uma perfeita competência, mas falar com ele ao invés de Don sobre contenção de cena de crime era outro lembrete de quanto era séria a condição do meu tio.

Eu me movi de forma impaciente. Eu não poderia perder tempo com meu tio até que essa situação com Apollyon fosse resolvida e Don não tinha muito



tempo sobrando. E também havia a brilhante ideia da minha mãe de pintar um alvo em seu traseiro ao se juntar ao time. *Família*. Os vilões não tinham nada do estresse que meus parentes podiam me causar.

Falando nisso, onde estava o ghoul que sempre acompanhava os visitantes de Marie pelo cemitério para vê-la? Ele devia estar aqui há dez minutos atrás.

Como se eu o tivesse chamado, um ghoul familiar de pele escura apareceu contornado um canto na esquina oposta, parecendo quase surpreso em nos ver esperando nos portões.

"Jacques," Bones cumprimentou o ghoul, dando uma olhada intencionalmente mordaz para o relógio em seu celular. "Eu não o interrompi de ter um pouco de diversão, interrompi?"

O rosto do ghoul ficou lívido no momento em que Bones terminou de falar, até estar tão suave quanto uma pedra vulcânica negra polida ao invés de registrar surpresa.

"Majestic não sabia se vocês voltariam para a cidade. Ela presumiu que sua ausência significava que tinham cancelado o encontro dessa noite."

O sorriso mais honesto possível brilhou na boca de Bones. "Nós acabamos de chegar há alguns minutos atrás."

Sim, e não de avião, barco, trem ou automóvel. Não depois que o ghoul, agora sem cabeça, nos disse que seus colegas estavam observando cada um desses locais. Bones nos levou voando com seu poder há uns dez minutos atrás, nos pousando no teto da Catedral de Saint Louis em Jackson Square antes de pularmos e andarmos os dois quarteirões para o cemitério. Ele não quis que eu tentasse usar minhas asas novamente para essa curta viagem até a cidade. Algo sobre conservar minha energia para mais tarde. Em outras circunstâncias, eu pensaria que ele tinha uma intenção maliciosa, mas eu sabia que ele estava se referindo a possivelmente voar para salvar nossas vidas mais tarde, caso as coisas dessem errado. Eu sabia para qual atividade eu preferiria conservar minha energia, se eu tivesse controle sobre minha própria vida, mas isso não tinha acontecido muito ultimamente.

"Vou notificar Majestic," Jacques disse, ficando do outro lado da rua. Ele puxou seu celular, falando baixinho nele, suas palavras indiscerníveis entre os outros ruídos do French Quarter que era próximo dali. O festival de Jazz estava para acontecer no dia seguinte ou algo parecido, mas pelo aumento da quantidade de turistas, a cidade estava começando a festa mais cedo.

"Por que ele apareceu se não achava que estaríamos aqui?" eu sussurrei para



Bones.

"Porque Marie iria ter certeza de que nada foi deixado ao acaso," foi sua resposta igualmente suave.

Aquilo era a cara da infame rainha do voodoo. Ela pode parecer um cruzamento entre Sra. Butterworth e Angela Basset, exibindo qualidades de matrona ou uma atitude de fazer nenhum prisioneiro dependendo do seu humor, mas Marie Laveau não era nada além de meticulosa. Parece que eu a veria novamente sob as mesmas circunstâncias que nos encontramos pela primeira vez—eu tentando descobrir se ela apoiava um idiota que discursava contra mim. Dessa vez, entretanto, as apostas eram muito mais altas do que determinar com quem eu era casada de acordo com a lei dos vampiros. Eu terminei resolvendo aquela questão decisivamente ao explodir a cabeça do meu ex marido. Se eu pudesse simplesmente fazer a mesma coisa com Apollyon em breve, eu consideraria que os encontros com Marie eram presságios de boa sorte.

"Ela estará aqui em vinte minutos," Jacques anunciou, voltando a nós. Bones bufou.

"Acho bom mesmo, depois do problema que tivemos que enfrentar para falar com ela."

Jacques não respondeu. Ele também não tinha sido muito falante da última vez em que o encontrei. Depois de esperar pelo tempo determinado, Jacques abriu os portões para o cemitério e eu entrei, sabendo para onde estávamos indo, mas disposta a deixá-lo assumir a liderança. O ghoul começou a fechar o portão atrás de mim, mas Bones foi rápido ao impedi-lo.

"Vou com ela."

Ele fez uma carranca. "Majestic disse que irá encontrar com a Reaper primeiro e com você depois."

Bones sorriu, um fácil ato de esticar de sua boca fazia suas feições ainda mais surpreendentemente lindas, mas sua voz não combinava com a boa aparência de playboy.

"Talvez você não tenha me escutado. *Eu vou com ela*, e se você pensa que vai me impedir, logo vou decorar uma dessas lanças do portão com sua cabeça."

Jacques tinha pelo menos duas vezes a largura de Bones e era tão alto quanto ele, então para um espectador, se eles lutasse, não haveria dúvidas sobre quem ganharia. Mas o ghoul não podia igualar o poder que emanava de Bones quando ele baixava seus escudos. O poder emanava dele e envolvia todo o



cemitério, fazendo com que os fantasmas sensitivos o olhassem com mais atenção enquanto o poder os atingia.

"Por aqui," Jacques disse finalmente, virando as costas para nós.

Seguimos o caminho através das criptas desmoronadas e dos túmulos remodelados enquanto Jacques nos guiava em direção a sepultura de Marie Laveau. Eu sabia que esse cemitério era uma atração turística popular, mas eu não me via vindo aqui só por diversão. O ar era mais pesado com toda aquela energia residual dos fantasmas, me fazendo sentir como se andasse através de teias de aranha invisíveis a cada passo. O cemitério podia não ser grande, mas por causa da história de extrema alta taxa de mortalidade de Nova Orleans em comparação ao espaço para enterrar pessoas, cada cripta pela qual eu passava continha os restos mortais de dúzias, se não centenas, de residentes—alguns dos quais nos observavam enquanto passávamos.

Ele também tinha uma vibração diferente do sentimento de cápsula do tempo do French Quarter. Lá, no cenário de ruas adaptadas para cavalos ao invés de carros e lanternas a gás iluminando as calçadas, de alguma forma não parecia estranho ver uma pessoa transparente adornada por roupas de um século diferente se misturando entre os moradores. Aqui, entretanto, a melancolia era exposta em ondas quase palpáveis, me fazendo imaginar que a cada cripta pela qual eu passava ou chão que eu pisava suspirava de pesar por uma vida que nunca mais seria experimentada.

Jacques parou na cripta branca e retangular que trazia o nome de Marie Laveau, data da suposta morte e uma inscrição fraca em francês que eu não podia ler. Ele disse algo que parecia Creole, e da base onde várias oferendas eram deixadas para a rainha voodoo, emanou um ruído irritante. Então algumas das antigas e decrépitas pedras escorregaram suavemente para trás para revelar um buraco negro em seu interior.

Marie podia ser calculista e meticulosa, mas ela também tinha senso de humor, fazendo as pessoas viajarem até sua cripta para encontros com ela.

Jacques pulou para dentro do buraco sem hesitar. Bones me deu uma olhada antes de fazer o mesmo. Eu o segui depois de um segundo ou dois, dando a ele tempo de se mover para que eu não aterrissasse em cima dele, e escutei o barulho de respingos em uma polegada de água salobra fedida. Esconderijo mecânico impressionante, sim, mas nada ficava totalmente seco no subsolo em Nova Orleans, e essa área era inundada a maior parte do tempo. Marie deve ter um sistema de bomba aqui em baixo melhor do que o do Corpo de Engenheiros do Exército.

Acima de nós, a laje rangeu novamente enquanto se fechava, mergulhando o



túnel no que seria uma completa escuridão para qualquer um sem visão sobrenatural. Bones e eu a tínhamos, então eu não estava preocupada com algo pular na gente de forma despercebida. Também estávamos usando botas, então coisas nojentas rastejando pelos meus dedos enquanto seguíamos pelo túnel não eram uma preocupação. Porém, quando olhei para as paredes apertadas ao nosso redor, fui incapaz de reprimir um tremor. Eu vi o que Marie tinha instalado como armadilha nesse túnel, e vamos apenas dizer que envolvia lâminas suficientes para transformar qualquer um que passasse dos limites em salada de repolho salpicada de vermelho.

Depois de uns quarenta metros, Jacques abriu a porta de metal no fundo, que revelava um estreito lance de escadas. Mais uma vez Bones foi primeiro, eu o seguindo atrás. No topo das escadas havia uma pequena sala sem janelas que podia estar localizada em uma casa próxima ou poderíamos possivelmente estar dentro de uma daquelas criptas grandes do cemitério. Eu não fazia idéia e tinha certeza que era isso que Marie queria.

"Majestic," Bones cumprimentou a mulher sentada em uma cadeira reclinável de pelúcia, acenando com a cabeça de forma respeitosa.

Mas quando eu sai de trás dele e vi Marie de forma mais clara, meu olá educado desapareceu sob uma gargalhada. No chão bem ao lado de seus elegantes saltos estava um recipiente pálido com uma galinha envolvida em plástico e eu não tive que olhar para o rótulo para saber o que era.

"Uma galinha sem cabeça," eu disse sem pensar quando consegui controlar minha risada. "Muito legal."

Bones arqueou uma sobrancelha para mim, não sabendo que da primeira vez que encontrei a rainha ghoul de Nova Orleans, eu havia comentado que tinha certeza de que ela estaria segurando uma galinha sem cabeça a considerar pela sua reputação voodoo assustadora. Aparentemente, ela tinha lembrado disso, outro exemplo de humor espertalhão que espreitava por baixo de seu comportamento de Rainha dos Condenados.

"Foi o melhor que pude fazer em prazo tão curto," Marie respondeu com um elegante dar de ombros. Sua voz era como caramelo acústico, aquele sotaque Creole do Sul adocicando cada palavra. Seu xale se moveu quando ela se sentou, cachos escuros roçando seus ombros com o movimento. Então seus olhos se estreitaram enquanto se fixavam em Bones.

"Jacques não transmitiu minhas instruções para você esperar enquanto eu encontrava com Cat sozinha primeiro?"

Bones não perdeu sua postura sociável, mas eu senti a tensão que não era



minha passando por minhas emoções.

"Estou certo de que você ouviu sobre o incidente no Ritz ontem, e eu também estou certo de que você sabe que o ataque foi dirigido a ela. Então você irá me perdoar, Majestic, se estou sendo super protetor com a segurança de minha esposa no momento."

"Sim, eu ouvi." Nem um pinga de emoção transpareceu em suas feições. "Posso presumir que os corpos recuperados do hotel eram daqueles que os atacaram?"

"Todos exceto um," Bones respondeu. "Nós o levamos conosco quando partimos."

Agora tínhamos atenção completa de Marie. Ela se inclinou para frente, seu olhar escuro era intenso. "Diga-me que trouxeram essa pessoa com você."

"Desculpe, mas ele está morto agora," Bones afirmou de forma impassível.

"Você o matou?" Mari não parecia contente, e eu não achava que era porque ela havia desejado uma vida longa e feliz para o outro ghoul. De fato, se o homem ainda estivesse vivo, ele poderia ser grato se Vlad tivesse misericórdia dele perante o que quer que seja que Marie tivesse esperando por ele. Por sua reputação, ela era o diabo com qualquer um que violasse suas regras de passagem segura.

"Vlad o fez," eu disse antes que Bones pudesse responder. "Ele não sabia de todos os detalhes." Parcialmente verdade, de qualquer forma.

"Falarei com ele sobre isso mais tarde," Marie murmurou, quase que para si mesma.

Eu dei uma olhada para a única cadeira vazia no lado oposto a mim. "Você se importa?"

Ela acenou com a mão. "Por favor."

"Bones?" eu inquiri, supondo que ia simplesmente sentar em seu colo.

"Vou ficar de pé, Kitten."

Eu me instalei na cadeira. Até agora as coisas estavam indo melhores do que eu esperava. Marie não havia tido uma crise por Bones estar aqui ou pelo ghoul estar morto. Talvez ela pensasse que Apollyon era tanto uma ameaça como nós pensávamos.

"Você pode permanecer, mas vai ficar em silêncio enquanto falo com Cat ou irei retirá-lo," Marie disse para Bones em um tom de voz que o desafiava a



argumentar.

Minhas esperanças caíram com aquela única frase. Bones cruzou os braços sobre o peito e se inclinou com as costas contra a parede, parecendo para o mundo todo que estava completamente relaxado. Eu não podia sentir suas emoções—ele as trancou bem ao entrar no túnel—mas aposto que seu sorrisinho escondia uma grande quantidade de pensamentos cruéis em relação a Marie. Eu não pude evitar além de admirar sua atuação blasé. Eu nunca poderia fingir indiferença bem daquele jeito quando eu estava irritada.

Eu limpei a garganta perante o silêncio desconfortável. "Então... e o Santos, hum?"

O olhar afiado de Marie não se desviou do meu. "A última vez que te vi, você ainda era uma mestiça. Diga-me Cat, como você se sente sendo uma vampira completa?"

"É ótimo," eu disse, sabendo que ela tinha algo escondido na manga com isso, mas fingindo que era uma pergunta casual. "Eu não tenho sentido falta da minha menstruação nem *uma* vez e, hey, não preciso mais contar calorias. O que há para não amar, certo?"

Ela sorriu para mim, revelando dentes brancos e bonitos que contrastavam perfeitamente com seu batom vermelho opaco. "Você esqueceu de mencionar sua habilidade de matar seu primeiro marido com uma bola de fogo."

Meu sorriso de resposta congelou em meus lábios. Eu esperava que falássemos sobre Apollyon, não Gregor. Ele foi o vampiro cujo sangue combinado com o coração de um ghoul ergueu Marie dos mortos há quase cento e cinquenta anos atrás, mas Marie o queria morto também, então eu não antecipava recriminações vindo dela por tê-lo matado.

Marie é uma aliada valiosa, não perca a calma dando a ela uma desculpa para tomar partido de Apollyon, eu me lembrei. Olhe para Bones. Ele quase parece entediado mesmo que ele esteja tão irritado quanto você por Marie tocar no assunto Gregor.

"Porque ele trapaceou em seu duelo com Bones, o Conselho dos Guardiões dos Vampiros me liberou de qualquer crime," eu disse, orgulhosa por minha voz estar bem calma.

Marie se inclinou para trás em sua cadeira, preguiçosamente acariciando o tecido. Parte de mim se perguntava onde estava a porta secreta nessa sala. Aquela cadeira não era uma instalação permanente ou ela estaria mofada pelo ar húmido, sem mencionar que eu não acreditava que Marie se deixaria sem



um meio alternativo de escape.

"Trapaça, isso não me surpreende," ela comentou. "A arrogância de Gregor sempre foi seu calcanhar de Aquiles. Como levar você para Paris quando tinha dezesseis anos. Eu disse a ele para vir aqui ao invés. Que sua cidade natal seria o primeiro lugar que qualquer um o procuraria em primeiro lugar, que suas ações seriam descobertas, mas ele não ouviu."

Eu congelei. Eu não ousei olhar para Bones novamente. O lampejo de raiva que pulou por meu subconsciente antes de ele ocultar novamente suas emoções me disse que ele estava *perto assim* de perder a calma perante essa revelação.

"Então." Eu não consegui manter a voz estável mesmo que minha vida dependesse disso. "Então Gregor te contou sobre seus planos de me sequestrar na época?"

Ela continuou a acariciar o descanso de braço, como se a tensão no quarto não estivesse pesada o suficiente para se pegar com a mão. "Gregor me disse muitas coisas. Ele confiava em minha lealdade a ele como meu único criador vivo. Eu não traio aqueles por quem juro lealdade. Isso não devia te surpreender. Eu te disse no ano passado que se as acusações de Gregor ter se casado com você fossem provadas, eu ficaria do lado dele."

"Você também me contou uma história sobre como matou seu marido quando ele a pressionou," eu respondi afiadamente. "Bem, eu diria que me enganar para me casar como ele quando era uma adolescente, matar meu amigo, transformar minha mãe a força e tentar matar Bones trapaceando em seu duelo entrou na categoria de ir 'longe demais' pra mim. Azar de Gregor que a visão que ele teve de mim quando eu tinha dezesseis anos não mostrou a parte sobre eu usar todos aqueles poderes, que ele queria controlar, contra ele."

"Subestimar você foi o erro de Gregor." Marie não moveu um músculo, mas de repente, eu me senti como um rato olhando para uma coruja faminta. "Não será meu. Mas"—um dar de ombros—"ninguém pode se esconder da morte para sempre. *Ninguém*, nem ao menos nossa espécie. A morte viaja o mundo e passa até mesmo através das paredes mais espessas que usamos para nos proteger. Você devia se lembrar disso."

Aquilo era uma ameaça? "Sem querer ser rude, Majestic, mas isso soa como se você estivesse me dizendo pra ter cuidado com você."

Marie resmungou. "Quando você realmente entender o que isso significa, você saberá como derrotar Apollyon."

Finalmente estávamos chegando no ponto. Eu já tinha descoberto que eu



precisava matar o ghoul para pará-lo, mas se Marie queria se sentir como se estivesse sendo toda fria e enigmática com o conselho, eu faria o jogo dela.

"Ok. Vou lembrar disso."

Ela sorriu, de alguma forma amável e assustadora ao mesmo tempo. "Você deve. Se não, ele irá vencer."

"Você pode simplesmente abrir o jogo e nos poupar algum tempo," eu disse, incapaz de manter a irritação longe da minha voz. Estar morto por mais de um século transformava todo mundo em um mestre da charada ao invés de pessoas que podiam simplesmente *dizer* o que queriam?

"Eu não vou me juntar a sua causa contra Apollyon. No ano passado, meu criador poderia ter me ordenado isso, mas com Gregor morto, minha lealdade é somente com meu povo."

A raiva cresceu em mim. "Mesmo às custas de milhares de mortes por motivos tão estúpidos como quem tem presas e quem não tem?" Eu olhei de forma aguçada para sua pele café com leite. "Eu pensei que você seria mais esperta do que se aliar a um estúpido indivíduo fanático."

"Não tem nada a ver com fanatismo," ela respondeu bruscamente. "Mas o alcance de Apollyon cresceu. Se eu me opor a ele abertamente, eu serei vista como uma traidora da minha raça. Até mesmo ghouls que discordam de Apollyon podem se aliar a ele por lealdade a espécie. Será uma guerra civil. Durante isso, vou acreditar que a nação dos vampiros não irão atacar para nos derrubar enquanto somos fracos na luta corpo-a-corpo?" Marie me deu um leve sorriso. "Não estou tão confiante."

"Oh, vamos," eu bufei de raiva. "Vampiros não sonham em subjugar ghouls. Você sabe que isso é só uma cortina de fumaça que Apollyon está usando."

"Há alguns no meio de sua raça que tirariam vantagem dos ghouls simplesmente de forma tão cruel quanto Apollyon está pretendendo fazer com os vampiros. Se você não for esperta o suficiente para prestar atenção em minhas palavras e ser mais esperta que ele em seu próprio jogo, então você merece perder," ela respondeu com uma rudeza brutal antes de se inclinar e esticar a mão atrás de sua cadeira.

Fiquei tensa, pronta para agarrar as facas em minhas botas, mas tudo que ela fez foi puxar uma taça de vinho vazia. Aquela tensão prévia começou a declinar. Jacques havia servido bebidas a nós da última vez em que estive aqui, mesmo que, pelo amor de Deus, eu não soubesse como ele conseguiu arranjar um gim com tônica gelado nessa área subterrânea fria e úmida. Mas ao invés de chamá-lo, Marie colocou a taça no descanso de braço de sua



cadeira sem falar nada. Então ela abriu um anel em seu dedo com um tapinha, revelando que ele escondia uma pequena ponta afiada e a passou por seu pulso antes de segurar a taça debaixo do corte.

Oh merda não, eu pensei, conseguindo me segurar na cadeira com a última gota de força de vontade que eu tinha para não sair como um raio dali.

Ela me olhava de forma penetrante enquanto um líquido púrpura escuro começava a encher o copo.

"Reaper," ela disse friamente. "Você não quer algo para beber?"



CAPÍTULO DEZESSEIS.

Mais uma vez, eu não poderia nem arriscar olhar para Bones para ver se ele estaria tão chocado quanto eu me sentia. *Fique calma, ela pode estar blefando*, eu recitei para mim mesma, conseguindo não recuar quando ela ofereceu aquele copo quase cheio para mim.

“Que oferta incomum, mas você sabe que eu prefiro gin e tônica,” eu disse, rezando para que meu coração não começasse a bater desesperadamente em pânico. Se ela sabia sobre meus hábitos alimentares malucos, quem teria contado a ela? E será que essa pessoa de alguma maneira fodeu com tudo e espalhou que eu bebia sangue de *ghoul* para me alimentar em vez de sangue de vampiro?

“Há mais de doze anos atrás, Gregor me contou a sua visão sobre uma jovem mestiça que um dia iria dominar o poder da pirocinese,” Marie disse. “Depois que seu criador, Tenoch, pereceu, apenas outro vampiro existente pode manifestar o fogo e controlá-lo à sua vontade, e assim como você sabe, Vlad Tepesh não era aliado de Gregor. Gregor assumiu que você teria esse poder aproximadamente um século depois que você fosse transformada em vampira, e ele pretendia ter você sobre seu controle muito antes disso. Ainda, você matou ele usando fogo em menos de um mês após sua mudança.”

Eu não me movi, com medo de que o menor dos movimentos pudesse me trair. “Todos sabem disso,” eu disse o mais calma que eu pude “Sorte de principiante.”

Uma gargalhada afiada veio dela. “Então, curiosamente, você não foi vista usando fogo novamente, mesmo quando você esteve em circunstâncias terríveis. Você *foi* vista usando telecinese contra um grupo de vampiros em Mônaco há alguns meses atrás. Então são dois poderes incríveis, todos manifestados em menos de um ano depois da sua mudança. Mais sorte de principiante?”

“Eu sou uma garota de sorte,” Eu disse, pensando que se eu ainda fosse parte humana, agora eu estaria vomitando por causa do estresse.

Marie olhou para o copo de sangue na sua mão antes de encontrar meus olhos. “Vamos descobrir,” ela disse, seu sotaque sulista mudando até que soava como centenas de vozes falando através dela de repente, e nenhuma delas amigavelmente.

Bones se moveu ao mesmo tempo que eu, mas uma rajada fria de poder me jogou de volta ao meu assento com força suficiente para me fazer cair. Eu me levantei com facas em ambas as mãos, apenas para tê-las arrancadas do meu



aperto pelo o que pareceu ser garras de navalha. Incrédula eu vi Bones suspenso no ar, sombras serpenteando ao redor dele, a sua boca aberta num grito que ainda assim não abafava os horríveis lamentos que preenchiam a sala.

Marie não se moveu da sua posição inicial, aquele copo com sangue ainda descansando no lado da sua cadeira. Eu comecei a ir em direção a ela novamente, apenas para encontrar uma parede de fantasmas que saltaram do chão, suas feições indistintas devido a suas movimentações. Quando eu tentei passar por eles, foi como se eles tivessem perfurado meu corpo com milhares de lâminas, mas pior do que isso, minha energia foi sugada tão bruscamente como no amanhecer do dia em que eu fui transformada. Dor irradiou em mim das minhas botas até minhas sobrancelhas. Eu olhei para baixo, esperando estar coberta em sangue, mas apenas uma fraca mancha de sujeira estragava minha frente, mesmo que eu me sentisse como se tivesse desmaiando.

“Pare,” eu arfei para Marie.

Ela deu de ombros. “Me faça parar. Manifeste fogo, ou derrube essa bebida da minha mão com sua mente, e eu irei parar.”

Vadia! A raiva me inundou enquanto Bones foi arremessado contra a parede por aquelas sombras malignas. Ele não estava gritando mais. Ele parecia, de um modo horrível, como se estivesse tentando falar, mas não conseguia.

Suas feições mudaram enquanto ele lutava, mais uma dor abrasadora passou por mim, mas dessa vez ela não foi minha. Como esses fantasmas podem infligir tanto dano? Fabian não podia nem manifestar uma fraca versão de um aperto de mãos!

Meu olhar se estreitou enquanto eu olhava para Marie. Deve ser o poder dela dando essa habilidade aos fantasmas, algo como a voz dela soando como um microfone para o túmulo e as frias, vibrantes ondas derramando dela. Mesmo que eu não tivesse manifestado nenhuma faísca recentemente, mesmo assim eu tentei transformar meu ódio em chamas, visualizando Marie, aquela cadeira fofa, e ate mesmo o pacote de frango aos pés dela explodindo em um inferno ardente. *Queime. Queime.*

Nada. Nem mesmo um vestígio de fumaça escapou das minhas mãos, menos ainda algum fogo. Eu tentei me focar no copo de vinho em seguida, visualizando ele se despedaçando e derramando o sangue em cima dela. Mais golpes fortes vieram da minha esquerda, audíveis mesmo com aqueles horríveis lamentos agudos que os fantasmas faziam. Um olhar revelou que eles tinham esticado os braços e as pernas do Bones, aquelas sombras apareciam e desapareciam da carne dele. Fragmentos de agonia me cortaram através da



minha consciência, ficando mais intensos pelos breves períodos de vazio entre eles.

Droga, Bones estava tentando me bloquear da sua dor, mesmo no meio de virar purê por dentro por aquelas aberrações de espectros.

Eu desviei o olhar, lágrimas caindo dos meus olhos, para me concentrar novamente naquele copo cheio de sangue. Não se passaram muitos meses desde que eu bebi o sangue de Mencheres. *Algum* poder dele ainda deve ter restado em mim. *Quebre, copo, quebre!* Ou apenas caia da mão dela, pelo menos.

Mais daqueles flashes de dor passaram rapidamente pelas minhas emoções, o tempo entre eles crescendo aos poucos. Eu não conseguia me impedir de olhar para o Bones novamente. As costas dele estavam arqueadas, olhos fechados, os músculos se contorcendo a cada vez que aquelas sombras voavam para dentro dele. A agonia escapando para mim através dele não era nada comparada a dor excruciante que rasgava meu coração vendo ele desse jeito.

Eu desviei meu olhar e encarei o copo com tanto ódio que deveria ter explodido em grãos de areia. Mas não explodiu. Nem mesmo um fragmento de movimento o atingiu. Talvez seja porque eu não bebi nem perto a mesma quantia de sangue do Mencheres quanto eu tinha bebido do Vlad naquela vez. Talvez seja porque eu parei de beber o sangue do Bones, eu estava agora mais fraca e menos propícia a invocar qualquer resíduo de telecinese que tivesse restado em mim. No fim das contas, o motivo não interessa. Tudo que eu sabia era que o homem que eu amava estava sendo torturado, e mesmo que eu estive na *mesma fodida sala*, eu não podia ajudá-lo.

Eu não me surpreendi quando uma estúpida batida começou lentamente a soar no meu peito. As sobrelanceiras de Marie se ergueram, mas ela parecia mais curiosa do que surpresa. Ódio começou a surgir em mim ao ver o quão calma ela sentava lá, dirigindo toda essa tortura como se fosse um show de marionetes. Eu tirei duas facas das minhas botas e as arremessei nela antes mesmo de planejar a ação, apenas para deixar sair um grito de frustração quando elas foram golpeadas pela parede de fantasmas sem nem ao menos arranhá-la.

Eu me joguei contra aquela barreira de espectros em seguida, determinada a fazer ela pagar, mas não importava quantas vezes eu golpeasse aquela parede dançante de guarda costas do outro mundo, eu não conseguia forçar minha passagem. Pior ainda, parecia que isso me deixava mais fraca, substituindo minha raiva com a mesma tontura que eu senti apenas no dia que Bones sugou todo o meu sangue para me transformar. Depois do que pareciam horas, mas provavelmente foram apenas alguns minutos, eu não podia nem ficar em



pé. O desespero me sufocou quando minhas pernas se entregaram. Os lamentos de outro mundo da sala pareciam ficar mais altos em triunfo.

“Você não pode vencê-los,” Marie declarou, sua voz ainda ecoando naquele jeito assustador. “Eles não são fantasmas. Eles são Remnants, pedaços de emoções primárias deixadas por aqueles que passaram para o outro lado. Toda vez que você toca neles, eles se alimentam da sua energia e dor como um vampiro se alimenta de sangue, ficando mais fortes.”

Atordoada, eu encarei o chão de concreto. Nenhum dano foi causado, exceto rachaduras e manchas de bolor, mas eu havia visto algo similar a esses Remnants quando Mencheres invocou espectros em vingança a um feitiço cruel lançado contra ele. Mesmo que esses parecessem fantasmas também, eles eram completamente letais, cortando através de dúzias de vampiros como uma faca afiada através da manteiga.

E esses Remnants pareciam tão fortes quanto.

“Você trabalhou no feitiço antes de chegarmos aqui?” Eu me forcei a perguntar, mesmo que falar parecia sugar a pouca força que restara em mim. “Onde você escondeu os símbolos?”

A risada dela ressoou pela sala. “Eu não preciso de feitiços. Eu não pratico magia negra; Eu *sou* a magia negra.”

Normalmente eu diria alguma coisa ácida sobre como o orgulho sempre vem antes da queda, mas considerando que eu estava no chão quase inconsciente, eu achei que o insulto não teria o mesmo efeito.

“O que você está esperando, Reaper?” Marie perguntou calmamente, olhando para Bones. “Se eles continuarem a se alimentar dele por muito tempo, eventualmente eles irão matá-lo. Se você o quiser livre dos Remnants, ponha essas suas grandes habilidades em ação. Mostre-me fogo, ou mova ao menos um centímetro esse copo, e eu os mandarei de volta para os seus túmulos.”

Eu a encarei, meu coração ainda soltando batidas esporádicas devido ao meu medo e fúria, notando cada detalhe da aparência dela como se os detalhes pudessem me ajudar a derrotá-la. Aqueles grandes olhos escuros, incrível pele sem marcas de envelhecimento, e uma boca cheia emoldurada por um cabelo preto que mal tocava o xale que cobria seu vestido azul marinho feito sob medida. Tudo sobre Marie, até seus sensíveis e elegantes saltos, parecia moderno e normal, mas essa mulher era a adversária mais perigosa que eu já encontrei. Eu pensava que apenas Mencheres poderia ter poder suficiente para zerar os relógios meu e do Bones sem nem ao menos se levantar do seu lugar, mas aqui estava Marie, fazendo exatamente isso. A sua habilidade em



controlar esses Remnants deve ser com o que Apollyon esta contando para fazer diferença na guerra entre ghouls e vampiros, e eu tenho que admitir; eu estava terrivelmente assustada.

Eu olhei para Bones. O seu rosto ainda estava contorcido, dor explodia no meu subconsciente como tiros de uma metralhadora, mas mesmo que sua boca se movia, nenhuma palavra vinha dele. Marie não apenas podia mandar os Remnants segurar ele contra a parede, ela também podia fazer eles impedi-lo de falar. Raiva mandou uma chama de energia para meus membros, fazendo com que eu me forçasse a ficar em pé, enquanto a encarava.

“Nós duas sabemos que se eu ainda tivesse alguma dessas habilidades em mim, eu estaria decorando as paredes com seu sangue, e queimando seus restos agora mesmo.” Eu disse, desejando que eu tivesse mais força para soar mais ameaçadora. “Eu apenas peguei esses poderes temporariamente quando eu bebi do Vlad e do Mencheres.”

Satisfação preencheu suas feições antes delas se tornarem vazias novamente. “Como uma Mambo,” ela disse, descrevendo a palavra desconhecida. “Nas minhas sessões de voodoo, Mambos selecionados bebiam sangue batizado com a essência do Zombi para absorver o poder dos deuses sobre a morte – temporariamente. Quando eu fui transformada em ghoul, esses poderes se tornaram permanentes, e aumentaram mais do que qualquer um possa imaginar.”

“Tire essas coisas do Bones e você pode me contar sobre isso,” eu cerrei os dentes. Marie confirmou suas suspeitas sobre a origem do meu poder, mas nós ainda estávamos vivos, então ela devia querer algo de nós. Eu não precisava de um oráculo para saber que se ela nos quisesse mortos, agora nós não seríamos nada mais do que um monte de corpos murchos nessa sala encardida.

Seu olhar castanho encontrou o meu, nenhuma piedade em suas profundezas enquanto ela segurava o copo cheio com seu sangue. “Beba isso ou ele morre.”

Eu olhei em seus olhos e soube, dentro da minha alma, que ela não estava blefando. Não importava que eu temesse o que poderia acontecer se eu bebesse daquele copo, eu drenaria tudo até ficar seco para salvar Bones.

Um gesto da minha mão indicou a parede de Remnants entre nós duas. “Me deixe passar.” A sobranalha dela se elevou, e então um caminho apareceu no meio da massa de corpos transparentes. Eu fui através daquele abismo, me recusando a olhar para Bones, caso ele por gestos ou mímica, tentasse me dizer para não fazer o que eu estava prestes a fazer. *Não vai te afetar, não vai*



te afetar, eu repetia como uma reza enquanto pegava o copo da mão estendida de Marie e então o inclinava para minha boca, engolindo profundamente.

Alívio me preencheu com o amargo e enjoativo gosto, tão diferente do sangue de vampiro. Se eu não gostasse, então não teria o mesmo efeito que o sangue de vampiro tinha, porque isso soava como ambrosia para mim. Eu deixei o copo cair da minha mão, uma vez que estava vazio, sentindo uma pequena satisfação em vê-lo se despedaçar com o impacto. Eu estava brava o suficiente com Marie para querer vê-la em pequenos pedaços no chão também, mas agora eu estava satisfeita por imaginar as partículas brilhantes de cristal como partes do seu cadáver.

“Você conseguiu o que queria. Agora tire eles de cima dele,” eu disse, me sentindo mais forte nesse momento. A drenagem que eu tive devido ao meu contato com os Remnants deve ter passado. Bom.

Isso significava que Bones não iria sofrer nenhum dano permanente também. Eu não sabia se abuso espectral poderia de alguma forma acabar com a habilidade natural de cura de um vampiro, mas esse não deve ser o caso, então Bones deve ficar bem assim que esses sugadores de energia nojentos fossem para o inferno.

Eu virei minha cabeça para encarar as sombras que ainda se concentravam no corpo dele. Era melhor eles rezarem para que quando eu finalmente virasse poeira, que eu ficasse realmente morta, eu ou iria voltar e chutar o traseiro deles por isso - .

Aquelas sobras saíram de Bones tão abruptamente que ele caiu no chão antes que pudesse se recompor, se dobrando em um amontoado. Eu corri para ele, colocando ele no meu colo, mordendo meu lábio com tanta força que tirei sangue pelo meu ódio em ver o quão lentamente ele se esforçava para se levantar. Então eu olhei com ódio para Marie. Ela nos assistia com um olhar estranho, os Remnants que recentemente atormentavam o Bones, agora apareceram ao redor dela.

“Você pode mandar seus amiguinhos de volta para seus túmulos, ou você pode brincar com eles a noite inteira. Eu não me importo, mas nós estamos partindo.” Eu disse a ela de forma curta, percebendo Bones olhando entre eu e Marie com um tipo de incredulidade furiosa. A parede de Remnants surgiu na direção de Marie, até que ela estivesse rodeada em cima, em baixo, e dos lados por aquela multidão dançante e transparente. *Ainda mostrando seu poder*, eu notei com desprezo, *como se eu não tivesse entendido a mensagem antes*.

“Eu ordenei para que eles voltassem para seus túmulos no momento em que



eu o soltei,” Marie disse, cada palavra mantendo apenas os flocos açucarados do sotaque dela em vez do timbre ecoante da sepultura.

“Besteira,” eu rosnei, sentindo outra onda de raiva vindo através de mim, seguida por uma fome quase devastadora. “Eles ainda estão aqui, não estão?”

“Kitten, sua voz...” Bones disse incrédulo.

Alguma coisa me acertou com tanta força que minha visão se apagou. Eu me preparei para a dor, mas estranhamente, ela não veio. Os sons se tornaram abafados, confusos. Eu pensei ter ouvido Bones gritando, mas não podia me focar no que ele estava dizendo ou nem ao menos aonde ele estava mais. O ar veio para mim em grandes ondas, me lembrando o jeito como eu me senti quando eu cai da ponte, mas eu não podia estar caindo. Eu ainda estava na sala embaixo do cemitério, não estava?

Flashes preencheram minha visão; listras brancas e cinzas indo tão rápido, que eram quase indistinguíveis. Eu podia ver de forma turva através deles, mas parecia que eu estava vendo as coisas de muito longe. Um rugido veio da minha boca, parte de mim registrando que soava como se estivesse preenchido com as vozes das pessoas que morreram há décadas, séculos, até milênios atrás. Como se fosse um sonho, eu assisti enquanto Bones gentilmente se erguia do chão de concreto e então dava um soco tão forte em Marie que ela foi arremessada contra o canto mais distante da sala.

“Eu te concedo apenas um ataque,” ela disse, as palavras pareciam ecoar na minha mente, “mas apenas um. Agora, você vai ouvir o que você deve fazer para ajudar ela, ou você vai me fazer te matar e deixar ela a mercê do tumulto?”.

Eu podia ouvir Bones replicar e Marie responder, mas de alguma forma as palavras deles se perderam para mim no meio de lamentos de incontáveis outras, muito mais alto do que quando eu pegava os pensamentos humanos. O seu toque não se perdeu, apesar de tudo, quando ele se ajoelhou perto de mim e me ergueu em seus braços. Sentir sua pele na minha foi um refugio que eu tentei me focar no meio do caos rodopiante que tomou conta de mim.

Eu estava com tanto frio. Tão vazia. Tão FAMINTA.

Enquanto ele me carregava para fora da sala, Marie o parou, pressionando sua boca no meu ouvido. Ela murmurou alguma coisa, mas era apenas uma voz no meio de milhares, as palavras dela foram arrancadas pelo rugido na minha mente antes que eu pudesse registrar a pergunta dela. Bones me arrancou dela, mas eu ainda podia sentir o calor dos lábios dela na minha pele. Os passos longos dele me levaram para a escuridão do túnel, passando por



Jacques como se o ghoul não estivesse nem ali. Meus dedos se arrastaram pelas paredes úmidas enquanto passávamos, ligeiramente distraída pelos traços de luz que elas pareciam deixar. Aquela luz aumentou, se soltando das paredes para me alcançar com seus tentáculos, mas eu não estava com medo. Eu estava triste. Havia tantos deles, pobres criaturas, e eles estavam tão *famintos...*

O som de metal rangendo soou adiante, então um grande raio de luz prateada brilhou no fim do túnel. Bones aumentou seu passo, pulando direto para onde estávamos banhados no seu brilho, e então tudo dentro de mim explodiu. As vozes se tornaram ensurdecedoras, o frio nublou minha mente, a fome se tornou insaciável. Essas sensações aumentaram, até que pareceu como se eu estivesse lutando no meio de uma grande teia de aranha para escapar, mas todos os meus esforços apenas aumentaram a gaiola ao meu redor.



CAPÍTULO DEZESSETE.

A primeira coisa que eu registrei foi o cheiro de fumaça, circulando ao redor das minhas narinas como se tivesse implorando para ser inalado. A próxima realização foi que meus braços estavam dormentes e meus pulsos estavam doloridos. Eu abri meus olhos, o suave cinza do teto de concreto sobre mim, a carne pálida e nua de Bones à minha direita.

“O que?” eu comecei, tentando me sentar, apenas para ter alguma coisa puxando meus braços. Eu inclinei minha cabeça para trás, chocada em ver que eu estava algemada à parede e outra olhada revelou que eu e Bones estávamos em uma cama estreita. Meu olhar caiu nele novamente, notando o cigarro que ele abaixou enquanto inalava uma longa nuvem branca.

“Porque você está deitado aí *fumando* enquanto eu estou acorrentada a uma parede?” Eu reclamei. O olhar que ele me deu era uma mistura de alívio e cinismo. “Como parece que você não se lembra de nada sobre os últimos dois dias, deixe eu te assegurar amor – eu mereci esse cigarro.”

Dois dias? A última coisa que eu me lembro claramente foi Bones me carregando para fora daquela sala subterrânea com Marie. Isso foi há dois dias? E durante esse tempo, foi de algum jeito necessário me acorrentar a uma parede?

“Oh merda,” eu suspirei, a memória da minha voz soando como o portão de entrada para o inferno ecoando na minha mente. “O sangue da Marie... eu absorvi alguns dos poderes dela, não foi?”

Ele gemeu enquanto tirava uma chave de debaixo da cama. “Kitten, isso é somente o começo.”

Eu bati minha cabeça contra a cama algumas vezes, mais brava do que com medo. Maldita Marie. Porque diabos ela insistiu para que eu bebesse seu sangue? Não foi o suficiente ela ter descoberto de onde vinham minhas habilidades? Acho que não. Ela tinha que aumentar meus problemas me fazendo beber dela. Agora as pessoas vão ficar mais loucas quando se tornar público que eu posso absorver poderes de vampiros através da alimentação, Marie deve se assegurar em manter provas que eu posso fazer a mesma coisa com ghouls. As pessoas irão se aglomerar no lado de Apollyon quando esses pequenos detalhes forem revelados.

“Ela deve querer guerra,” eu disse, esfregando meus pulsos quando Bones soltou as algemas. “Se ela não quisesse, ela teria apenas matado nós dois. Assim que as notícias do que aconteceu explodirem, nada além da minha execução pública irá acalmar as coisas com os ghouls.”



“Isso não vai acontecer,” ele disse friamente.

Eu gemi. “Eu não sou a favor de morrer também, mas quando as pessoas souberem sobre isso, Appolyon estará convertendo lutadores com um cajado –”

“Eu quero dizer que Marie não vai contar a ninguém, apesar de que você está certa, eu não vou deixar nenhum daqueles fanáticos tocarem em você.”

Eu me sentei, me perguntando brevemente sobre a umidade em baixo de mim, entretanto mais focada no que ele tinha dito.

“Ela não vai contar a ninguém?” eu repeti. “Isso não faz sentido. Porque mais ela usaria meios tão drásticos para me fazer beber o sangue dela, se ela não achasse que isso a beneficiaria de algum jeito? E de que outro jeito isso poderia beneficiar ela exceto para contar para todos que eu posso absorver poderes de vampiro e ghouls? Eu não acho que ela fez isso apenas para que eu pudesse ser seu novo brinquedo voodoo.”

A boca dele se torceu. “Eu também não acho, mas a última coisa que ela me disse foi que se eu revelasse para alguém que você podia drenar poderes dos ghouls, ou que você bebeu o sangue dela, ela mataria nós dois. Disse que ela *saberia* se contássemos para alguém, também. Deve significar que ela já tem alguns fantasmas vagabundos nos espiando. Me faz querer contratar um especialista para banir cada pedaço de carne transparente que eu cruzar, principalmente esses Remnants.”

“Não diga isso.” Graças a Deus Fabian estava com Dave, ou o fantasma estaria inconsolável em ouvir Bones falando tão friamente sobre a sua espécie. “Eles não são iguais a Fabian ou aos outros fantasmas,” eu comecei, minha voz captando uma nova memória. “Marie disse isso, mas eu também pude sentir eles. Eles não estão conscientes do certo, errado, o que eles estão fazendo, nada disso. Esses Remnants são apenas... como grandes buracos necessitados que gravitam em direção a qualquer fonte de energia a qual forem mandados. Eles não podiam evitar o que fizeram com você –”

“Doce Cristo sangrento,” Bones interrompeu. “Tente não deixar isso virar um Ghost Whisperer*, hmm? Adotar Fabian foi uma coisa, mas nós já estamos transformando isso em dúzias. Se você quiser outro bichinho, nós vamos arranjar mais gatos.”

**Série americana em que Melinda é uma médium que ajuda almas perdidas a resolverem seus assuntos inacabados e fazerem a passagem para o outro lado.*



“Falando do meu gato,” eu comecei.

“Ele esta aqui,” Bones disse, se levantando da cama. “Não nesse quarto, por razões óbvias, mas Ed deixou ele aqui ontem.”

Eu deixei meu olhar viajar sobre a nudez dele porque, primeiro, quem não faria isso? E segundo, é quase um hábito para mim admirar quando ele levanta da cama. Mas uma coisa chamou minha atenção quando eu me demorei nas suas coxas musculosas, me fazendo ficar incrédula. Uma olhada na umidade embaixo de mim quando eu me movi para o lado apenas confirmou isso, sem mencionar nas mesmas manchas rosas nas minhas próprias coxas.

“Bones, você está falando sério?” eu arfei “Você não podia esperar para fazer sexo comigo quando eu estive *consciente*?” Claro, ele era uma pessoa muito sexual. Quase insaciável, alguns podem dizer, e eu tenho que concordar, mas isso é passar dos limites—

Ele começou a rir de uma forma que era mais irônica do que divertida. “Você deve não querer ter essa conversa até que esteja um pouco menos... agitada,” ele disse, parecendo escolher suas palavras com cuidado.

Eu cruzei meus braços sobre o meu peito, não batendo o pé apenas porque eu ainda estava na cama.

“Você não vai tentar aquela desculpa masculina ‘Eu tinha que fazer isso ou eu iria explodir’, vai? Porque para os humanos isso é besteira, mas para os vampiros é ainda pior, especialmente um tão velho como você.”

A sobrancelha dele se ergueu em desafio. “Você realmente acha que eu transei com você enquanto você estava desmaiada e gelada? Nós não discutimos isso há muito tempo atrás, antes mesmo de começarmos a namorar?”

Eu olhei para baixo, indicando as manchas rosa na cama, evidências do seu clímax graças à proporção sangue-para-água que ocorre no corpo dos vampiros. “Então você fez isso... sozinho?” e *esfregou em mim para completar*? Eu acrescentei mentalmente, mas não disse em voz alta.

“Não, amor, você definitivamente fez parte disso, mas você não estava inconsciente,” ele respondeu eventualmente. “Você estava louca de fome devido aos efeitos do sangue da Marie, e eu não quero dizer fome no sentido nutricional.

Oh. Minhas bochechas formigaram com a urgência de corar. Isso não me ocorreu, mesmo que uma das últimas coisas que eu me lembrava com clareza foi sentir uma fome incrível. Eu acho que julguei mal o tipo da fome.

Eu forcei minha mente um pouco mais, tentando pensar sobre aquele momento



no cemitério. Depois de uma pequena espera, várias imagens dançaram através da minha memória. *O corpo pálido de Bones em cima do meu, a boca dele aberta em um gemido... gotas carmesins de sangue na pele dele que eu lambi antes de morder ele de novo... o cabelo dele, tão escuro contra minhas coxas quando ele abaixou sua cabeça entre elas... a restrição nos meus pulsos enquanto ondas de prazer e necessidade chegavam ao seu limite dentro de mim...*

Sim, eu estive envolvida, tudo bem. E mordi, também, parece. “Bem, hum... desculpe por acusar você de, ah...”

“Tirar vantagem da minha própria esposa enquanto ela estava desmaiada e gelada?” ele continuou.

Eu recuei. “Eu estou começando a ter alguns pequenos vislumbres do que aconteceu – além do que, porque você me acorrentou na parede? Não me diga que o sangue da Marie me transformou temporariamente em viciada em bondage, também?”

Se sim, isso levanta a questão do que exatamente excita à rainha do voodoo, se eu absorvi isso dela, então...

Bones respirou fundo antes de falar. “Kitten, deixe isso para lá por enquanto. Isso vai apenas te chatear, e não foi sua culpa.”

“O que?” eu explodi. Temor substituindo o lento calor que aquelas imagens sensuais tinham evocado.

Ele se sentou, pegando minha mão, seus dedos acariciando minhas articulações. O fato de ele estar me confortando me fez ainda mais nervosa sobre o que ele estava prestes a dizer.

“Nos rituais, Marie era famosa no séc. XVIII, ela levava seus seguidores para as florestas ao redor do lago Pontchartrain,” ele disse, ainda soando como se estivesse escolhendo suas palavras. “Lá eles cantavam, assistiam Marie fazer truques com uma cobra de estimação, e bebiam de um tonel de vinho misturado com seu sangue. Devido a posição de Marie como sacerdotisa do deus voodoo Zombi, o sangue dela devia dar aos participantes alguns dos poderes de Zombi para superar a morte, o efeito colateral sendo uma luxúria incontrolável, se você considerar todas as orgias que ocorreram.”

Alívio surgiu em mim. “Mas isso é uma ótima notícia! Então eu não tenho a habilidade de drenar poderes de ghouls como eu faço com os vampiros, porque o sangue da Marie poderia afetar qualquer um desse jeito –”

“Aqueles rituais eram uma farsa,” ele me cortou. “Eles davam as pessoas a



desculpa para fingir que todas as depravações a quais eles se entregavam não eram por vontade própria, mas nenhum deles nunca realmente recebeu o poder que supera a morte de Zombi do sangue dela. O que aconteceu com você foi a coisa real, no entanto. Marie disse que ela nunca viu isso antes, exceto bem raramente com outras sacerdotisas do voodoo.”

“Mambos,” eu adicionei mal humorada, meu alívio se transformando em cinzas enquanto eu me lembrava das palavras de Marie. *Eu sou a magia negra*, ela disse sobre ter passado de Mambo para ghoul, então chega-se a conclusão que o sangue dela é uma mágica potente também. “Então foi por isso que você precisou me prender? Porque absorver os poderes de Marie me fez virar uma puta violenta? Por isso você disse que merecia aquele cigarro.”

Isso fazia com que os poderes que eu absorvi do Vlad e Mencheres, em comparação, fossem como um pequeno inconveniente. Atirar um pouco de fogo das minhas mãos quanto eu estava chateada? Não era muita coisa, e hey, pode ser útil às vezes. Esmagar acidentalmente vários móveis da nossa casa através da telecinese? Bem, nós precisávamos de um sofá e TV novos de qualquer maneira, e isso também ajudou contra os caras maus em uma situação crítica. Mas isso? Sem utilidade nenhuma, a não ser que Bones tenha um desejo sadomasoquista.

“A boa notícia é que ela disse que esse tipo de fome cega não deve ocorrer com você novamente,” Bones respondeu. “Isso foi apenas a resposta inicial, decisiva para a abertura dos portões entre você e a morte. Similar à experiência de fome louca por sangue dos novos vampiros, mas você seria capaz de controlar futuros danos assim que você voltasse a si, como claramente esta agora.”

Isso era uma boa notícia, mas eu percebi que ele evitou responder a minha pergunta. “Correntes?” eu disse afiadamente, minha voz endurecendo, assim ele saberia que eu não iria desistir do assunto.

“Tudo bem, amor, se você não vai desistir,” ele começou “Como eu disse, você estava louca com fome, e malditamente mais forte do que você normalmente é. Não parecia reconhecer ninguém também, o que significa que você não estava sendo particular sobre com quem você iria saciar sua fome. Tive que te acorrentar porque senão, você tentaria achar outra pessoa para satisfazer suas necessidades se eu não estivesse servindo você, e eu tive que parar para me alimentar algumas vezes.”

Meu queixo caiu no “não estava sendo particular” e caía mais a cada palavra subsequente, até que eu estava vagamente surpresa de que não estava alcançando meu colo quando ele terminou. Eu peguei o lençol, colocando-o ao



meu redor numa repentina onda de vergonha escaldante.

“Ai. Meu. Deus. *Por favor* me diga que eu não fiz – “

“Você não fez,” Bones disse, com um traço de um sorriso. “Apesar de que você acariciou um cara sortudo quando eu te peguei depois de você se libertar de mim no cemitério. Eu ainda não estava cem por cento naquela hora, e eu não estava esperando que você estaria tão forte. Eu consegui nos levar voando de volta para o Tepesh depois que eu me alimentei, mas nessa hora, você estava totalmente perdida na fome. Marie me avisou que ficaria desse jeito, e eu tenho que admitir, ela não exagerou.”

Eu tive que ser arrastada por atacar sexualmente um *turista*? Porque, oh porque eu não escutei quando Bones me disse para não insistir nesse assunto? Mas agora que eu sabia de tudo isso, eu tinha que saber o resto.

“Então, eu tentei estuprar um turista e tornei você um escravo de sexo por dois dias.” Minha voz estava neutra por que meu embaraço era tão profundo, que transcendia reações. “Mais alguma coisa que eu deveria estar informada? Como, de quem mais deveria esperar uma ordem de restrição? Nós ainda estamos no Vlad? Não me diga que você teve que me tirar dele também?”

Bones fez um som como se fosse uma tosse delicada. “Não, e nós não estamos mais no Tepesh. Era uma residência temporária, então não tinha meios para restringir um vampiro nela. Marie nos ofereceu um lugar, mas como você pode imaginar, eu nos queria bem distante dela. Mencheres tinha um lugar temporário com uma cela para conter vampiros em West Virginia. Ele fretou um avião para Louisiana e ajudou a te conter enquanto nós viajávamos até lá.”

A voz dele mudou levemente quando ele disse “conter”, quase me fazendo gritar enquanto eu exigia, “O que *exatamente* Mencheres fez?”

“Te segurou imóvel com o poder dele enquanto eu transava com você no fundo do avião,” ele respondeu simplesmente, dando de ombros parecendo dizer, *Você queria saber*. “Não poderia arriscar você se libertar e destruir o avião, e tentar dirigir para West Virginia com você naquela condição não teria sido sábio.”

Mencheres, o co-regente e avô de Bones, um vampiro Mestre com um poder incrível, e o aliado que mais me enervava, tinha telepaticamente me segurado para que Bones pudesse me manter submissa enquanto me fodia no caminho para uma cela para prender vampiros. Doce e sagrado Jesus, me deixe ter alucinado ouvindo isso!



“Me dê alguma prata,” eu consegui resmungar. “Eu vou me matar.”

“Não se preocupe, ele olhou para o outro lado o tempo inteiro,” Bones disse sem se preocupar. “Além do que, ele sabia que iria te incomodar ter ele assistindo, Kira também não presenciou isso.”

“Kira estava lá também?” Bom Deus, eu mal conheço ela! E ela esteve apenas a uma ou duas filas enquanto tudo isso acontecia? Se eu ainda tivesse essa habilidade, eu teria desmaiado de tanta humilhação.

“Eu te disse que você se sentiria melhor se não soubesse dos detalhes,” Bones respondeu com um olhar afiado.

“Eu nunca vou duvidar da sua palavra novamente.” *Ou colocar um passo para fora desse quarto, se Mencheres e Kira ainda estiverem aqui.*

Ele me puxou para seus braços mesmo que eu estivesse mortificada.

“Você não precisa ficar tão envergonhada. Tudo que você fez foi transar com seu marido; quem ficaria tão chocada por isso? Não posso dizer que foi uma experiência que eu gostaria de repetir, mas apenas por que você não era você mesma.” Os lábios dele roçaram no meu ouvido. “Por outro lado, te acorrentar por um dia e meio para ter sexo sem limites soa terrivelmente atraente.”

Eu sabia que ele estava tentando me animar, mas eu ainda estava terrivelmente chocada. Eu ataquei um turista, fiquei louca toda vez que Bones não estava me satisfazendo, e como *golpe de misericórdia*, Mencheres tinha – em modo de dizer – participado do meu sexo com Bones. *E eu jurava que nunca faria sexo a três*, o pensamento me ocorreu no meio da minha intensa incredulidade.

“Eu pensei que você tinha dito que foram dois dias,” eu murmurei, finalmente registrando a última parte do que ele disse.

“Você esteve dormindo por volta de nove horas agora. Não tinha certeza ainda estaria controlada por aquela mesma fome quando você acordasse, então eu não tirei as algemas.”

Eu não o culpei. Deus, eu não teria culpado Bones se ele prendesse um vibrador em mim e cuidado de todo esse pesadelo sórdido desse jeito.

“Você sabe o que as pessoas dizem sobre tomar cuidado com o que você deseja? Eu costumava desejar que tivesse alguma coisa que pudéssemos fazer, você sabe, intimamente juntos que você não tivesse feito antes, mas eu não achei que aconteceria.” Eu dei a ele um sorriso fraco. “Apesar de que eu duvido que você alguma vez tenha sido forçado a transar sem parar com uma mulher excitada pela versão voodoo morta-viva do Spanish fly*, você já fez



isso?”

**Tipo um Viagra.*

A risada dele foi leve. “Não posso dizer que eu tenha, Kitten.”

“Sim, bem, me considere original.”

Dessa vez, quando os lábios dele roçaram na minha pele, durou mais do que um momento.

“Eu sempre considerei.”

Como ele podia ser tão carinhoso comigo logo depois que fodeu tudo – literalmente! – estava além da minha compreensão. Eu deveria agradecer minhas estrelas da sorte por enquanto essa situação ganhava onze na *minha* escala de zero a dez de perversão, a prévia vida humana de Bones como gigolô combinada com o seu passado promíscuo como vampiro significava que provavelmente ganhou apenas um três para ele. Graças a Deus ele estava lá também. Eu teria ficado horrorizada por trair Bones se eu fosse atingida pelo sangue transformador de putas gulosas da Marie enquanto ele não estivesse por perto.

Essa ideia me fez estremecer. Eu já estava fulminando Marie por deixar aqueles Remnants atacarem Bones; se ela estragasse nosso casamento também – a apesar de que Bones iria entender devido à circunstâncias, não seria uma coisa que ele esqueceria nunca – então eu verdadeiramente iria desprezá-la.

A pergunta que se sobressaiu mesmo com minha vergonha abrasadora devido as minhas ações nos últimos dois dias foi porque Marie me forçou a beber seu sangue. Se não seria usado como combustível para a investigação de guerra de Apollyon, porque ela iria querer ver se eu poderia absorver seus poderes? Marie calculou muito para me forçar a fazer aquilo para apenas satisfazer sua curiosidade sobre se o sangue de ghoul iria me afetar do mesmo jeito que o sangue de vampiro fazia. Ela poderia ter feito eu beber de outro ghoul em vez dela mesma para obter a mesma prova.

O que ela está tramando? E isso deveria ser tão preocupante quanto o que Apollyon estava fazendo?

“Se você, ah, esteve ocupado lidando comigo pela maior parte dos dois últimos dias, talvez houve alguma mudança,” eu disse, balançando minhas pernas para fora da cama. “Vamos esperar que tenha havido, e que sejam boas notícias.”



CAPÍTULO DEZOITO.

Para meu espanto, as duas primeiras pessoas que eu vi depois que eu cheguei no andar de cima foram Mencheres e Kira. Eles sentavam-se lado a lado no que eu imaginava que era a sala de estar, meu gato enrolado serenamente no colo de Kira.

Ambos olharam para cima, então já era tarde demais para eu correr. Pela primeira vez, eu estava grata pelo usual estoicismo do Mencheres quando eu vi sua expressão impenetrável. Se ele arqueasse suas sobrancelhas, ou cruzasse os pulsos numa mímica de escravidão, eu teria saltado pela janela mais próxima.

“Deixe-me dizer logo que se eu pudesse evitar vocês dois pela próxima década, eu iria,” Eu disse subitamente. “Mas já que eu não posso recuperar um pouco da minha modéstia agora mesmo, eu só vou oferecer minhas mais sinceras desculpas e esperar que nós nunca mais mencionemos o que aconteceu. De fato, você sabe aquele feitiço de amnésia que você colocou em mim quando eu tinha dezesseis anos, Mencheres? Eu amaria outro.”

“Voce apagou a memoria dela quando ela era uma adolescente?” Kira perguntou surpresa.

“Isso é uma historia para outra hora,” ele lhe respondeu suavemente antes de virar seu olhar cor carvão do volta para mim. “Infelizmente, Cat, minha habilidade de apagar sua memória estava baseado em seu estado meio-humano. Memórias de vampiros não podem ser alteradas. Pelo menos, não que eu saiba.”

“Que sorte a minha,” Eu murmurei. “Bem, então vamos para o plano A: fingir que nunca aconteceu.”

“Fingir que nunca aconteceu o quê?” Kira respondeu com enfase deliberada quando ela me deu um olhar propositalmente em branco.

Eu dei a ela um sorriso agradecido. “Exatamente.”

Algo borrado piscou no canto do meu olho. Virei-me para ver Fabian flutuando na porta, me olhando numa mistura de felicidade e de desconfiança.

“Hey,” Eu disse surpresa. “Voce não deveria estar com Dave? Ele não está aqui, também, está?”

“Ele ainda está em Ohio.” Fabian chegou mais perto, quase tendo espamos com emoção ou agitação. “Você está bem, Cat? Eu posso... fazer algo por você?”



La estava o formigamento pelo meu rosto novamente antes de eu lembrar que Fabian não podia querer dizer nada sugestivo com sua pergunta. Ele não era *sólido*, o que antes era um requisito para o que eu precisava, apesar da minha óbvia falta de preferência sobre quem podia prover isso.

“Estou bem,” Eu disse, tentando esconder meu persistente embaraço com uma mentalidade prática. “Mas por que você deixou o Dave? Aconteceu alguma coisa?” Talvez Dave teve que parar de tentar se infiltrar entre os ghouls de Apollyon por causa de algo que esteja acontecendo com Don ou a equipe?

Fabian pareceu se deslocar desconfortável embora seus pés não tocassem o chão. “Eu pensei que você precisava de mim,” Ele murmurou. “Então eu te encontrei. Dave ainda não tinha encontrado os ghouls e me pareceu Ok deixá-lo—”

“O que você quer dizer, você me achou?” Eu interrompi, tentando fazer minha voz ficar clara ao invés de acusativa. Fabian já parecia que podia explodir em lágrimas, se isso era mesmo possível para um fantasma. Ainda assim, se alguma coisa tinha acontecido com Dave porque ele não pode mandar por Fabian um pedido de ajuda...

“Ele quis dizer que você parece ser um imã de espectros agora,” Bones falou, entrando na sala. “Dezenas de fantasmas a seguiram de New Orleans para o Tepesh e em seguida até aqui. Eu suspeito que Mencheres os esteja mandando embora ultimamente, ou você teria acordado com alguns empoleirados próximos a você no quarto.”

Mencheres deu de ombros concordando enquanto Fabian parecia mais miserável. “Então você só... encontrou o seu caminho para mim sem ninguém lhe dizer onde eu estava?” Eu perguntei descrente ao fantasma.

Ele acenou, quase infantil em seu desânimo apesar do fato de Fabian ter morrido quando tinha quase quarenta e cinco anos. “Não se zangue. Dave tentou ligar para você, mas foi para o correio de voz, e eu apenas *senti* como se você estivesse me alcançando. Eu passei por algumas Linhas de Poder, não certo sobre onde eu estava indo, mas de alguma forma eu cheguei aqui.

Linhas de Poder. Rodovias de espectros, Bones tinha dito uma vez. Eu ainda não compreendia muito bem como elas funcionavam, mas eu sabia que fantasmas as usavam para chegar a algum lugar muito rápido pois elas continham algum tipo de energia magnética em que eles podiam andar. Como trens bala para mortos, mas invisível.

E estas Linhas de Poder tinham trazido Fabian até mim porque ele sentia que eu estava o ‘alcançando’. Ele, e um monte de outros fantasmas, pelo que



Bones tinha dito. O sangue da Marie era um presente que eu continuava recebendo, ao que parece, e a cada nova revelação sobre os seus efeitos eu apenas podia me atolar mais em problemas.

Se eu sou um imã de fantasmas, não levará muito tempo até algo mais do que fantasmas possa me encontrar, eu pensei com desânimo. Além de eu já não gostar da ideia de que alguns deles podiam ser espiões da Marie, isso apresentou outro problema também. Pelo quadro letal de ghouls determinados a parar Apollyon de tentar me matar antes que as coisas chequem em um ponto de ebulição, eu apenas fiz de mim um alvo muito mais fácil. Nada dizia, “Ela está aqui!” tão bem quanto uma fila de fantasmas me seguindo por aí.

“Fabian, eu não estou brava com você,” Eu disse de uma maneira suave, por que ele estava flutuando com uma agitação óbvia e isso *não tinha* sido culpa dele. Como ele poderia saber que agora eu tinha uma versão fantasmagórica de apito para cães correndo por minha veias? “Mas eu vou precisar de sua ajuda. Os outros fantasmas ainda estão nas proximidades agora?”

Ele olhou para as janelas, que, devido ao brilho de luzes no interior e a escuridão no lado de fora, era mais difícil para eu enxergar. Especialmente desde que eu estava olhando para pessoas que eram transparentes, de qualquer maneira.

“Sim”

E estando tão perto, eles podiam ouvir tudo o que eu disse. Não adianta fazer do Fabian transmissor de mensagens para mim.

“Tudo bem, então...” Eu suspirei, deixando o quarto e indo para a porta da frente. Depois de viver com Fabian há quase um ano, eu sabia que mostrar aos fantasmas o mesmo respeito que eu mostrava a uma pessoa viva – ou morta viva- era um jeito de ganhar pontos dourados com uma espécie que normalmente era ignorada.

Bones me seguiu, apontando para a esquerda com um olhar resignado no rosto. Pelo menos ele não discutiu sobre o que obviamente ele descobriu que eu estava prestes a fazer. Saí pela porta da frente e vi muitas formas diáfanas girando ao redor das árvores no final da calçada. Eu não podia ver qualquer outras casas próximas, mas já estando em diversas casas de Mencheres, eu reconheci essa como uma de suas típicas casas, grande, com o terreno reto. Na verdade, havia morros íngrimes, ocasionais rochas salientes, e bosques próximos, lembrava-me de minha casa em Blue Ridge. Como Bones e eu, Mencheres não queria aumentar suas chances de vizinhos intrometidos entrarem em seus negócios.



“Oi,” Eu disse para o grupo. A perturbação da atividade começou quando pelo menos duas dezenas de aparições nebulosas pararam o que estavam fazendo e se aproximaram da varanda da frente, que pareciam como a melhor decoração de Halloween de sempre. Eu fiquei impressionada com a variedade de eras que os fantasmas representavam, como um tiro rápido de história em um piscar de olhos. Fora as roupas que eu podia reconhecer, eu vi um que tinha roupas que pareciam ser um uniforme da União* enquanto outro usava um confederante cinza e açafião. Um estava sem camisa com as calças de camurça, outra era uma mulher da era Vitoriana, dois usavam algo de marinheiros, outra tinha uns 20 anos e usava um vestido complicado, alguns pareciam saídos de um filme dos anos 50, e alguns poucos poderiam ser cowboys. Apenas dois pareciam que eram do meu tempo, julgando a partir do corte de cabelo e roupas.

**Exército dos estados do norte, na guerra civil americana.*

Tudo o que nós precisamos é de uma musica assustadora, uma lua cheia, e alguns morcegos para que isso seja perfeito, eu pensei irreverente.

“Oi,” Eu repeti, tentando olhar para cada um dos fantasmas pelo menos uma vez para que todos eles se sintam incluídos no meu discurso. “Meu amigo Fabian me disse que alguns de vocês podem ter apenas... acabado aqui mesmo que vocês não tenham certeza do porquê ou como,” Eu continuei. “Normalmente eu diria que está tudo bem. Quanto mais melhor, mas eu tenho algumas coisas acontecendo que fazem vocês, pessoal serem, hum, potencialmente problemáticos para mim.”

Eu estava começando a duvidar da sabedoria dessa ideia, vendo alguns dos fantasmas trocando olhares confusos entre si. Fabian colocou sua mão sobre a minha, o contorno de sua não-existente carne fundindo com a minha pele no mais próximo do que poderia ser um tapinha encorajador vindo dele. Eu inclinei meus ombros. Eu tinha chegado tão longe, poderia muito bem ir em frente e ver se o poder que eu não queria absorver da Marie podia me ajudar agora.

“Então apesar de que eu adoraria ver novamente todos vocês no futuro, agora, eu preciso que vocês *partam*,” Eu disse, colocando força nas palavras para torná-las mais do que um pedido. “Por favor não me sigam, mesmo que vocês sintam como se devessem. Eu também preciso que vocês não repitam o que eu acabei de dizer ou qualquer outra coisa que possam ter ouvido antes. Eu sei que vocês vão fazer isso por mim, já que os fantasmas são uma espécie com honra, e— “Oh merda, eu estava apenas balbuciando agora, e isso não estava funcionando. Nenhum deles tinha nem mesmo se movido. “ —e isso realmente iria me ajudar.” Eu terminei sem jeito.



Ghost Whisperer, minha bunda, uma voz interior parecia zombar de mim.

Nada além do silêncio vinha dos fantasmas. O silêncio e a imobilidade completa. Minhas esperanças se afundaram. Todo o poder da Marie sobre os mortos, não parece ser capaz de fazer fantasmas irem embora se não quiserem. Ou eu não sabia como canalizar seus poderes corretamente quando se tratava de fantasmas regulares versus Remnants, ou talvez houvesse uma palavra código especial que ela sabia que eu não—

Todos de uma vez, os fantasmas simplesmente desapareceram no ar. Eu tinha visto o Fabian fazer o mesmo várias vezes, mas parecia muito mais assustador quando dezenas deles se desmaterializavam simultaneamente. Mesmo as suas energias se desbotaram no ar, deixando para trás apenas uma suave carícia na brisa da noite para flutuar ao longo da minha pele.



CAPÍTULO DEZENOVE.

“Muito impressionante.” Bones disse atrás de mim.

Eu virei para sorrir para ele, aliviada por ter funcionado, apenas para perceber que Fabian, também, havia ido embora.

“Fabian!” Eu exclamei.

Ele se materializou na minha frente momentos depois, com um olhar de expectativa em seu rosto.

“O que posso fazer por você?”

A culpa me apunhalou. Se ele estivesse fazendo essa oferta por vontade própria, estaria bem, mas o sangue de Marie alterou o equilíbrio entre nós. Os amigos não deveriam ser capazes de obrigar seus amigos a fazerem coisas quer eles queriam ou não.

“Fabian voce não *tem* que fazer nada para mim,” Eu disse a ele. “Você pode tomar suas próprias decisões sobre o que quer fazer ou não.”

“Tudo o que você disser,” ele respondeu, ainda olhando para mim com expectativa.

Bones reprimiu uma bufada. OK, então isso não era tão fácil quanto parecia. Maldita Marie por me fazer beber o sangue vudu enfeitiçado dela.

“Eu ordeno que você faça somente o que você quer fazer.” Eu tentei novamente, desta vez com mais força.

Agora uma ligeira carranca apareceu entre suas sombrancelhas. “Eu deixei você irritada. Diga-me o que fazer para te fazer feliz novamente.”

Eu joguei minha mãos para o alto ao mesmo tempo em que o bufo do Bones tornou-se uma gargalhada. “Kitten, eu tenho certeza de que há uma maneira de corrigir isso no futuro, mas agora, temos preocupações mais importantes,” ele disse assim que parou de rir. “Pergunte ao nosso colega o que pode ajudar a repelir fantasmas. Não posso ter você parando para fazer esse mesmo discurso de hora em hora, e enquanto New Orleans pode ser uma das cidades mais assombradas do mundo, não é o lar de *cada* fantasma do planeta.”

Deixei de lado minha culpa e frustração pela súbita falta de força de vontade de Fabian o suficiente para entender o ponto do Bones. New Orleans tinha uma população de fantasma elevada de forma incomum, o que eu sempre atribuí a sua história de doenças, guerra, malária, desastres naturais e predadores nativos. Mas Bones estava certo. Se o sangue de Marie chamava fantasmas—



e obviamente ele chamava, julgando pela minha nova popularidade com os desprovidos de vida— então a Big Easy deveria ter toneladas de fantasmas a mais do que o normal. Só espero que o entorpecimento causado pelo canto da sereia espectral de Marie não fosse apenas uma vantagem local, como uma superpopulação de jacarés. Isso chamaria ainda mais atenção do que um grupo gigantesco de fantasmas me seguindo por aí.

Embora Fabian tenha ouvido Bones, ele não ofereceu qualquer informação sobre o tópico. Apenas continuou a me olhar com uma expressão ansiosa. Eu suspirei, pensando que com minha nova condição, Ghost Dominatrix* se encaixava mais comigo do que Ghost Whisperer.

**Dominadora de Fantasma.*

“Fabian, se eu quisesse tentar impedir os fantasmas de me seguir por todo lado, o que eu poderia usar?”

Ele parecia preocupado. “Você quer se livrar de mim?”

“Não, é claro que não,” eu respondi, mentalmente amaldiçoando Marie mais uma vez. “Você sempre vai ter um lar conosco; eu lhe disse isso. Isso é para um curto período de tempo até que a situação com Apollyon seja assentada. Enquanto isso, você precisa voltar para o Dave. Ele está em perigo sem você.”

Eu amenizei minha consciência lembrando que Fabian tinha concordado acompanhar o Dave antes, quando ele ainda tinha controle sobre suas próprias ações. Isso não era ordenar ele fazer algo contra a sua vontade, era só seguir o plano.

Eu ainda me sentia uma vaca.

“Ah, eu entendo,” Fabian disse, sorrindo novamente, enquanto ele acariciava uma de suas costeletas, de forma pensativa. “Eu consigo pensar em duas coisas que, quando combinadas, se torna difícil para muitos fantasmas ficarem por perto, porque eles fazem com que o ar pareça nocivo. Um deles é o alho. Não apenas uns dentes, mas muito.”

Fiquei de boca aberta perante a ironia. A planta mais famosa para repelir vampiros era, na verdade, parte de uma kryptonita para *fantasmas*?

“A outra é a planta que algumas pessoas fumam,” Fabian continuou. “Quando grandes quantidades disso e de alho estão presentes num lugar, a maioria dos fantasmas mal consegue aguentar ficar perto dele.”

“Você quer dizer o tabaco.” Wow, acho que os cigarros não são saudáveis para ninguém, vivo ou morto.



“Não essa planta,” Fabian disse, franzindo a testa. “A outra que faz as pessoas agirem que nem idiotas quando a fumam.”

“*Erva?*” Eu explodi. “Você esta me dizendo que a *maconha* é a segunda parte da fórmula repelente de fantasmas?”

Eu não poderia estar mais chocada, mas Fabian concordou serenamente. “Sim. Se você tiver um monte de alho e maconha perto de você todo momento, isso deve ajudar a manter a maioria dos fantasmas longe de você, embora eu seja suficientemente forte para resistir à isso.” ele acrescentou com evidente orgulho.

Eu não conseguia parar de balançar a cabeça. Quem podia adivinhar que alho mais maconha resultaria num xô-fantasmas? Refletindo, eu *tinha* sentido o cheiro de um monte de maconha e alho em New Orleans, mas eu pensei que o último era devido a culinária Cajun e Creole, e o primeiro era apenas um reflexo da atmosfera festiva da cidade. Quem diria que era o jeito de Marie evitar que a população de fantasmas se tornasse tão grande que os vampiros e ghouls iriam perceber que algo estava acontecendo? Ela deve ter um campo de erva e alho cercando toda a sua casa, onde quer que fosse.

“Formidável, eu vou conseguir o dois agora mesmo,” Bones disse, não parecendo muito atraído pela idéia. “Kitten, diga à ele que, a partir de agora, ele irá se reportar a Mencheres. Não mais para nós, não com todas as ervas que em breve você estará ostentando. Ele diz que é forte o bastante, mas não podemos correr o risco da possibilidade de atrasar uma mensagem importante dele.”

Eu repeti isso para Fabian, ainda me sentindo estranha sobre a forma como ele parecia esperar por mim dizer a mesma coisa antes de reagir àquilo. Agora eu sabia como o personagem de Sigourney Weaver deve ter se sentido em *Galaxy Guest**. “Computador, temos uma esfera de berílio a bordo?” Eu resmunguei baixinho.

*“*Heróis fora de órbita*” - O filme é uma paródia da série de TV “*Jornada nas Estrelas*”

“O que é isso?” Bones perguntou.

“Nada.”

“Eu vou voltar para Dave agora. Não deve ser difícil encontrá-lo. Ele disse que não iria trocar do hotel novamente até eu voltar.” Fabian disse.

Eu olhei para ele, desejando poder lhe dar um abraço de adeus e mais uma vez odiando tudo o que eu disse por tirar o livre-arbítrio dele. “Isso não será por



muito tempo,” eu disse a ele, roçando minha mão em seu rosto mesmo que ela o atravessasse.

Uma palma de mão incandescente cobriu a minha, sem peso ou pressão no gesto.

“Eu não vou falhar com você.” Fabian disse, e depois ele desapareceu de vista.

Eu olhei para o lugar onde ele tinha estado com uma espécie de determinação impiedosa. Até parece que eu falharia com ele também. Eu *encontraria* uma maneira de devolver a Fabian o seu livre arbítrio, derrotar Apollyon sem me tornar um mártir—o que também tiraria os assassinos de aluguel ghouls do meu traseiro— e depois dar alguma sensatez para minha família insensatamente teimosa.

Eu só não tinha idéia alguma de como faria todas essas coisas.

“Não se preocupe Kitten,” Bones disse calmamente. “Além de saber como fazer para manter a maioria dos fantasmas longe de você, podemos ter tido outro sinal de boa sorte. Eu chequei meu celular, e Timmie me mandou uma mensagem hoje de manhã. Acha que um grande ninho de ghouls de Apollyon deve estar reunido em Memphis, de acordo com fatos curiosos que suas fontes relataram à ele.”

Essa era uma boa notícia. Só era um pé no saco que precisávamos prender um dos servos de Apollyon agora mais do que nunca, mas de acordo com o ghouls decapitado do hotel, eles fugiam assim que colocavam os olhos em mim. Pena que eu não poderia me clonar e ter uma falsa Cat como armadilha em outro lugar, fazendo os ghouls se sentirem seguros, enquanto a eu verdadeira me esgueirava por trás deles. Isso resolveria uma série de problemas, mas como a clonagem só havia sido realizada cientificamente com ovelhas, pelo meu conhecimento, eu estava sem sorte.

Ainda assim, uma variação da mesma coisa não era totalmente absurda. Talvez um dos cientistas de Don pudesse criar uma réplica do meu rosto e nós o colocaríamos em uma mulher de estatura e constituição física semelhante. Afinal de contas, isso funcionava nos filmes...

“Claro!” Eu disse, sentindo uma renovada onda de otimismo quando outra odéia me ocorreu. “Vamos ligar para Dave e dizer a ele onde Timmie conseguiu uma informação sobre os ghouls, e mais, eu tenho que dizer a ele que Fabian está a caminho de volta. Enviaremos Ed e Scratch para Memphis, também. Entre os três, alguém tem que topa com um servo imbecil mais cedo ou mais tarde. Então precisamos testar esta combinação de alho e erva para ter certeza que é suficiente para manter a maioria dos fantasmas num canto.



Assim que soubermos, vamos para Memphis também.”

As sobrancelhas dele se arquearam. “Você parece ter um plano, luv.”

“Sim, eu tenho,” eu disse, as rodas continuavam a girar em minha mente. “A parte um envolve eu beber seu sangue novamente. Vou precisar de todo o poder que puder obter. Como parte dois... bem, eu vou precisar fazer alguns telefonemas.”



CAPÍTULO VINTE.

Barão Charles DeMortimer, que atendia por Spade para que ele nunca esquecesse que uma vez já foi reduzido a ser chamado pelo nome de uma ferramenta que um feitor designou a ele, era o melhor amigo de Bones. Eles se conheciam há mais de dois séculos, desde que foram prisioneiros em uma colônia penal de New South Wales. Agora, eu tinha bastante certeza de que a longa história entre eles era o único motivo por Spade não ter pulado em minha garganta assim que me viu. O olhar que ele me lançou quando Bones olhou para o outro lado disse em alto e bom som que ele estava imaginando me estrangular.

"Estou tão feliz por você ter ligado!" Denise, minha melhor amiga, disse enquanto me abraçava. "Estou emocionada por poder, finalmente, ser capaz de te ajudar uma vez."

Por cima de seu ombro, Spade me encarou quando Bones se virou para ver se eles tinham trazido mais malas. Eu ignorei o fato, correspondendo ao abraço apertado de Denise enquanto me surpreendia com sua nova força. Isso reforçou minha opinião de que esse era nosso melhor meio de agir, mesmo que leve alguns anos para Spade me perdoar por sugerir isso. Ele e Denise tinham se casado recentemente e ele era muito protetor com ela.

Eu também era, e se Denise ainda fosse humana, ela não estaria aqui agora. Mas ela não era mais exatamente humana. Um demônio garantiu isso quando marcou Denise com sua essência há alguns meses atrás. Agora que o demônio estava morto, o que ele fez a ela não poderia nunca ser desfeito, o que fazia de Denise, talvez, a pessoa mais indestrutível do planeta. Inferno, se eu cortasse fora sua cabeça agora mesmo, o único resultado seria uma baita bagunça no chão até outra crescer no lugar.

Isso não era a única coisa incrível que Denise podia fazer, que foi o motivo pelo qual eu pedi para eles virem. Nós demos os braços enquanto entrávamos na sala de estar, soltando uma pequena risada quando Denise disse, "Não querendo ser indelicada logo de cara, Cat, mas... por que você cheira como se tivesse se banhado em alho?"

"Apenas fique feliz por seu nariz não ser forte o suficiente para sentir o cheiro de maconha também," respondi ironicamente. "É um, hum, remédio caseiro para manter certos elementos indesejados longe de mim."

"Você vai manter bastante elementos longe de você com esse aroma particular," Spade disse, torcendo o nariz com tal desgosto refinado que era como ter um vislumbre dele quando era um nobre no século XVIII.



"Sim, bem, o bom é que não estou tentando mais capturar vampiros, o que com meu novo perfume fedido," eu disse, escondendo um sorriso. Spade deve estar *realmente* irritado comigo. Normalmente seu cavalheirismo natural faria com que ele respondesse com uma mentira galanteadora sobre como alho era agora a nova moda nas fragrâncias, ou que a névoa de maconha emanando de mim realmente trouxe brilho aos meus cabelos.

Bones olhou Spade de uma forma que dizia que a falta de cordialidade de Spade não tinha passado despercebida a ele também. Ele serviu dois uísques da garrafa ornamentada da prateleira, entregando um para Spade de forma menos graciosa do que o normal.

"Corrija-me se eu estiver errado, companheiro, mas parece que me lembro de minha esposa arriscando a vida a seu favor duas vezes só esse ano. Então você não pode ficar irritado por ela pedir para sua esposa um favor que não a coloca *de forma alguma* em perigo, pode?"

"Claro que a coloca em perigo," Spade respondeu imediatamente. "Se uma gota do sangue de Denise espirrar em um lugar onde outros vampiros possam sentir o gosto dele—"

"Droga, Spade, nós conversamos sobre isso," ela o interrompeu, seus olhos castanhos se estreitando de um jeito que o alertava sobre repercussões. "Vou viver uma vida muito, muito longa e eu me recuso a passar essa vida com medo como eu fiz antes. Se isso ao menos funcionar, o que pode não acontecer, você estará comigo o tempo todo, certo? E impedir esse líder ghoul louco antes de ele conseguir irritar muitas pessoas significa mais segurança para todos, *certo*? Então pare com a superproteção. Você não iria querer eu agindo desse jeito com você."

"Isso soa familiar, não é?" sussurrei para Bones, sentindo como se eu estivesse assistindo atores fazerem os papéis de mim e dele.

Ele resmungou. "Tá certa."

"Se eu achasse que Denise estaria em perigo, eu não teria pedido a ela," eu disse para Spade. Desde que ela foi marcada, só o osso de demônio através dos olhos poderia matar Denise, e isso era tão raro quanto uma bola de neve no inferno. "Você a quer manter em segurança," eu continuei. "Eu também, por isso que Apollyon tem que ser parado. Mesmo que eu fosse apunhalada com prata amanhã, não acho que Apollyon irá, de repente, embora. Ele esperou seiscentos anos para tentar esse curso de poder e eu aposto que ele não vai querer esperar outros seiscentos ou mais até que outro mestiço apareça de novo."



Spade não disse nada por um tempo, seu olhar cor de tigre passando sobre Denise, Bones e eu, por sua vez. Pelo menos, ele estendeu as mãos.

"Vocês todos estão certos, claro. Minhas desculpas. Parece que a lógica falha em mim quando se trata do bem-estar de minha esposa."

Bones bufou. "Eu sei como você se sente. Mas não se preocupe. Tenho certeza de que Denise vai te lembrar todas as falhas em sua lógica com tanta frequência quanto minha esposa me lembra das minhas."

Não pude evitar rir devido a secura em seu tom. "De volta pra você, querido. Você é muito bom em apontar quando estou agindo com meus medos e não com meu cérebro. Então acho que nós todos somos culpados disso."

A tensão na sala se esvaiu, resultando em alguns momentos de silêncio amigável. Então Denise pigarreou.

"Então... vamos começar. Eu não comi o dia todo para tentar acelerar o ritmo disso e estou faminta. Se funcionar, vou me recompensar com comida o suficiente para engasgar um cavalo."

Assim dizendo, ela se levantou e ficou um pouco longe do sofá. Eu fui até ela, sem muita certeza se devia dizer alguma coisa eu se isso quebraria sua concentração. Mencheres e Kira tinham saído, então a casa estava vazia além de nós. Sem fantasmas protelando nas proximidades, graças ao remédio ilegal e fedido em mim e pela casa e as cortinas estavam puxadas mesmo que o vizinho mais próximo estivesse há boas duas quadras de distância. Não estávamos arriscando ser observados por alguém—a menos que você contasse meu gato, que cuidava de si mesmo enquanto lançava ocasionais olhares na nossa direção.

Denise me olhou de cima a baixo, sua testa se enrugou com a concentração. Então seu cheiro mudou, azedando de sua base natural de jasmim para um aroma mais pungente de agitação. Seu pulso também se acelerou, as respirações ficando mais curtas, rápidas. O ar ao redor dela ficou mais pesado enquanto seu cheiro mudava ainda mais, agora com um tênue toque de enxofre. Mesmo que eu tenha visto essa reação antes, não consegui disfarçar o desconforto enquanto seus olhos castanhos lentamente se enchiam de um profundo carmesim.

Então Denise gritou, de forma alta e rigorosa. Sua pele parecia ondular sobre suas feições de um jeito disforme e derretido, como cera quando chega muito próximo a chama. Mais gemidos vieram dela, os sons quase animais devido a sua intensidade. Ela se inclinou, tremores convulsionando seu corpo de forma tão vigorosa que parecia que seus músculos estavam sendo



rasgados do lugar. Sem querer, levei a mão à boca, abafando um suspiro. Spade estava certo. Eu não devia ter pedido para ela fazer isso. Que diabos eu estava pensando?

Denise caiu de joelhos, o cabelo caindo sobre seu rosto enquanto um grito horrível saía dela. Spade estava ao seu lado bem antes de mim, a pegando nos braços e sussurrando para ela. Eu toquei seu ombro, me enchendo de recriminações.

"Pare, Denise, não vale a pena. Vamos encontrar outro jeito—"

Minha voz irrompeu enquanto sua cabeça se erguia repentinamente, seus olhos agora eram cinza cor de metal ao invés de carmesim ou castanho, o cabelo castanho transformado em vermelho e emoldurando o mesmo rosto que eu via olhar pra mim na frente do espelho.

"Filho da puta! Você conseguiu," Bones assobiou.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Denise—exceto que não era mais seu rosto. Era o meu.

"Isso foi *muito* mais fácil do que da última vez!" ela disse, dando um beijo rápido em Spade antes de pular de pé. Até seu corpo agora parecia exatamente como o meu, notei com espanto. Ela tinha ficado centímetros mais alta e preenchido no traseiro e na área do peito, tudo no espaço de três minutos.

"Querida, você está bem?" Spade perguntou, se levantando e olhando para ela de forma mais objetiva do que eu. Olhar para uma imagem minha no espelho em minha melhor amiga era simplesmente... estranho, mesmo que isso fosse o que esperávamos que acontecesse. A essência de demônio não a tinha feito simplesmente virtualmente indestrutível. Ela também tinha transformado Denise em uma metamorfa como ele foi.

Ela alisou o peito de Spade com a mão. "Não se preocupe, estou bem. Parece e soa muito pior do que é, verdade. Agora, onde é a cozinha. Eu mencionei que estava *faminta?*"

—

Eu tinha acabado de sair do chuveiro quando Bones fechou a porta do quarto atrás de si, seu olhar era sombrio. Depois do jantar, do qual todos nós comemos para que Denise não se sentisse excluída, finalizamos os detalhes do nosso plano. Todos concordaram que era nossa melhor opção para, esperançosamente, tirar Apollyon do caminho, mas Spade não era o único que tinha dúvidas sobre a segurança de sua esposa. Eu estava nervosa por Bones,



assim como ele por mim, mas nós dois sabíamos que *não* agir nos colocava em posição de maior perigo. Porém, agora que estávamos sozinhos, eu sentia sua inquietação nas emoções arranhando as minhas. No momento, seu arrebatador cheiro natural de açúcar queimado lembrava mais a um acidente culinário do que crême brûlée.

Parei de secar meu cabelo com a toalha e fui até ele, deslizando os braços ao redor de seu pescoço e deitando a cabeça em seu peito. Logo, eu teria que recolocar os pacotes de alho e maconha em mim, mas por enquanto, eu podia abraçá-lo sem aqueles obstáculos fedidos.

"Vai ficar tudo bem," eu disse, minhas palavras abafadas pelo tecido da camisa dele. "Isso vai funcionar."

Braços firmes envolveram minhas costas enquanto ele me puxava para mais perto. "Eu sei. Só não gosto de me separar de você."

Soltei uma pequena bufada. "Eu também não gosto, mas Denise é a isca definitiva. Você a viu. Agora ela é minha gêmea, até o tamanho do sutiã. Se você a visse em um bar, até você juraria que era eu."

"Não se eu chegasse perto," ele respondeu, a cabeça baixando até sua boca roçar meu maxilar. "Esqueça a pulsação; ela não cheira como você, a voz não é a sua, a postura é diferente e ela olha para as pessoas diferente de como você faz."

"Como eu olho para as pessoas?" Perguntei, confusa. Todas as outras coisas que ele listou faziam sentido, mas poucos, exceto Bones, me conhecia bem o suficiente para notar aquelas diferenças. A pulsação de Denise era a maior preocupação, mas tínhamos uma maneira de contornar, o que funcionaria para todos exceto para alguém perto dela—e não acho que Spade deixaria alguém chegar tão perto.

Bones se afastou, olhando dentro dos meus olhos enquanto seus dedos contornavam meu rosto. "Você tem o olhar de uma lutadora. Notei isso no momento em que nos encontramos. Você olhou pra mim... e eu pude dizer que você estava, mentalmente, avaliando meus pontos fortes e fraquezas antes de qualquer outra coisa. Naquele momento eu achei que era estranho, porque aquele olhar não combinava com a garota inexperiente que tropeçava sobre as palavras quando me perguntou se eu queria foder."

Risos borbulharam em minha garganta. "Eu estava tentando te atrair para fora para que eu pudesse matá-lo, mas diferente de qualquer outro vampiro que eu tinha encontrado até aquele momento, você não estava cooperando. Eu devia saber que você seria problema."



Seus lábios se curvaram, um toque de verde aparecendo em seu olhar. "Ah, mas aquilo só fez de mim algo mais tentador pra você. Você não pôde resistir ao desafio. É por isso que você veio procurando por mim logo na noite seguinte e porque você concordou em me deixar treiná-la mesmo que ainda planejasse me matar naquelas primeiras semanas."

Ele estava certo. Naquela época, acreditando que todos os vampiros eram sugadores de sangue malignos, eu estava determinada a matar Bones apesar do fato de que ele era muito mais forte que eu. E ele estava certo de que o encanto de derrotar um vampiro tão poderoso apelava para o meu senso de desafio. Ou imprudência, dependendo para quem você pergunte.

"E você?" eu respirei, ficando na ponta dos pés para roçar a boca dele com a minha. "Se eu tivesse caído pra trás com as pernas abertas como todas as outras mulheres que você conheceu, você teria me dado a noite da minha vida e então esquecido meu nome antes do café da manhã. Mas eu era imune ao seu charme e beleza. Devo ter te chocado." Eu não podia impedir meu sorriso enquanto mordiscava levemente seu lábio inferior. "Então não sou a única que não pôde resistir a um desafio."

"Você não foi imune ao meu charme por muito tempo, pelo que me lembro," ele respondeu, uma sobrancelha se arqueando com um significado pecaminoso.

"Admito ser teimosa quando se tratava de resistir ao seu apelo." Falei enquanto soltava minha toalha pra deixá-la cair no chão. "Mas eu tinha que estar morta pra não querer você."

Agora seus olhos estavam completamente verdes e as presas brilhavam para fora de seus dentes superiores. Eu amava o jeito que o olhar dele me sondava. Como se fosse a primeira vez que ele me via desse jeito e ele não podia deixar de olhar. Eu conhecia meu corpo, era bem ciente de suas falhas, mas Bones me fazia esquecer delas quando olhava pra mim. Debaixo da fome em seu olhar e do aumento do desejo dele crescendo contra meu subconsciente, eu me sentia bonita, forte e sensual. Livre para fazer qualquer coisa sem medo ou vergonha.

Ele passou as mãos pela minha pele nuca, o poder acariciando meus sentidos ao mesmo tempo. Abri a boca enquanto a cabeça dele abaixou, sentindo aquelas faíscas internas se acenderem com seu beijo. Elas aumentavam enquanto sua língua acariciava a minha com eficiência íntima e deliberada. Ele usava as mesma profundas e lentas investidas quando sua boca estava em outro lugar e pensar nisso fazia meus quadris se torcerem em antecipação. Bones só apressava as coisas quando eu queria que ele o fizesse; quando a impaciência fazia minha necessidade tão aguda que eu não podia prolongar o jeito delicioso que ele seguia com as preliminares. Hoje a noite, porém, eu



queria que *ele* fosse quem se sentisse drogado pela paixão, e se eu o deixasse continuar me beijando, logo eu passaria do ponto de capacidade mental suficiente para fazer isso.

"Vá para a cama," eu disse, afastando minha boca.

Ele me carregou para lá, traçando mais beijos estonteantes em meu pescoço ao mesmo tempo, mas eu resisti quando ele começou a me deitar no colchão.

"Só você," eu disse, me desvencilhando de seus braços.

Ele lançou um olhar especulativo para o volume em suas calças antes de olhar de volta pra mim. "Não está provocando, está?"

Senti o roçar de presas contra minha língua, dois lembretes pontudos do calor que me incendiava por dentro, mas eu afastei meu desejo. Era duro fazer isso com Bones apoiado nos cotovelos, as pernas casualmente estendidas de modo mais do que convidativo, camisa escura desabotoada pra revelar um V de pele cristalina em contraste extravagante com o tecido escuro. Por um minuto eu olhei fixamente para ele, deixando sua beleza encher meus olhos.

"Os anjos gostariam de ser tão maravilhosos como você," eu disse com convicção.

"Estou muito longe de ser angelical, mas obrigado pelo elogio."

As palavras eram leves—sua expressão não. Ela era intensa, seus olhos brilhando com verde esmeralda e aquele volume entre as pernas enviavam correntes turbulentas de desejo em mim. Se eu continuasse olhando pra ele, deixando minha mente insistir no fato de que ele era ainda melhor do que parecia, eu cairia em cima dele e perderia toda a atenção em meio a glória de sua carne se fundindo com a minha.

Mas eu tinha um cronograma, e no momento, não envolvia o fato de eu pular sobre ele. Tivemos tanto stress, perigo e violência ultimamente, com mais vindo ao horizonte, que nossas circunstâncias não proporcionavam romance, mas eu não me importava. Claro, poderíamos nos sentar, repassar nossa estratégia de batalha mais uma vez ou sufocar um ao outro com recomendações para ter cuidado, mas se eu tinha aprendido alguma coisa nos últimos anos, era agarrar momentos de alegria quando eles apareciam.

Ou fazê-los eu mesma, se as circunstâncias não fossem favorecidas o suficiente para jogarem um momento desses no meu caminho.

"Depois de amanhã, não nos veremos por um tempo," contestei, a voz baixa e rouca. "Então quero garantir que você tenha algo pra se lembrar de mim."



CAPÍTULO VINTE E UM.

Eu me estendi deliberadamente para o Bones, afastando as mãos dele quando ele tentou me puxar para baixo novamente.

“Não,” eu disse, achatando-o contra a cama. “Hoje, eu estou no comando. Seu único trabalho é se deitar, relaxar e” – memórias de palavras que ele me disse uma vez fizeram um riso suave me escapar – “me deixar trabalhar.”

Suas sombrancelhas se arquearam enquanto um sorriso malicioso esticava sua boca. “Eu te diria para ser gentil, mas nós dois sabemos que eu não iria querer isso.”

Não, ele não iria, e esse conhecimento só aumentou meu desejo. Bones pode ser um mestre em controle, mas uma vez que tenha ultrapassado o seu limite, ele faz amor da mesma forma que luta; feroz, desenfreado e inesgotável. Eu não poderia contar quantas armações de camas nós arruinamos em nosso tempo juntos, e eu esperava que houvesse muitas outras mais quebradas em nosso futuro.

“Feche seus olhos,” Eu lhe disse. Ele fechou, e eu pressionei suas pálpebras levemente para enfatizar meu próximo ponto. “Mantenha-os fechados até que eu diga o contrário.”

Aquele pequeno sorriso continuava a comprimir sua boca enquanto ele concordava. “Fantasiando que eu te chame de mestra também? Você pode sempre me punir se eu esquecer e te chamar de Kitten.”

“Nada de ‘mestra’, e nada mais de falar, também,” eu disse, mordendo de volta meu sorriso mesmo que ele não pudesse vê-lo.

Então, com muito mais lentidão do que eu costumava usar, desabotoei a camisa dele, deixando os nós dos meus dedos escovarem sua pele. Assim que ela estava fora, eu me movi para a calça dele, controlando minha urgência em alcançar dentro dela e, ao invés disso, cuidando do zíper dele com a mesma lentidão. Com as calças abertas, eu as puxei para baixo um centímetro por vez, até elas deslizarem além dos pés dele. Então, por fim, eu me permiti observar. O corpo do Bones era uma pálida e lisa paisagem de beleza, as únicas interrupções escuras sendo a linha fina de cabelo em seu estômago, que se alargava em uma mancha de cachos escuros que acomodava a única coisa grossa sobre ele. Sua pele brilhava com a incandescência natural de um vampiro, enfatizando os músculos rígidos, linhas magras, e contornos atraentes. Seu corpo inteiro convidava a tocar, e eu aceitei aquele convite.

Meus dedos deslizavam pelo peito dele, medindo a reação dele no aprofundamento do seu cheiro e na pulsação de energia no ar. Seus olhos



permaneceram fechados, braços cruzados sob sua cabeça para conforto – ou talvez porque ele sabia que exibir seu peito era um benefício melhor. Provavelmente o último. Bones havia dominado a arte da sedução antes desse país ter sequer elegido o primeiro presidente. Eu continuei arrastando meus dedos para baixo pelo peito dele, apreciando a sensação dele sob as pontas. Ele pode ser muito mais experiente em fazer alguém ficar fraco com desejo, mas eu tinha uma vantagem, também. Eu conhecia tudo que ele gostava, e eu iria explorar aquele conhecimento para minha maior vantagem.

Estiquei minhas mãos pelas suas costelas e as movi lentamente até seus braços erguidos. Seu poder formigava contra as minhas palmas, emitindo vibrações agradáveis através de mim. Então, coloquei minhas duas mãos em seu peito e esfreguei meus polegares pelos seus mamilos. Eles enrijeceram para combinar com o resto do seu corpo.

“Eu amo as suas mãos,” ele suspirou. “Você acha que eu pareço um anjo? Bem, Kitten, suas mãos são meu paraíso e seus olhos são meu lar.”

As palavras me aqueceram, mas a voz dele era a própria tentação com seu suave sotaque inglês e sensualidade oculta. Se eu o deixar continuar falando, ele poderia me levar a fazer o que quer que ele queira, ao invés do que eu planejei.

“Shhh...” Eu me afastei. Bones pode não ser capaz de ver meu sorriso, mas ele provavelmente pôde senti-lo quando eu escovei minha boca sobre a dele em um beijo leve.

“Hmm, erro meu,” ele murmurou, se esticando de um jeito que fez músculos se ondularem na parte de baixo do seu corpo.

Lambi meus lábios, suprimindo minha urgência em seguir aquelas ondulações com a minha língua. Em vez disso, deixei minhas mãos passearem a vontade, acariciando e o tocando do seu rosto aos seus pés e depois voltando. Honestamente, eu não tinha passado tanto tempo apenas o tocando antes. Luxúria geralmente encurtava uma exploração tão completa, desde que eu não tinha a paciência e o controle dele. Essa noite era diferente, entretanto. Senti-lo dessa forma, demorando-me sobre as curvas do corpo dele e apreciando os sons baixos de prazer que ele emitia, era mais do que estimulante; isso estava afirmando. Bones era *meu*, e não importa o que o futuro atire em nós, nós enfrentaremos juntos, venha o inferno ou dilúvio.

Ele rolou sobre o seu estômago quando eu o mandei, revelando aqueles ombros largos, a curva estreita de sua cintura, e os montes gêmeos rígidos de seu traseiro. Dessa vez, não foi o suficiente para mim, meramente acariciá-lo. Curvei-me sobre ele, correndo minha boca por sua coluna abaixo e sentindo



seu tremor sob meus lábios.

O gosto da pele dele e o seu cheiro eram como um afrodisíaco. Eu subi na cama, deixando meu cabelo estimular a carne dele enquanto continuava a mover minha boca sobre ele, lambendo e mordiscando por toda parte. Ele começou a fazer sons baixos e guturais com cada novo centímetro de suas costas, traseiro e pernas que eu dava a mesma perfeita atenção.

“Doce inferno sangrento, amor, essa foi uma ideia maravilhosa.”

A voz dele estava tensa, e suas mãos agora estavam fechadas em punhos. Dessa vez eu não comentei sobre ele falar, mas mordi delicadamente em uma bochecha musculosa, não rompendo a pele dele com minhas presas, apenas aplicando pressão. Então minha língua deslizou para fora em uma lambida longa, enquanto eu pressionava meus seios nus contra a parte de trás de suas coxas. Seu tremor reverberou sob minha boca e ao longo do meu subconsciente enquanto sua excitação me tocava mesmo embora suas mãos permanecessem onde estavam.

“Mais.”

A palavra foi quase rude em sua veemência. Eu sorri contra a pele dele enquanto arrastava meu corpo para baixo pelas suas pernas.

“Não se preocupe, eu não terminei ainda.”

Eu o virei de volta, meus lábios deslizando pelo seu quadril para a planície do seu estômago. Seus músculos se contraíram sob minha boca em expectativa, mas eu apenas soprei provocantemente sobre a dureza se projetando até o seu umbigo antes de me sentar novamente. O quarto estava iluminado por velas na cabeceira e na penteadeira, luz natural é mais confortável para os olhos de vampiros do que o brilho de lâmpadas elétricas, mas agora, aquelas velas serviriam a um propósito diferente.

Eu desci da cama, parando quando a mão do Bones disparou e pousou no meu braço embora seus olhos continuassem fechados.

“Onde você pensa que vai?”

Empurrei a mão dele com uma risada gutural. “Você está tendo dificuldade em ser obediente, não é? Se você não se comportar, não vou fazer o que eu pretendo, e acredite em mim, você vai desejar que eu tivesse feito.”

Aquela curva maliciosa estava de volta em sua boca enquanto ele soltava meu braço. “Minhas *sinceras* desculpas, mestra, por minha desobediência vergonhosa. Se você, por favor, continuar, eu juro minha completa submissão.”



Espertinho. Apesar da promessa, eu sabia que Bones estava tão submisso quanto Genghis Khan*, mas tudo bem. Eu faria o que eu sabia que era apenas sua submissão temporária valer.

**Criador do império Mongol, conhecido por imperador do mundo, realizou a queda da muralha da China e muitas outras conquistas.*

Peguei uma das velas da cabeceira, observando Bones na luz oscilante da chama. Seu corpo estava estendido, braços mais uma vez atrás da cabeça, membros totalmente relaxados, embora ele ainda estivesse duro como um bastão de beisebol em um lugar muito notável. *Tudo isso, meu para desfrutar.* Lambi meus lábios. Maldição se eu sabia como eu podia ser tão sortuda, mas esse era uma questão para outra hora. Agora era hora de ação, não contemplação.

Aproximei-me até minhas pernas pressionarem a lateral da cama. “Você se lembra da primeira vez que você me mordeu aqui?” Perguntei, traçando meu dedo sobre a rigidez do seu mamilo.

“Sim.” Uma palavra, sussurrada com todo o peso do desejo que eu podia sentir através das emoções dele.

“Parecia que suas presas estavam me queimando.” Minha voz não era mais que um sussurro pelo tremor da lembrança, eu apaguei a vela com um sopro irregular. “Eu não posso imitar aquilo em você porque você não é humano,” eu continuei. “O suco nas minhas presas não dariam a mesma sensação, mas talvez isso seja parecido.”

Então derramei um pouco da cera quente que se acumulava na vela sobre o mamilo do Bones.

Seu corpo inteiro se arqueou com um gemido sufocado rasgando pela sua garganta. Eu não esperei que a cera endurecesse, mas a cobri com minha boca, mordendo a pele dele e lambendo a mistura ardente ao mesmo tempo. Suas costas se arquearam novamente, mãos fortes se enrolando no meu cabelo para me pressionar ainda mais perto, com força suficiente para fazer minhas presas se enterrarem nele. Prazer explodiu pelo meu subconsciente, incitando-me a mordê-lo novamente, empurrando a cera de lado na minha boca para engolir o vinho intoxicante do seu sangue.

Então, antes que a cera esfriasse muito, derramei o resto na vela sobre seu outro mamilo, sendo recompensada por outro gemido gutural. Esperei um segundo antes de levar minhas presas para o próximo, alternadamente lambendo e chupando o duro pico aquecido. Assim que engoli outra boca cheia do sangue dele – e possivelmente um pouco de cera por engano – eu me



inclinei para trás, limpando a minha boca de qualquer gota restante e encarando o seu olhar verde abrasador.

Seu poder latejava sob minhas mãos, o cheiro da luxúria dele pesado no ar. Ele se misturava com a fumaça e o cheiro da minha própria excitação, criando um ambiente erótico. Sem tirar meus olhos dele, eu me inclinei, escovando meus seios pelo lado do corpo dele enquanto eu me esticava para colocar a vela apagada na cabeceira... e pegar a outra acesa.

Muito lentamente, corri minha mão livre para baixo pelo corpo dele, limpando os pedaços restantes de cera do peito dele antes de seguir aquela linha fina de cabelos negros para onde ela crescia em sua virilha. Os olhos do Bones não fecharam quando minha mão o circului, mas seus lábios se separaram, revelando aquelas afiadas presas gêmeas. Eu umedeci meus próprios lábios quando olhei para baixo, para a carne dura na minha mão. Ela enchia meu aperto, pulsando com um tipo diferente de poder, a ponta molhada com a pálida gota rosa enquanto eu acariciava com movimentos firmes e planos. Então eu olhei para a vela na minha outra mão antes de encontrar seu olhar fixo.

“Faça,” ele disse, sua voz tão áspera que eu mal a reconheci.

Soprei a vela com outra respiração leve que ainda a deixou latente, então derramei o conteúdo escaldante inteiro sobre a carne dura na minha mão.

Seu corpo inteiro se sacudiu com flashes de dor e prazer assaltando meu subconsciente. Amacei o topo da vela para ter certeza de que ela estava apagada antes de jogá-la para o lado, ignorando o rápido arder na minha mão. Então, antes que a cera teve uma chance de esfriar, fechei meus lábios sobre a cabeça do pênis dele. Um gemido primitivo veio de sua garganta quando eu o levei mais fundo, lambendo a sua carne, tomando o máximo que eu pude com duas presas afiadas e pontudas no caminho. Ele parecia mármore esculpido, a carne quente pelo contato com a cera que se agarrava entre meus dedos. Eu o acariciava enquanto continuava a trabalhar seu comprimento na minha boca, chupando sua carne como se eu quisesse arrancar a pele dele.

Suas mãos se apertaram convulsivamente, rasgando os lençóis a julgar pelos sons. Eu não parei para verificar, mas continuei a chicotear minha língua ao longo da carne dele, afastando a cera. Apenas prazer fluía pela nossa conexão agora, já que ele já estava curado do contato inicial que a cera causou. Mesmo que eu não pudesse sentir através das emoções dele, eu sabia porque minha mão não queimava mais. Além disso, eu sabia que na ocasião, Bones gostava de um pouco de dor com sua paixão. E depois que me tornei uma vampira, descobri uma das suas formas preferidas de receber isso.



Ergui meu olhar para observá-lo enquanto o tomava em minha boca tão profundamente quanto podia, minhas presas pressionando contra a dureza venosa abaixo delas. Seus olhos se fecharam e suas costas se arquearam – outro convite que eu aceitei.

Afundi minhas presas nele, deleitando-me com o tremor que correu o seu corpo e o grito que parecia irromper de sua garganta. A ambrósia no seu sangue provocou minha língua quando eu muito cuidadosamente movi minha boca contra ele, tomando mais profundamente seu pênis sem aumentar os furos que eu fiz nele.

Isso leva prática para aperfeiçoar.

A mistura de êxtase e dor inundaram novamente minhas emoções. Ele gemeu, quadris se movendo no ritmo da minha boca. Eu retirei minhas presas para enfiá-las novamente na base de sua virilha, apenas minha vampírica incapacidade de ter ânsia de vômito tornou possível que eu o acomodasse completamente. Então, chuei mais uma vez, correndo minha língua ao longo do seu comprimento enquanto engolia gotas de sangue que escorriam dos furos para as minhas presas.

“Vire-se,” Bones disse roucamente enquanto suas mãos me chamavam para ele.

Eu resisti, sabendo o que ele pretendia, e também sabendo que eu perderia todo o sentido se o deixasse fazer isso.

“Não. Apenas você, ou eu vou parar,” eu disse, as palavras um pouco distorcidas, mas enfatizadas com outro deslize das minhas presas na carne dele.

Ele se moveu até ficar de lado, seu corpo curvado na direção do meu, mão estendida entre as minhas coxas. Um gemido sufocado me escapou quando ele esfregou minha fenda, polegar circulando meu clitóris mesmo enquanto seus dedos penetravam minhas profundezas.

“Você está tão molhada,” ele murmurou. “Eu quero me afogar no seu gosto e me cobrir com o seu perfume.”

A imagem fez ainda mais coisas dentro de mim se apertarem, mas eu tinha um motivo para não querer que ele fizesse oral em mim, mesmo que eu não pudesse recordá-lo agora.

“Não,” eu disse novamente, colocando-o de volta na minha boca e explorando seu comprimento com minhas presas.



Ele gemeu. “Rápido. Não pare, Kitten. Mais fundo. Mais.”

Eu o engoli até a base novamente, chupando ainda mais forte. Sua mão ficou onde estava, dedos se movendo sobre minha carne com mais intensidade, fazendo meus quadris arquearem com cada golpe. Uma dor começou a crescer em mim, uma tensão familiar que falava de necessidades que não podiam ser negadas. Cada fricção me machucava mais, me inflamando. Continuei a sugar seu comprimento duro, lambendo e mordendo os lugares que eu sabia que ele mais gostava, tentando não ceder à vontade de me banquetear com o sangue dele. Suas mãos se moveram mais rápido, até gritos escaparem da minha boca mesmo que ela estivesse cheia com a carne dele.

“Eu não posso esperar mais,” Bones rosnou.

Mal tive tempo de retirar minhas presas da sua pele antes de ele me puxar para cima, deslizando para baixo ao mesmo tempo. Seus braços apertaram minha cintura, me abraçando como uma videira, boca se fechando sobre a carne macia e latejante entre minhas pernas.

Prazer me inundou como se uma represa tivesse estourado. Seus dedos cavando na minha cintura, me moldando para mais perto. Língua, presas e lábios tornaram-se um borrão de sensações que me deixaram em êxtase, roubando todo o pensamento sob o dilúvio caótico. Quanto mais eu me movia, mais aquilo me atingia.

Gritos ásperos substituíram o ritmo da respiração, alimentados por um milhão de terminações nervosas que me exigiam mais. Se as mãos dele não me segurassem, eu teria caído pelos tremores que começaram a rasgar através de mim. Eles culminaram em um orgasmo que parecia me despedaçar.

Um pouco de coerência voltou, o suficiente para me deixar ligeiramente constrangida pelo quanto sua cabeça estava comprimida há vários centímetros dentro do colchão. Ele finalmente afrouxou seu aperto e eu caí de volta na cama. Quando ele se agachou sobre mim, seus olhos ainda estavam ferozes, chamas verdes. Uma inspiração irregular me escapou quando vi traços de sangue ao redor da boca dele. *Meu? Ou dele?*

“Bones –”

“Não.” Algo oculto em seu tom me fez estremecer. “Não diga nada, especialmente ‘pare.’ Você está pronta para isso agora.”

Ele me aproximou dele, me puxando para os meus joelhos e me virando de costas. Um braço pálido curvado ao redor da minha cintura, segurando-me firmemente. No instante seguinte ele empurrou dentro de mim, se acomodando



em uma dura estocada.

Ela me fez chorar, assim como a próxima e a próxima, tão rápido e forte que eu senti lágrimas pingarem dos meus olhos. Ele correu a boca ao longo da minhas costas antes de arrastá-la ao meu ouvido.

“Não se segure.” Seu tom de voz estável contradizendo seus movimentos, impulsionando dentro de mim com mais força do que eu pensava que podia suportar. “Grite por mim.”

“É muito.” Minha resposta estava ofegante pelo ritmo frenético dele.

“Como o inferno,” ele rosnou, lambendo meu pescoço. “Você se abriu para as minhas presas e amou. Eu sinto o seu corpo, e você não está sentindo dor. Relaxe, como você fez antes. Ceda.”

Ele me dobrou para frente, suas mãos no meu quadril eram as únicas coisas me sustentando. Fiel à sua ordem anterior, eu comecei a gritar com a paixão furiosa e incessante do corpo dele rasgando o meu mais forte do que ele jamais fez. Seu aperto me imobilizou, voz acentuada murmurando carinhos ásperos entre os seus próprios gemidos enquanto a intensidade crescia para um volume assustador. Quando aquilo se elevou até o ponto de me devastar, ele se inclinou e enterrou suas presas no meu pescoço, bebendo meu sangue com puxões fortes e quase selvagens da sua boca.

Caí no colchão, sem força, sem pensamentos, minha libertação me atingiu em uma explosão esmagadora. Foi tão intenso que eu estava quase vagamente consciente do grito do Bones antes de um espasmo profundo dentro de mim me dizer que ele se juntou a mim em êxtase. Depois de alguns momentos que pareciam suspensos no tempo, ele caiu ao meu lado como se alguém tivesse cortado as cordas que o seguravam, ambos tomando algumas respirações ásperas e esporádicas.

“Se eu tiver que implorar, você vai fazer isso de novo.” Bones disse com uma voz tensa. “Eu não consigo sentir minhas malditas pernas.”

Nem eu conseguia, mas falar estava além das minhas capacidades no momento. Eu podia ouvir e pensar, mas apenas vagamente. Mesmo com as habilidades regenerativas relâmpago de ser uma vampira, eu ainda podia sentir pontadas de dor misturadas com o resto de um orgasmo realmente explosivo. Se eu fosse humana e Bones me pegasse tão duro, eu não poderia andar por uma semana. Não, espere, um mês.

“Acredito que isso definitivamente vá me suprir enquanto estivermos separados,” Eu disse, conseguindo me virar sobre minhas costas. *E muito*



além, minha mente vidrada acrescentou.

Bones riu, arrastando-me para os seus braços com muito mais força e velocidade do que era justo, considerando que eu ainda tinha problemas em manter meus membros funcionando.

“Oh, Kitten,” ele murmurou enquanto seus lábios se arrastavam para a minha garganta. “Você realmente não acha que nós terminamos, acha?”

Ele vai ser a morte para mim, foi meu pensamento, mas eu não pude me obrigar a expressar uma palavra de reclamação. Ou protestar quando a boca dele deslizou além do meu pescoço e continuou em uma trilha para baixo.

Afinal, mesmo que eu estivesse certa, havia coisas muito piores do que a morte, e eu não podia pensar em uma maneira melhor para partir, de qualquer forma.



CAPÍTULO VINTE E DOIS.

O avião pousou bem na hora em que os céus se abriram e uma forte chuva atingiu a aeronave. Mesmo que eu estivesse ansiosa pra começar, uma parte de mim lamentava o fato de que logo eu teria que recolocar meu repelente fedido de fantasma novamente. A segurança do aeroporto teria tido problema comigo tentando embarcar em um voo estando coberta por maconha e não acho que minha explicação verdadeira de "Mas eu tenho que manter fantasmas longe!" iria colar com eles.

Peguei minha maleta do compartimento de bagagem—sentindo falta das minhas armas usuais—e segui a lenga-lenga de espera-para-espera para sair do avião com os outros passageiros. Chegando ao corredor central, eu pude andar livremente e não levei muito tempo para chegar na área de espera de passageiros. Uma olhada de 360° ao redor não me mostrou o rosto que eu estava esperando e havia nenhum aumento no indicador de energia sobrenatural no ar. Franzindo a testa, olhei para o relógio. Não, não era cedo. De fato, o avião estava uns quinze minutos atrasado. Então onde estava Mencheres?

"Cat, bem vinda."

Eu me virei, piscando por um segundo perante o estranho alto e de cabelos castanho claro—então ri.

"Deus, isso é espantoso."

A leve insinuação de um sorriso no rosto de Mencheres era familiar, mas o resto não muito. Seu cabelo escuro como a meia-noite e sobrancelhas eram agora loiro dourado, seu olhar cor de carvão era azul celeste, e ao invés de suas calças normais de aparência cara e camisas de mangas longas que ele preferia, Mencheres usava uma camiseta do Ed Hardy* e bermuda de praia.

**Um tatuador americano criado no sul da Califórnia.*

O mais surpreendente pra mim, no entanto, foi sua aura. Ou a falta dela. Apesar da sua falta de batimento cardíaco, eu quase podia jurar que ele era humano, porque quase nenhuma energia sobrenatural tremulava o ar a nossa volta. Considerando que estar perto de Mencheres normalmente parecia como carregar um guarda-chuva de metal em uma tempestade de raios, fiquei espantada com como ele conseguiu, perfeitamente, ocultar seu nível de poder.

"E eu que pensei que eu era boa nessa coisa de capa-e-espada," prossegui, um gesto vago incluindo meu novo cabelo negro, lentes de contato castanhas e pele escurecida artificialmente por cortesia de um daqueles cremes de bronzado em garrafa. Eu até engrossei e escureci minhas sobrancelhas e tingi



a penugem dos meus braços, que sempre me denunciava, de dourado avermelhado para castanho. Um vampiro tinha me identificado antes por causa de uma leve insinuação de vermelho debaixo dos meus braços, mesmo que eu tivesse depilado naquela manhã. Pegue-me uma vez e é só.

"De certa forma tenho mais prática que você," Mencheres respondeu com humor seco, pegando minha mala mesmo que eu pudesse carregá-la facilmente. Não discuti. Ele não estava sendo chauvinista; ele simplesmente vinha de uma época diferente. Uma época *muito* diferente, considerando o intervalo de quatro milênios e meio em nossas idades.

Saímos do aeroporto sem dizer nada, não querendo chamar atenção para nós mesmos no caso desse lugar estar sendo observado pelos ghouls de Apollyon ou pela outra facção. Todo cuidado era pouco, mesmo que Bones já estivesse com Denise há três noites em Ohio. Com a habilidade dela de se transformar em uma réplica exata de mim, eu duvidava que alguém, além dele, de Spade, Mencheres ou Kira tivesse alguma ideia de que a verdadeira Red Reaper estava em Memphis ao invés de circular por bares e clubes com Bones.

Ainda, para não lançar suspeita futura, Kira não estava acompanhando Mencheres enquanto passávamos um pente fino na área de Memphis. Ela ia continuar com suas coisas como de costume, tornando mais fácil manter a charada de que Mencheres ainda estava em casa com ela. Eu me sentia mal por ser a razão por eles estarem em Estados separados tão cedo no relacionamento deles, mas eu também sabia que os dois entendiam a necessidade. Kira foi uma investigadora particular, então ela sabia tudo sobre tocaias e Mencheres vinha bancando o pega-ladrão desde o tempo das pirâmides.

Assim que chegamos ao carro, Mencheres me entregou uma bolsa que estava no banco de trás. Eu nem precisei abrir para saber o que continha. O cheiro precedia seu conteúdo, mas as duas ervas tinham sido tão eficientes quanto Fabian prometeu. Só tive uns dois fantasmas me perseguindo nos últimos quatro dias e eu os despachei com uma diretiva educadamente formulada.

Mantive a bolsa no colo, dizendo a mim mesma que eu não precisava começar a enfiá-las por baixo de minhas roupas agora. Apenas adiando o inevitável, eu sabia, mas *eau de maconhê alhado* não era meu perfume favorito. Coloquei meus óculos escuros no topo da cabeça, não precisando mais deles para disfarce e me ajeitei de forma mais confortável no assento. Eu esperaria mais ou menos uma hora antes de ligar para Bones. Era onze da noite; provavelmente ele estava acabando de chegar de onde quer que fosse o lugar badalado mais recente em Ohio com Denise e Spade.

Estávamos há poucas milhas de distância do aeroporto quando uma explosão



de energia atingiu o carro como uma bomba invisível. Instintivamente eu estendi as mãos para minhas mangas, esquecendo que eu não tinha facas presas aos meus braços, quando percebi que era somente Mencheres baixando seus escudos.

"Da próxima vez que tal um aviso antes de fazer isso?" eu disse de forma exasperada. "Achei que estávamos sendo atacados."

"Minhas desculpas," ele respondeu imediatamente, recolhendo sua aura até não mais parecer um explosivo. "Não foi minha intenção te alarmar."

Você tem me alarmado desde que nos encontramos pela primeira vez, oh ser ancião estranho foi meu pensamento sarcástico, mas eu não disse em voz alta e ele não podia mais ler de minha mente. Somente uma das muitas razões por eu estar feliz por ter feito a troca de meia humana para principalmente morta.

Então, tão abruptamente quanto seu poder tinha me golpeado momentos atrás, a culpa me estapeou. O poder extraordinário de Mencheres, a idade e visões do futuro tinham sempre me assustado, mas ele não podia evitar ser o que era. Assim como eu não podia evitar ser uma mestiça antes ou me alimentar de vampiros e absorver seus poderes agora. Na escala do esquisito, provavelmente eu ganhava de Mencheres, porém eu ainda estava deixando meu desconforto sobre suas habilidades fora do comum afetar o jeito que eu pensava dele.

Se Bones vivesse mais uns mil anos—e Deus sabia que eu esperava que ele vivesse—ele pode acabar tendo muitas das habilidades incomuns de Mencheres também. Mencheres compartilhou seu legado de poder com Bones, dando a ele um upgrade de leitura de mente e força da noite para o dia, e não sabíamos quantas coisas mais podiam surgir ao longo do tempo. Como eu me sentiria se as pessoas tratassem Bones de forma suspeita porque seus poderes faziam dele um vampiro diferente dos outros? Só de pensar nisso fazia a raiva queimar dentro de mim. Sim, eu sabia como eu me sentiria; eu iria querer chutar alguns traseiros por todo o lugar.

"Sou eu quem deve a você uma desculpa," eu disse, olhando fixamente para o perfil drasticamente alterado de Mencheres. "Mesmo antes de eu estar brava com você por não ter me dito que você tinha apagado um mês da minha vida quando eu tinha dezesseis anos, você sempre me deixou desconfortável, e isso era principalmente porque eu estava sendo uma hipócrita."

Ele me olhou de relance com a expressão mais estranha em seu rosto. "Temo não ter entendido, Cat."

"Os servos de Apollyon não são os únicos culpados por ter medo de alguém só



porque eles são diferentes," respondi suavemente. "Você poderia pensar que da forma como cresci eu entenderia melhor, mas eu ainda acabei fazendo a mesma coisa com você. Desculpe-me, Mencheres. Você merecia mais do que isso."

O carro desacelerou enquanto ele encostava na lateral da estrada, esperando até pararmos antes de olhar completamente para meus olhos.

"Você não me deve desculpa nenhuma." Cada palavra foi pronunciada como se ela fosse sua própria sentença. "Nem por palavra ou por ação você alguma vez me explorou para seu ganho pessoal e eu não posso dizer o mesmo sobre minhas ações com você."

Oito meses atrás eu poderia ter retrucado, "Tá certo, camarada!" mas muitas coisas tinham mudado desde então.

"Eu não sei como é sustentar uma enorme linhagem sobrenatural por mais de quatro milênios. O máximo que fiz em meu antigo emprego foi liderar um time de sessenta soldados por mais ou menos cinco anos. Mesmo que não haja comparação entre as duas coisas, eu ainda tive que fazer algumas decisões de "bem maior" que foram realmente difíceis, então enquanto eu estava irritada com você pelo que fez, uma parte de mim ainda entendia. Além disso"—sorri de forma irônica—"uma vez que sua manipulação trouxe Bones e eu juntos, é meio que difícil pra mim justificar o fato de ainda guardar rancor."

Mencheres pegou minha mão e a roçou contra sua testa em um gesto estranhamente formal. "Você me honra com seu perdão."

"E você pode me honrar ao aceitar minha desculpa, porque não importa o que você fez, eu também estava errada," reagi.

Ele soltou minha mão, uma expressão de divertimento passando rapidamente por suas feições antes de se tornarem impenetráveis novamente.

"Você é uma mulher muito teimosa. Desculpas aceitas."

"Obrigada." Então abri um pequeno sorriso meio embaraçada. "Ok, basta de confissões íntimas, certo? Vamos encontrar alguns ghouls fanáticos e os socar até eles nos levarem à seu líder."

O falso olhar azul celeste de Mencheres brilhou com um toque do fodão assustadoramente letal que ele era por baixo do seu comportamento característico de falar suavemente.

"Sim," ele disse, prolongando a palavra. "Vamos. Ed e Scratch já chegaram na cidade. Vlad vai nos encontrar essa noite na casa da cidade que estou



alugando. Assim que estivermos todos aqui, vamos começar a caçada."

Do nosso grupo, Dave foi o primeiro a se deparar com sujeira em Memphis. Uma semana depois de chegarmos, ele reportou, através de Fabian, que tinha feito contato com alguns ghouls que definitivamente tinham um preconceito contra vampiros. Não estávamos certos de que eles estavam diretamente ligados a Apollyon ou se eram apenas alguns invejosos imitadores, mas de acordo com Dave, ele tinha passado uma noite cheia de diversão ouvindo divagar sobre como ghouls e vampiros deviam viver vidas separadas e sem se misturar. Isso de namoro/casamento entre raças era uma contaminação da espécie e apenas através do separatismo a verdadeira "força e pureza" podia ser alcançada.

Soava com o tipo de baboseira que os seguidores de Apollyon pregariam, considerando que ele era tipo uma versão imortal de um Grande Dragão KKK*. Dave tinha uma reunião preliminar com o mesmo grupo amanhã a noite e eu não ia interferir. Não há necessidade de inclinar a mão sendo impaciente e agarrar os peões se ao invés disso o fato de esperar significava que poderíamos colocar nossas mãos no rei. Eu esperava que depois de mais algumas reuniões Dave seria confiável o suficiente para ser deixado se aprofundar mais no grupo torto de ghouls.

**Ku-Klux-Klan, organização de cunho racista nos EUA.*

Quanto a Vlad, Mencheres e eu, estávamos no zero. As fontes de Timmie apontavam para algumas estranhas atividades em bares, eu também passei a informação para Tate e ele tinha verificado que a taxa de crimes tinha aumentado em Memphis recentemente, e também dando crédito de que essa era a área que Apollyon estava provavelmente mais centrado. Mas mesmo que tivéssemos ido a todos os bares locais procurando por suspeitos nos últimos sete dias, não voltamos com nada exceto uma simpatia pelos variados sabores de churrasco na cidade. Ou talvez isso fosse só pra mim. Me alimentar das bolsas seladas contendo sangue de Bones me mantinha nutrida, mas eu ainda gostada de variar um pouco meu paladar.

Meu celular vibrou no bolso do meu jeans. Eu o puxei, reconhecendo o número antes de atender.

"Reaper." A voz de Ed, baixa o suficiente para ser difícil de eu escutá-lo.

"Você conseguiu alguma coisa?" perguntei imediatamente, me ajeitando melhor. Ele e Scratch estavam do outro lado da cidade em outro bar popular; com esperança que seja um mais frutífero do que o clube de moral suspeita em que Mencheres, Vlad e eu estávamos.



"Talvez," Ed disse, ainda tão baixo que eu tinha que me esforçar pra ouvir. Eu diria para ele me enviar uma mensagem de texto se caso ele estivesse preocupado em ser ouvido por alguém, mas eu descobri previamente que era uma habilidade moderna que Ed ainda não tinha dominado. "Alguns mastigadores de ossos vieram aqui mais cedo," ele prosseguiu. "Eles tinham uma vibração má emanando deles também. Eu ouvi um deles mencionando o drive-in* Falcon e dez minutos atrás todos eles saíram."

**Cinema ao ar livre.*

Um drive-in? "Você quer dizer cinema, certo?" Perguntei, só pra ter certeza de que não era uma gíria para alguma outra coisa.

Ed bufou. "Claro. Eu pesquisei antes de te ligar. É na Avenida Summer, perto da I-40."

Ed pode não ser capaz de enviar mensagem de texto, mas felizmente MapQuest não estava além de seu conhecimento. "Muito bom. Vá para lá, mas espere pelo menos dez minutos para o caso de você estar sendo observado. Eu vou pra lá agora."

**Uma publicação americana de mapas e que oferece serviço gratuito online, pertence a AOL. Tipo o Google Maps.*

"Te vejo lá," ele resmungou e desligou.

"Estamos no lugar errado," comuniquei a Mencheres e Vlad enquanto eu fazia um sinal para o barman. "Vamos pagar a conta e sair daqui."

A sobrancelha de Vlad se ergueu. "Explique," ele falou lentamente.

Baixei o tom de voz. Mandar mensagem de texto podia ser mais silencioso, mas era sem sentido com os dois bem aqui. "Ed ouviu falar de alguma atividade estranha no Falcon drive-in, apesar de que as palavras *atividade* e *drive-in* na mesma frase não eram estranhas o suficiente."

Mencheres me olhou com estranheza. "Por que?"

Eu ia dizer, *Porque eles são obsoletos*, mas então me lembrei que para alguém tão velho como Mencheres, drive-ins ainda pareceriam uma nova forma de entretenimento.

"Porque o progresso é um filho da mãe sem piedade" foi o que acabei falando, seguido por "A má notícia é que se o lugar ainda estiver aberto, e não abandonado, teremos espectadores humanos para nos preocupar se caso Ed estiver certo e algo acontecer."



"Drive-ins," Vlad disse, seu lábio se curvando de um jeito que dizia que ele não tinha sido fã deles quando eram populares. "Suponho que seja melhor do que um cinema normal. Menos pessoas nos drive-ins, e se eles são como me lembro, de qualquer forma, a maioria dos humanos não estarão se concentrando em qualquer coisa exceto fornicar."

Seu tom de desdém quase me fez rir. Quem diria que o renomado flagelo do submundo olhava de nariz empinado para sexo em drive-in?

"Nem todo mundo tinha seu próprio castelo para ir quando *eles* eram jovens e excitados," eu disse, torcendo os lábios.

O olhar que ele me lançou era mais do que cínico. "Minha juventude foi gasta em constante guerra, não em busca de sedução juvenis."

Particularmente pensei que *juvenil* era a última palavra que eu associaria a Vlad, mas tínhamos lugares para ir, ghouls para rastrear e tudo isso. Olhei para meu relógio. Dez e quarente e cinco. Isso ajudava, mas era noite de sexta-feira, então o drive-in estaria tão cheio quanto deveria estar.

"Bem, rapazes," eu disse, colocando algumas notas em cima da mesa. "Vamos ao cinema."



CAPÍTULO VINTE E TRÊS.

O drive-in não estava abandonado, como os carros alinhados em frente às quatro largas telas ao ar livre comprovavam. Suspirei enquanto rastejava ao redor da parte de trás do primeiro projetor. Claro que não seríamos sortudos o suficiente para este lugar ser fechado cedo. Inferno, pelo número de pessoas aqui, ou eu tinha subestimado a atração no drive-in, ou eles estavam distribuindo de graça pipocas e preservativos a cada exibição.

Eu me agachei enquanto rastejava pelos arbustos, indo em direção a projeção menos lotada de algum filme de horror, ao que parecia. Com todos os faróis, eu me destacaria muito se me levantasse e simplesmente caminhasse ali, mas nós não iríamos todos cruzar pela entrada principal. Mesmo com nossos níveis de poder disfarçados, se esse fosse algum tipo de lugar secreto de encontro ghoul, três vampiros aparecendo seriam o suficiente para provocar problemas, não importa se eles pensassem que nós estávamos aqui apenas para assistir alguns filmes.

Eis o motivo de se esgueirar enquanto procurávamos descobrir se éramos as únicas pessoas sem pulsos aqui. Nós tínhamos nos dividido para cobrir mais terreno. Eu não podia ver ou sentir Vlad ou Mencheres, então eles estavam fazendo um bom trabalho em serem furtivos. Esperava estar sendo igualmente furtiva.

Então eu parei. Isso era estranho. A van estava muito longe ao lado da área de visualização da tela mais próxima para sequer ver o filme. Ela não balançava de forma reveladora, também, deixando a possibilidade de estar fora do alcance da visão do filme por uma razão romântica questionável. Ainda pode não ser nenhuma emboscada, verdade, mas só havia uma forma de descobrir.

Rastejei para perto, ainda me mantendo abaixada e fazendo das tripas o coração para não rachar nenhuma das folhas caídas em que eu pisava. Quando meu celular vibrou com um barulho que parecia um grito para os meus nervos tensos, eu o fechei, ignorando, mesmo embora tenha visto com sofrer que era o Bones ligando. Eu não tinha tempo para conversar com ele agora, e além do barulho que alguém com ouvidos mortos vivos pode pegar, eu preciso manter meu celular livre no caso de Vlad ou Mencheres me mandarem mensagem sobre algo importante. Como “preciso de ajuda” ou “corra para cá, estamos em desvantagem!”

Quarenta e cinco metros longe da van, ouvi vozes que não eram do filme ou de dentro da minha cabeça, graças a ter voltado ao sangue do Bones. Parei, tentando sentir o ar com meus sentidos para pegar qualquer vibração sobrenatural nele, além de tomar uma respiração profunda para ver se eu



sentia o cheiro de terra dos ghouls. Nada.

Eu só tenho que chegar mais perto para saber com certeza.

A van estava estacionada perto do lugar onde uma moita de arbustos se transformou em um monte de árvores. No escuro, com a inclinação e as luzes dos filmes brilhando na direção oposta, a área atrás delas seria praticamente invisível para qualquer um que olhasse. Inferno, eu podia ver no escuro, mas com a inclinação, brilho, e arbustos, ainda era difícil para eu dizer se alguém estava no lugar, ou se tudo o que eu estava vendo eram árvores.

Eu estava quase me arrastando agora para evitar ser vista e forçando meus ouvidos para qualquer som que não era dos filmes, as pessoas assistindo eles, seus pensamentos, ou da autoestrada próxima. *Lá.* Uma voz masculina, definitivamente, seguida por outra, ambas atrás da área coberta por árvores onde nenhum espectador frequente teria qualquer razão para estar. Podia ser um par de vagabundos apenas conversando, mas eu puxei duas das minhas maiores facas de qualquer forma. Nem fodendo eu me deixaria ser capturada se não fosse apenas uma inocente reunião de humanos. Eu podia ser a única garota no grupo, mas isso não me tornava a donzela em perigo.

Depois de outros minutos de rastejar silencioso, eu pude pegar as pontadas de poder no ar, muito baixas para fazer eu me virar, muito altas para ser Vlad ou Mencheres com a forma como eles estavam encobrendo suas auras. Eu segurei minhas facas mais forte e continuei, feliz por não ter mais um batimento cardíaco regular, ou ele estaria disparado. *Apareçam, apareçam, onde quer que vocês estejam.*

“... desçam mais. Mostrem aos nossos irmãos que estamos falando sério,” alguém murmurou.

Um ritmo especialmente alto da trilha sonora cortou a primeira parte do que quer que a outra pessoa tenha respondido, mas eu peguei “... até que o último sanguessuga esteja *morto*,” e realmente não precisava ouvir nada mais.

Eu estava perto agora, mal nove metros de distância. O suficiente para ver que havia quatro ghouls em pé, formando um círculo frouxo, um deles casualmente chutou a poeira com a ponta da bota. Dois deles pareciam muito normais, vestindo calças jeans e camisas de mangas curtas na noite quente de verão. Os outros dois estavam vestidos como uma imitação ruim de Hell’s Angels com suas jaquetas de couro, luvas sem dedos, jeans pretos, e correntes grossas como acessórios.

Se super compensando por algo, não estão? Foi meu pensamento desdenhoso.



“Você sentiu isso?” Um deles perguntou, olhando ao redor.

Os outros sequer tiveram uma chance de responder, antes de poder esmagar pelo ar, parecendo um chicote na minha pele antes de desviar de mim e pousar neles. Levantei-me, ainda segurando minhas facas mesmo que nenhum dos ghouls estivesse mais capaz de lutar. Pelas expressões horrorizadas deles, eles não podiam sequer se mover o suficiente para gritar.

“Você sabe como fazer uma entrada, Mencheres,” comentei.

O vampiro egípcio apareceu do lado oposto dos ghouls enquanto cuidadosos ruídos de trituração vindos detrás de mim me disseram onde Vlad estava.

“Há uma van branca perto, algum de vocês a conferiu?” Eu perguntei.

“Fede a esses ghouls, mas está vazia.” Vlad respondeu enquanto ficava ao meu lado.

Eu olhei para os quatro ghouls, pensando que se os olhos deles se esbugalhassem mais, eles poderiam explodir para fora de suas órbitas. Aposto que eles nunca esperavam que um penetra como Mencheres aparecesse. Vlad e eu podíamos matá-los rápido o suficiente, mas somente Mencheres podia congelá-los em completa imobilidade sem sequer encostar um dedo neles.

“Esse grupo é muito pequeno para justificar uma reunião como esta. Mais tem que estar vindo.” Eu disse, abaixando a minha voz.

Pelo flash de emoções correndo pelos rostos dos ghouls, eu adivinhei corretamente.

“Eu ainda os tenho,” Mencheres disse, recuando. “Vamos nos esconder.”

Eu vi seu poder em ação antes, então eu não hesitei em virar minhas costas para os ghouls e rastejar para mais fundo na floresta. As chances eram que seus companheiros se aproximavam da outra direção, e se eles cheirassem vampiros, esperançosamente eles pensariam que era devido a recente matança que o grupo fez.

Mencheres e Vlad se misturaram com a floresta também. Assim que alcancei um bom ponto de vantagem, agachando atrás de uma formação rochosa cerca de trinta e seis metros de distância, encarei de volta para onde nós deixamos os ghouls. Muitas árvores estavam no meu caminho, então não pude vê-los exatamente, mas parecia que os quatro ghouls ainda estavam no mesmo lugar, nem sequer falando, e certo como o inferno que não estavam correndo. Balancei minha cabeça. Poder malditamente útil o que Mencheres tem – se você for forte o suficiente para controlá-lo, o que eu não fui.



Nós não tivemos que esperar muito. Menos de vinte minutos depois, outro veículo estacionou muito perto de onde a van estava, pelos sons. Então a conversa casual e alegre dos seus ocupantes, enquanto eles parabenizavam um ao outro por matarem dois vampiros jovens naquela manhã.

Filho da puta. Nem precisava se perguntar se aqueles eram o resto do grupo.

Rastejei para mais perto, porque eles fizeram barulho suficiente para cobrir os sons suaves que eu fiz. Claramente eles não sentiam perigo. Satisfação sombria me inundou quando ouvi um deles perguntar de forma brincalhona o que os outros estavam olhando.

“Qual o problema, Brent?” uma voz riu. “O gato comeu sua língua?”

Essa foi uma abertura muito impagável para eu deixar passar.

“Ainda não, mas eu posso fazer uma exceção,” eu disse, me ajeitando para a minha altura máxima enquanto caminhava na direção deles.

O poder do Mencheres me bateu, uma rajada passando por mim e os fixando nos lugares antes de eles poderem sequer arfar por vampiros aparecendo da floresta. Mesmo que eu admitisse a praticidade, uma parte de mim ficou desapontada. Lutar seria uma ótima maneira de liberar um pouco da tensão que vinha crescendo, mas não seria uma briga real a menos que eles pudessem revidar.

Quando eu estava perto o suficiente do grupo que agora havia aumentado para sete, algo branco chamou minha atenção, me distraindo de lamentar sobre o poder do Mencheres ter tirado toda a ação de captura-los.

“Você está usando *presas* em seu pescoço?” Eu estourei, agarrando o colocar que pendia de um dos aspirantes a Hell’s Angels. De fato, oito presas estavam amarradas em uma corrente de prata, e vê-las me deixou puta o suficiente pra ficar temporariamente muda.

Vlad não parecia tão perturbado. Ele apareceu à esquerda do grupo, sacudindo seus dedos para eles quase de forma brincalhona. “E eu que sempre achei drive-ins chatos, mas vocês vão tornar esse divertido para mim, não é? Mencheres, dê a eles a habilidade de falar, mas se um de vocês gritar, será o último som que vocês farão.”

Ninguém precisava me dizer que isso estava prestes a ficar uma bagunça, e havia muitos deles para nós levarmos de volta a nossa casa alugada na cidade.

“Precisamos tirar todas essas pessoas daqui,” eu disse, acrescentando, “algo que *não vá* compor o noticiário das onze,” como um acréscimo importante.



Claro, Mencheres poderia limpar esse cinema ao ar livre inteiro em questão de segundos. Mas as pessoas poderiam parar para pensar sobre porque o seu carro está de repente flutuando pelo ar, ou porque cada enorme tela de cinema se desintegrou, e não precisávamos desse tipo de publicidade.

Mencheres me deu um olhar aguçado. “Eu sei como ser discreto,” ele disse, antes de desaparecer em um borrão de velocidade.

Contive o meu bufar com a maior dificuldade. Não foi há muito tempo que Mencheres demoliu uma parte da Disneylândia na frente de testemunhas atordoadas, ou transformou Kira em um vampira em um vídeo que mais tarde explodiu na internet. *Yeah, essência da discricção, essas coisas foram.*

“Então, garotos...”

Virei-me para ver Vlad caminhando ao longo do círculo irregular de ghouls, ainda mantido no lugar pelo poder do Mencheres, embora o outro vampiro esteja fora de vista. Ele tocou cada um deles, a razão não passou despercebida por mim. Quem quer que Vlad toque, ele poderia queimar.

“Quem quer que me diga tudo sobre a sua pequena gangue vive,” ele continuou. “Quem não falar... bem, vocês podem imaginar o que vai acontecer, tenho certeza.”

Chamas brotaram ao redor de suas mãos para enfatizar. Alguns dos ghouls fizeram caretas, entendendo quem o Vlad era. Somente um vampiro macho era famoso por empunhar fogo, e a reputação do Vlad era tudo menos tranquilizadora para eles.

“Ainda há muitas pessoas próximas,” eu o lembrei. Assar alguns dos ghouls obrigatoriamente chamaria a atenção, mesmo entre os arbustos e árvores.

“Então é melhor Mencheres se apressar,” Vlad respondeu, seu tom endurecendo. “Esses camaradas ainda não estão falando, e ter meus comandos ignorados é o que você pode chamar de uma pirraça minha.”

Um deles fiz sons estranhos de gemidos, batendo seus lábios de um jeito esquisito, mas os outros permaneceram em silêncio. Vlad suspirou.

“Ninguém acredita que você está falando sério até corpos começarem a cair.”

Então ele se moveu tão rápido que eu não tinha certeza do que ele estava fazendo... até que vi os quatro novos colares carmesim que alguns do grupo exibiam. Suas expressões abruptamente ficaram em branco, olhos rolaram para trás, mas seus corpos ficaram em pé e suas cabeças ficaram no lugar, mesmo que nada, exceto o poder de Mencheres, as mantivessem coladas aos



seus pescoços mais.

Pisquei com a brutalidade eficiente do Vlad, mas não foi um choque. Bones teria feito a mesma coisa. Eu podia não gostar de matar combatentes inimigos se eles não podiam revidar, mas esses ghouls estavam envolvidos na tentativa de despertar um confronto entre as espécies que deixaria pelo menos milhares de mortos se eles tivessem sucesso. Isso significa que minhas preferências pessoais tinham que ser ignoradas.

“Esses caras tiveram sorte. O resto de vocês não vai,” eu disse calmamente. “Caso vocês não tenham percebido, é para o Vlad Tepesh que vocês estão olhando, e quanto a mim? Eu sou a Red Reaper, e eu aposto que vocês já ouviram falar de mim.”

Dois deles cuspiram maldições, a mais suja vinda do ghoul usando presas como troféus. Eu não dei ao Vlad uma chance de agir, atravessei minha lâmina através da garganta do ghoul antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa. Agora ele tinha dois colares; um feito de presas, o outro feito do último sangue que ele derramou.

O outro ghoul que tinha me amaldiçoado explodiu em chamas que queimavam muito ferozmente, seus gritos foram cortados em segundos. Olhei para o cinema, esperando que nenhum dos espectadores tenha decidido checar a repentina coluna de fogo, se eles a viram. Mas antes que eu pudesse derrubar meu escudo mental para poder pegar melhor qualquer pensamento do tipo “o que é aquela luz ali?”, as chamas do ghoul desapareceram, deixando apenas fumaça ondulando pelos seus restos.

Isso mesmo, nenhuma preocupação com incêndio florestal com Vlad por perto. Meu controle sobre o fogo foi muito menor durante o breve tempo em que eu peguei emprestado a habilidade dele.

Meu quadril vibrou. Eu pulei, tensa pelas circunstâncias, antes de perceber que era apenas meu celular. Eu o puxei, vendo o número do Bones, e fazendo careta enquanto o ignorava novamente. Apesar de querer muito falar com ele, conversar ou mandar mensagem de texto durante um interrogatório ardente simplesmente não é apropriado.

“Na medida em que os números de vocês diminuem, minha paciência também,” Vlad disse em um tom friamente alegre. “Ainda não vão me dizer o que eu quero saber? Mamãe mandou eu escolher...”

Em “esse daqui”, o ghoul para o qual Vlad apontou explodiu como um fogo de artifício, atirando pedaços incendiados de coisas que eu nem mesmo queria identificar sobre os ghouls de cada lado dele. Levou toda a minha força de



vontade para não olhar para longe. *Espesso* nem sequer começava a descrever como aquilo se parecia. Ao invés de fazer algo completamente feminino, como dizer “Ewww,” concentrei-me no que eu escutei escondida os ghouls falarem, e em quantas vidas seriam destruídas se os planos de Apollyon forem permitidos seguir adiante.

“Você vai nos matar de qualquer forma, não importa se dissermos o que você quer saber,” um ghoul com cicatrizes no pescoço finalmente disse. O outro ghoul, que parecia estar na adolescência, ainda movia a boca daquela forma estranha, como se estiver imitando um peixe fora da água. *O que era aquilo?* Eu me perguntei.

Vlad deu de ombros. “Se suas informações se comprovarem úteis, após um período de tempo, eu te deixarei ir. Antes disso, você será meu prisioneiro, mas você estará vivo, que é mais do que seus amigos podem dizer,” ele terminou com um aceno de cabeça em direção aos outros cadáveres.

O ghoul gemeu. “Porque eu deveria acreditar que você vai realmente me deixar viver?”

Vlad ficou muito quieto, mas seus olhos brilhavam com uma luz perigosa. “Chame-me de mentiroso mais *uma* vez,” ele disse, cada palavra pingando desafio.

Mesmo que eu não fosse a que estava sendo ameaçada, um arrepio ainda passou por mim. Essa era uma das horas em que eu estava feliz por estar no lado bom do Vlad.

O ghoul mais jovem agitou os lábios novamente, a boca abrindo e fechando ainda mais freneticamente. Eu o dei um olhar irritado. Ninguém gosta de uma rainha do drama no meio de um interrogatório. Mas então meus olhos se estreitaram, e eu o tinha agarrado pela camisa antes de Vlad poder falar.

“Abra sua boca novamente,” Eu disse, porque ele a tinha fechado no que poderia ser surpresa assim que eu o agarrei.

“Não faça isso,” o ghoul com cicatrizes ordenou.

Eu o dei um chute de lado, quebrando meu joelho sem nem uma vez tirar meus olhos do ghoul que eu segurava. Lentamente, com um olhar que eu agora reconheci como implorativo, o ghoul abriu a boca.

Muito.

“Jesus, Maria, e José,” eu arfei.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO.

Fiquei olhando para a boca do Ghoul. Havia apenas um pedaço de tecido cicatrizado onde deveria estar uma língua. Essa mutilação não pode ter ocorrido depois que ele se tornou um morto-vivo. Qualquer coisa cortada dele depois disso cresce de novo, assim acontece também com os vampiros. O tecido cicatricial mostrou que sua falta de língua tampouco foi causa por uma doença congênita. Então, alguém a cortou, e logo em seguida o transformou em ghoul, a julgar pela cicatriz grosseira. Se tivesse sido curado antes dele se tornar um morto-vivo, a área seria mais suave.

E eu não conheço muitas pessoas que concordariam de bom grado com uma situação como essa. Especialmente se fosse alguém tão jovem quanto esse menino era quando tudo isso aconteceu.

Mas, para ter certeza...

Virei-me para segurar o outro ghoul e enfiei minha faca em sua boca para mantê-la aberta.

“Você tem algo a ver com isso?” perguntei, enterrando ainda mais a minha lâmina “Minta para mim, e eu juro por Deus que Vlad vomitará com o que farei com você.”

“Eu não fiz nada com ele” o ghoul disse rapidamente, olhando diretamente para mim. “Não estou mentindo, ele já estava assim quando foi colocado em nosso grupo.”

“E quem o colocou lá?” perguntei, enterrando ainda mais a faca, até que ela devia estar tocando o seu osso, mas eu não liguei. *Mutilação. Forçando a transformação de um adolescente.* Pode ser que ele não tenha feito nada, mas ele fez parte de tudo isso.

“Você conhece quem foi.” O ghoul disse asperamente.

Eu não reagi. “Diga o nome. Convença-me que eu devo acreditar em você.”

Meu celular vibrou novamente contra meu quadril, mas eu ignorei, não querendo desviar nem mesmo um segundo da minha atenção para longe do ghoul na minha frente.

“Apollyon.” A palavra era quase um suspiro. “Ele tem vários como o Dermot em sua linha. Ele pega as crianças muito jovens, não muito inteligentes, os silencia e os transformam. Eles são como músculos. Não tem outro lugar para ir, não podem falar, não podem escrever muito bem, por isso sabemos que eles não podem nos trair.”



Eu pensei que estava furiosa antes, mas nada se compara com a raiva que me encheu. Minhas mãos tremiam, enterrei ainda mais a faca na cabeça do ghoul. Ele gritou tudo o que podia com a lâmina no caminho.

“Cat.” A voz do Vlad veio baixa, mas rressonante. “Pare, precisamos dele vivo.”

Eu conseguia entender o que ele falou, sabia que se eu matasse o ghoul, não teríamos como descobrir se ele realmente sabia onde Apollyon estava, e isso era uma informação de vital importância. Mas a minha mente estava congelada com o desejo de destruir qualquer um que tenha feito parte de uma prática tão horrível, minha ficava continuava seu caminho pela cabeça do ghoul. Dermot não poderia ter mais de dezessete anos quando ele foi torturado, morto, e depois forçado a esse tipo de existência. O ghoul na minha frente sabia disso, ele permitiu que continuasse, e agora ele iria pagar.

“Cat!”

Minha mão tremia novamente... mas eu arranquei a faca, torcendo ela no processo e assim saboreando a maneira como o ghoul gritou quando eu o fiz. Afastei-me dele e tomei uma longa e profunda respiração, para me lembrar que essa foi a melhor decisão, pois a informação era mais importante do que a vingança. Eu entoei isso repetidas vezes em minha mente, até que eu comecei a me sentir estável.

“Não era para você queimá-lo para arrancar mais detalhes?” Perguntei a Vlad, minha voz soava normal, apesar de que a raiva ainda queimava dentro de mim...

Vlad me lançou um olhar impenetrável, o indício de um sorriso pairando em seus lábios. “Se você viver tempo suficiente, Reaper, um dia você pode assustar até a mim.”

“Garotas tem que ter objetivos.” Repliquei “E ele ainda não está gritando onde Apollyon está.”

“Não, ele não está, não é?” Então, Vlad fez uma série de movimentos estranhos com as mãos, mas nenhum fogo emanou delas.

“Você está tendo *problemas de desempenho*?” Perguntei surpresa.

“Morda a sua língua” Vlad disse, com um grunhido “Eu estava vendo se Dermot entendia linguagem de sinais, mas pelo olhar dele, parece que não.”

Eu olhei para o jovem ghoul, que assistia as mão do Vlad com um fascinação mórbida. *Ele pega crianças jovens, não muito inteligentes...* outros ghouls haviam dito sobre Apollyon. Será que Dermot poderia saber que há uma linguagem que ele poderia aprender que não requer expressão verbal ou



escrita? Como ele deve se sentir preso forçado a uma vida que nega qualquer meio real de comunicação.

“Você ficará bem.” Eu disse para Dermot. “Nós não vamos te machucar, e você não terá mais que conviver com aquelas pessoas, eu prometo.”

Uma voz dentro de mim me avisou que Bones não iria gostar do que eu pretendia, mas eu empurrei ela de volta. Ele pode não gostar, mas ele vai entender.

O ruído de dezenas de carros combinado com gemidos dos diálogos dos quatro filmes e as luzes exteriores cortadas, foi tão abrupto que me tirou de meu escudo mental, não demorou um segundo para pegar as reclamações dos expectadores sobre a falha de energia do drive-in.

Mesmo eu não tendo ouvido o que, uma voz no megafone começou a se desculpar pelo inconveniente, prometendo bilhetes para a noite seguinte. Deve ser o gerente. Como ele parecia tão calmo, imaginei que Mencheres havia tido uma conversa com ele usando o poder do seu olhar. Caso contrário, espero que ele seja mais calmo em relação ao dinheiro que foi devolvido e a promessa de reembolso futuro.

Talvez eu faça uma doação anônima. O gerente não tem que ter prejuízos financeiros só porque ghouls assassinos conspirando para uma guerra escolheram esse lugar para realizar um encontro.

“Alguém está vindo e não é Mencheres.” Vlad disse, sacudindo a cabeça.

Eu agarrei outra faca enquanto ia para a direção que ele indicou, me esquivando para usar os arbustos como camuflagem novamente. Mas, quando estava cerca de vinte metros de distância, notei aromas familiares no ar, e minha tensão diminuiu.

A visão dos dois vampiros, um com fios brancos em seus cabelos e o outro tão magro que seus ossos se destacavam por baixo de sua camisa, apenas foi a confirmação de quem eles eram.

“Ed, Scratch,” eu chamei sem levantar a voz. “Aqui.”

Eu virei, sem esperar por eles, não queria deixar Vlad sozinho com aqueles ghouls. Sem dúvidas, as chances de Vlad ser superado eram nulas, mas as chances de que ele decidisse queimar um ou ambos na minha ausência eram muito maiores.

Para meu alívio, tanto Dermot, quanto o outro ghoul ainda estavam vivos enquanto eu corria de volta para Vlad, embora no pouco tempo que eu tinha saído o outro ghoul parecia como se tivesse passado por um vulcão.



Mencheres deve ter retirado seu poder de cima dele, pois ele estava no chão, com o pé de Vlad em sua boca. Deve ser o motivo pelo qual não escutei nenhum grito, ele obviamente havia sido queimado.

“Parece que ele não sabe onde Apollyon está”, Vlad afirmou “Não estou surpreso, Apollyon teria que ser um idiota para dizer onde ele se esconde para alguém desse grupo. Eles relatam e recebem instruções por e-mail, tenho endereço e senha.”

Ed e Scratch apareceram atrás de mim no momento seguinte, um deles assobiou enquanto eles viam os corpos mortos que ainda estavam em posição vertical, além do ghoul que ainda estava vivo, e queimado aos pés do Vlad.

“Parece que perdemos a festa.” Ed comentou.

Vlad deu um grande sorriso. “Mas chegou a tempo para a limpeza.”

“Como é que não estou surpreso de ouvir isso?” Scratch disse, sacudindo a cabeça. “Que bagunça, mas é melhor eles do que nós.”

“Boa observação.” Vlad comentou.

O ghoul bateu no pé do Vlad e piscou várias vezes para ele, Vlad mudou de lado uns centímetros, mas só o suficiente para ele falar.

“Há mais de nós aqui, quero dizer nessa cidade, é suposto que nós recrutemos e aumentarmos nosso número, matar alguns vampiros e, em seguida irmos para outra cidade. Nós também poderíamos ir embora se encontrássemos Reaper ou Bones. Essa é uma boa informação, boa o suficiente para a minha vida, como você concordou.”, ele completou.

Vlad tirou o pé de seu rosto, mas fogo começou a sair de suas mãos. “Nós já sabíamos a maioria, portanto a informação não é tão boa assim.”

“Vlad...” eu disse, ele levantou as sobrancelhas com a nitidez da minha voz. “Ele fez o seu melhor para dizer tudo o que ele sabe, então você precisa deixá-lo ir.”

Ele abriu a boca, prestes a discutir... e depois sorriu. “Claro.”

O ghoul se levantou, lançando olhares rápidos entre Vlad e a promessa de liberdade atrás dele, então começou a recuar um passo de cada vez.

“Não. Tão. Rápido.” Eu falei jogando veneno em cada palavra.

“Ele prometeu que me deixaria viver!” O ghoul surtou.

“Vlad prometeu, eu não.” Eu disse pulando nas costas dele quando ele tentou



correr. O poder do Mencheres não tentou detê-lo, então ele se virou e lutou comigo furiosamente, mas eu estava feliz. Eu *queria* vencê-lo ao ponto da submissão, para lhe mostrar o quanto ele era indefeso não importando quão duro ele lutasse. Isso era o mínimo que eu poderia fazer por Dermot e por outros iguais a ele.

“Um vampiro cometeu o mesmo erro uma vez, esquecendo que eu estava lá e ficando apenas com a promessa de Bones não matá-lo.” Eu continuei um momento depois. Vários lugares do meu corpo ainda doendo pelos golpes do ghoul, mas eles curavam a cada segundo. Eu não fiz uma pausa para falar, mas transpassei com minha faca o pescoço do ghoul com um corte limpo e selvagem, sentindo uma forma fria de satisfação ao ver sua cabeça rolando para baixo.

“Ele não gostou de como isso terminou, também” eu terminei, limpando a lâmina na camisa do ghoul “Vocês sabem o que eles dizem, O diabo está nos detalhes.”



CAPÍTULO VINTE E CINCO.

Nós ficamos mais duas horas no Drive-in, só por garantia que não apareceria nenhum ghoul atrasado e, que todas as provas foram apagadas da cena. Isso não foi apenas uma precaução por causa da polícia. Nós não queríamos que nenhum outro ghoul descobrisse o que aconteceu, se mais deles usassem esse lugar como centro de reuniões além desse grupo.

Mencheres insistiu que Dermot não voltasse com a gente para a casa na cidade. Seu ponto era que não importava o quanto ele fora abusado por Apollyon e os outros ghouls, Dermot ainda era uma ameaça, esse era um pensamento muito lógico para se ignorar. Síndrome de Estocolmo definitivamente era uma possibilidade, e não seria certo supor que Mencheres simplesmente usaria seu poder contra ele se ele tentasse nos matar. Além disso, não poderíamos levá-lo em nossas tocaias. Então, com garantias que eu nem mesmo tinha certeza que Dermot acreditava, eu o deixei com Ed e Scratch, que juraram sob a pena de morte tratá-lo bem e mantê-lo em um lugar seguro. Depois que essa situação com Apollyon acabasse eu teria mais algo a fazer: achar um terapeuta para ghouls traumatizados e encontrar alguém que ensine a Dermot línguas de sinais.

Eu liguei três vezes de volta para Bones, e em todas elas a única resposta vinha de sua secretária eletrônica. Típico agora que eu posso falar, ele não pode. Preocupação me incomodava, mas deixei isso de lado com todas as outras coisas que eu não posso sentir no momento. Eu não pude atender Bones antes, mas isso não significava que eu estava em perigo mortal. Ele era forte, podia se cuidar sozinho. Eu devia parar com as imagens paranoicas do seu cadáver murchando na minha mente.

Com uma precaução extra no caso de alguém ter observado nossa atividade no drive-in, Mencheres circulou várias vezes mais pela cidade em nosso caminho para a casa, então estacionou aproximadamente há um quilômetro e meio de distância e me carregou enquanto ele e Vlad voaram o resto do caminho. Eu não me preocupei em dizer que agora eu também podia voar. Primeiro, eu estava cansada. Segundo, eu ainda não voava tão *bem* e, se acontecesse de eu colidir com um poste de telefone ou algo parecido na frente do Vlad, ele jamais me deixaria esquecer.

Descemos do lado da casa, na parte mais escura do gramado, e andamos até a frente da casa. Ela era do mesmo tamanho da casa em que eu havia crescido, mas eu aposto que Mencheres não havia ficado em uma casa tão pequena assim nos últimos mil anos. Ele dormiria no sofá enquanto Vlad e eu dormiríamos nos quartos de cima. Eu tinha acabado de colocar minhas botas na entrada da casa, para não acumular sujeira lá dentro, quando Mencheres de



repente levantou a cabeça e olhou para o céu.

“Aliens?” Eu brinquei, mas mesmo assim fiquei tensa e tentei alcançar minhas facas. Ghouls não podiam voar, mas e se alguma ameaça conseguiu nos seguir do drive – in? Nossos inimigos não eram apenas os ghouls...

Os meus sentidos começaram a formigar antes mesmo de Mencheres dizer “Bones.”

Vlad mau teve tempo de murmurar, “E a noite estava sendo tão *agradável*.”, antes do vampiro em questão cair do céu, aterrissando poucos metros de distância com seu casaco preto em torno dele. Alegria e saudade cortaram meu subconsciente quando nossos olhos se encontraram. Eu fui até ele, colocando meus braços em torno dele, me deleitando com a força e a veemência do abraço de reposta dele.

“Eu senti sua falta Kitten.” Ele rosnou. Então sua boca esmagou a minha, seu beijo estava mais cheio de necessidade do que de boas vindas românticas.

Tudo bem; eu me sentia da mesma forma. Além do meu desejo compulsivo de correr minhas mãos sobre ele para me assegurar que ele estava realmente aqui, alívio, felicidade e o mais profundo sentimento de *certeza* vibraram em mim, eu não tinha percebido o quão profundamente eu tinha sentido saudades de Bones até aquele momento, eu não me permitia admitir o quanto tudo ficava fora de lugar e vazio quando eu estava separada dele. Em alguns níveis era assustador o quão parte de mim ele se tornou. Aquilo me permitia saber o quão destruída eu ficaria se algo acontecesse a ele.

“Porque você não atendeu seu celular mais cedo?” Bones murmurou ao levantar a cabeça. “Tentei várias vezes, tentei o Mencheres também, até mesmo o Tepesh, mas nenhum de vocês respondeu. Me assustou além da sanidade, então arrumei em um avião da FedEx para ter certeza que você estava bem.”

“Você veio de Ohio somente porque eu não atendi o *celular*?” Fiquei dividida entre o riso e a descrença. “Deus, Bones, isso é um pouco louco!”

E era, exceto que a parte de mim que tinha imagens da lápide dele dançando em minha mente porque ele não havia respondido o celular antes concordava completamente com ele. Apesar de nossa discussão, éramos muito parecidos quando se tratava de temer pela segurança do outro, e eu duvido que um dia mudaríamos.

“Louco,” eu repeti, minha voz grossa pela tempestade de emoções em mim. “Eu lhe disse recentemente que o seu lado louco... é o seu lado mais sexy?”



Ele riu antes de mergulhar a sua boca na minha em um beijo de tirar o fôlego. Então ele me pegou no colo, passando por Vlad e Mencheres sem nem mesmo um olá, embora eu duvide que algum deles estivesse surpreso.

Nós fomos direto para o quarto, já rasgando as roupas um do outro, quando uma tossida discreta me fez virar a cabeça. Bones instantaneamente tinha uma faca em sua mão, com meu sutiã pendurado em seu pulso. Eu comecei a sacar minha faca quando percebi que a pessoa no quarto não poderia nos machucar mesmo se quisesse.

“De alguma maneira eu acabei aqui, mas percebo que não é o melhor momento. Então depois eu volto.” Disse o fantasma desconhecido antes de sumir pela parede.

“Não muito em breve, se você valoriza sua vida após a morte.” Bones gritou para ele.

Eu soltei um som estrangulado. Se era isso que eu era obrigada a prever até o sangue de Marie sair do meu sistema, eu preciso seriamente investir em *muito* alho e maconha.

Então Bones largou sua faca e me agarrou novamente em seus braços, e eu me esqueci de qualquer preocupação com potenciais fantasmas voyeurs.

“Você tem que partir logo?” eu murmurei, piscando para Bones através da cortina da luz solar que atravessou as lacunas das cortinas. “Mas você quase não dormiu.”

O sorriso que Bones me deu era o perfeito gato-quer-creme, no entanto a expressão era mais adequada para mim no momento.

“Eu sei.” Ele disse, as palavras se arrastando com o calor da lembrança.

Sentei-me, puxando o lençol comigo. “Estou falando sério.”

“Kitten” Bones parou de vestir a camisa “quatro horas de sono abraçando você é muito mais benéfico para mim do que oito horas intermináveis de gira e rola porque você não está comigo.”

Eu não pude dizer nada por um momento. Seu tom era totalmente de constatação de um fato, nem um pouco de exagero romântico ou brincadeira provocativa. Depois de todo esse tempo eu deveria estar acostumada com a franqueza sem pudor de Bones sobre seus sentimentos, mas eu ainda me surpreendia. Ele não hesitou em expor as partes mais vulneráveis dele sem se importar de que eu não era a única que podia ouvi-lo. Quanto a mim, me



mergulhava em redes de seguranças emocionais a maioria das vezes, usando o humor ou ironia para esconder o quão profundamente certas coisas me afetavam.

Não Bones. Ele pode ser um assassino morto vivo fodão, mas desde que começamos a namorar, ele nunca escondeu suas emoções de mim, ou deu uma de macho subestimando o que eu significava para ele na frente dos outros. Ele não era apenas mais forte que eu em força ou em poder, Bones também me deixava para trás com sua força interior, com a ousadia de mostrar as suas mais profundas fraquezas sem qualquer medo, rede de segurança ou racionalização.

E já era hora de eu seguir seu exemplo. Claro, eu abri meu coração para Bones no passado, mas nem de perto o suficiente. Ele sabe que eu o amo, sabe que eu vou lutar até a morte ao seu lado se for preciso, mas havia mais que isso. Talvez alguma parte escondida e fragmentada dentro de mim temia que se eu admitisse a Bones o quanto ele realmente significa para mim, então eu estaria admitindo para mim mesma que ele tem o poder para me destruir mais profundamente que qualquer pessoa, até mais que Apollyon ou o Conselho Vampiro poderia. O resto do mundo podia apenas me matar ou devastar minha mente e corpo. Bones sozinho tinha o poder de destruir minha alma.

“Você uma vez me disse que poderia suportar muitas coisas” Minha voz estava áspera por todas as emoções atacando aquela fina defesa interior. “Eu também. Posso suportar o que quer que Apollyon atire, posso suportar o fanatismo dos outros sobre o que eu sou, o esquisito poder sobre os fantasmas no sangue da Marie, todas as loucuras que minha mãe possa jogar em mim, e até a dor da morte do meu tio. Mas a única coisa que eu nunca, nunca iria me recuperar seria perder você. Antes você me fez prometer seguir em frente se isso acontecesse, mas Bones” – nesse ponto minhas palavras se quebraram e lágrimas caíram pela minha face “Eu não iria querer seguir.”

Ele estava sentado ao meu lado na cama quando eu comecei a falar, mas estava em meus braços antes da primeira lágrima cair. Muito delicadamente, seus lábios escovaram sobre aquelas linhas molhadas, voltando rosas pelas gotas ainda cintilando nelas.

“Não importa o que aconteça, você nunca irá me perder,” ele sussurrou. “Eu serei seu para sempre, Kitten, nesta vida ou na próxima.”

Um tipo agudo de dor me cobriu, porque eu sabia o que ele estava prometendo com essa declaração, e o que ele não estava. Bones não podia jurar que nunca seríamos separados. Sermos mortos-vivos não dava a nenhum de nós uma reivindicação de imortalidade, só nos tornava difíceis de matar. A menos que



Bones e eu sejamos assassinados ao mesmo tempo, um dia, ou ele ou eu conheceremos o sofrimento de existir sem o outro. Eu falava sério quando disse que não iria querer seguir em frente se Bones estiver morto. Não importa quantos inimigos nós derrotamos, ou quais promessas apaixonadas nós fazemos um para o outro, esta era a dura realidade.

E talvez esta realidade era o que minhas últimas defesas interiores tenham tentado me proteger. Admitindo que eu estaria irrevogavelmente quebrada sem Bones significa aceitar que isso iria acontecer. Um dia, seríamos separados. Não por nossa vontade, nem mesmo por culpa de um de nós, mas através da barreira fria e impiedosa da morte. A menos que morramos lutando costa a costa, isso *iria* acontecer. Eu resisti em ser tão aberta quanto o Bones sobre o quanto ele morava em cada fenda do meu coração porque nada me assustava mais do que admitir essa dura e inevitável realidade. Agora que eu finalmente fiz, um estranho tipo de alívio me inundou, cobrindo até a dor.

Segurar isso não tinha feito nada para mudar a verdade de como eu me sentia, ou nossas circunstâncias inevitáveis. Eu apenas estive me enganando, mas ainda pior que isso, eu também traí o tempo que Bones e eu tínhamos juntos. Ninguém conhecia o próprio destino. Podíamos ter centenas de anos juntos. Milhares. Ou apenas alguns minutos antes de um meteoro atingir a casa e me vaporizar, mas errar ele, até onde sabemos. Nosso tempo juntos era limitado, e isso era tudo o que importava.

Mas agora, eu também finalmente compreendi o que Bones já sabia. Só porque a morte podia eventualmente nos separar, isso não queria dizer que iria destruir o que nós tínhamos. *Eu serei seu para sempre, Kitten, nesta vida ou na próxima.* Algumas coisas podem penetrar até a formidável barreira da morte, e amor é uma delas. Mesmo que a morte me mantenha longe do Bones por um tempo – ou ele de mim – ela não pode nos separar para sempre. No final, *nada* pode, e finalmente, eu entendi isso.

“Você nunca vai se livrar de mim, também,” eu disse, e meu riso saiu entre as lágrimas “não importa de que lado da sepultura estivermos. Eu irei te assombrar, persegui-lo por toda a eternidade se for preciso, mas seremos você e eu até as estrelas queimarem.”

Mal tive tempo de ver seu sorriso antes de sua boca se mover sobre a minha com uma intensidade lenta e feroz. Não foi a maneira habilidosa com que ele me beijou que fez meu peito apertar, como se meu coração fosse começar a bater de novo. Foi a última parede caindo entre nós.

“Bones”, eu sussurrei, longos momentos depois quando ele levantou a cabeça.



“Há algo que eu quero fazer assim que essa bagunça com Apollyon acabar.”

A gravidade em meu tom de voz o fez recuar um pouco “O que é, amor?”

Eu sussurrei para ele o que era, vendo suas sobrancelhas subirem, a sua leve censura, e finalmente seu assentimento.

“Se é isso que você quer.”

Eu olhei para ele, mais daquela tensão apertando meu peito.

“É.”



CAPÍTULO VINTE E SEIS.

Fabian veio na minha direção. Nem se eu estivesse segurando um prato de biscoitos ectoplasmáticos ele teria sorrido tanto, o que, claro, eu não estava, porque até onde sei, tal coisa não existe. Retribui o sorriso, dando a Fabian uma abreviada versão de um abraço, o que na verdade era eu colocar meus braços formando um meio círculo em volta da área onde ele flutuava. Pelo canto do olho vi Vlad virar os olhos, mas não me importei. Eu abraçava amigos quando eu não os via há algum tempo e Fabian pode não ser sólido, mas ele ainda era meu amigo.

"Guarda um pra mim também?" Dave perguntou, aparecendo atrás do fantasma.

Eu ri enquanto dava a ele um abraço bem apertado em seguida, dessa vez sentindo a pessoa em meus braços. Dave balançou um punhado de cabelo quando me soltou, rindo enquanto assimilava meu mais recente disfarce.

"Com o novo cabelo preto, olhos escuros e a pele bronzeada, você quase parece um pouco latina. Juan precisaria ser arrancado a força de cima de você se te visse assim."

Deixei escapar um suspiro. "Duvido. Juan age de forma muito mais respeitosa desde que se tornou um vampiro. Dificilmente tenta agarrar meu traseiro o tempo todo agora. Acho que porque Bones já o matou uma vez, Juan não quer provocá-lo a repetir a dose."

Só de falar em Juan me fez sentir falta dele, pervertido que não mostra arrependimento, isso que ele era, e isso também me fez sentir falta de todos os outros no complexo. Isso também me fez pensar em meu tio e minha mãe com um novo respingo de ansiedade. Isso era uma pequena ofensa comparada ao que Apollyon pretendia fazer, mas eu o odiava por mais do que simplesmente me usar para tentar provocar um conflito entre ghouls e vampiros. Eu também odiava Apollyon por roubar de mim o tempo que poderia passar com Don no que poderia se transformar nos últimos meses de sua vida, e por me negar mais oportunidades de colocar juízo na cabeça da minha mãe irracional e tentando morrer.

Balancei a cabeça, tirando isso dos meus pensamentos antes que eu começasse a lamentar de forma interminável sobre minha família teimosa. Dave disse olá para Vlad e Mencheres então desabou no sofá, parecendo cansado. Ele não tinha muito tempo antes que tivesse que voltar, mas ele tinha dito que essa mensagem era algo que ele queria entregar pessoalmente.

"A reunião em que fui na noite passada era mais como um comício e seminário



combinados," Dave começou sem preâmbulos. "Apollyon não estava lá, mas o orador principal era um ghoul chamado Scythe que soava tão fanático quanto. Pregou sobre como os vampiros vem explorando os ghouls há milênios, blá, vamps são diabólicos, blá. Então ele começou com como você se transformou, mas ainda tinha o coração batendo ocasionalmente, então você ainda podia se transformar em uma mestiça vampira-ghoul. E assim que isso acontecer, você estaria liderando os vampiros para subjugar os ghouls a escravidão."

"Isso é muita besteira!" eu rebati, incapaz de engolir. Então eu me segurei. Todos aqui já sabiam disso.

"Continue," eu disse para Dave, com um tom menos estridente do que antes.

"Não tenho certeza do quanto isso é verdade, mas Schythe disse que o movimento ghoul de "retomar seu lugar de direito" estava ganhando terreno por toda América. Que eles tinham começado a guerra aqui, porque os vampiros tinham um domínio mais fraco aqui do que na Europa. Então, assim que eles se libertassem das algemas dos vampiros aqui nos Estados Unidos, eles iriam para o resto do mundo."

"Se Cat ainda está sendo usada como o ponto principal por trás dessa retórica opressão de presas, você pensaria que mais de seus seguidores iriam questionar por que Apollyon simplesmente não os une para matá-la," Vlad observou, como se estivéssemos discutindo sobre esmagar um inseto. Se ele não tivesse provado ser um bom amigo muitas e muitas vezes, eu ficaria insultada.

"Oh, eles tem uma resposta pra isso," Dave disse secamente. "Scythe afirma que se alguém matar Cat, então a nação dos vampiros irá saber que os ghouls estão *em cima* deles. O que é por isso que os ghouls tem que se levantar agora, enquanto os vampiros menos esperam e a balança esteja pendendo a nosso favor. Então, o primeiro ato de Apollyon assim que vencer a guerra será matar Cat publicamente. Desse jeito, terá o máximo efeito esmagador sobre o espírito dos vampiros que sobreviverem."

Filho da puta assassino manipulador, pensei com uma fúria nojenta, mas dessa vez mantive pra mim mesma.

Um resmungo baixo soou a minha direita. Eu virei, surpresa em ver que estava vindo de Fabian.

"Nem uma vez a pergunta do que *meu* povo faria durante tudo isso surgiu na discussão, não é?" Fabian perguntou, sua voz era afiada.

Dave parecia tão surpreso quanto eu sobre isso. "Uh, não, ninguém mencionou



fantasmas," ele respondeu, soando tanto desconfortável e se desculpando.

As feições transparentes de Fabian estavam tão irritadas como eu nunca tinha visto antes. "Podemos não ter as mesmas habilidades que o resto de vocês, mas fantasmas não são sem poder, e nós. Somos. Muitos," ele disse, enfatizando as últimas três palavras.

"Remnants e espectros eu posso ver sendo capazes de fazer a diferença na batalha, mas o que fantasmas normais podem fazer?" Vlad perguntou, soando um pouco impaciente. "Sua espécie pode ter uma inteligência valiosa e levar mensagens antes de um conflito começar, verdade, mas assim que a luta começar, sua utilidade termina."

Parte de mim queria punir Vlad por ser tão frio em sua avaliação dos fantasmas, mas a outra parte culposamente concordava com ele. Remnants? Assustadores. Espectros? Assustadores. Fantasmas? Não assustadores, a menos, talvez, que você fosse um humano e acontecesse de ver um em um cemitério. Ou se fosse uma criança e um fantasma gritasse, "Boogie woogie woogie*!" enquanto aparecia de baixo da sua cama.

**Uma música americana de assustar crianças, que fala sobre um homem que fazia mal a elas.*

"Há aqueles da minha espécie que são mais poderosos que outros," Fabian insistiu. "Por que você acha que humanos que não são psíquicos têm sido capazes de verem fantasmas? Por que alguns são pegos em filmes ou gravações de voz? Por que alguns até mesmo atacam pessoas, deixando arranhões visíveis e outros ferimentos? Alguns fantasmas são fortes o suficiente para se manifestarem de forma sólida, algumas vezes por várias horas. Além disso, quando você tem quantidade suficiente do meu povo unido em um propósito comum, podemos manifestar energia suficiente para transformá-la em uma arma eficiente."

Eu estava assustada. Dave franziu os lábios com expressão pensativa. A expressão de Mencheres era sua máscara de sempre, mas Vlad olhava Fabian em desafio aberto.

"Se fantasmas podem fazer tudo isso, por que vocês perdem seu tempo assombrando velhas casas e cemitérios ou assustando humanos com ruídos estranhos ocasionais e inúteis pontos frios? Vocês estão desperdiçando seu valor."

"Vlad, chega," eu disse brevemente. Quais quer que sejam seus pensamentos sobre os hábitos peculiares dos fantasmas, Fabian ainda era meu amigo. Eu não ia simplesmente ficar lá parada enquanto toda sua raça era colocada pra



baixo.

Fabian não vacilou perante a dura análise de Vlad. "Você não tem ideia do que é existir entre dois mundos," ele disse, flutuando para mais perto ao invés de se afastar. "Não somos nem vivos nem imortais. Levam-se anos para superar o fato de que apesar de mais de noventa e nove por cento de todos que morrem atravessam para o outro lado, você é deixado pra trás. Anos para aceitar que tudo pelo qual você trabalhou em sua vida se foi e a concha de memória é tudo que resta. Anos para se recuperar de desesperadas tentativas de se comunicar com os entes queridos, só para falhar continuamente porque ninguém espera que os loucos, psíquicos, imortais ou outros fantasmas possam ver você. Anos para aceitar—mesmo que você não entenda o porquê—que vampiros e ghouls irão te tratar pior do que tratam vermes, mesmo que eles sejam tão humanos quanto você."

Fabian avançou novamente, até seu dedo desaparecer dentro do peito de Vlad. "Eu desafio o mais forte de sua raça ou de qualquer outra a dizer que tiveram que conquistar as mesmas dificuldades que meu povo teve que superar. Então pense melhor antes de questionar o valor de um fantasma, ou de julgar aqueles mais novos que ainda estão em processo de se tornarem mais firmes do que qualquer um de carne e osso será algum dia!"

Um silêncio impressionado encheu o ar assim que Fabian terminou. Eu queria romper em desculpas e aplausos ao mesmo tempo, mas eu ainda estava me recuperando do choque de como meu meigo amigo Fantasma-camarada tinha simplesmente descarregado um caminhão cheio de eu-te-desafio sobre um dos vampiros mais assustadores na existência. Até parece que eu iria subestimar a audácia de um fantasma de novo, ou questionar sua força moral. Ser incorpóreo obviamente não era sinônimo de falta de um par de bolas.

Eu não era a única surpresa. Dave estava de boca aberta e Mencheres deu uma olhada em Fabian de um jeito que mostrava que ele o estava vendo sob uma nova perspectiva. Quanto a Vlad, sua expressão tinha mudado de desdém entediado para interesse especulativo enquanto ele olhava para o dedo ainda meio enfiado em seu peito.

"Se houver mais fantasmas como você que podem canalizar a mesma raiva impressionante em algo tangível, então você está certo. Fantasmas seriam uma vantagem valiosa de se ter em uma luta," Vlad disse, inclinando a cabeça.

Fabian reconheceu o gesto com um aceno de cabeça, trazendo o dedo e o resto dele de volta para o meu lado. Eu não bati as mãos com ele – aquilo não funcionava muito bem com fantasmas—mas eu levantei o polegar discretamente para ele. Era importante pra mim defender a ele ou sua espécie.



Eu não teria feito nem a metade do bom trabalho que Fabian fez.

"Tudo bem. Se as coisas forem um pouco mais para o sul com Apollyon, bom saber que podemos potencialmente acrescentar fantasmas em nossa lista de aliados, se Fabian puder agir como embaixador entre seu povo e o nosso," eu disse, trazendo as coisas de volta ao assunto original. "Dave, onde foi realizado essa reunião pouco divertida, afinal?"

Ele fez uma careta. "Você realmente não vai gostar dessa parte. Pelos pedaços de conversas que ouvi, Apollyon é dono de algumas grandes cadeias de funerárias e cemitérios, usando humanos como fantoches para investidores e membros do conselho. A reunião foi atrás de uma casa funerária que faz fronteira com um cemitério. Muitas salas lá e eles tem guardas ao redor da área para manter qualquer um que não esteja na lista de convidados pra fora."

Maldito Apollyon. O merdinha baixinho e careca era esperto. Ninguém iria pensar duas vezes sobre um grande grupo reunido em um cemitério. Eles só iriam supor que alguém rico ou de uma família grande estava sendo enterrado. A maioria das pessoas não visitava cemitérios por motivos alegres, então não era o lugar onde puxar conversa era normal. Sem mencionar que tinha que ser uma pessoa *realmente* grosseira para chegar em um grupo reunido em um cemitério falando "Então, do que estamos falando afinal?"

Vlad soltou uma gargalhada. "Ele encontrou um jeito de ganhar dinheiro com alimentação, sem mencionar ter uma rede de locais seguros para encontros."

"Ganhar dinheiro com... *oh*," eu disse quando o resto do que Apollyon estava fazendo ficou claro. "Ele não está enterrando todos os corpos trazidos pra ele, mas ao invés disso, os está *comendo*?"

"Não só alguns," Dave informou sombriamente. "Muitos. Se você é um membro da linhagem de Apollyon, seja por sangue ou por sociedade através desse grupo extremista, então comida é fornecida a você de graça. Se não for, Apollyon tem um supermercado subterrâneo para ghouls que prefiram comprar sua própria comida do que sair caçando e coletando por isso."

Eu não podia mais vomitar, mas eu achei que podia forçar um a seco. A maioria das vezes, ghouls comiam carne crua de variedade animal, como bife cru ou porco assado. Mas pelo menos umas duas vezes ao ano, eles precisavam acrescentar um pouco de *homo sapiens* em sua dieta para manter sua força. Don fornecia os requisitos extra do regime de Dave de corpos doados para a ciência ou não reclamados em hospitais. Não precisava de muito. Um corpo no gelo cortado em pequenas porções podia durar para um ghoul um ano ou dois, fácil.



Mas tirar dinheiro de famílias sofrendo para enterrar seus entes queridos e então virar e vender aqueles entes como nada mais do que carne gurmê enquanto enterravam um caixão vazio ao invés? Isso era simplesmente... errado.

"Apollyon faz daqueles vigaristas de Wall Street que roubam pensões parecerem amadores," eu disse, balançando a cabeça.

"Falou tudo," Dave murmurou.

"Isso nos dá um novo jeito de tentar localizá-lo," Mencheres apontou, lógico como sempre. "Eu farei alguns ghouls em nossa linhagem começar a investigar lugares onde correm os rumores de vender carne humana. Talvez possamos encontrar um ligado a Apollyon. Nesse ínterim, Dave, me diga onde é essa casa funerária. Quero ir lá."

"Por que?" perguntei. "Tate pode começar a olhar do satélite e grampear as linhas telefônicas e Internet deles pra ver se podemos dar sorte e encontrar Apollyon desse jeito, mas todos nós aparecendo lá é muito arriscado."

Mencheres me deu um sorriso fraco. "Concordo. Por isso que vou sozinho."

"Você já não arriscou sua vida o suficiente pra bancar o herói solitário ultimamente?" Vlad perguntou, fazendo um ruído exasperado.

"Um vampiro tem melhores chances de evitar ser notado do que três," Mencheres observou. "Concordo que tudo que Cat destacou deva ser feito, mas isso não é suficiente. Se eu estiver perto, posso ouvir os pensamentos de qualquer humano que eles possam ter como empregados, assim como sentir o cheiro da área para ver se Apollyon esteve lá—e antes que você me diga que pode fazer todas essas coisas, de nós três, eu estou melhor equipado para escapar caso minha presença seja detectada."

Eu adoraria discutir com ele, mas ele estava certo, e a linha fina da boca de Vlad dizia que ele sabia disso também.

"Quando você está pretendendo fazer isso?" perguntei, olhando para fora da janela. Ficaria escuro em umas duas horas e deveríamos estar cruzando as cenas de bares e clubes como de costume, esperando que Apollyon ou um de seus apoios próximos estivesse com humor pra festa.

"Agora," Mencheres disse, acenando para Dave. "Me direcione."

Dave deu à ele a localização da casa funerária/cemitério e Mencheres saiu sem uma palavra, subindo as escadas para ser armar, eu achava.



"Você nos liga quando tiver terminado, certo?"

"Sim," sua voz flutuou até o andar de baixo.

Dave olhou para seu relógio. "Tenho que voltar. Não quero eles passando no meu apartamento mais cedo e se perguntando por que não estou lá."

Eu lhe dei um último abraço, resistindo a urgência de lhe dizer para ser cuidadoso. Ele era um soldado esperto e durão e ele já sabia disso.

"Vejo vocês em breve" foi o que eu disse para Dave e Fabian, esperando ter soado confiante e não como se fosse uma prece. Fabian pode ser capaz de escapar ileso para nos avisar caso o disfarce de Dave fosse descoberto, mas mesmo na nossa maior velocidade, poderíamos não ser capazes de resgatar Dave a tempo e ele sabia disso.

"Diga oi para Tate e o resto dos rapazes," Dave disse.

"Direi."

Mantive meu sorriso até eles saírem e então ele desabou do meu rosto como uma ponte caída. Vlad se virou, dizendo algo sobre checar com seu pessoal.

Ele não era o único que tinha que fazer uma ligação. Eu suspirei e então peguei meu celular para ligar para Tate e dar a ele a localização do último lugar para colocar sob vigilância—e esperar que ele não tivesse notícias terríveis para relatar sobre minha mãe ou tio.



CAPÍTULO VINTE E SETE.

Eu olhava pela janela, perdida em meus pensamentos, mal notando o borrão de prédios pelo qual passávamos de carro. A maior parte de Memphis foi recuperada da terrível inundação do ano passado, mas aqui e ali, você ainda podia ver sinais da destruição da água. As pessoas tinham superado, apesar de tudo, reabrindo negócios e reconstruindo casas. Fantasmas podem ter provado serem um grupo surpreendentemente duro, como Fabian apontou, mas minha espécie – ou antiga espécie, eu acho – era muito adaptável, também.

Franzi quando Vlad virou a esquina e desceu a longa rua que não parecia nem um pouco perto do bar onde suposto que fôssemos.

“Você não está perdido, está?”

Ele me encarou, um lado da sua boca se agitando em um sorriso dissimulado. “Exploração,” ele disse, pegando a próxima à direita.

Dei uma olhada para o arco feio de aço no final da rodovia e balancei minha cabeça.

“Um cemitério? Concordamos que Mencheres iria procurar Apollyon, não nós!”

“Não estamos procurando Apollyon ou qualquer outro ghoul,” Vlad respondeu da mesma forma. Ele estacionou o mais longe que pode da entrada antes de se virar totalmente para me encarar. “Estamos aqui porque você vai tentar aquele novo truque que você pegou da Marie.”

Por vários segundos, eu fiquei muda, dividida entre me perguntar se eu devia mentir e dizer que eu não sabia sobre o que ele estava falando, ou exigindo saber quem contou a ele. Eu não podia imaginar que Bones diria qualquer coisa para o Tepesh. Eles certamente não eram próximos.

“O que você *acha* que sabe sobre aquilo?” Eu me decidi finalmente, dando-o um olhar severo. De jeito nenhum eu começaria a balbuciar uma confissão, mesmo se ele fosse me perfurar com o antigo olhar sabe tudo do Dracula.

“Eu sei que você não começou a vestir alho e erva apenas para fazer uma demonstração arrojada de moda, e essa sua súbita popularidade com fantasmas não começou até depois que você viu Marie,” Vlad disse, sua boca tremendo. “Não tinha tentado entender isso completamente até essa manhã, quando ouvi você mencionar ser capaz de lidar com ‘o esquisito poder sobre os fantasmas’ da Marie durante aquela indescritível conversa vigorosa com Bones. Então eu entendi o que estava acontecendo. Muito impressionante, ser



capaz de absorver poder dos ghouls, também.”

“Você está louco?” Eu sibilei, olhando ao redor. “E se esse cemitério estiver infestado de pessoas você-sabe-quais e elas te ouvirem?”

Ele bufou. “Não está. Eu sentiria se houvesse ghouls aqui. Eu sou muito mais velho que você, então meu alcance é mais forte. As únicas coisas mortas a cerca de dois quilômetros para qualquer direção são você, eu, e todos enterrados.”

Aquilo me tranquilizou, mas eu ainda me lembrava do aviso que Bones havia repassado da Marie sobre o que aconteceria se nós contássemos para qualquer um que eu bebi o sangue dela. “Não são apenas os mortos ou mortos vivos com quem temos que nos preocupar sobre ouvir,” eu disse, balançando minha cabeça para a janela.

“Se você ver um fantasma, apenas ordene que ele não diga nada,” Vlad respondeu inexoravelmente. “Não pense que não percebi isso, também, Reaper.”

Oh, porra. Bem, o que eu esperava? Apesar da armadura de alho e maconha, alguns deles vinham para mim e eu tinha que os dispensar com uma ordem firme para não voltar. Estando sob o mesmo telhado que Vlad pela última semana, ele tinha que ter ouvido, mesmo que eu tenha tentado manter minhas ordens realmente suaves.

“Isso não pode virar conhecimento geral,” eu disse finalmente.

Vlad deixou escapar uma única risada. “Para usar uma frase da sua geração, *não brinca*.”

“Pensei que essa expressão fosse mais velha que minha geração,” murmurei, mas deixando passar. Vlad sabia e isso era tudo o que importava. Pelo menos ele não era do tipo fofoqueiro, então eu ainda tinha uma chance descente de isso não se espalhar. Mas o que ele queria que eu fizesse estava fora de questão.

“Você não entende o que está me pedindo. Não é tão simples quanto fazer uma sessão espírita. É perigoso.”

Aqueles olhos verdes acobreados se fixaram nos meus. “Eu sei muito bem o que Marie pode evocar, e se agora você também pode, isso pode dar aos vampiros uma vantagem importante se nós formos incapazes de matar Apollyon e prevenir que a guerra estoure.”

“Evocá-los não é o que me assusta,” eu disse, um tremor das lembranças correndo atrás de mim. “Controlá-los quando eles estiverem aqui, ou enviá-los



de volta, esse é o problema.”

“Isso é muito importante para você recusar simplesmente por medo,” Vlad retrucou.

“Você simplesmente não entendeu.” Estendi uma mão para o cemitério para enfatizar. “Aqueles coisas – Remnants, Marie os chama – são como minas terrestres fantasmagóricas, e você está me pedindo para pisar nelas para ver se eu consigo direcionar o raio de explosão! Não é por medo por mim que estou dizendo não. Eles não me machucaram da última vez e provavelmente não iriam novamente. É medo por você se eu fizer e falhar.”

Vlad levantou as mãos. Chamas as cobriram, índigo e laranja se misturando através da pele dele sem queimar um único pelo.

“O poder que eu tenho só é valioso porque eu posso e vou usá-lo. Apollyon está certo; A nova falta de aliança de Marie com os vampiros é uma mudança de jogo, mas agora nós temos a habilidade de atacar a arma mais devastadora da nação ghouls através de você, mas não se você recusar a usar esse poder.”

Eu me lembrei da sensação gelada e devoradora dos Remnants, o redemoinho mental das vozes deles na minha cabeça, e estremeci. “Eu vou usar, ou tentar, apenas como um último recurso. Você não sabe o quão fortes os Remnants são. Eu posso levá-los, perder o controle sobre eles, e terminar assistindo eles comerem aliados e inimigos da mesma forma. Apenas um tolo joga um arriscado passe Hail Mary na primeira parte do jogo.”

Vlad arqueou a sobrancelha de forma insolente. “Não, apenas um tolo tentaria ver se sua melhor arma funciona apenas durante a batalha, ao invés de antes disso.”

“Há dias em que você realmente me irrita, Tepesh,” Eu rebati.

“E há dias em que eu me pergunto como você tem sobrevivido tanto tempo,” ele reagiu. “Você não terá uma chance melhor de testar suas habilidades do que agora. Bones não está aqui, então sua maior preocupação se foi, e você pode arriscar minha vida porque eu aceito o perigo, e porque amigos podem ser raros, mas eles não são insubstituíveis. Agora, vamos entrar no cemitério e começar. Antes que Mencheres nos ligue e nos de um sermão sobre morte prematura pelo quão *imprudente* essa ideia é.

O rosto de Vlad esteve duro como granito durante a primeira parte de seu discurso, mas então seus lábios se curvaram de uma forma quase travessa nessa última frase. Eu estava louca de raiva por seu comentário desdenhoso sobre minhas habilidades de sobrevivência, desanimada com a forma casual que ele supunha que eu reagiria com a morte dele, e divertida por como um



vampiro Mestre de mais de seiscentos anos ainda podia soar como um garoto malcriado planejando passar a perna em sua babá.

"Você consegue ser uma das pessoas mais incomuns que já conheci, e considerando todos os seres estranhos que eu conheço, isso quer dizer muita coisa," consegui falar, balançando a cabeça.

Seu sorriso era descarado. "Se só agora você está percebendo o quanto sou original, Catherine, você está ainda mais atrasada no jogo do que eu imaginava."

"Sua arrogância merece seu próprio código postal, Drac," eu disse, apesar de acabar rindo.

"Você está protelando. Cai fora e vamos começar."

Meu lampejo de bom humor desapareceu sob um ataque de nervos. "Talvez devêssemos esperar por Mencheres. Com aquele poder dele, ele pode ser capaz de ajudar se as coisas saírem do controle—"

"Não quando se trata de qualquer coisa que venha da terra," Vlad me interrompeu. "Magia do túmulo é imune a telecinese de Mencheres. É por isso que ele não pode fazer coisa alguma aos zumbis naquela véspera de Ano Novo exceto pegar uma espada e começar a cortá-los como o resto de nós."

Bem lembrado. Eu nunca tinha me perguntando por que Mencheres não tinha tentado parar aquele ataque com seu poder. Provavelmente porque eu estava ocupada demais pensando, *Put a merda, nós todos vamos morrer!*

E alguns de meus amigos tinham morrido. Pela minha experiência, nada de bom resulta de estar perto de criaturas da sepultura criadas por magia. Isso trouxe a tona uma nova preocupação, uma menos mortal, mas muito mais constrangedora. Pigarreei, desviando o olhar de Vlad.

"Você sabe, Marie disse que não aconteceria de forma tão ruim novamente, mas só pra garantir... se eu fizer isso e seguramente afastar os Remnants, então de repente eu começar a vir pra cima de você, não é minha intenção. É só o efeito colateral de estar conectada a fome dos mortos. Não eu tendo um desejo louco de pular pra dentro das suas calças."

Vlad jogou a cabeça pra trás e caiu na gargalhada. Lágrimas cor de rosa brilhavam em seus olhos antes de ele se controlar para apenas algumas poucas risadas demoradas.

"Garanto impedir qualquer tentativa que você possa fazer de pular pra dentro das minhas calças ou de qualquer outro," ele respondeu finalmente, seus lábios



ainda se contorcendo em um sorriso.

Respirei fundo e então soprei, tentando me concentrar antes que eu desse um pulo para o outro lado, metaforicamente falando. Eu não tinha idéia de como criar os Remnants, mas eu presumi que começaria com tentar explorar a conexão que eu sentia com os fantasmas e trabalhar do meu jeito a partir de lá.

"Você tem certeza de que quer estar perto quando eu fizer isso?" perguntei, lançando um olhar preocupado para Vlad. "Na melhor das hipóteses, você vai se machucar. Na pior, eu não serei capaz de impedi-los de te matar."

Sua expressão era uma mistura de crueldade absoluta e desafio despreocupado, me fazendo pensar se ele tinha parecido desse jeito quando montava nas costas de um cavalo em direção a batalha todos aqueles séculos atrás.

"Eu vivi no fio da navalha da morte a maior parte da minha vida. Guarde seus mimos para crianças, Cat; comigo é desperdício."

Maldito Romeno arrogante sangue-frio. Eu esperava que essas não fossem suas últimas palavras.

"Certo." Comecei a tirar todos os pacotes de alho e maconha que eu tinha enfiado dentro das minhas roupas. "Vamos tentar isso."



CAPÍTULO VINTE E OITO.

Grilos cantavam em uma cadência contínua ao nosso redor, a maioria deles escondida na grama. Mosquitos, apesar de eu poder vê-los zumbindo por perto, deixavam eu e Vlad em paz. Acho que eles não gostavam de sangue imortal, o que, provavelmente, era uma coisa boa. O mundo tinha problemas o suficiente sem multidões de mosquitos imortais sendo acrescentados à desordem.

Vlad descansava sobre uma lápide, silenciosamente me observando. Eu tinha escolhido ir para a parte mais antiga do cemitério, não só porque era mais longe da estrada e de qualquer transeunte a esmo. Era também porque, relativamente irrelevante, eu achava que era mais bonita. As simples lápides em forma de U de cabeça pra baixo e cruces me lembravam dos cemitérios perto de onde cresci. Eles eram o primeiro lugar que eu tentava quando caçava vampiros na adolescência, mas eu nunca encontrei vampiro algum dentro deles. Não levou muito tempo para eu perceber que vampiros costumavam aparecer em lugares onde os vivos se reuniam, ao invés de se cercarem de mortos não comestíveis.

Nenhum outro vampiro ou ghoul deve estar aqui, exceto nós, mas não éramos os únicos seres sobrenaturais espreitando na escuridão. Eu sentia o tremor no ar, suspenso como uma neblina invisível, marcando a presença de energia residual dos fantasmas não conscientes. De vez em quando, uma palpitação mais forte percorria o ar, e eu olhava na direção da fonte de maior força bem a tempo de vislumbrar uma fraca silhueta antes dela desaparecer. Esse cemitério tinha mais do que apenas fantasmas residuais, mas eu me preocuparia com eles mais tarde. Depois que eu descobrisse se poderia fazer o que vim fazer aqui.

"Enquanto eu sou jovem..." Vlad falou de forma arrastada.

"Você não é jovem desde meados de 1400, mais alguns minutos não vão fazer diferença alguma," eu resmunguei, mas então tentei me focar naquele zumbido de energia no ar. Talvez aquela fosse a porta que levava para aonde quer que os Remnants repousavam quando não estavam sendo puxados para essa realidade. Eu tentei baixar todos os meus escudos emocionais, me deixando aberta para a magia de Marie que eu sabia que ainda residia em meu sangue.

Lampejos claros de zumbidos vinham até mim de todos os lados, tão rápido que eu não teria tempo de puxar minha faca mesmo que isso tivesse feito algum benefício. Logo em seguida, eu estava encarando cinco fantasmas, dois deles homens, os outros três mulheres, dos quais um era uma criança. Todos olhavam para mim com expectativa.



"Sim?" perguntou o fantasma com bigode espesso e antiquado, como se estivesse ficando impaciente por eu não ter dito coisa alguma.

"Ah, desculpe incomodá-los," eu comecei a falar, me sentindo muito estranha por causa da garotinha fantasma. Ela tinha uma touca com cordões e um vestido nebuloso que ia até seus pés. Uma camisola, percebi, uma cujo estilo não era comum há cem anos ou mais. Eu nunca tinha visto um fantasma criança antes e isso me deixou insegura sobre como responder. Parecia errado ordenar que a garotinha fosse embora sem uma explicação, especialmente quando eu, provavelmente, a tinha acordado.

Atrás das figuras espectrais, Vlad batia no pulso em um gesto universal para *apresse-se*.

"Eu não quis chamar vocês," eu prossegui, antes que ele falasse algo rude para eles. "Eu estou, hum, aqui por outra coisa. Desculpe ter incomodado vocês. Por favor, voltem para o que quer que vocês estivessem fazendo e não mencionem que estivemos aqui essa noite."

Sem uma palavra, os fantasmas se dispersaram, a garotinha desaparecendo tão rápido quanto os outros. Eu lutei contra o impulso de chamá-los de volta e perguntar se alguém cuidava dela. Nós *tínhamos* um horário e Vlad poderia incendiar minhas roupas se eu comesse a perguntar se a garotinha havia flutuado até aqui sozinha ou sob apropriada tutela espectral.

Mas depois de uns dez minutos lá, de pé, com meus olhos fechados, aberta para a energia sobrenatural que estava no ar e tentando fazer os Remnants aparecerem, eu abri os olhos suspirando.

"Não está funcionando. Nós precisamos tentar outra coisa."

Vlad arqueou uma sobrancelha. "Nós? Eu não posso te ajudar com isso, Cat."

"Sim, você pode," eu respondi, vindo em sua direção. "Coragem, raiva ou luta parecem irromper meus poderes emprestados. Estou nervosa a respeito disso, mas claramente não estou nervosa o suficiente. Então me acerte. Com força. Veja se isso me deixa brava o suficiente para fazer funcionar."

Bones tinha colocado minha habilidade de voar em funcionamento ao me jogar de uma ponte—mas não haviam pontes aqui. Se Vlad e eu tivéssemos uma sessão de socos razoável, aquilo poderia ser não produtivo porque provavelmente eu apreciaria me testar contra o vampiro Mestre. Mas não me defendendo enquanto estivesse sendo socada ia contra todos os meus instintos de lutadora e eu estava apostando que a dor iria, instintivamente, acionar o gatilho da minha raiva mesmo que eu conhecesse a lógica por trás



dela.

Eu estava de pé quando fiz o pronunciamento, mas estava de bunda um segundo depois, meu peito queimando por causa de um soco que parecia ter esmagado todas as minhas costelas. Parecia que Vlad não precisava que eu o persuadissem a deixar o cavalheirismo de lado tempo suficiente para consentir!

O cabelo castanho de Vlad caía por seus ombros enquanto ele se inclinava pra me levantar. "Como você quiser."

Dessa vez eu estava preparada, mas só serviu para que eu ficasse de pé ao invés de cair de bunda quando Vlad proferiu outra marretada direto na área mais sensível do meu abdome. Tecnicamente, golpes no corpo eram mais fáceis de curarem do que uma pancada na cabeça, então ele estava sendo cortês em consideração a isso, mas detalhes técnicos desapareciam na dor explodindo em mim. Pelo menos não era seguida pelo som de minhas costelas se quebrando como da última vez.

"Maldição, isso dói," eu resmunguei, me curvando por reflexo.

Uma bufada desordenou meu cabelo no topo da cabeça. "Achei que não estava procurando por algo que fizesse cócegas."

Assim dizendo, Vlad proferiu outra pancada, dessa vez na lateral do meu corpo. Eu cambaleei pra trás, a raiva queimando.

"Você não pode nem ao menos me dar um segundo pra me recuperar entre um golpe e outro? É um *milagre* que você ainda esteja solteiro, Tepesh!"

"Entretanto, está ficando irritada agora, não está?" ele contestou, sem um pinga de remorso. "Pare de choramingar, Reaper. Eu te vi em batalha. Você pode aguentar coisa pior que isso."

Yeah, bem, em batalha era matar ou morrer, então a adrenalina tomava conta, agindo como morfina para a dor. Isso, por outro lado, simplesmente machucava de todas as formas possíveis. Mas ele estava certo. A dor e a frustração por não me permitir revidar estava me deixando irritada. No passado, isso era um bom sinal quando se tratava de acessar meus poderes emprestados.

"Se isso é o melhor que você pode fazer, suponho que eu terei que fazer," eu disse, para provocá-lo. Eu precisaria de um ataque mais bruto do que esse pra me deixar no ponto e soltando fumaça. "Porém, só achei que você devia saber—Bones bate *muito* mais forte do que você."

Ele deu uma gargalhada antes de outra pancada me enviar voando para uma árvore antes de desabar no chão. Agora doía tudo. Definitivamente eu estava ficando irritada, mas, ainda assim, nada aconteceu, muito menos atividade



Remnant. Ou isso não estava funcionando ou eu tinha que ficar muito mais furiosa, rápido.

Eu me sacudi enquanto levantava a cabeça de repente, observando Vlad se aproximar muito mais devagar do que de costume se ele estivesse lutando de verdade.

"Essa última foi melhor, mas pare de bater como uma garota," eu disse. "Tire a coleira. Só não me bata em nenhuma dessas lápides. Esse é um bom cemitério. Quebrá-las seria desrespeitoso."

Vlad emitiu um som parecido com um suspiro. "Você pediu por isso."

Eu lutei contra minha instintiva necessidade de me defender quando vi seu braço girar. Eu nem se quer me permiti ficar firme, minha cabeça fervilhava com o pensamento de que era muito bom que Bones não pudesse ver nós dois agora, ou ele ficaria furioso.

Então todos os pensamentos ficaram claros em minha cabeça no exato momento em que o punho de Vlad a atingia. Estrelas explodiram em minha mente, seguidas por um lampejo de dor lancinante e escuridão. Quando pude enxergar novamente, eu estava levemente surpresa de que pequenos passarinhos azuis voando em círculos sobre mim não foram as primeiras coisas que vi.

"De novo," eu disse, me perguntando se era realmente possível eu vomitar. Pelo latejar em minha cabeça, podia ser.

A próxima pancada foi no maxilar. Meus dentes estalaram tão fortemente que eu estava surpresa por não os estar mastigando. Sangue pingava de minha boca. Vlad o viu, deu um ligeiro e desprezível dar de ombros que me fez querer socar ele, e levantou o punho para outro golpe.

Ele nunca me atingiu. Eu senti como se gelo passasse por minhas veias enquanto um escudo de corpos transparentes se formava sobre mim, desviando o golpe de Vlad como se eles fossem feitos de diamante sólido ao invés de apenas vapor. Ele os encarou com um sorrisinho de triunfo enquanto o escudo de Remnants formavam uma parede—e então caísse sobre ele.

"Bom, funcionou," Vlad disse por entre os dentes ao mesmo tempo em que seu corpo todo foi coberto por eles. "Arma impressionante. Isso dói... absolutamente por toda parte."

Vozes ecoaram ao meu redor, algumas tão baixas quanto murmúrios e outras em um timbre tão alto que pareciam unhas em uma lousa. Vlad estava certo; obviamente funcionou. Agora vinha a parte *realmente* difícil. Eu os levantei,



mas eu tinha que tirá-los dele. Era difícil me concentrar com eles bombardeando minha mente com mais vozes do que eu podia contar. Se eu tinha alguma esperança em controlá-los, eu precisava usar as mesmas técnicas que desenvolvi enquanto aprendia a evitar que os pensamentos dos humanos me dominassem por completo. *Concentre-se em uma só voz. Sintonize-se nela. Faça com que todo o resto desapareça ao fundo.*

"Vlad, fale," eu lhe pedi. Era melhor ficar concentrada na voz *dele* do que me perder nos infinitos sussurros da sepultura. Eu me levantei, só então percebendo que eu estava no chão devido ao seu último golpe.

"Um tanto ocupado... no momento," eu ouvi em meio ao turbilhão de outros sons.

"Eu preciso da sua voz," eu insisti, trememente convulsivamente. Eu estava com tanto frio. Tão cansada. Com tanta *fome*.

Vlad começou a cantar, as palavras roucas devido a sua dor óbvia. Levei algum tempo para me sentir no controle de mim mesma o suficiente para me concentrar só nele—e para ficar surpresa por Vlad saber a letra de "Run This Town*." Eu afastei esse pensamento e olhei pra ele. Seu corpo todo estava coberto por Remnants e eu tentei ignorar a ligação que eu sentia com eles. A fome fria e voraz que ameaçava me cegar para qualquer outra coisa.

**música de Jay-Z, com participação de Rihanna e Kanye West.*

"Saíam de cima dele," eu disse para as formas sinuosas que se contorciam.

Nada aconteceu. Nenhum deles parou de atacá-lo para olhar pra mim.

"*Saíam* de cima dele," eu repeti, colocando em minha voz todo meu medo do que aconteceria se eles não saíssem.

Ainda assim os Remnants deslizavam sobre Vlad, se enrolando sobre e através dele. Seu corpo se arqueando de um jeito que era familiar demais, mostrando sua agonia mesmo que ele não se permitisse gritar. Chamas saíram de suas mãos, mas os Remnants não se moveram para evitá-las, e nem o fogo parecia fazer algum dano quando caiu sobre eles. *Por que eles iriam?* Minha mente se supria de um aumento de medo. Remnants eram feitos de ar e energia. Duas coisas que nunca antes foram afetadas por fogo.

"Voltem para suas sepulturas *agora mesmo*," eu tentei novamente, dessa vez com desespero em meu tom de voz. Porém, eles nem ao menos diminuíram os movimentos ou pareceram tem me ouvido. Eu os puxei do outro lado, mas assim como eu temia, agora eu não tinha controle nenhum sobre eles. Meu pior cenário estava acontecendo bem na minha frente enquanto eu via Vlad se



retorcer em um esforço inútil para se livrar dos Remnants que continuavam a devorá-lo, ficando mais fortes com sua dor e energia enquanto ele ficava mais fraco.

Então me bateu uma ideia quando eu observava as chamas em suas mãos. Elas fizeram nada para ferir os Remnants, mas elas iriam, com certeza *me* ferir.

"Vlad, me atinja com uma bola de fogo," eu sussurrei. "Eu acho que desmaiar da última vez foi o que cortou minha conexão com os Remnants."

Valia a pena arriscar. Se eu não estivesse mais conectada a eles, talvez eles se afastassem automaticamente para de onde eles vieram. Eu tinha que tentar algo novo. Meus comandos eram inúteis e Vlad não poderia durar muito mais desse jeito.

"Não." Aquela única palavra estava cheia de dor, mas não menos enfática. "Você vai aprender... a controlá-los... se isso me matar."

"Isso *vai* te matar, droga," eu o repreendi com o pânico aumentando.

"Menos reclamação... mais aprendizado," Vlad falou de forma irritada. Então fechou os olhos, como se estivesse me dispensando. "Eu sei, sou delicioso. Nham.... nham," ele murmurou para os Remnants que se alimentavam dele. O fogo continuava a sair de suas mãos, mas ele não enviou nenhuma daquelas chamas em minha direção. O terror e a raiva aumentaram dentro de mim perante a visão dos Remnants se movendo ainda mais rápido através de seu corpo. Eles estavam ficando mais fortes, adquirindo a energia que precisavam para matá-lo, e ele estava permitindo.

"Você vai morrer se não lançar essas chamas em mim! Pense no seu povo!" Eu gritei, ficando mais desesperada quando nada que eu fazia, até mesmo empurrando os Remnants com minhas mãos, parecia fazê-los soltar Vlad.

Com isso, seus olhos se abriram, os olhos brilhando em verde esmeralda tanto em agonia como em determinação. "Eu estou... então *aprenda*," ele falou asperamente.

Gritei por pura frustração. Nada que eu dissesse convenceria Vlad me machucar. Não se ele pensasse que estava protegendo seu povo ao se sacrificar.

Tudo bem. Se Vlad não proporcionasse o golpe que iria me tirar do controle, eu o faria sozinha.

Eu apertei o punho e bati o mais forte que pude do lado da minha cabeça. Eu vi a grama quando cai nocauteada, mas só uma olhada para Vlad mostrou que os Remnants ainda não tinham saído de cima dele. Filhos da puta. Eu precisava



de algo mais duro que minhas mãos.

Uma lápide grande chamou minha atenção, um anjo entalhado na superfície. Eu me desculpei mentalmente para quem quer que aquela lápide cobrisse ao mesmo tempo em que eu quase fiz uma prece aos céus para pedir que fizesse isso funcionar.

Então corri em direção a lápide o mais rápido que pude, com meu corpo curvado, mirando com minha cabeça como se fosse uma bandeira vermelha e eu um touro.

A dor explodiu em minha mente. Ela não foi a única coisa que estilhaçou, a julgar pelos cacos de granito que vi quando abri os olhos. Fui com dificuldade até a lápide para cair na grama do outro lado. Balancei minha cabeça para desanuviar, sentindo o sangue correndo em linhas finas da minha cabeça, e me virei para olhar novamente para Vlad.

Um grito agudo de alívio escapou quando vi que todos os Remnants tinham afastado as cabeças dele. Eles estavam olhando pra mim, o ataque mortal a ele tinha sido suspenso. Vlad começou a se afastar e eles não se moveram para pular sobre ele novamente, mas continuaram me encarando com uma expectativa congelada. Por um momento de surpresa, eu não estava certa do que tinha feito aquilo funcionar. Eu não estava desmaiando; eles ainda estavam todos aqui. Destruir uma lápide com minha cabeça era, de alguma forma, uma palavra mágica para eles? Mas então, quando senti aqueles linhas molhadas caindo sobre meu rosto, eu entendi.

Sangue. Esse era o controle remoto deles. Os Remnants só tinham aparecido depois que Vlad fez meu lábio sangrar, assim como eles só apareceram depois que Marie cortou o pulso com aquela mini adaga em seu anel. Ela deve ter se cortado novamente para afastá-los quando eu não estava olhando. Aquilo teria sido fácil; eu estava olhando com horror para Bones mais do que me concentrando nela. O sangue fresco da minha cabeça era o suficiente para fazê-los parar de mastigar Vlad, mas logo iria se curar como meu lábio tinha se curado. Eu não podia deixá-los se voltar para Vlad novamente. Ele não aguentaria muito mais.

Eu não me incomodei em perder tempo de puxar uma de minhas facas, mas bati minha mão nos restos salientes e afiados da lápide, fazendo outro corte profundo.

"Tudo bem, seus fantasminhas perversos," eu murmurei. "Mamãe diz para voltarem para a cama!"



CAPÍTULO VINTE E NOVE.

Fechei a porta do carro, me encostando nela por um segundo, pensando que se a vida fosse justa, eu poderia subir as escadas e tomar o banho mais longo e mais quente já registrado para ajudar a afugentar o frio que ainda penetrava em cada célula minha. Ao invés disso, estávamos de volta à casa da cidade somente para que eu pudesse trocar de roupa rapidamente. Não podia usar realmente meu disfarce de frequentadora assídua de bar se eu saísse coberta pelo meu próprio sangue.

"Vocês dois voltaram cedo," expressou uma voz seca.

Eu olhei de relance para cima e pude ver Mencheres na soleira da porta da casa. Vlad saiu, fechou a porta com um pouco mais de força do que o necessário e olhou com o olhar cansado para o vampiro egípcio.

"Problema com o carro," ele disse, com uma voz que desafiava Mencheres a fazer mais perguntas.

"Você mesmo está de volta um pouco cedo. Encontrou alguma coisa interessante?" Perguntei, tentando desviar a atenção dele do fato óbvio que eu estava respingada de sangue enquanto o carro parecia e soava bem.

"Nada que Dave já não tenha confirmado," Mencheres respondeu, com um leve dar de ombros.

Eu não suspirei, mas senti como se tivesse. Acho que era demais esperar que o endereço de Apollyon estivesse pintado com spray tipo grafite em uma das paredes como um gesto de conciliação do Destino depois da noite que tivemos—e ainda era cedo, para os padrões dos vampiros.

"Não fique desapontada, Cat. Eu não esperava encontrar alguma coisa. Não é por isso que fui," Mencheres disse, abrindo a porta da frente para nós.

Ergui a sobrancelha, mas fui para dentro, esperando que essa conversa fosse realizada melhor em algum outro lugar que não fosse o pequeno gramado. Vlad olhou para Mencheres de relance com igual curiosidade, mas também me seguiu para dentro. Assim que a porta foi fechada, olhei para o sofá com cobiça, mas fiquei de pé.

"Você vai nos dizer por que foi então?" Perguntei.

"Porque mesmo que eu não esperasse encontrar alguma coisa nova, seria tolice não ter certeza," Mencheres disse. Ele se encostou no batente da porta, a imagem da indiferença. "Além do mais, se eu não tivesse saído, então você não teria tentado exercitar seus novos poderes, teria?" ele acrescentou.



"Você *sabia?*" Eu falei em tom de surpresa, sem ter certeza do que me surpreendia mais; o fato de Mencheres estar obviamente ciente de que eu tinha a habilidade ou que ele havia me deixado tentar usá-la sem contar para o Bones. "Você, hum, sabia por que viu?" Seria ótimo se suas visões estivessem de volta com força total novamente...

O olhar que Mencheres me deu—e Vlad também, percebi—foi penetrante. "Não. Mas eu também te ouvi essa manhã, então eu não precisei de uma visão para prever o que Vlad faria se vocês dois fossem deixados sozinhos tempo o suficiente. Às vezes natureza das pessoas pode ser muito mais reveladora do que as visões."

Vlad riu. "Seu cachorro espertalhão, você armou pra mim! Eu aqui pensando que estava levando vantagem sobre você, mas na verdade, você estava jogando comigo como uma peça de xadrez."

Mencheres lhe lançou um sorriso cheio de travessura. Eu olhei fixamente, nunca tendo visto o mega-Mestre vampiro, normalmente reservado, com tal expressão travessa e provocativa.

"Você se esquece, Vlad, que fui eu quem o treinou na arte de enganar e de ser dissimulado. Talvez em mais alguns poucos séculos você seja capaz de passar a perna em mim, mas não ainda."

Então ele focou a atenção em mim e sua expressão voltou a sua seriedade normal. Você foi obviamente ferida tentando, mas funcionou?"

Olhei rapidamente para Vlad antes de falar, notando a curvatura de seu lábio que dizia que ele preferia não enfatizar o quanto tinha funcionado bem.

"Oh sim. Sangue é a chave. Eu devia saber, certo? É sempre sangue com os imortais. Vampiros precisam dele para se alimentarem e serve de instrumento com os ghouls, porque um coração ghoull transplantado pode ser o passo dois para criá-los, mas é o sangue de vampiro antes e depois da morte que são os passos 1 e 3."

E pelo sangue foi como Marie havia conseguido seus poderes em primeiro lugar, como uma Mambo cujos poderes se tornaram permanentes quando ela foi transformada em uma ghoul. Revendo o passado, parece óbvio que o sangue devia ter sido a primeira coisa que eu tentasse.

Então mais uma vez, minha lógica chamou a atenção, Vlad também não tinha pensado nisso e ele tem consideravelmente muito mais experiência com sangue do que eu. Talvez eu devesse parar de me cobrar tanto e simplesmente aceitar que somente observando o passado foi possível entender



e não por ter conhecimento antecipado.

"Agora sabemos que posso fazer isso, mas eu me sinto um bagaço," prossegui. "Estou com tanto frio que meus dentes estariam batendo se ainda pudessem. E estou com tanta fome que vocês dois estão começando a parecer muito, muito bons."

O lábio de Vlad se curvou. "Essa é a parte onde devo te lembrar que isso é só o poder remanescente falando e que você realmente não quer trair Bones?"

"Não esse tipo de fome!" eu exclamei, esbugalhando os olhos por Vlad ter pensado que eu tivesse feito uma observação casual de que queria que ele e Mencheres fizessem sexo a três comigo. "Eu quis dizer fome do tipo de beber o sangue de vocês. Não fome de... você sabe."

Sem pensar, passei o olhar pelas áreas em questão antes de pular fora assim que percebi o que eu estava fazendo. Então minhas bochechas realmente latejaram de vergonha enquanto Vlad soltava uma risada longa e sincera. Mencheres, mais cortês, fingiu de repente encontrar algo fascinante no batente da porta, mas eu vi os lábios dele se curvarem em um sorriso.

"Minha querida Reaper," Vlad disse, ainda rindo. "Você simplesmente fez um exame minucioso dos nossos—?"

"Não!" Interrompi sem pensar, quase disparando em direção a escadaria. "Estou cansada e ainda confusa por causa dos Remnants e... foda-se, vou tomar um banho. Quero dizer, não um banho frio, porque eu não preciso disso"—oh Jesus, eu só estava piorando as coisas—"porque eu já *estou* fria, e eu preciso ficar quente. Quero dizer, me aquecer. Oh, apenas cale a boca!"

Com isso Vlad continuou a rir o tempo todo em que subi as escadas. Pelo menos ele parecia estar de melhor humor depois de sua experiência de quase-morte, ainda que sua nova animação fosse as minhas custas. Romeno arrogante. Mas considerando que fui responsável pela recente luta de Vlad com a morte, talvez ele merecesse um pouco de zombaria masculina. Considerando todas as coisas, sua provocação era o mínimo que eu podia suportar para fazer as pazes com ele.

Quanto a Mencheres, bem, espero que ele tenha contado como se ficássemos quites. Ele tinha me visto antes usando menos do que minha roupa íntima, então se as coisas fossem justas, eu mereci aquela olhada.

Além disso, tinha que ser nada mais do que uma manifestação de "sentimento súbito" do poder do qual Marie havia prevenido Bones. Em sã consciência, eu nunca olharia para os volumes de Vlad ou—Deus me ajude!—de Mencheres.



E nenhum dos dois estava usando calças apertadas, então, de qualquer maneira, não é como se eu pudesse discernir qualquer coisa específica.

Assim que cheguei em meu quarto, entretanto, não pulei direto para o chuveiro. Eu peguei meu celular, alfinetadas da consciência ainda me incomodando.

"Bones," eu disse assim que ele atendeu. "Eu sei que acabei de ver você essa manhã, mas, uau, eu realmente sinto sua falta!"

Três dias depois, eu estava no sofá, coçando meu gato em seu ponto favorito atrás das orelhas, quando um fraco zunido no ar me fez olhar para cima. Eu estava ficando melhor em reconhecer os sinais que denunciavam que um fantasma que era forte o suficiente para atravessar meu fedido campo de força de maconha e alho, estava prestes a aparecer por perto.

"Visitante," eu anunciei, meu novo jeito de alertar Vlad e Mencheres para pararem de dizer qualquer coisa possivelmente incriminadora. Para o meu conhecimento, minha ordem de silêncio para os outros fantasmas tinha funcionado antes, mas não há necessidade de tentar o destino falando besteiras sobre qual bar iríamos essa noite.

Não que isso realmente importasse. Não tínhamos visto evidência de nenhum ghoul fanático desde a noite no drive-in. Talvez alguns do grupo estarem desaparecidos tivesse assustado os outros ghouls a ponto de evitar redutos populares. Ou talvez o motivo de não termos visto nenhum deles ultimamente era muito mais simples. Todos os servos de Apollyon estavam sendo supridos com comida, então eles não precisavam sair para caçar. Porém, continuamos saindo noite após noite. Dave disse que Scythe e o bando de ghouls que o atraiu para seu grupo ainda estavam aqui. Eles tinham que aparecer em algum momento.

Uma forma opaca passou pela porta momentos depois, ainda muito indistinto para eu decifrar qualquer característica específica. Então aquele esboço de nebulosidade se fixou em um homem de cabelo castanho e costeletas do início do século XX.

"Fabian!" eu disse, minha felicidade inicial substituída pelo medo quando vi o horror em sua expressão. "Dave está bem?" eu perguntei imediatamente.

"Por enquanto," o fantasma quase suspirou. "Mas ele está pensando em fazer algo muito tolo."

Eu me levantei, meu gato chiando por ser empurrado do meu colo. "O que?"



"Se deixando ser pego espionando," Fabian respondeu.

Mencheres e Vlad vieram descendo as escadas. Olhei pra eles de forma sombria, já começando a calçar minhas botas. "Precisamos ir buscar Dave agora," eu disse a eles.

"Ele está pretendendo fazer isso na próxima hora?" Mencheres perguntou, colocando uma mão em meu ombro para me acalmar.

"Acredito que não." Fabian me olhou de forma desamparada. "Dave não sabe que estou contando para você. Ele me fez prometer não contar, até que ele fosse pego. mas eu jurei a você que o protegeria e eu não poderia trair esse voto, embora agora eu esteja traindo ele ao te contar."

"Você *não* o está traindo, você o está salvando," eu respondi com toda a ênfase de inúmeras decisões ruins do passado. "Às vezes, as pessoas acham que não há outra opção além de se sacrificarem, mas isso não significa que elas estejam certas. Agora, por que Dave, de repente, acha que precisa pular em uma granada por nós? O que aconteceu?"

"Ele foi levado a uma reunião não programada na noite passada onde Scythe disse a todos que estava partindo de Memphis porque seu trabalho aqui estava terminado. Ele encorajou seus seguidores a permanecerem aqui, se mantendo fiel as suas crenças, porque em breve, o movimento deles iria se espalhar o suficiente para que pudessem agir abertamente contra os vampiros."

"Merda," eu lamentei, e Vlad resmungou concordando. A cada nova cidade em que esses ghouls iam, eles continuavam a infectar outros com seu ódio. Scythe deve ser alto na organização de Apollyon, mas ele não estava sozinho em seus esforços para espalhar a paranóia de seu líder. Pior, não sabíamos em qual área esses grupos escolhiam se estabelecer até que pilhas de corpos de vampiros apontassem o caminho, e então, já era tarde demais. O velho ditado de que o melhor ataque era a melhor defesa não me consolava muito quando se tratava de um jogo onde as apostas eram altas assim.

Eu não sabia o que a definição de Scythe para "em breve" era tanto quanto uma revolta aberta. Para os imortais, "em breve" podia ser semanas, ou uns poucos anos até uma década. Mas qual quer que fosse o tempo, eu não podia permitir que ele e Apollyon alcançassem o objetivo. Dave também sabia como aquilo seria perigoso, por isso que ele estava considerando algo tão arriscado como se fazer ser deliberadamente pego.

"Dave está apostando ser levado para um interrogador que deve saber onde Apollyon está. Então quando você contar para mim, Mencheres e Vlad onde ele está, nós chegamos a tempo de salvá-lo e prender os bandidos, certo?" eu



perguntei.

O fantasma assentiu miseravelmente. "Sim."

Vlad juntou as sobrancelhas pensativo ao mesmo tempo em que eu repreendi, "De jeito nenhum."

"É um risco aceitável," ele insistiu calmamente.

"Não, não é, porque provavelmente eles simplesmente cortariam a cabeça de Dave e fugiriam antes de perguntar qualquer coisa a ele," eu revidei. "O pessoal de Apollyon não precisa de respostas de Dave. O que eles já não sabem? Eles sabem que estamos atrás deles, eles *acham* que sabem onde Bones e eu estamos... eles não têm motivo para manter Dave vivo tempo o suficiente para o salvarmos. Se Dave não fosse tão idiotamente nobre, ele teria percebido isso."

Vlad deu de ombros. "Então Fabian devia voltar e dizer a Dave para começar sua confissão com o fato de que não é realmente você com Bones em Ohio. Isso deve despertar o interesse deles o suficiente para quererem saber mais."

"Ainda é muito perigoso," eu falei por entre os dentes.

O olhar de Vlad ficou severo. "Uma vida arriscada para salvar milhares não é perigoso demais. Se você é fraca demais para ver isso, então você não tem serventia em ser responsável por qualquer uma das vidas abaixo de você na linhagem de Bones e Mencheres."

"Verdade?" fiz um gesto expansivo com a mão, indicando a sala por completo. "Então por que você não está com esses ghouls que queriam explodir minha cabeça como um ataque preventivo para pôr fim a guerra antes dela começar? Eu sou somente *uma* vida, afinal de contas. Minha morte não tiraria muita força da máquina de guerra de Apollyon?"

Vlad avançou, luz verde saindo de seus olhos enquanto ele me agarrava. "Você é minha amiga," ele disse por entre os dentes. "Eu não tenho muitos amigos, porém não suponha nem por um momento que eu não sacrificaria você se eu realmente sentisse que era o melhor jeito de impedir essa guerra de começar."

Ele me soltou tão abruptamente que meus ombros ainda doíam pela forma que ele me segurou. "Mas eu acredito que Apollyon seguiria em frente sem levar isso em consideração," ele prosseguiu, se virando para se afastar de mim. "Ele somente iria alegar que você não estava realmente morta, que era um truque. E além disso, agora você é de muito mais utilidade para a nação dos vampiros com essa sua mais recente... habilidade."



Eu encarei Vlad. Ele estava de costas para mim, o cabelo escuro ainda balançando por seus movimentos rápidos. Não era sua frieza declarada sobre minha vida ou a vida de Dave que me deixou triste enquanto eu olhava para ele. Era porque nem mesmo centenas de anos depois da perda de uma vida que tinha reconhecidamente o devastado, Vlad ainda não conseguia admitir que sacrificar uma vida devia ser sempre o último recurso. Não a primeiro opção mais fácil.

"Se não houvesse outro jeito, eu concordaria que essa coisa com Dave valia o risco. Mas não olhamos para todas nossas opções ainda, então eu digo não. E se você ainda não pode ver o valor de uma vida, então, talvez, você devesse repensar sobre ser responsável por todas as vidas abaixo de você em sua linhagem," eu contestei de forma calma, mas com uma vontade de aço.

Vlad se virou, me olhando de um jeito que poderia ter me jogado vários passos pra trás. Não jogou. Eu sustentei seu olhar de forma igualmente dura. O inferno que eu ia vacilar ou me desculpar quando eu sabia que estava certa.

"Você vai entender sobre sacrifício muito mais quando for mais velha" foi o que Vlad resmungou depois de um longo tempo de silêncio.

"Não é sacrifício se não significar alguma coisa, e se a vida de um amigo não é preciosa pra você, então não há perda envolvida em oferecê-la," eu reagi.

Ele desviou o olhar para a minha direita, onde Mencheres observava nós dois com uma expressão indecifrável. Se eu o julgasse pelas ações passadas, eu sabia que Mencheres era impiedoso o suficiente para concordar com Vlad que arriscar Dave era aceitável sem se incomodar em olhar para outras opções primeiro. Inferno, se ele quisesse, Mencheres podia me forçar a ficar bem aqui, esperando de forma desamparada enquanto Dave dava aquele passo final. Um golpe de seu poder telecinético e eu seria incapaz de me mover, sem falar em deixar a casa para ajudar meu amigo.

Claro, um golpe do *meu* novo poder emprestado e eu podia dar a Mencheres todo um novo tópico para considerar. Eu emparelhei o olhar com o vampiro Mestre, vendo pelo fraco estreitamento de seu olhar que ele sabia o que eu estava pensando. O pequeno espaço entre nós parecia aumentar para uma estrada longa e ameaçadora enquanto nos encarávamos um de cada lado da sala.

Minhas presas deslizaram para fora, ocultas pelos meus lábios, suas pontas afiadas tocando a beira da língua. Um toque e eu podia evocar os Remnants com meu sangue, fazendo tanto Vlad quanto Mencheres incapazes de me impedir de chegar até Dave. A pergunta era, Mencheres podia me envolver com seu poder rápido o suficiente para evitar aquele pequeno movimento? E



mais importante, eu queria usar os Remnants como uma arma contra meus amigos, mesmo que fosse para ajudar outro amigo?

Depois de um tempo, Mencheres me deu um pequeno sorriso, inclinando a cabeça. "A vida de um amigo realmente é preciosa demais para arriscar a menos que seja um último recurso. Nós impediremos Dave de fazer isso enquanto exploramos outras opções."

Eu ainda continuava tensa. Era um truque? Se eu retraísse minhas presas, Mencheres lançaria seu poder sobre mim enquanto sorria sobre o quanto eu era ingênua?

Obviamente Vlad não achava que era um truque. Ele emitiu um rosnado frustrado. "Kira te deixou mole."

"Ela abriu meus olhos," Mencheres refutou friamente. "E você, meu amigo, reclama demais. Antes de você saber sobre a nova *habilidade* dela, você podia ter pego Cat e a matado com testemunhas adequadas de vampiros e ghouls. Então Apollyon não seria capaz de refutar sua morte. Bones te mataria em seguida, e eu ficaria furioso com você, mas seu povo seria protegido e a guerra protelada. Então se você realmente acreditasse que a vida de um amigo não era preciosa o suficiente para proteger, você não estaria aqui me olhando com cara feia agora."

Vlad resmungou algo em uma língua que não reconheci. O que quer que fosse, não soava como "Muito bem, senhor!" e o olhar furioso que ele lançou para o outro vampiro avisava que Vlad podia entrar em combustão a qualquer momento.

"Aww, quem é realmente o molenga agora?" eu o provoquei, sentindo o medo vazar de mim. Seria duro, verdade, mas encontraríamos outro jeito de derrotar Apollyon, Scythe e os outros militantes odiosos abaixo deles. Bones não tinha me dito repetidamente no passado que *sempre* havia outro jeito?

"Na verdade, Reaper, pensar na sua morte não está me incomodando nem um pouquinho no momento," Vlad rosnou.

Eu ignorei. Ele podia tirar as calças e pisar em cima o quanto quisesse, mas Vlad continuava provando que só era brutal quando as circunstâncias exigiam. Apesar de sua reputação assustadora, lealdade era a característica mais forte em Vlad, não a crueldade. Eu me virei para Fabian, que ficou em silêncio por um bom tempo.

"Primeiro, vamos pegar Dave. Então"—olhei de relance para Mencheres—"você e eu vamos nos reunir com nossos parceiros, porque com Scythe e o



bando saindo de Memphis, não há motivo para ficarmos mais aqui."

Eu tinha calçado as duas botas e estava ocupada as enchendo—e outras partes de mim—com armas quando meu bolso vibrou de um jeito familiar. Peguei o celular, atendendo, "Sim?" sem me incomodar em olhar quem estava ligando.

"Cat."

Ele só disse meu nome, mas algo na voz de Tate me fez congelar tão abruptamente quanto se Mencheres tivesse liberado seu poder em força total sobre mim.

"É o Don?" Eu perdi o fôlego, meu peito se apertando de uma forma dolorosa. *Não pode ser. Eu falei com ele há dois dias atrás!* Minha negação gritava.

"Sim," Tate respondeu brevemente, mas seu tom de voz era tão doído quanto o meu. "Vá para o escritório de segurança da Marinha em Memphis. Um helicóptero está esperando por você."

Tive que engolir duas vezes antes de poder responder. "Estou a caminho."

Eu encerrei a chamada com os dedos sem força, olhando para cima para ver o olhar sombrio e com compaixão de Mencheres. Obviamente ele tinha escutado a chamada.

"Vá," ele disse. "Vlad e eu vamos buscar Dave e a encontramos lá."

Vlad fez um curto aceno confirmando. Eu parei de amontoar armas e fui para o andar de cima. Na penteadeira estava meu anel de diamante vermelho. Ele era tão característico que não fui capaz de usá-lo enquanto estava fora caçando ghouls, mas o coloquei agora, sendo confortada por seu peso familiar. Então agarrei a caixa de transporte de animais. Eu sabia que não ia voltar e além do meu anel de casamento e do meu gato, qualquer outra coisa podia ser substituída.



CAPÍTULO TRINTA.

Você vai chegar lá a tempo.

Eu repetia isso pra mim mesma o caminho todo no carro e no ar. Mesmo que o complexo não fosse longe—só do lado oposto do Tennessee, de fato—eu estava rígida de medo de que eu podia, realmente, estar muito atrasada. O helicóptero pousou pouco depois de duas horas depois da ligação de Tate. Só um tique-taque do relógio, considerando todas as coisas, mas ainda parecia que os segundos se arrastavam com desrespeito impiedoso a minha urgência.

Um vampiro esperava por mim no telhado, o cabelo escuro esvoaçando pelas pás do motor. Não era Bones, apesar de eu ter ligado e ele estar a caminho. Era minha mãe que, sem palavras, pegou minha mão quando pulei pra fora do helicóptero, mantendo o ritmo comigo enquanto eu irrompia pra dentro do edifício. Meus escudos mentais estavam erguidos o mais alto que eu consegui manter, porque eu não achava que poderia aguentar se ouvisse um pensamento casual me dizendo que Don já tinha morrido. Eu nem ao menos ousava olhar para minha mãe enquanto íamos direto para os elevadores, sem falar em fazer a pergunta que queimava um buraco em minha garganta. Eu estava com tanto medo de qual seria a resposta.

"Ele ainda está vivo, Catherine," ela disse calmamente.

Eu sufoquei o soluço de alívio que ameaçava sair, conseguindo acenar com a cabeça enquanto lágrimas borravam minha visão. As portas do elevador se abriram e eu entrei, parte de mim registrando que a última vez em que estive em um elevador foi quando sofri a emboscada dos ghouls no Ritz.

"É o câncer piorando ou aconteceu alguma outra coisa?"

Algo *melhor* deve ter acontecido, eu acrescentei silenciosamente. Eu tinha ligado para Don dia sim dia não para saber dele, também tive atualizações regulares sobre sua saúde por Tate. Ninguém sequer insinuou pra mim que ele estava piorando. Se Don estivesse piorando constantemente nas últimas semanas e todos tivessem mentido pra mim sobre isso, eu iria parar de falar com cada um desses malditos, incluindo minha mãe.

"Ele teve um ataque cardíaco há algumas horas atrás."

Fechei os olhos, absorvendo a onda de dor como ela veio. Ataques cardíacos era letais o suficiente por si só. Acrescente um a saúde já arruinada de Don e eu sabia o que aquilo significava.

Dedos frios apertaram os meus. "Ele ainda está se aguentando," ela disse. "Ele



também sabe que você está vindo."

"Ele está acordado?" Eu estava surpresa, mas de que outra forma ele podia saber que eu estava a caminho?

Ela olhou para o chão, se mexendo desconfortavelmente. "Ele estava da última vez que o vi."

Mesmo em meio ao meu medo, preocupação e sofrimento, eu pude notar um sinal em sua voz que eu reconhecia bem. Defensiva. As portas do elevador se abriram no segundo sub nível onde era a Ala Médica, mas eu não me movi.

"O que você não está me contando, mãe?"

Ela soltou minha mão para fazer um gesto em direção a caixa de transporte de animais. "Não é esterilizado para um animal estar no mesmo quarto com Don. Todo esse pelo. Eu posso levar seu gato para seu antigo escritório enquanto você—"

"O que você não está me contando?" Eu repeti, batendo uma mão na porta do elevador quando ela começou a fechar.

"Crawfield."

As cabeças de nós duas se instigaram, mas o olhar azul índigo de Tate era só para minha mãe enquanto ele se aproximava do elevador.

"Saia desse andar, Crawfield. Eu te disse para não se aproximar cem metros de Don novamente. Cat." A voz de Tate ficou mais suave. "Venha comigo."

"Não até alguém me dizer o que está acontecendo, e como nós todos sabemos, estou com pressa," eu rosnei. Minha mãe estava proibida de se aproximar cem metros de Don? Que inferno tinha acontecido?

"Ela violou diretamente as ordens médicas de Don," Tate disse, seu olhar agora brilhava verde esmeralda para ela.

"E ele estaria morto agora se eu não tivesse!" Minha mãe parou de olhar para Tate para me olhar de forma suplicante. "É o único motivo pelo qual eu dei a ele o sangue—"

"Que você não tinha o direito de fazer. Você sabia que ele tinha uma ordem de não ressuscitar," Tate repreendeu.

Lágrimas novas encheram meus olhos quanto eu juntei as peças do que aconteceu pelos fragmentos em seus argumentos. "Don tinha um 'não ressuscitar' em suas ordens médicas, mas você deu a ele um pouco do seu sangue quando ele teve o ataque cardíaco para trazê-lo de volta?" eu falei com



a voz rouca, olhando para minha mãe através de uma névoa rosa.

Ela baixou o olhar. "Eu sabia que você iria querer vê-lo uma última vez."

Eu soltei a caixa de transporte de animais para envolvê-la em um abraço apertado, ouvindo seu "oof" surpreso ao mesmo tempo em que Tate emitia um ruído aborrecido.

"Você pode abraçá-la o quanto quiser, mas ela está suspensa indefinidamente, então saia desse andar, Crawfield, antes que eu te jogue pra fora."

Eu a soltei para me virar para Tate. "Você não pode parar de ser um filho da puta nem ao menos sob essas circunstâncias? O que há de errado com você, Tate!"

Minha voz estava alta. A equipe médica parou suas atividades para olhar na nossa direção antes de, rapidamente, voltar ao que estavam fazendo.

"Vou levar seu gato para seu escritório como eu disse," minha mãe murmurou, dando um passo pra trás para dentro do elevador e apertando o botão para fechar.

Tate pegou meu braço, me guiando pelo corredor, e foi só porque eu não sabia se Don estava acordado e podia nos ouvir que não o mandei voando ao longo do chão esterilizado.

"Indiferente das circunstâncias, ela desafiou ordens," Tate afirmou, mantendo a voz baixa. "Se ela quer estar no time, então ela precisa aprender a obedecer ordens mesmo que discorde delas."

"Algumas coisas são mais importantes do que *ordens*," eu chiei, parando antes de chegarmos muito perto do quarto do meu tio. "Don pode ser nada mais do que um chefe pra você, mas ele significa um pouco mais que isso pra mim. Pelo menos minha mãe reconheceu isso, mesmo que você se recuse a fazer o mesmo!"

"Não se atreva," Tate sussurrou, chegando mais perto até estarmos nariz com nariz. "Não se *atreva* a ficar de pé lá e fingir que você é a única perdendo um membro da família aqui. Eu cresci passando de lar adotivo em lar adotivo até fazer 18 anos e me juntar ao exército. Passei os cinco anos seguintes tentando esquecer tudo que aconteceu antes de me alistar. Então Don me colocou debaixo de sua asa quando eu tinha 23 anos. A primeira pessoa a se importar realmente comigo, a se lembrar do meu aniversário e me mandar um cartão. Para se lembrar que nos feriados eu estaria sozinho a menos que ele parasse na minha casa fingindo falar sobre trabalho. Tudo isso foi antes de você nem ao menos o encontrar." A voz de Tate ficou mais grossa com a emoção. "Eu



mataria ou morreria por aquele homem, nunca pense que eu não o faria."

"Então por que você o está deixando simplesmente *morrer*?" eu quis saber, a última palavra se quebrando com a tristeza que espumava dentro de mim.

"Oh, Cat." Tate suspirou, seu corpo todo se inclinando como se algo dentro dele tivesse magicamente esvaziado. "Porque não é minha escolha. É de Don, e ele a fez. Eu não gosto dela, eu não concordo com ela, mas com certeza tenho que respeitá-la."

E você também pairava pesadamente no ar, mesmo que ele não tivesse dito. Eu olhei para o corredor em direção ao quarto do meu tio, ouvindo os bips da máquina de eletrocardiograma que não estavam no ritmo regular que deveriam estar.

"Vou guiar sua mãe até ela aprender que não pode ignorar ordens novamente, mas, Cat..." Tate ergueu a mão como se fosse tocar em mim, então a baixou. "Apesar do fato de que ela não devia ter feito isso, estou contente que você tenha chegado aqui a tempo," ele terminou, desviando os olhos com um brilho em seu próprio olhar.

Minha raiva se reduziu com a mesma brusquidão com a qual sua postura tinha desmoronado. Seria mais fácil se segurar a isso, eu sabia. Mais fácil me precipitar em uma raiva sobre isso e cada outra coisa que Tate já fez para me irritar, mas isso só estaria tentando camuflar meu sofrimento de perder alguém que eu amava. Tate amava Don também, eu sabia disso. Sabia disso mesmo quando eu fiz o comentário de "chefe" antes. Além de mim, Tate era provavelmente o mais ferido no momento, mas ele estava lidando com sua dor do jeito que sempre fez—sendo um bom soldado.

E eu estava lidando com minha dor do jeito que sempre fiz—fugindo dela com negação e raiva. Entre nós dois, eu era a que tinha menos espaço para atirar pedras sobre os mecanismos de defesa.

Devagar, eu estiquei a mão, tocando o rosto de Tate e sentindo a leve barba por fazer que mostrava que ele não tinha se barbeado hoje; muito diferente dos seus hábitos militares com a aparência, autoritários e impecáveis.

"Don te ama também," eu sussurrei.

Então me afastei, deixando Tate para ir para o quarto do meu tio.



CAPÍTULO TRINTA E UM.

Eu sabia o quanto era crítica a condição de Don. Entendia que, se não fosse pela intervenção da minha mãe mais cedo, ele já estaria morto agora. Mas de alguma forma, eu não tinha realmente aceitado que ele estava morrendo até eu entrar em seu quarto e os fragmentos finais da minha negação serem arrancados de mim.

Não era a palidez azulada das feições de Don enquanto ele estava deitado, de olhos fechados, na cama. Não era o traje de hospital que ele tinha se recusado anteriormente a vestir, a máquina de eletrocardiograma que mostrava sua baixa pressão sanguínea de forma chocante ou o pesado cheiro do que, agora eu sabia, era câncer. Não era nem mesmo suas batidas cardíacas irregulares que me levaram para a realidade de que essa era a última vez que eu veria meu tio. Não, era a bandeja de rodinhas no canto do quarto—sem telefone, laptop ou qualquer arquivo—aquilo rasgou meu coração com a dor de mil lâminas de prata.

Você falou com ele há poucos dias atrás! uma voz gritava dentro de mim. Como pôde chegar a isso tão rápido?

Eu afastei o soluço que ameaçava irromper e fui para o lado de sua cama, de forma muito suave passando minha mão por seu braço. Eu estava com medo de perturbá-lo ao saber que eu estava aqui e com medo de ele não saber. Ele estava ligado a uma máquina de eletrocardiograma, mas apesar dos tubos em seu Maris, ele respirava sozinho em aspiradas pequenas e superficiais que não davam a ele oxigênio suficiente, a julgar por sua palidez.

Eu sentei lá em silêncio por meia hora, o observando, lembrando da primeira vez que encontrei Don, todo o caminho até a última vez que o vi antes de agora. Nós tivemos histórias boas e más entre nós, mas os erros do passado desapareceram sob minha crença de que Don sempre tinha tentado fazer o que achava que era certo. Isso não tinha feito dele sempre um bom tio, mas fez dele o que nós todos somos—pessoas falhas que tentam fazer o melhor sob duras circunstâncias. Eu não tinha ressentimentos sobre nosso passado. Só gratidão por ele ter estado em minha vida e um desejo de que ele não tivesse que partir agora.

"Cat." O sorriso mais fraco passou pela boca de Don quando ele acordou e me viu perto de sua cama. "Não achei que conseguiria te ver de novo."

Respirei fundo. Era isso ou eu perderia o poder frágil sobre minhas emoções que me impediam de desabar descontroladamente em lágrimas.

"Sim, bem, você não veria, exceto que ouvi que você está tendo problemas de



obediência com sua nova recruta," eu disse, conseguindo sorrir mesmo que eu sentisse que meu rosto ia se estilhaçar.

Don soltou uma pequena e dolorosa risada. "Acontece que sua mãe obedece ordens do mesmo jeito que você obedecia."

Seu comentário irônico serviu para enfatizar nossa história, intensificando meu sofrimento perante o pensamento de perdê-lo. O único sentimento que meu pai e eu compartilhávamos um pelo outro era de aversão mútua, mas Don encontrou seu caminho para o meu coração mesmo antes de eu saber que era parente dele.

"Você sabe o que dizem sobre o fruto e a árvore," eu respondi. Então minha compostura se rompeu e algumas lágrimas caíram apesar do meu melhor esforço para contê-las.

Oh, Cat, não chore.

Don não disse em voz alta, mas eu ouvi de seus pensamentos tão claramente quanto se as palavras fossem gritadas. A mão dele foi em direção a minha, dando tapinhas antes de fechar os olhos.

"Vai ficar tudo bem," ele sussurrou.

E eu ouvi a outra coisa que ele não disse, mas que ecoou por minha mente com mais clareza do que pensei ser possível aguentar.

Tão contente que a dor vai acabar logo...

"Don." Eu me inclinei para frente, acariciando sua mão de forma suplicante.

"Você disse não antes, mas não é tarde demais se você mudou de ideia. Eu ainda posso—"

"Não," ele interrompeu, abrindo os olhos. "Eu vivi mais tempo do que deveria. Me prometa que irá me deixar ir e que não vai me trazer de volta." *Estou cansado, muito cansado*, seus pensamentos murmuraram.

Um pedaço do meu coração quebrou, mas eu sustentei seu olhar e assenti enquanto forçava as palavras saírem, limpando outra lágrima que escorregava pela minha bochecha.

"Eu prometo."

Boa garota. Orgulhoso de você. Tão orgulhoso.

Eu levantei e comecei a andar para que ele não pudesse ver que mais lágrimas corriam depois de ouvir aquilo dele. Estive em inúmeras batalhas antes, mas



deixá-lo ir necessitaria do tipo de força que eu não sabia se eu tinha.

"Você não sabe o quanto vou sentir sua falta," eu sussurrei, me mantendo de costas para ele, tentando secar as lágrimas que não paravam de vir não importando o quanto eu tentasse contê-las.

Ele gemeu suavemente. "Vou sentir sua falta também." *Te amo, sobrinha. Gostaria de ter te conhecido antes. Não devia ter esperado tanto tempo...*

Um ruído sufocado escapou de mim ao ouvir isso. Eu enfiei as unhas na palma das mãos, esperando que a fraca dor física me distraísse o suficiente para controlar minha enorme angústia emocional. Não controlou. Meu coração se contraiu, doendo por um ferimento que nenhuma quantidade de habilidade de cura sobrenatural podia aliviar.

Momentos depois, eu ouvi passos de botas familiares e senti o poder no ar que eu reconheceria em qualquer lugar. Deus, Bones tinha chegado aqui *rápido*. Isso só martelava em meu frágil controle. Ele tinha vindo rápido porque sabia o quanto devastada eu estaria e eu o amava ainda mais por isso mesmo que isso me lembrasse do quanto eu ficaria ferida quando Don se fosse.

Em seguida Bones estava do meu lado, seu olhar castanho sondando o quarto para assimilar tudo em um instante, braços firmes se ergueram para me puxar para ele. Eu me permiti alguns preciosos segundos para me afundar em seu abraço, não precisando fingir que eu era forte com ele, antes de me virar para forçar um sorriso animado para Don.

"Olhe quem mais conseguiu chegar."

"Estou vendo." Então uma tosse dolorida se apossou do meu tio. Bones pegou minha mão enquanto seu coração dava ameaçadoras pausas entre as batidas. "Você provou ser um homem melhor do que eu esperava," Don falou com a voz rouca assim que recuperou o controle.

Bones olhou fixamente para meu tio, seu olhar firme e sério. "Você também, velhote."

"Bones e eu conversamos," eu disse, tentando sorrir para que eu não acabasse em lágrimas sabendo que esse era seu jeito de dizer adeus. "Lembra que você se ofereceu para me entregar como noiva? Bem, gostaríamos de levá-lo a isso."

A boca de Don se torceu em um sorriso ansioso antes de suas feições se apertarem, seus pensamentos revelando que mais dor incendiava em seu peito. Eu olhei de relance para a máquina de eletrocardiograma mesmo sabendo o que ela diria. O sangue de minha mãe o trouxe de volta, mas não



seria por muito tempo. Seu coração estava falhando bem em frente dos meus olhos.

"Temo que não estarei por perto para seu casamento, Cat," ele murmurou, os olhos fechados tremendo.

"Sim, você estará," eu disse de forma tão forte que os olhos de Don reabriram e ficaram abertos. "Porque vamos renovar nossos votos aqui e agora."

"Cat." Seu rosto se contraiu com tristeza. "Você estava planejando um grande casamento assim que as coisas estivessem... estabilizadas. Você não tem que arruinar esses planos..."

Ele fez uma pausa para fechar os olhos, sua respiração e ritmo cardíaco caindo por um momento. Mordi o lábio, apertando a mão de Bones até um ruído de algo quebrando me avisasse para aliviar o aperto.

"Essas são dificilmente as circunstâncias certas," meu tio terminou alguns segundos depois, acenando vagamente para as máquinas ao lado de sua cama.

Lembrei de quando eu era uma garotinha e como tinha imaginado como seria o dia do meu casamento. Eu imaginava usar um vestido branco, claro. Imaginava meu avô reclamando de sua gravata como ele sempre fazia quando era forçado a usar uma, e minha avó contestando que sim, que ela estava reta, com aquele pequeno revirar de olhos. Minha mãe estaria lá, sorrindo porque ela estava muito feliz por mim e eu teria amigas que estariam me ajudando a me arrumar para entrar na igreja. Meu buquê seria de rosas e flores selvagens, meu cabelo estaria preso para cima e eu olharia para meu futuro marido através de um leve véu branco que só seria levantado quando fôssemos declarados marido e mulher.

Claro, eu tinha imaginado tudo aquilo antes quando eu não acreditava em vampiros, sem contar descobrir que eu era metade vampira. Bones queria me dar uma versão próxima daquele sonho, de alguma forma sabendo que eu ainda o mantinha, mas a vida que levávamos continuava interferindo em fazer aquela fantasia de casamento branco se tornar realidade.

Meu casamento nunca seria como no sonho de quando eu era criança. Não seria agora também, na ala hospitalar de uma instalação secreta do governo que policiava as atividades dos imortais. Meu casamento tinha sido em uma arena manchada de sangue, testemunhado não por amigos ou família, mas por centenas de vampiros que eu nunca tinha visto antes. Meu noivou não tinha levantado um véu do meu rosto ao pronunciamento do ministro que estávamos casados. Ao invés disso, ele cortou sua mão e a colocou sobre a minha,



jurando por seu sangue que eu seria para sempre sua esposa, caso eu escolhesse aceitá-lo como meu marido.

Esse foi o dia do meu casamento. O oposto exato de tudo que sempre sonhei, mas eu não tentaria substituí-lo com outra coisa. A imagem que eu tinha de mim mesma como criança era de alguém que nunca fui e só recentemente percebi que estava tudo bem ser *quem eu era*. Essa noite pode ter usado um vestido preto de piranha ao invés de um branco e bonito, ou ter sangue em suas mãos ao invés de segurar um buquê, mas nenhuma mulher já foi tão sortuda quanto eu fui no dia em que Bones estendeu sua mão e me declarou como sua esposa.

"Isso não é sobre circunstâncias," respondi, continuando a lutar contra as lágrimas enquanto eu tentava resumir tudo que tinha aprendido recentemente. "É sobre família."

Don não esteve lá naquele dia. Nem minha mãe e meus avós estavam mortos na época. Mas os dois podiam estar aqui para esse. Não era uma cerimônia nova para o meu propósito, mas uma repetição do evento anterior para eles.

"Você fará isso?" eu continuei.

Os olhos de Don ficaram nublados. Através de seus pensamentos eu ouvi o quanto o pedido havia significado para ele mesmo que ele só falasse uma única palavra em resposta. "Sim."

"Tate." Eu me virei na direção da porta, sabendo que ele tinha ficado no corredor esse tempo todo. "Você acha que poderia dobrar as regras para deixar aquela nova recruta desobediente voltar para o andar por um tempinho?"

Ele deixou escapar um gemido; meio rindo, meio incrédulo enquanto ele chegava à soleira da porta. "Jesus, Cat."

"Na verdade essa não vai ser uma cerimônia religiosa," eu respondi com um sorriso fraco, "mas sinta-se livre para oferecer bênçãos de qualquer forma."

O olhar de Tate passou por Bones e então desceu para nossas mãos entrelaçadas. "Desde quando vocês dois se importam com minha bênção?" ele perguntou secamente.

"Eu nunca pedi por ela e não preciso dela," retruquei no mesmo tom. "Mas você é meu amigo, Tate, então eu realmente me importo."

Eu observei seu rosto, esperando para ver se ele pegava o ramo de oliveira que eu estendia, ou o jogava de volta pra mim como tinha feito muitas vezes no passado. Aqueles olhos azuis escuro olharam diretamente para os meus,



emoções saltando de suas feições expressivas como ondas em um lago. Primeiro arrependimento, em seguida determinação e por último, aceitação.

"Espero que vocês sejam muito felizes," Tate disse, as palavras calmas, mas soando sinceras. Então, para minha surpresa, ele se aproximou e estendeu a mão, mas não para mim. Para Bones.

Bones aceitou a mão de Tate e a sacudiu sem soltar a minha; fácil, já que eu segurava sua mão esquerda com a minha direita. Quando eles se soltaram, Tate olhou pra mim, sorriu levemente e disse, "Não se preocupe. Não vou amolar pedindo para beijar a noiva."

Então ele olhou para Don, cujos olhos tinham se fechado durante essa troca, embora eu pudesse ouvir por seus pensamentos que ele não estava dormindo. Seu peito doía demais para ele dormir, e ele tinha uma nova dor irradiando para seu braço que ele reconheceu de algumas horas atrás. Porém, eu sabia qual seria sua resposta mesmo antes de Tate perguntar, "Pronto pra isso?"

Meu tio não sabia que eu podia ouvir seus pensamentos. Não sabia que eu havia pegado cada palavra de seu pensamento de que esse era um jeito muito melhor de morrer do que antes, quando ele estava sozinho, ouvindo só a linha contínua e firme da máquina de eletrocardiograma antes que tudo ficasse preto, então acordasse com Tate gritando com minha mãe pelo que ela tinha feito. Escutei tudo isso e apesar da minha garganta queimar por conter as lágrimas que vieram com crueldade, eu não disse nada. Não fiz nada mesmo que o sangue correndo por minhas veias poderia possivelmente evitar o próximo ataque cardíaco que eu sabia que estava vindo.

Essa era a escolha dele. Eu a odiava—oh, tanto!—porque estava tirando de mim o único pai que já conheci, mas Tate estava certo. Eu tinha que respeitá-la.

"Vamos fazer isso," Don respondeu. Sua voz era áspera por causa da dor, mas o sorriso que ele me deu era genuíno apesar disso.

Tate pegou o telefone do lado da cama de Don, dizendo para quem quer que estava do outro lado da linha para "pegar Crawford, agora, e trazê-la aqui."

Para me distrair de desmoronar enquanto eu ouvia as batidas do coração de Don se tornarem mais irregulares e ouvia sua mente tentar abrigá-lo do aumento do aperto em seu peito, eu comecei a explicar as confusões de uma cerimônia de casamento de vampiros.

"Então, se um casal de vampiros quer se casar—o que é melhor eles terem muita certeza sobre isso, porque com vampiros, é até a morte os separar ou *nada*—é tipo aquelas antigas cerimônias onde as pessoas uniam as mãos



como um laço. Um deles, geralmente o cara primeiro, pega uma faca, corta a palma da mão e então diz..."

Quando minha mãe chegou, eu tinha repetido todas as palavras e descrito meu prévio casamento com Bones, deixando de fora os detalhes mais macabros. Ela olhou para nós quatro com uma leve confusão, mas Tate não deu a ela a chance de dizer alguma coisa. Ele agarrou seu braço e a levou para o corredor, dizendo a ela em voz baixa, para Don não escutar, o que estava prestes a acontecer.

Eu estava feliz pelos olhos de Don estarem fechados de novo, porque isso significava que eu não tinha que lutar contra as lágrimas que irrompiam de mim. Tate gostou da ideia de testemunhar minha renovação de votos a Bones ainda menos do que minha mãe. Porém aqui estava ele, severamente dizendo para ela agir de forma agradável, droga, e não arruinar isso por Don porque ele não tinha mais muito tempo.

Isso era dolorosamente evidente. A respiração do meu tio estava cada vez mais difícil e ele estava pensando que parecia que tinha um carro pressionando seu peito, mas ele era feroz em sua vontade de aguentar tempo suficiente pra fazer essa última coisa. A máquina de eletro começou a fazer ruídos de alerta, como se eu não pudesse dizer por seus pensamentos e suas falhas batidas cardíacas o que estava acontecendo. Mais lágrimas caíram pelo meu rosto em um fluxo constante que molharam minha blusa e manchavam o chão de rosa onde caíam.

Peguei a mão do meu tio, odiando o quanto estava mais fria com a rápida diminuição da circulação e apertei seus dedos gentilmente.

Bones cobriu minha mão com a sua, sua força parecendo transbordar dele para penetrar minha pele. Tal contraste gritante com a mortalidade rapidamente se esgotando de meu tio e o frio se aproximando dos dedos de Don.

"Donald Bartholomew Williams," Bones disse formalmente. Eu me surpreendi com a parte do "Bartholomew". Eu nunca tinha escutado o nome completo de Don antes. *Calcula-se que Bones sabe*, uma parte de mim pensou vagamente enquanto eu tentava suprimir meu soluço devido as constantes falhas nos batimentos cardíacos do meu tio. Bones pesquisou Don extensivamente depois de descobrir que ele era o homem que me chantageou a trabalhar pra ele todos aqueles anos atrás.

"Você entrega sua sobrinha, Catherine, para ser minha esposa?" Bones prosseguiu, roçando os dedos sobre os de Don.



Os olhos o meu tio se abriram, se demorando em mim, Bones e então em Tate, que ainda estava de pé na entrada. Mesmo que eu soubesse quanta dor ele estava sentindo e o esforço que fazia era palpável, Don conseguiu sorrir.

Então sua mão apertou a minha, a agonia soprando através dele que eu ouvi no súbito grito de seus pensamentos. Seu corpo todo se retesou e a boca se abriu em um gemido curto e áspero—o último que ele fez. Os olhos de Don, o mesmo tom cinza que o meu, se revirou enquanto os bipes da máquina de eletro se tornavam um som horrível e contínuo.

Tate atravessou o quarto em um piscar de olhos, agarrando a grade da cama tão fortemente que ela foi esmagada sob suas mãos. Essa foi a última coisa que vi antes de tudo ficar borrado de rosa avermelhado enquanto os soluços que eu contive se libertaram para me dominar por completo.

Porém mesmo com os espasmos do ataque cardíaco fatal, a força de vontade do meu tio provou ser mais forte do que a fragilidade de seu corpo. Ele jurou pra si mesmo que viveria o suficiente para me entregar, e ele não iria se negar a isso, mesmo que eu e Bones fossemos os únicos a saber disso.

O pensamento de Don ao morrer foi uma única e prolongada palavra.

SimmMMM.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS.

Bones segurou a porta aberta e eu entrei no que, tecnicamente, era nossa casa, mesmo que não tivéssemos ficado muito aqui no ano passado. Meu gato não compartilhava minha falta de entusiasmo com nossa chegada. Assim que eu abri a porta de sua caixa, Helsing saltou de sua caixa de transporte para a parte de trás do sofá, olhando em volta com uma expressão que só podia ser chamada de olhos arregalados de alívio.

Para ser justa, ele viveu aqui mais tempo do que nós, do jeito que tivemos que deixá-lo com uma caseira durante meses no ano passado. Ou talvez ele só estava feliz em estar fora da caixa. Eu não podia culpá-lo. Denise tinha ficado presa em uma caixa de carregar animais por horas depois que se transformou em um felino e ela não se lembra com carinho da experiência.

Olhei em volta para nossa sala de estar, pensando que eu devia começar a tirar os revestimentos de móveis do sofá e das cadeiras reclináveis. Ou arrumar um espanador e vários panos, porque, uau, eu podia escrever meu nome na abóbada sobre a lareira ou em qualquer mesa de canto. Mas não fiz nada disso. Eu simplesmente fiquei lá de pé, olhando em volta, calculando mentalmente em qual lugar seria o melhor para colocar Don.

Não nas mesas de canto ou na abóbada; meu gato ocasionalmente saltava por cima delas e eu não queria estar varrendo os restos do meu tio se Helsing, acidentalmente, derrubasse Don. Não na mesa da cozinha; isso seria inapropriado. Não no armário; isso era indelicado. Não no andar de cima no meu quarto; eu não achava que Don precisasse de uma visão panorâmica do que Bones e eu fazíamos lá. Eu também não ia colocar Don em algum dos banheiros. E se o vapor dos chuveiros fizesse ele ficar todo molhado.

"Nada disso vai funcionar," eu disse para Bones.

Mãos se fecharam gentilmente sobre meus ombros enquanto ele me virava pra olhar pra ele.

"Dê para mim, Kitten."

Eu segurei com mais força a urna de bronze que eu tinha segurado o caminho todo desde a cerimônia memorial no Tennessee até nossa casa em Blue Ridge. Deixe estar que meu tio insistiu em ser cremado. Acho que ele não confiava que um de nós não iria arrancá-lo do túmulo se ele se permitisse ser enterrado inteiro. Sem chances disso agora, com as cinzas sendo tudo que restou dele.

"Não até eu encontrar o lugar certo para ele," eu insisti. "Ele não é uma planta



que eu posso simplesmente enfiar em um peitoril perto da luz do sol, Bones!"

Ele virou meu queixo para cima até que eu tivesse que olhar para ele, ou esfregar meu maxilar contra a mão dele em uma exibição de recusa teimosa. Eu escolhi a primeira opção ainda que a segunda fosse mais o que eu tivesse vontade de fazer.

"Você sabe que o que está segurando não é o Don," Bones disse, seu olhar castanho era compassivo. "Você quis trazer seus restos mortais pra cá para que nada acontecesse a eles enquanto estivéssemos viajando, mas isso não é mais seu tio assim como esse casaco não sou eu, Kitten."

Eu olhei para a longa jaqueta de couro que Bones usava, as bordas um pouco desgastadas devido ao uso prolongado. Eu a tinha comprado de Natal para Bones quando éramos namorados, mas não tinha dado a ele pessoalmente. Na época eu tinha ido embora.

"Não, essa jaqueta não é você," respondi, sentindo uma dor muito familiar em meus olhos. "Mas você a puxou debaixo de um armário porque na época, ela era tudo que tinha restado de mim para você. Bem, isso é tudo que tudo que restou do Don pra mim."

Seu polegar acariciou meu queixo enquanto a outra mão deslizou pra baixo até repousar sobre a urna.

"Eu entendo," ele disse calmamente. "E se você quiser, vamos construir um quarto todo novo só para ter um espaço exatamente como você quer para isso. Mas enquanto isso, amor, você precisa deixá-lo ir."

Muito suavemente, ele puxou a urna, sendo fácil pra mim não deixá-lo puxar de minha mão se eu não quisesse. Olhei pra baixo para o pequeno recipiente de bronze e as mãos pálidas—minha e de Bones—que o circundavam.

/sso. Não Don. Eu sabia disso pelo ponto de vista lógico, mas a parte de mim que estava tendo mais dificuldade em dizer adeus para meu tio não queria reconhecer que o que eu segurava era nada mais do que cinzas cercadas por metal. Fazia quatro dias desde que ele morreu, porém eu ainda me sentia como se estivesse me movendo ao redor de um sonho. Até mesmo comparecer a sua cerimônia memorial e dar o louvor* parecia mais surreal do que fixado na realidade, porque Don não podia *realmente* ter morrido. Inferno, eu podia jurar que o tinha visto de relance algumas vezes com o canto do olho, parecendo tão levemente exasperado comigo do que nunca.

**Uma expressão formal de louvor a alguém que morreu recentemente.*

Bones puxou de novo e eu deixei a urna escorregar das minhas mãos para as



dele, piscando para afastar as lágrimas por causa da renúncia que era mais simbólica do que a transferência de um item. Ele se abaixou, roçando os lábios em minha testa e então desapareceu escada acima. Talvez fosse uma boa coisa que Bones estivesse guardando os restos mortais de Don ao invés de eu fazer isso. Com o meu atual estado emocional, provavelmente eu acharia que o único lugar seguro para suas cinzas fosse enfiadas dentro das minhas roupas ao lado do alho e da maconha.

Esfreguei as mãos juntas, notando desoladamente o quanto estavam vazias sem o substituto para meu tio que eu tinha agarrado com força pelas últimas horas. Então enrolei as mangas da minha blusa preta apropriada para memoriais. Eu posso não ter controle sobre muita coisa em minha vida, mas eu podia tirar a maldita poeira dos móveis, pra começar.

Minha limpeza feroz da casa como esforço para me distrair do sofrimento por Don acabou sendo benéfico em mais de uma forma. Mencheres ligou, dizendo que estava a caminho porque tinha informação importante para transmitir. Pelo jeito que Bones disse que ele falou, não era informação importante e maravilhosa, como Apollyon sendo encontrado morto com uma nota de "Feliz Aniversário adiantado, Cat!" presa em seu corpo. Honestamente eu não achava que estava preparada para mais notícias ruins, mas já que a vida não tinha um botão de pausa, pelo que eu sabia, eu ia lidar com as notícias de Mencheres, preparada ou não.

Pelo menos a casa estava brilhando e o cheiro de mofo tinha saído do ar. Claro, isso também podia ser por causa das novas plantas que Bones saiu pra arranjar enquanto eu estava fazendo minha imitação de Martha Stewart. Agora eu era a dona duvidosa de vários bulbos perfumados de alho e algumas fofas plantas de maconha. Eu nem quis perguntar onde Bones tinha arranjado essa última. Farejou e escavou de um campo local ilegal? Ou comprou de um simpático traficante de drogas da vizinhança.

Deus, eu não podia esperar até o efeito do sangue de Marie estar fora do meu sistema. Se eu nunca mais sentisse o cheiro de alho ou maconha, ainda seria muito cedo. A única vantagem da nossa nova decoração era que significava que eu podia tirar os pacotes e não ter dúzias de pequenas bolsinhas porosas debaixo das minhas roupas era um alívio bem vindo.

"Eles estão aqui, Kitten," Bones gritou do andar de baixo.

Eu ainda não tinha escutado nada, mas eu sabia que sua conexão com Mencheres era extraordinariamente aguçada por causa do poder que compartilhavam, por isso, confiei em sua palavra. Eu não teria tempo de me maquiar, mas eu não achava que alguém fosse notar. Ou se importar. Eu tinha tomado banho, estava com roupas limpas e minha casa estava limpa. Essas



eram as três coisas mais importantes quando se tinha visitas.

A menos que essas visitas estivessem com fome, claro.

"Não temos sangue algum," disse para Bones enquanto eu descia as escadas.

Seu olhar passou por mim, parando em certos pontos com apreciação. Meu vestido não era sexy, sendo uma peça de algodão preta, lisa, que ia até os pés e com mangas três quartos, mas ou ele se aderiria aos lugares certos ou Bones estava mostrando os efeitos de uma semana de celibato. Dizer que eu não estava no humor desde que Don morreu era dizer o mínimo.

"Duvido que eles esperem isso de nós," ele respondeu. "Eles sabem que acabamos de chegar."

Certo. E também, essa não era uma visita social. "Provavelmente ele está vindo pra me dizer que precisamos colocar o Plano Dave em ação," eu resmunguei. "Nós devíamos pensar em outro jeito de roubar alguns dos cabeças de Apollyon sem Dave ter que revelar que ele era um espião, mas isso foi ladeira a baixo."

Bones ergueu uma sobrancelha de um jeito que dizia, *Talvez*. Ele tinha ouvido sobre isso. Dave contou a Bones logo depois que Don morreu, alimentado pelo sofrimento para querer ainda mais dar um golpe contra Apollyon, mas Bones conversou com ele sobre isso. Porém, eu sabia que ele achava que a ideia tinha mérito.

Porém, agora eu estava ainda mais contra isso do que antes. Eu tinha acabado de perder meu tio. Não queria perder um bom amigo em seguida e Dave estava cambaleando por causa da morte de Don como o resto de nós, o que fazia ele ser mais negligente. Essa era a fria e dura verdade. Eu me perguntava se meu tio tinha alguma ideia do profundo efeito que tinha sobre as pessoas ao seu redor. Conhecendo Don, eu duvidava disso. Ele não era muito de fazer as coisas visando aplausos.

Um carro subiu a sinuosa entrada para carros nos minutos seguintes, o som quase alto comparado a relativa quietude da floresta ao nosso redor. O isolamento de ter uma cabana em quinze acres de propriedade na montanha foi o que nos atraiu para esse lugar pra começar. Agora que eu podia ler mentes, eu apreciava ainda mais a falta de vizinhos.

"Avô, Kira, bem vindos," Bones disse assim que eles chegaram à porta.

Notei, suspirando mentalmente, a elegante bolsa de couro que Mencheres carregava. Claro que eles iam passar a noite. Ele estava vindo até aqui para entregar informação; seria além da grosseria nós o ouvirmos e então enviá-los



de volta para seu caminho. E mais, provavelmente ele queria montar uma estratégia e eu também não o culparia por isso. Não importa qual agitação pudesse estar acontecendo em minha vida pessoal, ainda havia uma guerra que tínhamos que evitar.

"Oi, pessoal," eu disse, abraçando os dois para compensar pelo meu desejo egoísta inicial de que eles não fossem ficar.

"Sinto tanto por seu tio," Kira sussurrou, me acariciando quando a soltei. "Se há alguma coisa que possamos fazer..."

"Obrigada," eu disse, forçando um sorriso. "As flores que vocês enviaram eram lindas." Todos os arranjos tinham sido, mas eu os enviei para um hospital local depois do memorial. Nenhum dos corpulentos membros do time estava empolgado com a ideia de levá-los para casa e eu não tinha espaço para as dúzias de flores, buquês e coroas.

"Era o mínimo que poderíamos fazer," Mencheres respondeu com sua habitual cortesia reservada. "Lamento ter de impor a vocês nesse momento de tristeza. Entretanto—"

"Tudo bem," interrompi com outro sorriso mecânico. "Eu sei que os bandidos não tiram folga só porque alguém morre. Agradeço por você ter lidado com as coisas nos últimos dias, mas é hora de Bones e eu voltarmos para a confusão."

Eu gesticulei para eles se sentarem, fazendo o papel de anfitriã educada perguntando se eu podia lhes servir algo para beber. Como Bones previu, nenhum deles pediu por uma versão autêntica de Bloody Mary, ao invés disso aceitaram água. Isso, pelo menos, eu tinha de monte.

Mencheres esperou até que eu estivesse sentada para mergulhar no porquê eles tinham vindo. "Eu descobri o que aconteceu a Nadia Bissel," ele afirmou.

Simplesmente olhei pra ele inexpressivamente. "Quem?"

Bones também inclinou a cabeça surpreso. Que bom que eu não era a única que estava perdida.

"A mulher humana que vocês estavam procurando," Mencheres corrigiu. Perante meu olhar ainda confuso, ele suspirou. "Aquela que trabalhava com o repórter que é amigo de vocês e que desapareceu enquanto investigava rumores sobre vampiros?"

"Oh!" Eu disse, a lâmpada finalmente acendendo em minha memória. Eu tinha esquecido tudo sobre ter enviado a foto e informações de Nadia para Mencheres para que ele pudesse circular entre seus aliados, procurando por



uma pista sobre o que aconteceu a ela.

"Ela está morta?" Perguntei conformada. Pobre Timmie. Ele tinha tanta esperança de que ela estava bem.

"Não," Mencheres disse, me surpreendendo. "Pelo contrário, ela está muito bem, de acordo com o que descobri."

"Então por que você tem esse tom de oh-oh em sua voz?" perguntei cautelosamente.

Seus lábios se curvaram. "Meu tom de oh-oh é porque você ressaltou que seu amigo tinha mais do que um interesse platônico em Nadia e ela é agora a amante de um vampiro poderoso que não tem nenhuma intenção em compartilhá-la."

"Oh," eu repeti, com mais ponderação dessa vez. Então, "Amante dele *por vontade própria*?" Alguns vampiros não eram adeptos do conceito "não significa não".

"Amante *dela* por vontade própria," Mencheres corrigiu.

Bem. As chances de Timmie com Nadia acabaram de ir de diminutas para nunca vai acontecer. Eu estava feliz que ela estivesse viva e não sendo mantida contra sua vontade. Considerando que eu achava que Mencheres tinha vindo para dar mais notícias terríveis sobre Apollyon, isso era quase motivo para estourar champanhe, se eu tivesse algum. O coração de Timmie pode estar ferido, mas haviam muitas outras coisas piores que podiam ter acontecido a Nadia. Ela foi a procura de vampiros e aparentemente encontrou muito mais do que apenas prova de sua existência.

"Suas fontes são boas? Não há dúvida de que Nadia esteja com essa vampira por sua própria vontade e não só hipnotizada para ficar?"

"Eu conheço a vampira com quem Nadia está," Mencheres afirmou. "Não seria do feitio de Debra forçar um humano a ficar com ela, mesmo um que tenha descoberto nossa raça. Debra podia facilmente ter mandado Nadia embora sem lembranças de sua descoberta."

"A menos que Nadia seja como eu," Kira disse, com um leve sorriso. "Apagar minha memória não funcionou tão bem pra você quando nos encontramos."

Mencheres emitiu um murmúrio tão temperado de paixão que eu quase tive vontade de desviar o olhar. "Funcionou extraordinariamente bem no fim," ele murmurou para Kira.

A risada suave dela também era cheia de coisas que era melhor deixar atrás



de portas fechadas. Tecnicamente, eles não estavam fazendo nada além de estarem sentados no sofá juntos, mas com ar recém carregado ao redor deles, eu me sentia quase uma voyeur em minha própria casa. Desviei o olhar para minhas unhas, como se tivesse batido uma urgente necessidade de uma manicure.

Pelo canto do olho vi o leve sorriso de Bones. Ele sabia como isso me afetaria, mas o repentino calor vindo dos dois não fez nada para deixá-lo desconfortável, claro. Mencheres e Kira podiam começar a transar como coelhos bem na frente de Bones e ele provavelmente só os alertaria de que o lugar onde eles estavam sentados tendia a virar durante tal atividade.

Se Mencheres e Kira quisessem levar isso para um quarto de hóspedes no andar de cima, eles eram bem vindos a isso, mas se eles fossem ficar aqui em baixo, eu ia ser desmancha prazeres.

"De qualquer forma, nada legal da parte de Nadia desaparecer sem dizer a seus amigos que ela estava bem," eu disse, limpando a garganta.

Mencheres rescindiu a energia que vinha emitindo até a sala voltar a um nível PG-13 ao invés do R encabeçando um NC-17*. "Debra é o que você atribuiria a velha escola," ele respondeu, afastando o olhar de Kira para olhar pra mim. "Ela não iria querer Nadia entrando em contato com pessoas de sua antiga vida, especialmente com aqueles que tinham um interesse em expor nossa raça."

**Siglas de classificação para censura de filmes, onde: PG-13 indica que algum material pode ser inapropriado para menores de 13 anos - nossa censura 12 anos; R indica que menores de 17 anos precisam de acompanhamento de pais ou responsável pois contém material adulto em larga escala, linguagem, tema de violência, sexo e uso de drogas; NC-17 indica filme adulto onde pode ter cenas de sexo explícito, violência excessiva, cenas obscenas ou pornográficas em termos de sexo, linguagem e violência - nossa censura 18 anos.*

Sua antiga vida. Eu quase bufei. Essa era a maldita verdade, porque uma vez que e pessoa se envolvia no mundo dos vampiros, nada relacionado a sua vida seria mais a mesma coisa de novo.

Então olhei de relance para o perfil de Bones, notando seu cabelo cacheado, maçãs do rosto ricamente definidas, sobrancelhas escuras e lábios que eram firmes o suficiente para serem masculinos e carnudos o suficiente para serem pecaminosos. Nada a respeito da minha vida tinha sido a mesma coisa uma vez que eu mergulhei no mundo dos vampiros também, mas olhando para ele, eu não iria querer de outra forma. Eu esperava que Nadia encontrasse pelo menos metade da felicidade em seu relacionamento imortal que eu encontrei



no meu.

"Vou ligar para Timmie, dar a ele a notícia," eu disse, me levantando.

"Pobre sujeito não tem sorte quando o assunto é mulher," Bones apontou.

Eu encontrei seu olhar castanho com meu primeiro sorriso verdadeiro nos últimos dias. "Ele só não encontrou a mulher certa ainda, mas assim que ele encontrar, irá esquecer todas as outras."

Seu sorriso se tornou cheio de promessa ao mesmo tempo em que seu poder parecia me envolver como uma neblina lenta e sensual. "Realmente," ele concordou, seu tom de voz era agora profundo e sedoso. "Vale a pena esperar pela mulher certa."

Agora foi Kira quem limpou a garganta perante a nítida mudança na atmosfera. Eu subi as escadas para o meu quarto, ainda sorrindo de uma forma demorada, para ligar para Timmie e lhe dar a notícia que era tanto boa como ruim.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS.

Desliguei o telefone meia hora mais tarde, soltando um suspiro. Timmie tinha recebido a informação sobre Nadia bem o suficiente, apesar da necessidade de dissuadi-lo de vê-la pessoalmente para que *soubesse* que ela estava bem. Eu negocie para que fosse um telefonema. Timmie não tinha ideia de como era forte o territorialismo dos vampiros. Se ele aparecesse cheirando a luxúria e amor não correspondido por Nadia por perto da, reconhecidamente "velha escola", Debra, ele teria sorte de sair de lá sem estar permanentemente aleijado, se ele chegasse a sair.

"...eu mesmo os vi há vários anos atrás, apesar de que Marie só os usou para me ameaçar ao invés de fazê-los me atacar," Bones estava dizendo.

Aquilo me fez aguçar os ouvidos. Eu tinha ido para o meu quarto e fechado a porta para que minha conversa não fosse distração para todos no andar de baixo. Dissuadir Timmie de fazer algo perigosamente estúpido tinha me desligado do que eles estavam falando também. A conversa tinha se voltado para os Remnants? Bones nunca me disse que tinha os visto antes, sem contar que Marie o tinha ameaçado com eles.

Corri para o andar de baixo bem quando ele terminava com, "Quem vai dizer que ela não os usa com frequência, e a maioria das pessoas não vivem o suficiente pra contar?"

"Imagino que exija muito dela evocá-los e controlá-los, o que impossibilitaria Marie de fazer os Remnants sua arma mais comum," Mencheres afirmou antes de erguer uma sobrancelha indagando a mim. "Você estava muito cansada depois, pelo que me lembro."

Sentei-me próximo a Bones com um grunhido afirmativo. "Pelo menos Marie estava certa e seu efeito não foi tão alarmante quanto da primeira vez."

Eu ainda me senti cansada e fria em tudo quanto era lugar por algumas horas depois de erguê-los com Vlad, mas eu fui capaz de me controlar o tempo todo. Nada parecido quando bebi o sangue de Marie e fiquei louca por dois dias.

Bones se virou para me encarar. "Da primeira vez? Você os evocou *de novo*?"

Oh merda. Com tudo que aconteceu, eu não tinha tido a chance de contar para Bones o que eu tinha feito no cemitério naquela noite com Vlad. Agora ele achava que eu estava escondendo isso dele.

"Eu fiz um experimento em evocar Remnants pouco mais de uma semana atrás," eu disse, erguendo a mão perante o açoitado de incredulidade que senti no meu subconsciente. "Antes que você fique irritado, eu não agi



deliberadamente pelas suas costas. Simplesmente aconteceu. E não, eu não tive um surto de prostituta de novo."

"E você esqueceu de mencionar isso pra mim por quê?" ele perguntou, um toque de raiva roçando meus sentidos.

"Porque quando te vi depois foi quando Don morreu," eu respondi firmemente. "E não era o tipo de coisa que eu queria mencionar casualmente por telefone antes disso."

Bones soltou o ar com um assobio lento, aquela raiva caindo para algo mais suave, como desaprovação.

"Você sabia disso?" ele perguntou para Mencheres.

Um dar de ombros meio torto. "Subsequentemente."

Encobri uma bufada com a máxima dificuldade. Claro, ele *confirmou* subsequentemente, mas Mencheres sabia muito bem antecipadamente o que Vlad e eu iríamos fazer, como ele admitiu assim que voltamos. Porém, Bones não seria capaz de captar o menor indício de subterfúgio no brando olhar negro de Mencheres. *Nota pra mim mesma: Ele sapateia dando uma resposta direta com habilidade impressionante.*

"Tudo bem," Bones disse finalmente, parecendo resignado, mas não mais bravo ou demonstrando desaprovação. "Bem, como foi dessa vez, Kitten?"

"Ainda muito estranho," eu admiti com um arrepio. "Foram preciso algumas tentativas e erros, mas descobrimos que eles são evocados e controlados por sangue. Depois que os mandei de volta, senti-me cansada, congelada e com fome—por comida," eu acrescentei com um olhar mordaz para Mencheres, que simplesmente piscou de forma inocente. "Porém, nada tão ruim como da primeira vez."

Mesmo que eu não quisesse que a lembrança viesse, ela veio de qualquer jeito. *Frio por todos os cantos em mim. Uma fome incrível. O barulho de vozes em minha mente, se misturando com um rugido de ruído de fundo...*

Exceto por uma voz, por incrível que pareça. Ela puxou pela ponta da minha memória, adocicada e Sul Creole, dançando em meio ao caos daquela noite quando fui exposta pela primeira vez às profundas verdades do poder sobre a morte de Marie. É verdade, Marie tinha me feito uma pergunta que eu não registrei na hora porque me sentia como se estivesse sufocando sob o poder que absorvi dela. Agora, entretanto, sua pergunta estava tão clara como se ela estivesse sussurrando em meu ouvido nesse exato momento.



Você nunca se perguntou como Gregor escapou da prisão de Mencheres?

Coisa mais estranha para ela perguntar. Mencheres me afastou de Gregor, apagando todo o período da minha mente e trancando Gregor como punição. Porém, de alguma forma, Gregor tinha escapado doze anos depois e vindo atrás de mim, reivindicando que eu era sua esposa, não de Bones. Na época, descobrir como Gregor tinha saído não tinha sido a primeira prioridade na lista de ninguém. Não com o problema que Gregor causou estando à solta.

Para ser honesta, eu não tinha pensado muito em Gregor desde que eu explodi sua cabeça com o poder de pirocinese que temporariamente absorvi de Vlad. Por que, dentre todas as coisas, Marie me perguntaria se eu sabia como Gregor saiu? Ela sabia que eu não tinha ideia de como ele havia escapado da prisão de Mencheres. Ninguém sabia, nem ao menos Mencheres. E mais, essa era a última coisa com que eu me importava, sendo enlouquecia pela ligação com a morte que eu tinha absorvido dela...

"Putá merda!" eu irrompi, levantando tão rápido que o sofá virou com meu ímpeto.

Bones estava de pé, lançando olhares ao redor e já segurando uma faca. Eu afastei a faca com um movimento de mão quase exaltado, pisando tão forte que devo ter deixado marca no chão.

"Gregor." agarrei Bones pelos ombros, mal notando que suas sobrancelhas se levantaram perante aquele nome. "Ele escapou da prisão de Mencheres, algo que ninguém deveria ser capaz de fazer de tão esperto e poderoso que vovô faraó é, certo? Mas Gregor saiu, deixando nenhum sinal de como ele fez isso. Vocês não veem? Nós pensamos que ele tivesse planejado uma fuga inteligente sozinho, mas o filho da puta não fez *nada*!"

Pelo canto do olho vi Mencheres e Kira trocarem um olhar preocupado com Bones.

"Kitten," ele disse, no mesmo tom que eu tinha escutado Bones usar com vítimas de trauma quando ele achava que elas estavam a apenas uma sílaba mais áspera de distância de um completo colapso mental. "Você está chateada pelas coisas que aconteceram recentemente. É natural se ficar em algo do passado quando o presente parece esmagador—"

Aquilo me fez rir com um jeito meio maníaco de divertimento, fazendo sua testa franzir ainda mais.

"Amor, talvez—" ele tentou novamente.

"Ninguém pode se esconder da morte," eu o interrompi, me enchendo de



profunda satisfação quando a última peça do quebra-cabeças se encaixou no lugar. Marie disse isso, mas eu não tinha ponderado como prometido. Nos últimos dias eu tinha estado entorpecida demais pela tristeza para pensar em outra coisa exceto a perda de Don. Antes disso, eu estava ocupada correndo atrás do meu próprio rabo tentando encontrar pistas de Apollyon, e também tentando silenciar minha nova conexão com fantasmas—e ainda estando tão irritada com Marie pelo que ela tinha feito.

Ninguém, nem mesmo nossa espécie, ela havia enfatizado. A morte viaja pelo mundo e passa até mesmo através das paredes mais espessas com as quais nos protegemos... Quando você realmente entender o que isso significa, você saberá como derrotar Apollyon... Deus, ela havia me dado todas as peças. Eu só não as tinha colocado juntas.

"Marie disse isso antes de incitar aqueles Remnants a atacarem você e a me chantagear para beber o sangue dela," eu prossegui, meu tom de voz aumentando. "Eu achei que ela só estava me ameaçando de um jeito secreto—você sabe como ela ama ser toda diferente e misteriosa—mas ela estava tentando nos ajudar."

Gregor não tinha saído sozinho da prisão de Mencheres. Marie o havia encontrado usando a única coisa da qual ninguém podia se esconder: fantasmas. Provavelmente ela usou Remnants para o libertar; nem mesmo os guardas de Mencheres poderiam ter se protegido contra eles. Marie pode ter odiado Gregor, mas sua lealdade não permitiria que ela abandonasse seu criador.

Isso se encaixa perfeitamente com sua forma implacável. Marie queria se libertar de Gregor. Isso não aconteceria enquanto ele estivesse preso e Marie havia admitido que sabia porque Mencheres o havia trancafiado. Então ao deixar Gregor sair—e com ele vindo diretamente a mim—Marie sabia que Bones tentaria matá-lo. Ele não o fez, mas eu sim, cumprindo seu objetivo, tudo sem ela estar violando diretamente seu juramento para com seu criador.

O diabo está nos detalhes, eu havia dito àquele ghoul no drive-in. Sim, estava, e a esperta rainha vudu se mostrava ser uma mestra nos detalhes. A mesma lealdade que não deixaria Marie matar Gregor ela mesma também não a deixaria se aliar contra seus companheiros ghouls em uma guerra, mas mais uma vez, Marie encontrou um jeito de contornar isso. Ela me forçou a beber seu sangue, me dando o mesmo poder que ela tinha. Ajudando-nos contra Apollyon de um jeito que não poderia ser rastreado até ela, considerando como garantimos manter silêncio sobre o que ocorreu entre Marie e eu no cemitério.

"Deus, aquela mulher é um *inferno* muito mais tortuoso do que eu imaginei!"



exclamei.

Bones olhou de relance pra trás de mim, com uma simples inclinação de cabeça. Eu me afastei dele murmurando, "Não se preocupe. Você não precisa que Mencheres jogue a camisa de força invisível de novo. Eu não fiquei louca. Eu só não tinha entendido até agora."

Ele ainda parecia estar debatendo sobre Mencheres ter que jogar o poder diabólico em cima de mim, então eu me sentei do lado de Kira de uma forma bem deliberada, cruzando as mãos no colo. Veja! Eu não parecia calma e sensata?

"Apollyon está na mão," eu disse, sustentando seu olhar castanho com um propósito que parecia irradiar através de mim. "Ele só não sabe disso ainda."



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO.

"Todo alho e maconha se foram?" Perguntei para Bones quando ele entrou pela porta da frente. Com exceção do alho, me ocorreu que eu parecia uma adolescente tentando limpar todos os rastros de uma festança antes que os pais chegassem em casa.

"Pra bem longe," Bones respondeu. "Levei voando e então soltei em um lago. Vai afundar ou algum sujeito de sorte vai ter um grande dia de pescaria."

Eu já tinha me esfregado o suficiente para tirar uma camada de pele, sem falar em todo o fedor das ervas e joguei fora minhas roupas que haviam tocado nelas. Eu estava mais pronta do que nunca.

"Tudo bem," eu disse, olhando para Bones, Mencheres e Kira. "Hora de evocar os mortos."

Saí para nossa varanda da frente, olhando para o céu para tentar clarear a cabeça. As estrelas realmente eram muito mais brilhantes no campo comparado a cidade. Apesar de que eu não estava aqui para admirar o belo brilho das luzes. Eu estava aqui pra colocar um baita aviso sobrenatural de BEM VINDO sobre minha cabeça, evocando os mesmo seres que tentei repelir nas últimas semanas. Mesmo que eu estivesse em uma área pouco populosa, eu sabia que os mortos estavam por perto. A falta de vozes humanas bombardeando minha mente tornava mais fácil me focar no zumbido que eu sentia no ar que tinha nada a ver com os três vampiros se juntando a mim na varanda. Isso era outra coisa, vindo de baixo pra cima.

Fechei os olhos, tentando visualizar os caminhos de luz espectral que vi quando o outro lado do túmulo se abriu primeiramente pra mim em Nova Orleans. Algo parecido com um arrepio dançou pela minha pele, mas não era frio e eu não estava com medo. Eu estava calma porque eu *sabia* que eles estavam perto. *Venham*, pensei, os procurando com o poder que residia em minhas veias. *Venham*.

Atrás de mim, Kira soltou um assobio ao mesmo tempo em que Bones disse calmamente, "Quatro deles acabaram de aparecer, luv." Mantive os olhos fechados, sorrindo para que aqueles que vieram soubessem que eram bem vindos e continuei a puxar o poder dentro de mim. Antes, eu tinha que estar nervosa, ou com medo, ou com dor para ativar o poder que emprestei de Vlad e Mencheres, mas isso era algo diferente. Silêncio era o que chamava os residentes da sepultura, não emoções turbilhantes.

"Mais cinco," Bones disse, um tom interrogativo em sua voz que não respondi em voz alta. Não, eu não tinha terminado. Havia mais por perto. Eu podia



senti-los.

Um friozinho soprava através do ar quente de verão. Não gelado. Agradável, como o beijo da geada em uma testa febril. Eu a convidei para vir mais perto e ela aceitou, a frieza se colocando sobre mim com uma doce e lenta letargia. Ela crescia dentro de mim, me encorajando a me libertar dela. Não lutei contra, mas me rendi, a deixando tomar conta de mim.

"Mais oito," Bones disse, quase um murmúrio.

Eu o escutei, mas mesmo assim não respondi, caindo no vazio branco que se prendeu no centro de mim. Quanto mais eu deixava meu medo, tristeza e stress deslizar pra longe de mim, mais aquela esfera interior crescia, substituindo aquelas emoções com um nada frio e feliz. Era um alívio deixar minhas aflições caírem ao chão, engolidas pelo vazio branco e suave. Como eu tinha durado tanto tempo sob o peso da dor? Agora que ela finalmente tinha ido, eu senti como se pudesse voar.

Bones disse outra coisa, mas dessa vez não escutei. Onda após onda de paz se elevavam sobre mim, me isolando de tudo exceto do silêncio fresco e repousante dentro de mim. Isso era uma benção. Isso era liberdade. Eu me deleitei nisso, querendo que nunca acabasse.

Um fio passou por minha consciência, me puxando de volta. A voz de Bones, soando áspera de preocupação. Isso afugentou um pouco daquele nada maravilhoso, o substituindo por preocupação. Era tão calmo e pacato onde eu estava... mas eu não gostava de ouvi-lo daquele jeito.

Sua voz veio novamente, mais urgente dessa vez. Sacos de areia de aflição pareciam se formar em cima de mim, me segurando pra baixo daquele vazio flutuante e liberador. Eles formavam um caminho que eu segui, cada passo acumulando cada emoção dolorosa que deixei pra trás antes, mas eu não me virei. Bones estava no fim dessa estrada. Isso era mais importante do que toda a esterilidade abençoada atrás de mim.

De repente, eu tinha mais do que a voz dele. Seu rosto estava a centímetros de distância, sobrancelhas escuras unidas enquanto ele dizia meu nome, mais alto, mãos fortes chacoalhando meus ombros.

"Estou bem aqui, não precisa gritar," murmurei.

Bones fechou os olhos antes de falar novamente. "Você ficou branca como giz e então se dobrou no chão. Estive chamando seu nome tentando te acordar durante os últimos dez minutos."

"Oh." Esfreguei meu rosto contra o dele. "Sinto muito."



Ao sentir umidade, toquei minha bochecha e então olhei para as brilhantes gotas cor de rosa em meus dedos.

Lágrimas. "Eu estava chorando?" Estranho. Eu não me lembrava de me sentir triste.

"Sim," Bones falou de forma arranhada. "Você estava, e ainda assim, o tempo todo, você ainda estava sorrindo."

Eesh. Isso soou um bocado assustador. "Funcionou?" Lembrei dele falando alguns números antes, mas eu não sabia se aqueles fantasmas ainda estavam aqui. Eu estava no chão da varanda e o corpo de Bones bloqueava a maior parte do que estava em volta de mim.

"Oh, funcionou muito bem," ele respondeu. Então me sentei, me levantando com ele. O resto da varanda e o jardim que a circundava ficou visível.

Não pude controlar meu sobressalto perante as dúzias de formas transparentes que se alinhavam ao redor de nossa casa. Eu mal podia decifrar todos os rostos, haviam tantos flutuando um ao lado do outro. Bom Deus! Era como estar de volta a Nova Orleans. Como isso era possível? Eu só tinha evocado cinco fantasmas da última vez que tentei isso com Vlad e aquilo tinha sido em um cemitério, pelo amor de Deus!

"Esses são os Remnants que vocês estavam falando?" Kira perguntou, parecendo agitada.

"Não." Minha voz ainda era de espanto. "Eles são fantasmas normais."

Uma daquelas formas nebulosas se ampliou pelo jardim até a varanda. "Cat!"

Levou um segundo, mas então aquelas feições indistintas se solidificaram em alguém que eu reconhecia.

"Hey, Fabian," eu disse, tentando aliviar sua preocupação com uma piada. "Vejo que você recebeu meu recado."

Ele esticou a mão, seus dedos passando através da minha bochecha. "Suas lágrimas foram como uma corda que me puxou até você," ele disse.

Isso não era irônico? Era o sangue que evocava e controlava os Remnants, mas talvez lágrimas faziam o mesmo com os fantasmas. Isso tinha que ser o coringa. Sangrei no cemitério com Vlad, e também fiquei nervosa, frustrada e triste, mas não chorei. Porém dez minutos aproveitando aquele silêncio interior combinado com lágrimas e agora eu tinha um verdadeiro exército de espectros no meu gramado.



"Estou bem," eu disse para Bones e Fabian já que os dois estavam me olhando com expressões preocupadas. "Verdade," acrescentei. "Agora que temos uma boa multidão, vamos fazer isso."

Eu me levantei, indo até o fim do pátio que tinha uma vista panorâmica da área onde os fantasmas estavam mais concentrados, apesar de que mais estavam vindo, pelo farfalhar atrás da linha das árvores.

"Obrigada por virem," eu disse, tentando soar confiante. "Meu nome é Cat. Há algo muito importante que preciso pedir que vocês façam."

"Alôô, patroa," uma voz vagamente familiar retumbou. "Não pensei que fosse te ver de novo."

Estiquei minha cabeça para o fantasma que passava por entre os demais para a frente do grupo. Ele tinha cabelo castanho meio esbranquiçado, uma barriga de barril e obviamente, não tinha se barbeado por muito tempo antes de morrer. Entretanto, algo sobre ele incomodou minha memória. Onde eu o tinha visto antes...?

"Winston Gallagher!" eu disse, reconhecendo o primeiro fantasma que tinha encontrado.

Ele lançou um olhar desiludido para minhas mãos vazias. "Sem brilho da lua*? Ah, você é cruel, me evocar aqui sem uma gota de alimento."

**A mesma bebida que ele fez a Cat beber no primeiro livro, quando ela foi ao cemitério buscar informações com o Bones.*

Que nunca que seja dito que algo tão simples como a morte poderia curar o alcoolismo, pensei de forma irreverente, me lembrando de todo o brilho de lua que o fantasma me forçou beber na noite em que nos encontramos. Então meus olhos se estreitaram e eu coloquei a mão cobrindo a parte entre minhas pernas quando vi o olhar de Winston se fixar ali.

"Nem *pense* em assombrar minha calcinha de novo," eu o adverti, acrescentando em um tom de voz mais alto. "Isso serve pra todos aqui também."

"Esse é o sujeito?" Bones começou a descer os degraus da varanda ao mesmo tempo em que Winston começou a se afastar. "Volte aqui, seu miseravelzinho—"

"Bones, não!" Interrompi, não querendo que ele começasse a usar palavras que pudessem ofender os outros desprovidos de vida aqui reunidos.

Ele parou, dando uma última olhada para Winston enquanto falava só movendo



a boca, *Você. Eu. Exorcista*, antes de retornar para o meu lado.

Balancei a cabeça. Territorialismo de vampiros. Não tinha senso *nenhum* de momento apropriado.

"Como eu disse, há algo muito importante que preciso que vocês façam. Estou procurando um ghoul que está tentando começar uma guerra em meio aos imortais, e teremos muitos outros ghouls irritados que odeiam vampiros com ele."

Isso seria uma tarefa enorme, mas se Marie encontrou Gregor através de fantasmas sem pista alguma de onde ele estava no mundo, então eu podia ser capaz de encontrar Apollyon muito mais fácil com o que eu sabia.

"Sigam as linhas de poder," eu disse, me sentindo como uma versão distorcida do General Patton reunindo minhas tropas. "Digam aos seus amigos e os façam caçar também. Procurem todas as grandes casas funerárias que estão próximas de cemitérios. Encontrem o ghoul baixinho, com cabelo preto em volta da careca que atende pelo nome de Apollyon, e então voltem diretamente e me digam onde ele está."

"Não você, amor," Bones disse de uma vez. "Fabian. Faça com que eles reportem a Fabian, que então irá transmitir para você."

Bem pensado. Eu confiava o suficiente no poder de Marie para acreditar que cada fantasma com quem eu falasse pessoalmente não iria me trair, mas eu estava recrutando outros que nunca tinham encontrado comigo. Não havia necessidade de ter esse plano se voltando contra mim e trazendo Apollyon diretamente a mim ao invés do contrário.

Eu fiz um gesto para o fantasma ao meu lado. "Esperem. Relatem a Fabian, meu braço direito. Ele ficará aqui para que vocês sejam capazes de encontrá-lo."

O peito de Fabian inflou perante minha declaração, um sorriso radiante se espalhando por seu rosto. Eu pousei a mão sobre o lugar onde o ombro dele seria, sustentando o olhar de cada fantasma que olhava pra mim.

"Agora vão," eu os incentivei. "Rápido."



CAPÍTULO TRINTA E CINCO.

Um borrão prateado passou rapidamente sobre os outros carros no estacionamento antes de mergulhar para dentro de nossa van preta. Estávamos apenas há umas duas milhas de distância do cemitério e casa funerária Lasting Peace em Garland, Texas. Foi preciso doze anos para Marie Laveau encontrar Gregos enviando fantasmas para a busca, mas Fabian recebeu a informação do paradeiro de Apollyon em seis dias.

Para ser justa, o mundo era um maldito grande lugar e Mencheres manteve Gregor em um túnel de mina reforçado e antigo em Madagascar—mais longe que o inferno do lar de Marie em Nova Orleans. Eu, entretanto, tinha limitado a localização de Apollyon para apenas um país e um tipo de negócio. Apesar de que eles fizeram um trabalho incrível. Ninguém iria menosprezar fantasmas enquanto eu estivesse por perto, isso era certeza.

As feições de Fabian se solidificaram a partir dos redemoinhos aleatórios e brumosos, mas sua boca estava virada pra baixo como uma careta.

"Acho que você devia arranjar mais pessoas."

"Há quantos lá?" Bones perguntou a ele.

"Pelo menos quatro grupos de vinte," Fabian respondeu. "Eles vão ter uma reunião daqui uma hora."

"Apollyon ainda está lá?" Pressionel.

Fabian assentiu movimentando a cabeça. "Você pode capturá-lo depois, assim que os outros saírem."

Bones trocou olhares comigo. Ou Apollyon podia sair com os outros ghouls. Então precisaríamos que os fantasmas o caçassem para nós tudo de novo.

"A maior parte dos ghouls—eles parecem visitantes para a reunião, ou guardas?" Bones perguntou, dando tapinhas no queixo.

Fabian parecia confuso. "Como eu poderia saber?"

"Você pode saber por quantos deles estão armados," Vlad disse, com ênfase apontando na última palavra.

"Ah." A testa de Fabian se suavizou. "Alguns poucos deles tem grandes armas com balas que se cruzam ao redor de seus torsos."

Fiz uma anotação mental para familiarizar Fabian sobre artilharia moderna para que ele seja capaz de dar melhores descrições.



"Metralhadoras?" Perguntei, fazendo uma mímica segurando uma e fazendo uma série de rápidos ruídos ininterruptos.

A boca de Bones se torceu em um sorriso, mas ele baixou a cabeça para que eu não visse seu evidente divertimento sobre minha imitação de "GI Jane does Pictionary*".

**Seria uma versão feminina de um GI Joe, jogando um jogo de adivinhações através de mímicas.*

"Sim, essas," Fabian disse. "Algumas das outras pessoas podiam ter facas com eles, mas essas foram as únicas armas que pude ver."

Vlad soltou um suspiro. "Não vim até aqui pra fugir agora."

Eu me sentia do mesmo jeito. Ainda, eu tinha que supor que as metralhadoras estavam munidas de balas de prata e que pelo menos alguns ghouls teriam facas de prata. A maioria deles podia não estar armada, mas oito pra um ainda era oito pra um.

"Mencheres, use seu poder para impedir que qualquer humano seja ferido. Um lado do cemitério faz divisa com um distrito comercial e eu não posso pedir que Tate envie suas tropas para bloqueá-lo porque isso iria indicar a Apollyon sobre nossa presença. Então, manter as pessoas fora do caminho é sua prioridade máxima."

"Ao contrário de conter Apollyon?" ele perguntou, uma discórdia educada em seu tom de voz.

Encontrei seu olhar cor de carvão. "Se você arrancar a cabeça dele, que parece muito impressionante para você, mas não vai ser muito bom pra mim. Vocês vivem me dizendo que se eu não derrubar as pessoas com força suficiente quando ela vêm atrás de mim, então mais virão. Bem, sou eu quem Apollyon usou como bode expiatório dessa vez, então sou eu quem tem que derrubá-lo."

Fez-se silêncio depois desse pronunciamento. Eu me preparei para os argumentos, especialmente de Bones, por isso fiquei surpresa quando ele assentiu com a cabeça friamente.

"Não use seu poder para conter os outros ghouls também," Bones declarou. "Nós os pegaremos em uma combinação de força a força."

Olhei em volta para os ocupantes da van. Além de Mencheres, Kira, Vlad, Spade, Denise, Ed e Scratch, nós obtivemos alguns novos acréscimos nos últimos dias. O criador de Bones, Ian, sorriu com a perspectiva. Gorgon, velho amigo de Mencheres, apenas deu de ombros e a Guardiã da Lei, Veritas, que



era tão velha quanto Mencheres apesar de parecer como uma irmã mais nova da boneca Barbie, só parecia entediada com o tema. Ninguém pronunciou uma palavra de objeção.

Onze vampiros e uma metamorfa contra o que quer que Apollyon tivesse no complexo. Isso podia não soar como boas chances, mas eu sabia o quanto esse grupo era mortal. E também, se juntássemos muitos vampiros, corríamos o risco de Apollyon ser avisado.

"Tudo bem." Olhei todos de forma firme e sem piscar. "Apollyon quer uma guerra? Ele vai ter uma, mas não entre nossas duas espécies. Será entre o melhor dele e nosso melhor."

Bones encontrou meu olhar, olhos castanho escuros brilhando com uma cor verde.

"Vamos entrar em uma hora," ele declarou, a promessa de violência acariciando cada palavra. "Isso dá tempo para o resto deles chegar."

E todos eles estando lá significava menos chance de algum ghoul se deparar com a luta e então chamar reforço para Apollyon. Sorri para Bones, sentindo a mistura de antecipação e propósito que sempre me enchia antes de uma luta.

"Não posso esperar para estragar a festa."

Seu sorriso de resposta estava guarnecido da mesma expectativa letal.

"Nem eu, Kitten."

—

O vento cortante me fez semicerrar os olhos enquanto eu olhava para baixo, para o cemitério por onde Bones nos levava voando por cima. A maior parte só estava iluminada por iluminação que vinha ao redor dos perímetros dos portões, com duas exceções. Uma era a casa funerária. Luzes externas iluminavam a placa de PAZ DURADOURA na parte da frente, enfatizando o desenho sombrio, porém elegante, de uma construção de dois andares. A outra área que tinha luzes era na borda dos lotes de sepultamento, fazendo fronteira contra os hectares separados e não lavrados para túmulos futuros. Olhei para baixo, para a plataforma pequena e iluminada, um ghoul de pé entre dois projetores portáteis, e não pude engolir minha zombaria.

Apollyon não tinha aquelas luzes montadas uma de cada lado dele para que seus seguidores pudessem ter uma boa visão dele gesticulando enfaticamente durante sua retórica sobre como Cain era na verdade um ghoul e vampiros



originalmente derivaram dos comedores de carne ao invés do contrário. Ghouls podiam ver no escuro. O quão arrogante Apollyon tinha que ser para insistir em ser iluminado como uma estrela de rock durante o que devia ser uma reunião secreta de imortais? E aquilo era um terno Armani que ele estava vestindo? Com minha funcional e entediante roupa de malha toda preta com múltiplos coldres para armas, eu estava visivelmente mal vestida para essa festa.

Bones nos baixou abruptamente e todos os pensamentos sobre roupas deixaram minha mente. Fabian estava certo; uma multidão de aproximadamente sessenta se reunia em uma formação ampla em forma de diamante, ouvindo Apollyon com atenção extasiada, enquanto cerca de uma dúzia de guardas armados com metralhadoras vagavam ao redor do grupo. Também vimos uns quatro ou cinco guardas perto da entrada principal do cemitério, mas eu não estava preocupada com eles. Mencheres cuidaria deles e Denise e Kira garantiriam que nenhum retardatário aparecesse.

Eu segurei firme minhas duas espadas katana enquanto Bones nos projetava em direção ao maior grupo de guardas armados. O objetivo número um era tirar as armas antes que as armas nos tirassem de lá. Tive uma fração de segundo para apreciar a expressão de choque dos guardas conforme o nível do poder de Bones nos precedia ou eles viam uma forma grande e negra se movendo em grande velocidade na direção deles. E então os atingimos com um tremendo choque.

O impacto era como chocar-se contra um grupo de árvores, exceto que essas árvores gritavam e revidavam com briga. Eu golpeei com minhas duas espadas antes mesmo de pararmos, sabendo que Bones já tinha rolado para o lado para ficar fora do alcance das minhas lâminas. Membros e cabeças se separavam debaixo dos cortes ferozes enquanto eu usava as espadas mais curtas como extensões dos meus braços, atingindo qualquer um na minha frente não importando se estivessem armados ou não. Se estavam aqui, então estavam do lado de Apollyon, o que significava que me matariam se pudessem.

Mais tiros e gritos me deixaram saber que o resto da nossa festa de boas vindas tinha aterrissado. Por mais que eu quisesse me virar e verificar Bones, eu não o fiz, mantendo minha atenção em abrir caminho para os ghouls que agora estavam pulverizando a multidão em um esforço para tirar os intrusos. Lampejos de dor muito quente atingiram a lateral do meu corpo, me fazendo dobrar o corpo mesmo que eu continuasse a girar minhas lâminas sobre qualquer um que tivesse azar suficiente de estar perto de mim. Droga. Eu tinha sido atingida.

Toda a confusão fez meu cabelo se soltar do coque. Mechas negras interromperam minha visão enquanto eu rolava para evitar outra leva de balas,



vendo a grama explodir em mini estouros onde eu tinha acabado de estar. Agindo por instinto, eu arremessei minha espada, ouvindo um grito antes de eu ficar de pé com um salto, a lateral do meu corpo ainda queimando, para ver um ghoul cair para trás arranhando o rosto em pânico, minha espada estava onde costumava estar seu nariz.

Ignorei a dor e saltei para frente, o atacando antes que ele pudesse erguer a arma novamente. Um golpe firme em seu pescoço e ele já não se movia mais. Outro golpe arrancou o gatinho da arma. Não havia necessidade de deixá-la funcionando para que um espectador pudesse pegá-la e começar a atirar.

A dor explodiu em meu pescoço logo em seguida, minha boca se enchendo de sangue. Agarrei o ghoul morto, usando seu corpo como um escudo, tossindo embora eu não respirasse. Aquela queimação combinava com a dor lancinante do meu lado, mas ela diminuiu mais rápido e pelo vermelho em minhas roupas eu soube o que aconteceu. Eu tinha sido atingida na garganta.

De certa forma, aquilo me irritou mais do que as balas que ainda queimavam bem fundo na lateral do meu corpo. Continuei segurando o corpo, balançando seu corpo na minha frente enquanto eu me dirigia ao ghoul que continuava a atirar em mim. Aquelas balas atingiram seu camarada caído ao invés de mim e eu tive tempo de soltar um urro selvagem antes de jogar o corpo nele, o derrubando. Segui imediatamente com minha espada, cortando o braço que ele levantou para se defender e então seu pescoço, colocando toda minha dor e raiva naquele golpe. Sua cabeça rolou um metro para longe do corpo.

Não parei para comemorar, mas me virei. Bem a tempo, também. Uma dupla de ghouls vinha pra cima de mim, um atirando, um segurando uma faca. Eu tive tempo de saltar, fazendo as balas que eram pra mim atingirem o ar, antes de pousar atrás deles. Minha espada atravessou os dois pescoços com o impulso do meu salto, sangue espirrando em mim enquanto eles caíam, decapitados, no chão.

"Kitten!"

Ergui a cabeça a tempo de ver um lampejo de prata sobre mim. Eu me joguei para baixo, a espada que era pra atingir meu pescoço me pegou do lado da cabeça. Imediatamente minha visão ficou vermelha e agonia explodiu em meu crânio. Cada impulso interior gritava para eu me curvar defensivamente e apertar minha ferida, mas a parte de mim que lembrava de todo treinamento brutal que Bones me fez passar sabia atacar ao invés disso. Girei minha lâmina para onde eu tinha visto pela última vez as pernas do ghoul, colocando toda minha força no golpe. Fui recompensada por um grito e um baque, algo pesado caindo em cima de mim. O sangue em meus olhos dificultava decifrar detalhes, mas eu continuei fazendo movimentos giratórios, sabendo por cada novo grito



que eu estava atingindo meu alvo mesmo que eu não pudesse ver o que era o alvo. Uma dor excruciante irrompendo ao longo de minhas costas me fez arquear por puro reflexo e redobrar meus esforços. O ghoul não tinha parado de lutar ainda.

Depois de várias piscadas rápidas, minha visão clareou o suficiente para vê-lo. Ele estava sem um braço. Então eram as pernas dele nas panturrilhas, mas ele tinha uma faca de prata que usava pra me apunhalar repetidas vezes nas costas, tentando acertar meu coração. Ao invés de rolar para longe dele, eu me lancei para frente, o cabeceando com toda minha fúria. Ele cambaleou pra trás meio zozinho, mas pelas súbitas estrelas em minha visão e a vontade de vomitar eu soube que o ferimento da minha cabeça ainda não tinha terminado de se curar. Com a dor explodindo em meu crânio e a lateral do meu corpo pulsando como se eu tivesse mísseis guiados por calor dançando tango em minhas entranhas, baixei minha espada em direção ao pescoço dele.

Ele me bateu com o pedaço que sobrou do braço, desviando meu objetivo. Ao invés de decepar seu pescoço, minha espada se enterrou em seu ombro. Eu puxei, mas ela não se soltou. O ghoul emitiu um som parecido com um rosnado e uma risada.

"Senti minha falta," ele riu maldosamente, erguendo sua arma.

Meu outro braço se movimentou com a rapidez de uma chicotada e a risada do ghoul morreu em sua garganta. Ele atirou, mas as balas saíram perdidas, provavelmente porque, agora, ele tinha duas facas de prata em suas órbitas oculares. Ele nunca deveria ter parado pra zombar de mim antes de atirar. Eu tinha muitas outras armas além da minha espada.

Ele esticou a mão para pegar as facas—outro erro. Arranquei o revólver de suas mãos e o usei para atirar direto em seu pescoço, soltando um grito de triunfo mortal. Então eu arranquei minha espada, girando para me defender contra o próximo ataque.

Não veio nenhum. Apesar de eu ainda ouvir uma enorme quantidade de tiros, eles estavam bem menos frequentes do que antes. O cemitério estava cheio de corpos, e aqueles que ainda estavam de pé pareciam mais que tentavam fugir do que lutar. Por uma fração de segundo eu fiquei surpresa. Sim, eu sabia que nosso grupo era forte, mas...

Um flash amarelo e preto chamou minha atenção, se movendo com a velocidade de algum tipo de desenho do Diabo da Tasmânia. Ele se chocou contra dois ghouls que estavam atirando em lan. Em um piscar de olhos, não havia nada mais do que uma pilha carmin de partes de corpos no chão, uma



loira ágil com duas espadas de pé sobre a pilha.

Veritas? Eu não tive a chance de fixar o olhar nela antes de ela sair loucamente como um rápido e louco borrão, indo em direção a uma explosão de tiros acima da colina. Em instantes, os tiros pararam.

"Eu sou o único excitado com essa pequena raposa?" Ian perguntou animadamente ao mesmo tempo em que cravava sua espada bem no meio de um ghoul. Aquilo me tirou do meu torpor momentâneo e comecei a perseguir a próxima leva de tiros que ouvi. O lado do meu corpo ainda parecia que estava em chamas, mas eu ignorei. Eu não tinha tempo de tirar as balas e mais nada faria a queimação parar.

Continuei a correr em direção aos sons de tiros, clareando o topo de uma pequena colina. No fundo estava uma grande fonte com um monumento comemorativo, mas não foi isso que fez meu corpo se surpreender com um novo repente de adrenalina. Foi a visão de um ghoul baixinho, vestido de forma cara de costas para a fonte, três guardas o rodeando de forma protetora enquanto atiravam nos vampiros que interromperam sua fuga.

"Apollyon!" gritei, correndo colina abaixo em um linha reta em direção a ele. "Você lembra de mim, não lembra?"

Mesmo com a distância, vi os olhos dele se arregalarem. "Reaper," ele balbuciou. Então mais alto, gritando para os ghouls que o protegiam, "É ela, é a Reaper!"

Os tiros mudaram de direção, mas eu esperava isso. Mergulhei para minha direita, todas exceto uma bala erraram o alvo. Ela bateu do meu lado com o impacto de um torpedo, mas eu continuei rolando, sabendo que os tiros não iriam cessar. Diferente dos filmes, na vida real, os bandidos não paravam de atirar pra verificar se você estava morta. Aquelas balas me perseguiram, mas eu me levantei me arrastando e continuei me movendo, lápides explodindo ao meu redor quando eram atingidas ao invés de mim.

Um grito antecedeu uma das armas se silenciando. Então outra. Mesmo continuando a correr, eu sorri. Eu sabia que Vlad, Spade e Gorgon só precisavam de alguns instantes de distração para atacar. Apollyon e seus guardas deviam saber disso e nunca focar todas as três armas em mim.

Eu me virei, indo em direção a parte inferior da colina. Vlad segurava um dos atiradores sem misericórdia, chamas irrompendo por todo o ghoul. Spade lutava com outro ghoul, mas eu não estava preocupada com ele, porque em algum momento ele conseguiria desarmá-lo. Isso deixava Ed e Gorgon lutando com mais dois ghouls que se juntaram a batalha, mas minha atenção não



estava focada neles. Estava no ghoul gordinho correndo o mais rápido possível para o portão do cemitério. Do outro lado do portão estava um pequeno distrito comercial, mais deserto essa hora da noite, mas com muitos edifícios e apartamentos onde Apollyon podia se esconder.

"Oh não, você não vai," eu rosnei, correndo mais rápido. Aquela dor nauseante aumentou, a queimação na lateral do meu corpo parecendo ácido me corroendo, mas eu não podia me concentrar nisso agora. Eu tinha que me focar no ar ao meu redor, visualizá-lo como algo com forma que eu podia moldar e dobrar a minha vontade. As palavras de Bones ecoaram em minha mente. Você tem a habilidade. Você só precisa aguçá-la.

Meus pés saíram do chão, mas eu não caí. Eu voei, me inclinando para o ar, deixando ele me levar mais rápido do que eu podia correr antes. O vento soprou por meu cabelo, correndo ao longo do meu corpo, me erguendo como se entendesse minha necessidade e quisesse ajudar. A distância entre eu e Apollyon ficava mais curta, seus passos parecendo tão lentos e pesados em comparação ao jeito que me arqueei acima do chão. Inclinei meu corpo de forma aerodinâmica, minhas mãos para frente, visando as costas de seu paletó Armani como se fosse o centro de um alvo e eu fosse a flecha. Trinta metros. Vinte. Dez...

Quando emparelhei com ele, minha velocidade o jogando para o chão de forma violenta o suficiente para levantar a sujeira, eu estava sorrindo apesar de uma nova inundação de dor explodisse do meu lado. Quando eu levantei, me virando para que Apollyon ficasse na minha frente, o alívio me fez quase imune aos ataques que ele começou a proferir antes que eu tivesse seu pescoço preso em uma chave de braço.

"Você se move e eu arranco a porra da tua cabeça," disse pra ele, falando sério a cada palavra mortal.

Ou Apollyon era mais esperto do que eu pensava ou ele realmente tinha medo de mim, porque ele parou de se debater imediatamente.

"O que você vai fazer comigo?" ele sibilou, as palavras distorcidas devido ao jeito que eu segurava forte sua garganta.

Soltei uma risada dolorosa.

"Estou tão feliz por você ter perguntado."



CAPÍTULO TRINTA E SEIS.

No momento em que chegamos na fonte, Spade tinha matado o ghoul com quem lutava, nada exceto restos carbonizados sobraram daquele que eu tinha visto com Vlad e dois corpos sem cabeças estavam no chão perto de onde Gorgon e Ed estavam. Eu não vi Bones, mas sabia que ele estava bem. Eu podia sentir nossa conexão, mais forte que nunca, suas emoções se derramando sobre mim com intensidade e propósito. Agora que eu tinha uma quantidade suficiente de vampiros por perto, soltei Apollyon, lhe dando um empurrão forte que o fez se segurar na borda da fonte para não cair.

"Vamos falar sobre o que vou fazer com você," eu disse, pegando uma espada que alguém tinha deixado descartada no chão. Um movimento no topo da colina chamou minha atenção por um momento, me fazendo dar uma pausa, mas em seguida continuei. "Acho que vou pegar sua ideia de celebrar uma vitória com uma execução, só que com uma pequena inversão de quem perde a cabeça."

Apollyon mostrou os dentes para mim. "Mesmo que você me mate, meu povo irá lutar com o seu até a morte," ele rosnou. "Sua vitória será nada além de cinzas e—"

Ele parou quando comecei a rir, seu rosto quase roxo de raiva. Não disse nada, mas ao invés disso, apontei para trás dele em direção a colina.

Ele se virou, ficando de boca aberta com o que viu. Alguém, não estava certa de quem, tinha juntado os ghouls que restaram e os trazia em grupo para essa parte do cemitério. Numa estimativa aproximada, haviam pouco mais de vinte deles e suas mãos estavam levantadas acima de suas cabeças no gesto universal de rendimento.

"Parece que seu pessoal conhece uma batalha perdida quando vêm uma," eu disse, saboreando a expressão atordoada do líder ghoul. Ela rapidamente mudou quando olhou para eles, a raiva em sua expressão era palpável e um cheiro acre emanava dele.

"Como vocês ousam me trair desse jeito!" ele esbravejou para eles.

Dei uma batidinha no ombro dele com a ponta da minha espada emprestada. "Odeio interromper," falei com franqueza, "mas você e eu ainda temos alguns negócios para concluir."

Apollyon olhou para a espada e então para mim antes de olhar de novo para os ghouls que se renderam. Não tirei os olhos dele ou relaxei a forma como eu segurava a arma. Eu não iria atacar até que ele estivesse pronto, mas também não ia dar a ele o presente de baixar minha guarda. Eu já sabia que Apollyon



não jogava limpo ou não estaríamos aqui agora.

Por isso, fiquei um tanto surpresa quando ele abriu os braços, com as mãos abertas. "Vá em frente, Reaper, me atinja com chamas! Ou me congele com sua mente. Mostre ao meu pessoal o poder que eles recusam de forma tão imprudente acreditar."

Até mesmo em seus últimos momentos ele seria cheio de retóricas odiosas, pensei com nojo.

"Dê a ele uma espada," eu disse para Bones, que vinha de trás do grupo de ghouls, Veritas ao seu lado. Ele estava manchado de sangue e suas roupas estavam rasgadas, porém ele se movia com uma precisão letal que dizia que podia ter lutado a noite toda. Eu não devia me surpreender nem um pouco que ele tinha pensado em trazer os ghouls aqui para testemunharem a queda de seu líder.

"Não preciso de nenhum poder incomum pra te derrubar," eu disse para Apollyon assim que Bones cravou uma espada no chão perto dos pés do ghoul. "Tenho balas de prata do meu lado esquerdo e elas machucam como o diabo, mas pegue essa espada e eu *ainda* vou acabar com tua raça, te prometo isso."

Apollyon olhou para a lâmina e então de volta pra mim. "Não."

"Não?" repeti incrédula. "Estou te oferecendo uma luta justa, imbecil! Você iria preferir que eu simplesmente arrancasse sua cabeça fora e desse o dia por encerrado?"

Apollyon se virou na direção de Veritas, caindo sobre um joelho. "Eu me rendo ao Conselho dos Guardiões dos Vampiros."

"Seu merdinha chorão, pegue essa espada antes que eu arranque sua cabeça com minhas mãos," Bones vociferou a ele.

A expressão de Apollyon estava distorcida com uma espécie de triunfo enlouquecido. "Você não pode me matar se eu me render à Guardiã. Nenhum de vocês pode!"

Eu o observei com espanto. Essa foi a pessoa que responsável por ter trazido vampiros e ghouls a beira de uma guerra há quatrocentos anos? E que tinha feito um maldito esforço digno de confiança para fazer isso de novo no século XXI?

Eu tinha visto um monte de vilões provocadores em seus momentos finais, mas enquanto nenhum deles havia saboreado a própria morte, poucos tinham se humilhado tanto quanto Apollyon estava fazendo agora. Ele até mesmo avançou lentamente para mais perto de Veritas em um tipo de dança



rastejante, até estar agarrando com força as calças manchadas de sangue da Guardiã loira. Eu não podia acreditar que uma pessoa que tinha dedicado tanto de sua vida procurando o genocídio em massa seria tão fraco ao encarar sua própria derrota. Isso me lembrou de histórias contadas sobre as horas finais de Hitler. Parecia que ambos eram covardes de coração.

"É esse quem vocês estavam seguindo?" Vlad perguntou para os outros ghouls, expressando meu próprio desprezo interior. "Eu me mataria de vergonha se fosse vocês."

Veritas olhou para Apollyon, suas feições ridiculamente jovens se endureceram em uma expressão de puro desdém.

"Você pensa em encontrar misericórdia de mim?"

Ela pegou um único pedaço de cabelo de Apollyon, o rasgando de sua careca e o usando como uma alavanca para puxar sua cabeça pra trás. Eu quase perdi isso aí, porque maldição, aquilo era *sério*.

"Você repetidamente procurou destruir meu povo, e você acha que vou lhe conceder asilo?" ela simplesmente rosnou.

"Você deve," Apollyon disse, aumentando a voz na última palavra.

Veritas se endireitou em todo seu 1,67m, mas com seu poder creptando e a presença imperial, ela podia muito bem estar a 2,74m de altura.

"Malcome Untare, você que se renomeou Apollyon, por incitar outros de sua espécie a matar e por criar uma rebelião, você está, por meio disso, sentenciado a morte."

Ele deu um grito que Veritas ignorou. Ela se inclinou até sua boca roçar a orelha dele, e somente minha proximidade me deixou ouvir o que ela sussurrou.

"Seu verme miserável. Jeanne d'Arc era minha amiga."

Então ela o chutou, evitando as mãos que queriam agarrá-la para se afastar com um "Morra de joelhos ou aceite a luta que ela te ofereceu. Não me importo qual escolha," jogado por sobre os ombros.

Fiquei de boca aberta perante essa pequena informação sobre minha famosa antecessora mestiça, mas fiquei quieta. *Nota pra mim mesma: Não fique em lado oposto a Veritas. Ela guarda rancor por séculos.*

Então olhei para baixo, para o ghouls, sentindo meu ódio anterior diminuir. Por todas as vidas perdidas que ele foi responsável e por longos séculos de busca



cega por poder, no fim das contas, Apollyon provou ser patético demais para odiar. Não valia nem a pena matá-lo, mas se eu o deixasse vivo, meus inimigos atuais e futuros não veriam isso como misericórdia. Eles veriam como uma fraqueza que poderiam explorar. Com uma clareza que não tive antes, entendi porque Bones fez o que fez com meu pai e porque Vlad deixa sua crueldade ser vista com mais boa vontade do que suas qualidades mais finas. Não era por gostar de ser sádico ou por brigas. Era para evitá-las.

"Pegue essa espada," eu disse para Apollyon, articulando muito bem cada palavra. "Ou eu te matarei ai mesmo onde você está ajoelhado."

Eu não teria prazer algum nisso, mas eu o faria porque tinha que ser feito. Veritas já o tinha sentenciado a morte em nome do corpo dirigente dos vampiros. Se eu me afastasse, isso não salvaria a vida dele. Ela ou outra pessoa simplesmente o mataria.

"Não," Apollyon disse, quase uma lamúria. Então ele se arrastou para frente e tentou fugir.

Eu o peguei antes mesmo de ele dar uma dúzia de passos, o deixando me bater com toda a força de seu corpo troncudo. Ele só tinha suas mãos e eu ainda tinha uma lâmina realmente longa.

"Apollyon fez todos vocês sentirem ódio por causa de uma mentira de que eu me tornaria uma meia vampira, meia ghoul," gritei para os ghouls que nos observavam com terrível submissão. "Porque se alguém é incomum, então você deve ter medo dessa pessoa, certo?"

Apollyon tentou me jogar no chão, mas por todos os anos que ele tinha a mais que eu, obviamente ele não os passou aprendendo a lutar—e eu tive um professor dos infernos. Apesar da dor ainda contraindo meu lado, eu girei no último minuto, pulando para trás dele enquanto seu impulso o ainda levava para frente. Então eu trouxe a espada contra o pescoço dele.

"Todos vocês querem saber por que eu tenho habilidades que outros vampiros novos não tem?" eu disse, enfiando a lâmina. "Porque eu não me alimento de humanos; eu bebo sangue de vampiro."

Então eu a puxei em direção ao meu corpo, cortando minha mão para agarrar a borda nua para o máximo de equilíbrio, sentindo mais satisfação por aquela confissão pública do que senti vendo a cabeça de Apollyon se separar de seu pescoço. Toda minha vida tive que esconder o que eu era. Primeiro como uma criança quando eu nem sabia por que as outras crianças não eram como eu, então quando eu caçava vampiros na minha adolescência e vinte e poucos anos, e finalmente, minhas esquisitices no ano passado como uma vampira



completa. Bem, eu estava farta de esconder, odiar ou me desculpar pelas partes em mim que eu não tinha escolhido e não podia mudar. Se algumas pessoas tivessem um problema com minhas diferenças, isso era simplesmente muito ruim para elas.

"Isso mesmo, eu como *vampiros*," eu disse novamente, mais alto dessa vez. Empurrei seu corpo para longe e fiquei parada, sacudindo o sangue da minha espada enquanto eu encarava o grupo remanescente de ghouls.

"A sugadora de sangue mais estranha do mundo, bem aqui," continuei. "E vocês sabem o quê? Se isso deixa algum de vocês desconfortável, que pena. Se deixa algum de vocês tão desconfortável que queira começar uma merda comigo por causa disso, dê um passo à frente e veja se eu não como o inferno de vocês em seguida!"

Eu quis que aquela última parte fosse uma ameaça, mas em algum lugar em minha exaltada declaração de independência por esconder o que eu era, eu esqueci de pensar nas minhas sentenças. Vi Bones erguer uma sobrancelha, lan dar uma risadinha abafada e então Vlad soltou uma gargalhada.

"Com esse tipo de convite, Reaper, você podia querer sugerir que a fila se forme à sua direita."

"Isso não é... eu quis dizer que os como em um *mal sentido*," esbravejei.

"Acho que você mostrou seu intuito, amor," Bones respondeu, seu rosto cuidadosamente sem expressão mesmo eu captando um leve sorrisinho em sua boca. Então sua expressão se endureceu quando olhou para Veritas, que tinha se virado para me ver decapitar Apollyon. "E eu apoio isso," ele disse, sua voz sem mais nenhum traço de humor.

A Guardiã da Lei me olhou fixamente. Eu não me arrependi nem um momento da minha declaração pública—além de, talvez, as palavras que usei—mas eu sabia que a resposta dela carregava mais peso do que minha audiência de vampiros ou dos vinte ghouls que se renderam. Ela também falava pelo mais alto órgão de decisão dos vampiros.

Finalmente, Veritas deu de ombros. "Isso não faz de você a sugadora de sangue mais estranha do mundo, mas não há lei contra um vampiro se alimentando de outros vampiros." E então ela se virou.

Soltei uma risada que morreu em minha garganta quando um movimento na parte de trás do portão chamou minha atenção.

Marie Laveau entrava lentamente no cemitério.



CAPÍTULO TRINTA E SETE.

Não pisquei quando olhei para Marie. Para qualquer um que não soubesse, a visão de uma ghoul passeando sozinha não devia ter parecido assustador de forma alguma. Mas eu sabia que Marie podia evocar uma parede de Remnants para lutar por ela antes que eu pudesse ao menos sussurrar, "Oh merda." Eu podia criar meu próprio exército deles rápido o suficiente para conter tal ataque dela? Ou eu devia focar minha energia em controlar os que ela criasse, se chegasse a isso? Presumi que Marie me deu seu poder por isso, de uma forma indireta, ela pôde me ajudar a derrotar Apollyon, mas ela tinha estado do lado dele o tempo todo? Tudo que eu pensava dela estava errado?

"Por que você veio aqui?" Veritas sibilou para ela.

Eu levantei a mão, ignorando o olhar incrédulo que a Guardiã da Lei me deu quando eu a fiz se calar.

"Majestic, gentileza sua aparecer," eu disse, soando muito mais calma do que eu me sentia. "Espero que você tenha encontrado o lugar porque seus amigos fantasmas lhe disseram o que estava acontecendo. Não porque você só está chegando atrasada para a reunião de ódio."

Seus profundos olhos castanhos encontraram os meus, o rosto absolutamente inexpressivo. Ela avançou, o olhar passando rapidamente pelo cemitério para olhar os corpos caídos dos ghouls ao redor dela. Aqueles que ainda estavam vivos e que se encolheram de medo minutos antes agora começavam a se mover na direção dela.

"Apollyon está morto?" Marie perguntou, nenhuma dica do que ela estava pensando em sua voz macia e amanteigada.

"Muito," respondi antes que Veritas pudesse falar. "A maioria dos seus tenentes top estão mortos também."

Marie estava agora à frente de todos os outros ghouls, só uns doze metros de lápides a separando da linha de vampiros Mestre.

"E seus planos para os outros?"

Olhei de relance para trás dela novamente, antecipando uma massa tempestuosa de Remnants aparecendo a qualquer momento. Não tivemos a chance de discutir formalmente entre nós o que íamos fazer com os ghouls que se renderam, mas eu não esperei para consultar alguém antes de responder.

"Estamos deixando eles irem."

"Você tem autoridade *nenhuma* para tomar essas decisões," Veritas



repreendeu.

"Que pena." A voz de Marie cortou o ar, aquele doce som anasalado do Sul se foi e ficou carregado com o som de morte ecoando. "Se Cat estivesse certa, então eu não teria motivo de atacar vocês para proteger meu povo. Quero paz. Não me force a guerra."

Veritas encarou Marie, suas duras feições enganosamente jovens e bonitas. Eu só esperava que ela tivesse tido convívio com Marie no passado para saber que a nova voz assustadora da rainha vudu era um aviso de que ela estava prestes a soltar todos os tipos de dor. Se não, eu não tinha tempo de convencer Veritas sobre o quanto feroz eram os Remnants. Eu só teria tempo de criar os meus próprios, ou isso iria se tornar um banho de sangue com muitas baixas do nosso lado dessa vez. Marie tinha as mãos cruzadas na frente do corpo em um gesto enganosamente casual, mas eu sabia que significava simplesmente que o ponto afiado em seu anel estava pressionado em sua carne.

Só o poder de Mencheres podia ser rápido o suficiente para impedi-la de derramar seu sangue para evocar os Remnants. Apesar de eu tê-lo visto com o canto dos olhos, aliviada por ver que Denise e Kira também estavam com ele, eu não ousei piscar um olho para Mencheres por temer que qualquer gesto contrariasse Marie para que ela agisse. E mais, se Mencheres a congelasse, ele teria que matá-la também. Ela nunca deixaria tal coisa passar, especialmente com testemunhas. E se exterminássemos Apollyon, seus tenentes e Marie Laveau, todos na mesma noite, nós mesmos começaríamos uma guerra.

"Cat tem nenhuma autoridade para tomar essas decisões," Veritas repetiu. Ao meu lado, Bones ficou tenso ao mesmo tempo em que eu me preparei mentalmente para começar a nos defender contra uma horda de assassinos transparentes. "Mas apesar de tudo ela está certa," Veritas terminou.

Precisei me segurar para não soltar um alto grito de alívio. Um pouco da tensão de Bones se aliviando em minhas emoções, mesmo que nem uma fração de sua postura tenha relaxado.

"Eles nos farão seus escravos," um dos ghouls gritou amargamente, para um coro de sons sombrios de acordo.

"Não, eles não vão," Marie disse, conseguindo soar ao mesmo tempo estridente e confortante. "Paz não significa que os vampiros vão reinar sobre nós. Eles não são fortes o suficiente para tal coisa. Enquanto eu viver, a nação ghouls será *sempre* igual a dos vampiros em força."



Não vi os dedos de Marie se moverem, mas senti a energia do poder no ar bem antes dos Remnants aparecerem atrás dela, parecendo uma versão transparente do exército do inferno. Seus números eram incríveis, a energia deles movendo sobre mim com ondas geladas ao longo da minha pele. Meus buracos de bala tinham fechado há tempo, então alguma parte em mim urrava que eu precisava derramar meu próprio sangue, agora, se eu tivesse alguma esperança de segurá-los. Mas Marie não enviou os Remnants atrás de ninguém. Ao invés disso, ela os tinha enfileirados atrás dela, construindo uma parede que ficava mais alta do que as árvores e se alargava para alcançar o outro lado do cemitério, facilmente cinco vezes o número que criei com Vlad.

Se isso fosse um concurso de medir pênis, me encontrei pensando de forma entorpecida, então eu era Pee Wee e ela era John Holmes.

"Salve nossa rainha!" um dos ghouls gritou, ecoado quase imediatamente por outro grito de "Salve!" Mais ghouls repetiram a saudação, até praticamente todos eles tremarem com seus gritos de fidelidade.

Marie curvou a cabeça perante os agradecimentos, e então a parede de Remnants ruiu, desaparecendo dentro da terra. Dessa vez, eu vi o leve movimento do seu dedo que antecedeu o derramamento necessário de sangue para enviar as aparições letais de volta para seus túmulos.

Parei de olhar para Marie para olhar para Bones. Ele balançou a cabeça de um jeito cínico que espelhava meus próprios pensamentos. Ao nos livrar de Apollyon e seus homens de confiança, nós tínhamos limpado o caminho para Marie agir como rainha não só de Nova Orleans, mas de toda nação ghoul, a julgar por essa reação. Se ela mesma tivesse pego Apollyon, ela podia realmente ter enfraquecido sua espécie através de uma guerra civil enquanto os apoios dele lutassem com os dela. Mas com ele morto, agora ela era a leal salvadora e protetora do seu povo.

Salve uma ova.

Encontrei seu olhar cor de castanha, notando a satisfação em seus olhos, antes de tocar o lado da minha boca em um aviso silencioso. Marie podia ser a rainha dos comedores de carne agora, mas ela e eu compartilhávamos um segredo que podia derrubá-la. Seu povo não a estaria aplaudindo de forma tão adorada se soubessem que ela compartilhou seu poder com um vampiro, me dando as ferramentas necessárias para derrotar Apollyon. E se ela tentasse usar sua nova posição como ponto de partida para uma guerra contra o mundo dos vampiros, logo ela se encontraria lutando fantasma por fantasma contra cada aparição que eu pudesse reunir usando suas habilidades emprestadas e a ajuda do meu amigo Fabian.



Mas quando Marie inclinou a cabeça para mim de uma forma educada, não o contrário, senti uma pontada de esperança. Marie era muitas coisas, mas imprudente e estúpida não estavam entre elas, então ela sabia disso tudo. Com os incríveis poderes que muitos Mestres vampiros tinham, mais o que eu tinha absorvido de Marie e agora sabia sobre fantasmas e o papel vital que eles podiam ter em batalha, as duas espécies estavam bem niveladas novamente, até mesmo com as habilidades de Marie.

A balança tinha sido virada quando a morte de Gregor fez Marie ser fiel aos ghouls somente, mas talvez o balanço era o que Marie pretendia o tempo todo quando me forçou a beber seu sangue, usando a única forma de ameaça que eu nunca poderia recusar: a vida de Bones. Eu só podia esperar que igualar a balança pelo bem da paz tinha sido seu plano... e estar pronta para o caso de não ser.

Inclinei minha cabeça para ela da mesma forma respeitosa, mas ainda mantive meu dedo perto da minha boca. Um leve sorriso vincou seu rosto antes de Marie se virar. Ambas as nossas mensagens foram enviadas e recebidas.

"Venha," Marie disse aos ghouls sobreviventes. "Vamos partir juntos. Vocês não tem nada a temer deles. Estamos em paz agora."

Todos juntos, os ghouls começaram a seguir Marie quando ela se virou para sair do cemitério do mesmo jeito que entrou. Perguntei-me se eles captaram a nota de aviso em sua voz macia quando ela disse que estávamos em paz. Eu tinha captado, e mais uma vez senti uma pontada de esperança. Se qualquer um deles agisse pelas costas de Marie para começar com vampiros novamente, eles descobririam que a ira da rainha vudu era simplesmente tão assustadora quando o que eu ou qualquer outro vampiro faria a eles.

"Ela não usou nenhum feitiço," Veritas murmurou surpresa.

Eu lhe dei um olhar breve e cansado. "É porque ela não pratica magia negra; ela é magia negra," eu disse, repetindo as palavras de Marie daquele dia.

"Podemos confiar nela?" Veritas perguntou a Mencheres, tão baixo que eu mal pude ouvi-la.

Ele lançou um olhar pensativo para onde Marie saiu do cemitério antes de olhar na minha direção.

"Podemos confiar nela não ser tola," Mencheres respondeu finalmente. "Fora isso, teremos que ver."

Olhei na direção onde a rainha vudu desapareceu com meu próprio dar de ombros. O tempo diria os verdadeiros motivos de Marie. Até lá, nós tínhamos



que juntar os cacos e prosseguir.

Por falar em pedaços...

Dei uma olhada ao redor para os restos da batalha. Membros murchos, corpos e sangue manchavam o chão em vários caminhos escuros. Que bagunça. Teríamos que queimar a maior parte da área onde as lutas aconteceram, tanto para esconder a evidência de sangue mortal e no caso do sangue de Denise ter sido espirrado. Eu ligaria para Tate e ele manteria os policiais locais afastados assim que começássemos com os incêndios. Ainda me sentia estranha em saber que era com Tate que eu estaria falando sobre conter a cena, ao invés de ouvir a voz de Don do outro lado da linha quando eu ligasse para dar os detalhes.

Até mesmo pensar em meu tio parecia conjurar sua imagem pelo canto do olho; vestindo um terno e gravata, cabelo grisalho impecavelmente penteado, puxando a sobancelha como ele fazia quando estava irritado ou pensativo. Várias vezes nos últimos dez dias, uma miragem do meu tio aparecia pelo canto de olho só para desaparecer assim que eu me virasse. Tristeza fazia coisas engraçadas às pessoas, eu supunha, mas eu ainda não me virei. Eu tinha balas para cavar de meu corpo e um monte de outras coisas desagradáveis para fazer, mas só por alguns poucos momentos, eu queria fingir que Don ainda estava comigo.

"Pelas bolas sangrentas de Lúcifer, não acredito," Bones assobiou.

Então me virei. Como esperado, a imagem do meu tio desapareceu, mas eu estava surpresa por ver Bones olhando fixamente para o mesmo ponto atrás de mim, de boca aberta como se...

Como se ele tivesse visto um fantasma.

"Não," suspirei.

Bones encontrou meu olhar e só uma olhada em seus olhos me disse tudo.

"Filho da puta," sussurrei, minhas emoções girando mais rápido do que um liquidificador ligado no máximo enquanto a incredulidade dava lugar a realização. Então eu caminhei em direção a área onde Bones tinha estado olhando.

"Donald Bartholomew Williams," eu gritei bem alto. "Traga seu traseiro de volta aqui agora!"



FIM...

A série Night Huntress continua em – *One Grave at a Time*
– o sexto livro da série, com data prevista para 30 de agosto de
2011, fiquem ligados na comunidade para maiores
informações.

Créditos:

Equipe Night Huntress de Tradução.

Night Huntress [Oficial]

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110566562>

